

Allan Kardec

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

OS PRINCÍPIOS DA DOCTRINA ESPÍRITA

SOBRE A IMORTALIDADE DA ALMA, A NATUREZA DOS ESPÍRITOS E SUAS

RELAÇÕES COM OS HOMENS; AS LEIS MORAIS, A VIDA PRESENTE,

A VIDA FUTURA E O FUTURO DA HUMANIDADE

SEGUNDO O ENSINAMENTO DADO

PELOS ESPÍRITOS SUPERIORES

COM O CONCURSO DE DIVERSOS MÉDIUNS

Tradução de Maria Lucia Alcantara de Carvalho

1ª Edição

Léon Denis
GRÁFICA & EDITORA

Rio de Janeiro, 2008

SUMÁRIO

Advertência sobre esta nova edição.....	17
Introdução ao estudo da Doutrina Espírita.....	19
I.....	19
II.....	19
III.....	21
IV.....	23
V.....	25
VI.....	26
VII.....	30
VIII.....	32
IX.....	33
X.....	34
XI.....	35
XII.....	36
XIII.....	37
XIV.....	39
XV.....	39
XVI.....	41
XVII.....	43
Prolegômenos.....	45

PRIMEIRA PARTE AS CAUSAS PRIMÁRIAS

CAPÍTULO I – DEUS

1. Deus e o Infinito.....	49
2. Provas da Existência de Deus.....	49
3. Atributos da Divindade.....	50
4. Panteísmo.....	51

CAPÍTULO II – ELEMENTOS GERAIS DO UNIVERSO

1. Conhecimento do Princípio das Coisas.....	53
2. Espírito e Matéria.....	53
3. Propriedades da Matéria.....	55
4. Espaço Universal.....	57

CAPÍTULO III – CRIAÇÃO

1. Formação dos Mundos.....	58
2. Formação dos Seres Vivos.....	59
3. Povoamento da Terra. Adão.....	60
4. Diversidade das Raças Humanas.....	60
5. Pluralidade dos Mundos.....	61
6. Considerações e Concordâncias Bíblicas no Tocante à Criação.....	62

CAPÍTULO IV – PRINCÍPIO VITAL

1. Seres Orgânicos e Inorgânicos.....	65
2. A Vida e a Morte.....	66
3. Inteligência e Instinto.....	67

SEGUNDA PARTE MUNDO ESPÍRITA OU DOS ESPÍRITOS

CAPÍTULO I – DOS ESPÍRITOS

1. Origem e Natureza dos Espíritos.....	71
2. Mundo Normal Primitivo.....	72
3. Forma e Ubiquidade dos Espíritos.....	73
4. Perispírito.....	74
5. Diferentes Ordens de Espíritos.....	75
6. Escala Espírita.....	76
Terceira Ordem – Espíritos Imperfeitos.....	78
Segunda Ordem – Bons Espíritos.....	80
Primeira Ordem – Espíritos Puros.....	80
7. Progressão dos Espíritos.....	80
8. Anjos e Demônios.....	81

CAPÍTULO II – ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS

1. Objetivo da Encarnação.....	85
2. A Alma.....	85
3. Materialismo.....	88

CAPÍTULO III – RETORNO DA VIDA CORPORAL À VIDA ESPÍRITUAL

1. A Alma após a Morte.....	91
2. Separação da Alma e do Corpo.....	92
3. Perturbação Espiritual.....	94

CAPÍTULO IV – PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS

1. A Reencarnação.....	96
2. Justiça da Reencarnação.....	97
3. Encarnação nos Diferentes Mundos.....	97
4. Transmigração Progressiva.....	101
5. Sorte das Crianças após a Morte.....	103
6. Sexos nos Espíritos.....	104

7. Parentesco, Filiação	105
8. Semelhanças Físicas e Morais	106
9. Idéias Inatas	108
CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES SOBRE A PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS	110
CAPÍTULO VI – VIDA ESPÍRITA	
1. Espíritos Errantes	117
2. Mundos Transitórios	119
3. Percepções, Sensações e Sofrimentos dos Espíritos	120
4. Ensaio Teórico sobre a Sensação nos Espíritos	123
5. Escolha das Provas	127
6. Relações de Além-túmulo	132
7. Relações Simpáticas e Antipáticas entre os Espíritos. Metades Eternas	135
8. Recordação da Existência Corporal	137
9. Comemoração dos Mortos. Funerais	140
CAPÍTULO VII – RETORNO À VIDA CORPORAL	
1. Prelúdios do Retorno	142
2. União da Alma e do Corpo. Aborto	144
3. Faculdades Morais e Intelectuais do Homem	147
4. Influência do Organismo	148
5. Idiotia, Loucura	149
6. A Infância	151
7. Simpatias e Antipatias Terrenas	153
8. Esquecimento do Passado	155
CAPÍTULO VIII – EMANCIPAÇÃO DA ALMA	
1. O Sono e os Sonhos	158
2. Visitas Espirituais entre Pessoas Vivas	162
3. Transmissão Oculta do Pensamento	163
4. Letargia. Catalepsia. Mortes Aparentes	163
5. Sonambulismo	164
6. Êxtase	167
7. Segunda Vista	168
8. Resumo Teórico do Sonambulismo, do Êxtase e da Segunda Vista	169
CAPÍTULO IX – INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO CORPORAL	
1. Penetração dos Espíritos no nosso Pensamento	173
2. Influência Oculta dos Espíritos nos nossos Pensamentos e nas nossas Ações	174
3. Possessos	176
4. Convulsionários	177

5. Afeição dos Espíritos por Certas Pessoas	178
6. Anjos Guardiães. Espíritos Protetores, Familiares ou Simpáticos. Pressentimentos	179
7. Influência dos Espíritos nos Acontecimentos da Vida	187
8. Ação dos Espíritos nos Fenômenos da Natureza	190
9. Os Espíritos Durante os Combates	191
10. Pactos	192
11. Poder Oculto. Talismãs. Feiticeiros	193
12. Bênção e Maldição.....	194
CAPÍTULO X – OCUPAÇÕES E MISSÕES DOS ESPÍRITOS.....	196
CAPÍTULO XI – OS TRÊS REINOS	
1. Os Minerais e as Plantas	202
2. Os Animais e o Homem	203
3. Metempsicose	208
TERCEIRA PARTE	
LEIS MORAIS	
CAPÍTULO I – LEI DIVINA OU NATURAL	
1. Caracteres da Lei Natural	213
2. Origem e Conhecimento da Lei Natural	214
3. O Bem e o Mal.....	216
4. Divisão da Lei Natural.....	219
CAPÍTULO II – LEI DE ADORAÇÃO	
1. Objetivo da Adoração	220
2. Adoração Exterior.....	220
3. Vida Contemplativa	221
4. A Prece	222
5. Politeísmo	224
6. Sacrifícios	225
CAPÍTULO III – LEI DO TRABALHO	
1. Necessidade do Trabalho	228
2. Limite do Trabalho. Repouso.....	229
CAPÍTULO IV – LEI DE REPRODUÇÃO	
1. População do Globo.....	231
2. Sucessão e Aperfeiçoamento das Raças.....	231
3. Obstáculos à Reprodução.....	232
4. Casamento e Celibato	233
5. Poligamia	233
CAPÍTULO V – LEI DE CONSERVAÇÃO	
1. Instinto de Conservação.....	235
2. Meios de Conservação	235

3. Gozo dos Bens Terrestres.....	237
4. Necessário e Supérfluo.....	238
5. Privações Voluntárias. Mortificações.....	238
CAPÍTULO VI – LEI DE DESTRUIÇÃO	
1. Destruição Necessária e Destruição Abusiva.....	241
2. Flagelos Destruidores.....	242
3. Guerras.....	244
4. Assassínio.....	245
5. Crueldade.....	245
6. Duelo.....	246
7. Pena de Morte.....	247
CAPÍTULO VII – LEI DE SOCIEDADE	
1. Necessidade da Vida Social.....	249
2. Vida de Isolamento. Voto de Silêncio.....	249
3. Laços de Família.....	250
CAPÍTULO VIII – LEI DO PROGRESSO	
1. Estado de Natureza.....	251
2. Marcha do Progresso.....	252
3. Povos Degenerados.....	253
4. Civilização.....	255
5. Progresso da Legislação Humana.....	256
6. Influência do Espiritismo no Progresso.....	257
CAPÍTULO IX – LEI DE IGUALDADE	
1. Igualdade Natural.....	259
2. Desigualdade das Aptidões.....	259
3. Desigualdades Sociais.....	260
4. Desigualdade das Riquezas.....	260
5. Provas da Riqueza e da Miséria.....	261
6. Igualdade dos Direitos do Homem e da Mulher.....	262
7. Igualdade Diante do Túmulo.....	263
CAPÍTULO X – LEI DE LIBERDADE	
1. Liberdade Natural.....	264
2. Escravidão.....	265
3. Liberdade de Pensar.....	266
4. Liberdade de Consciência.....	266
5. Livre-arbítrio.....	267
6. Fatalidade.....	268
7. Conhecimento do Futuro.....	272
8. Resumo Teórico do Móvel das Ações do Homem.....	273
CAPÍTULO XI – LEI DE JUSTIÇA, DE AMOR E DE CARIDADE	
1. Justiça e Direitos Naturais.....	277
2. Direito de Propriedade. Roubo.....	279

3. Caridade e Amor ao Próximo.....	279
4. Amor Materno e Filial.....	281
CAPÍTULO XII – PERFEIÇÃO MORAL	
1. As Virtudes e os Vícios.....	282
2. Paixões.....	285
3. O Egoísmo.....	286
4. Caracteres do Homem de Bem.....	289
5. Conhecimento de si Mesmo.....	289
QUARTA PARTE	
ESPERANÇAS E CONSOLAÇÕES	
CAPÍTULO I – PENAS E GOZOS TERRESTRES	
1. Felicidade e Infelicidade Relativas.....	295
2. Perda das Pessoas Amadas.....	299
3. Decepções. Ingratidão. Afeições Destruidas.....	300
4. Uniões Antipáticas.....	301
5. Temor da Morte.....	301
6. Desgosto da Vida. Suicídio.....	302
CAPÍTULO II – PENAS E GOZOS FUTUROS	
1. Nada. Vida Futura.....	307
2. Intuição das Penas e Gozos Futuros.....	308
3. Intervenção de Deus nas Penas e Recompensas.....	308
4. Natureza das Penas e Gozos Futuros.....	309
5. Penas Temporais.....	314
6. Expição e Arrependimento.....	316
7. Duração das Penas Futuras. Ressurreição da Carne.....	318
8. Paraíso, Inferno e Purgatório.....	324
CONCLUSÃO	
I.....	328
II.....	328
III.....	329
IV.....	330
V.....	331
VI.....	332
VII.....	334
VIII.....	335
IX.....	337
NOTA EXPLICATIVA.....	339

Advertência sobre esta nova edição

Na primeira edição desta obra, anunciamos uma parte suplementar. Esta deveria compor-se de todas as perguntas que não puderam encontrar um espaço naquela edição, ou que as circunstâncias ulteriores e novos estudos fizessem surgir; porém, como elas são todas relativas a alguma das partes já tratadas e das quais são o desenvolvimento, sua aplicação isolada não apresentaria seqüência alguma. Preferimos aguardar a reimpressão do livro para fundir o conjunto ao todo, e aproveitamos para dar à distribuição dos assuntos uma ordem muito mais metódica, ao mesmo tempo que nos desembaraçamos de tudo o que apresentava repetição. Esta reimpressão pode, portanto, ser considerada como uma obra nova, embora os princípios não tenham sofrido mudança alguma, salvo um pequeno número de exceções, que são muito mais complementos e esclarecimentos do que verdadeiras modificações. Essa concordância nos princípios emitidos, apesar da diversidade das fontes às quais recorremos, é um fato importante para o estabelecimento da Ciência Espírita. Nossa correspondência registra, ao contrário, que comunicações em todos os pontos idênticas, senão pela forma, pelo menos pelo fundo, foram obtidas em diferentes localidades, e isso antes mesmo da publicação de nosso livro, que veio confirmá-las e lhes dar um corpo regular. A História, por sua vez, prova que a maioria desses princípios foi professada pelos mais eminentes homens dos tempos antigos e modernos, e vem trazer-lhes sua sanção.

O ensino relativo às manifestações propriamente ditas, e aos médiuns, forma, de algum modo, uma parte distinta da filosofia, e que pode ser o objeto de um estudo especial. Tendo essa parte recebido desenvolvimentos muito consideráveis, em consequência da experiência adquirida, acreditamos ter que fazer um volume distinto, contendo as respostas *dadas sobre todas as questões relativas às manifestações e aos médiuns*, assim como numerosas observações sobre o Espiritismo prático; essa obra formará a continuidade ou o complemento de *O Livro dos Espíritos*.¹



¹ No prelo.

Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita

I

Para coisas novas, palavras novas são necessárias, assim o requer a clareza da linguagem, para evitar a confusão inseparável do sentido múltiplo dos mesmos termos. As palavras *espírita*, *espírita*, *espírita*, possuem uma acepção bem definida; dar-lhes uma nova para aplicá-las à Doutrina dos Espíritos, seria multiplicar as causas já tão numerosas de anfibologia. Com efeito, o espiritismo é o oposto do materialismo; quem quer que acredite possuir em si outra coisa além da matéria é espírita; mas daí não se conclui que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em lugar das palavras ESPIRITUAL, ESPIRITUALISMO, empregamos, para designar essa última crença, as de *espírita* e de *espírita* cuja forma lembra a origem e o sentido radical, e que por isso mesmo têm a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, reservando à palavra *espírita* sua acepção própria. Diremos, portanto, que a Doutrina *Espírita* ou o *Espírita* tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os *espíritos*, ou, se quiserem, os *espíritos*.

Como especialidade, *O Livro dos Espíritos* contém a Doutrina *Espírita*; como generalidade, ele se prende à Doutrina *Espírita* da qual apresenta uma das fases. Esta é a razão pela qual ele traz no topo de seu título as palavras: *Filosofia Espírita*.

II

Há uma outra palavra sobre a qual convém igualmente se entenderem, porque é um dos esteios de toda doutrina moral, e porque é objeto de numerosas controvérsias, por falta de uma acepção bem determinada; é a palavra *alma*. A divergência de opiniões sobre a natureza da alma vem da aplicação particular que cada um faz desta palavra. Uma língua perfeita, em que cada idéia tivesse sua representação através de um termo próprio, evitaria muitas discussões; com uma palavra para cada coisa, todo o mundo se entenderia.

Segundo uns, a alma é o princípio da vida material orgânica; ela não tem, absolutamente, existência própria e termina com a vida: é o materialismo puro. Neste sentido, e por comparação, falam de um instrumento rachado que não emite mais som: ele não tem alma. Conforme essa opinião, a alma seria um efeito e não uma causa.

Outros pensam que a alma é o princípio da inteligência, agente universal do qual cada ser absorve uma porção. Segundo eles, não haveria para todo o Universo senão uma alma que distribui centelhas entre os diversos seres inteligentes, durante a vida destes; depois da morte, cada centelha retorna à fonte comum onde

ela se confunde no todo, como os riachos e os rios retornam ao mar de onde saíram. Esta opinião difere da precedente pelo fato de que, nesta hipótese, há em nós mais do que a matéria, e de que alguma coisa subsiste após a morte; mas é quase como se nada restasse, visto que, não possuindo mais individualidade, não teríamos mais consciência de nós mesmos. Conforme esta opinião, a alma universal seria Deus, e cada ser uma porção da Divindade; é uma variação do *pantheísmo*.

Segundo outros, finalmente, a alma é um ser moral, distinto, independente da matéria e que conserva sua individualidade após a morte. Esta aceção é, certamente, a mais geral, porque, sob um nome ou sob outro, a idéia desse ser que sobrevive ao corpo encontra-se no estado de crença instintiva e independente de qualquer ensino, em todos os povos, qualquer que seja o grau de sua civilização. Esta doutrina, segundo a qual a alma é *a causa e não o efeito*, é a dos *espiritualistas*.

Sem discutir o mérito destas opiniões, e apenas considerando o aspecto lingüístico da questão, diremos que estas três aplicações da palavra *alma* constituem três idéias distintas que pediriam, cada qual, um termo diferente. Esta palavra tem, portanto, uma tripla aceção, e cada qual tem razão, sob seu ponto de vista, na definição que lhe dá; a dificuldade ocorre porque a língua possui uma só palavra para três idéias. Para evitar qualquer equívoco, seria necessário restringir a aceção da palavra *alma* a uma destas três idéias; a escolha é indiferente, o importante é que todos se entendam, é uma questão de convenção. Acreditamos mais lógico tomá-la na sua aceção mais vulgar; é por isso que chamamos *ALMA o ser imaterial e individual que reside em nós e que sobrevive ao corpo*. Se este ser não existisse, sendo apenas um produto da imaginação, ainda assim, seria preciso um termo para designá-lo.

Por falta de uma palavra especial para cada uma das duas outras aceções nós chamamos:

Princípio vital o princípio da vida material e orgânica, qualquer que seja sua fonte e que é comum a todos os seres vivos, desde as plantas até o homem. Podendo a vida existir, abstração feita da faculdade de pensar, o princípio vital é uma coisa distinta e independente. A palavra *vitalidade* não daria a mesma idéia. Para uns, o princípio vital é uma propriedade da matéria, um efeito que se produz quando a matéria se encontra em dadas circunstâncias; segundo outros, e é a idéia mais comum, ele reside num fluido especial, universalmente espalhado e do qual cada ser absorve e assimila uma parte durante a vida, como vemos os corpos inertes absorver a luz; este seria, então, o *fluido vital* que, segundo algumas opiniões, não seria outro senão o fluido elétrico animalizado, também designado sob os nomes de *fluido magnético, fluido nervoso*, etc.

Seja como for, há um fato que não se poderia contestar, pois é um resultado de observação, é que os seres orgânicos têm em si uma força íntima que produz o fenômeno da vida, enquanto essa força existe; que a vida material é comum a todos os seres orgânicos e que é independente da inteligência e do pensamento; que a inteligência e o pensamento são faculdades próprias de algumas espécies orgânicas; finalmente, que, entre as espécies orgânicas dotadas de inteligência e de pensamento, há uma dotada de um senso moral especial que lhe dá uma incontestável superioridade sobre os outros, é a espécie humana.

Concebe-se que, com um sentido múltiplo, a alma não exclui o materialismo, nem o panteísmo. O próprio espiritualista pode muito bem entender a alma de acordo com uma ou outra das duas primeiras definições, sem prejuízo do ser imaterial distinto ao qual ele dará, então, um nome qualquer. Assim, esta palavra não representa uma opinião: é um Proteu² que cada um acomoda à sua maneira; daí a fonte de intermináveis disputas.

Evitar-se-ia igualmente a confusão, ao empregar a palavra alma nos três casos, se a ela se acrescentasse um qualificativo que especificaria o ponto de vista sob o qual ela é encarada, ou a aplicação que dela se faz. Seria, então, uma palavra genérica, representando, ao mesmo tempo, o princípio da vida material, da inteligência e do senso moral e que se distinguiria, através de um atributo, como os *gases*, por exemplo, que se distinguem acrescentando as palavras *hidrogênio*, *oxigênio* ou *azoto*. Portanto, poder-se-ia dizer, e talvez fosse o melhor, a *alma vital* para o princípio da vida material, a *alma intelectual* para o princípio inteligente, e a *alma espírita* para o princípio de nossa individualidade após a morte. Como se vê, tudo isso é uma questão de palavras, porém uma questão muito importante para que nos entendamos. Desta forma, a *alma vital* seria comum a todos os seres orgânicos: plantas, animais e homens; a *alma intelectual* seria própria dos animais e dos homens; e a *alma espírita* pertenceria apenas ao homem.

Julgamos necessário insistir um tanto mais nessas explicações porque a Doutrina Espírita repousa, naturalmente, sobre a existência em nós de um ser independente da matéria e que sobrevive ao corpo. Devendo a palavra *alma* se reproduzir freqüentemente no decorrer desta obra, era importante ser fixada no sentido que lhe atribuímos, a fim de evitar qualquer engano.

Passemos, agora, ao objeto principal desta instrução preliminar.

III

A Doutrina Espírita, como qualquer coisa nova, tem seus adeptos e seus contraditores. Vamos tentar responder a algumas das objeções destes últimos, examinando o valor dos motivos sobre os quais eles se apóiam, sem ter, entretanto, a pretensão de convencer a todos, pois há pessoas que acreditam que a luz foi feita apenas para elas. Nós nos dirigimos às pessoas de boa-fé, sem idéias preconcebidas ou mesmo inflexíveis, porém, sinceramente desejosas de se instruir, e nós lhes demonstraremos que a maioria das objeções que se opõe à doutrina provém de uma observação incompleta dos fatos e de um julgamento emitido com muita leviandade e precipitação.

Lembremos, primeiramente, em poucas palavras, a série progressiva dos fenômenos que deram origem a esta doutrina.

O primeiro fato observado foi o de objetos diversos postos em movimento; designaram-no, vulgarmente, sob o nome de *mesas girantes* ou *dança das mesas*. Este fenômeno, que parece ter sido observado primeiramente na América, ou

² **Proteu:** da mitologia grega, filho de Poseidon, que mudava de forma à vontade. (Nota do tradutor segundo o *Dicionário Larousse Illustré*. As suas notas seqüentes conterão apenas as iniciais N.T.)

melhor, que se repetiu nesse país, pois a História prova que ele remonta à mais remota Antigüidade, produziu-se acompanhado de circunstâncias estranhas, tais como ruídos insólitos, pancadas sem causa ostensiva conhecida. Daí, propagou-se rapidamente pela Europa e por outras partes do mundo; a princípio, despertou muita incredulidade, porém a multiplicidade das experiências, em pouco tempo, não mais permitiu duvidar da realidade.

Se esse fenômeno se tivesse limitado ao movimento dos objetos materiais, poderia explicar-se por uma causa puramente física. Estamos longe de conhecer todos os agentes ocultos na Natureza e todas as propriedades daqueles que conhecemos; a eletricidade, aliás, multiplica, diariamente, ao infinito, os recursos que proporciona ao homem e parece ir clarear a Ciência com uma nova luz. Portanto, nada haveria de impossível em que a eletricidade, modificada por certas circunstâncias, ou qualquer outro agente desconhecido, fosse a causa desse movimento. A reunião de várias pessoas, aumentando o poder de ação, parecia apoiar essa teoria, pois podia-se considerar esse conjunto como uma pilha múltipla cuja potência estivesse na razão do número dos elementos.

O movimento circular nada apresentava de extraordinário: ele está na Natureza; todos os astros se movem circularmente; poderíamos, portanto, ter em ponto menor, um reflexo do movimento geral do Universo, ou, melhor dizendo, uma causa até então desconhecida, podia produzir, acidentalmente, com pequenos objetos, e em dadas circunstâncias, uma corrente análoga àquela que arrasta os mundos.

Mas o movimento não era sempre circular; muitas vezes ele era brusco, desordenado; o objeto era violentamente sacudido, revirado, levado numa direção qualquer e, contrariamente a todas as leis da estática, suspenso do solo e mantido no espaço. Nada nestes fatos que não possa ser explicado pelo poder de um agente físico invisível. Não vemos a eletricidade derrubar os edifícios, desenraizar as árvores, lançar a distância os corpos mais pesados, atraí-los ou repeli-los?

Supondo que os ruídos insólitos, as pancadas não fossem um dos efeitos comuns da dilatação da madeira, ou de qualquer outra causa acidental, ainda poderiam muito bem ser produzidos pela acumulação do fluido oculto: a eletricidade não produz os ruídos mais violentos?

Até aqui, como se vê, tudo pode caber no domínio dos fatos puramente físicos e fisiológicos. Sem sair deste círculo de idéias, havia ali matéria de estudos sérios e dignos de prender a atenção dos sábios. Por que não foi assim? É penoso dizê-lo, mas isto deriva de causas que provam, entre mil fatos semelhantes, a leviandade do espírito humano. Primeiramente, a vulgaridade do objeto principal que serviu de base às primeiras experimentações talvez não fosse estranha para eles. Que influência uma palavra, muitas vezes, não tem tido sobre as coisas mais graves! Sem considerar que o movimento podia ser impresso a um objeto qualquer, a idéia das mesas prevaleceu, com certeza, porque era o objeto mais cômodo, e porque é mais natural sentar-se em torno de uma mesa do que de qualquer outro móvel. Ora, os homens superiores são algumas vezes tão pueris que nada haveria de impossível em que alguns espíritos de elite tenham acreditado estar abaixo deles se ocupar

com o que se convencionara chamar de a *dança das mesas*. É até provável que, se o fenômeno observado por Galvani o tivesse sido por homens comuns e tivesse permanecido caracterizado por um nome grotesco, ele estaria ainda relegado, junto com a varinha mágica. Com efeito, qual o cientista que, não acreditaria rebaixar-se, ocupando-se da *dança das rãs*?

Alguns, no entanto, bastante modestos para convir que a Natureza bem poderia não lhes ter dito sua última palavra, quiseram ver, para o bem de sua consciência; mas aconteceu que o fenômeno nem sempre respondeu à sua expectativa, e do fato de não se ter produzido à sua vontade, e conforme seu modo de experimentação, eles concluíram pela negativa; apesar de sua sentença, as mesas, visto que há mesas, continuam a girar, e podemos dizer com Galileu: e *todavía elas se movem!* Diremos mais, é que os fatos se multiplicaram de tal forma que, hoje, eles têm o direito de cidade, importando apenas encontrar para eles uma explicação racional. Pode-se concluir alguma coisa contra a realidade do fenômeno, pelo fato de que ele não se produz de uma maneira sempre idêntica, segundo a vontade e as exigências do observador? Os fenômenos de eletricidade e de química não estão subordinados a certas condições, e devemos negá-los porque eles não se produzem fora dessas condições? O que há, portanto, de surpreendente em que o fenômeno do movimento dos objetos pelo fluido humano tenha, também, suas condições de ocorrer e deixe de se produzir, quando o observador, colocando-se no seu próprio ponto de vista, pretende fazê-lo ao sabor de seu capricho, ou sujeitá-lo às leis dos fenômenos conhecidos, sem considerar que para fatos novos, pode e deve haver leis novas? Ora, para conhecer essas leis, é preciso estudar as circunstâncias nas quais os fatos se produzem, e este estudo não pode ser senão o fruto de uma observação embasada, atenta e, freqüentemente, muito longa.

Porém, alegam algumas pessoas, há, com freqüência, fraude evidente. Nós lhes perguntaremos, primeiramente, se elas estão bem certas de que haja fraude, e se elas não tomaram como tal, efeitos que elas não podiam explicar, mais ou menos como aquele camponês que considerava um sábio professor de Física, que fazia experiências, um hábil escamoteador. Supondo até que isso tenha podido acontecer algumas vezes, seria isto uma razão para negar o fato? Será preciso negar a Física, porque há ilusionistas que se decoram com o título de físicos? Aliás, é preciso levar em conta o caráter das pessoas e o interesse que elas poderiam ter em enganar. Seria, então, uma brincadeira? Pode-se bem se divertir por um instante, mas uma brincadeira indefinidamente prolongada seria tão enfadonha para o mistificador quanto para o mistificado. De resto, haveria numa mistificação que se propaga de uma extremidade do mundo à outra, e entre as pessoas mais austeras, mais honradas e mais esclarecidas, algo pelo menos tão extraordinário quanto o próprio fenômeno.

IV

Se os fenômenos com os quais nos ocupamos se tivessem limitado ao movimento dos objetos, eles teriam permanecido, como o dissemos, no domínio das ciências físicas; mas isto não ocorreu: estava-lhes destinado colocar-nos

no caminho de fatos de uma ordem estranha. Acreditou-se descobrir, não sabemos através de que iniciativa, que a impulsão dada aos objetos não era somente o produto de uma força mecânica cega, mas que havia nesse movimento a intervenção de uma causa inteligente. Uma vez aberto esse caminho, era um campo totalmente novo de observações; era o véu levantado de sobre muitos mistérios. Haverá, com efeito, um poder inteligente? Essa é a questão. Se esse poder existe, qual é ele, qual a sua natureza, sua origem? Está acima da Humanidade? Tais são as outras questões que decorrem da primeira.

As primeiras manifestações inteligentes aconteceram por meio de mesas que se levantavam e batiam com um pé um número determinado de pancadas, e respondendo, assim, através de *sim* ou de *não*, conforme a convenção, a uma pergunta feita. Até aí nada de convincente, certamente, para os cépticos, pois podiam crer num efeito do acaso. Obtiveram-se, em seguida, respostas mais desenvolvidas através das letras do alfabeto: com o objeto móvel batendo um número de pancadas correspondente ao número de ordem de cada letra, chegava-se, assim, a formular palavras e frases, que respondiam às questões propostas. A justeza das respostas, sua correlação com a pergunta, causaram espanto. O ser misterioso que assim respondia, interrogado sobre sua natureza, declarou que ele era *Espírito* ou *gênio*, atribuiu-se um nome, e forneceu diversas informações a seu respeito. Isto é uma circunstância muito importante que deve ser assinalada. Porquanto ninguém imaginou os *Espíritos* como um meio de explicar o fenômeno, foi o próprio fenômeno que revelou a palavra. Frequentemente, nas ciências exatas, fazem-se hipóteses para se ter uma base de raciocínio; ora, aqui não foi, absolutamente, o caso.

Esse meio de correspondência era demorado e incômodo. O Espírito, e isso é ainda uma circunstância digna de nota, indicou um outro. Foi um desses seres invisíveis que deu o conselho de adaptar um lápis a uma cesta ou a um outro objeto. Essa cesta, colocada sobre uma folha de papel, é posta em movimento pela mesma potência oculta que faz mover as mesas; mas, em vez de um simples movimento regular, o lápis traça, por si mesmo, caracteres que formam palavras, frases, e discursos inteiros de várias páginas, tratando das mais elevadas questões de Filosofia, de Moral, de Metafísica, de Psicologia, etc., e isso com tanta rapidez, como se escrevesse com a mão.

Esse conselho foi dado, simultaneamente, na América, na França e em diversos outros países. Eis os termos nos quais ele foi dado em Paris, em 10 de junho de 1853, a um dos mais fervorosos adeptos da doutrina, que já há vários anos, e desde 1849, ocupava-se com a evocação dos Espíritos: “Vai pegar, no quarto ao lado, a cestinha; prende-lhe um lápis; coloca-o sobre o papel; põe os dedos sobre a borda”. Alguns instantes depois, a cesta pôs-se em movimento e o lápis escreveu, muito legível, esta frase: “Proíbo-vos, expressamente, de dizer o que vos digo aqui; da primeira vez que eu escrever, escreverei melhor.”

O objeto ao qual se adapta o lápis, sendo apenas um instrumento, sua natureza e sua forma são completamente indiferentes; procurou-se a disposição mais cômoda; é assim que muitas pessoas se utilizam de uma pequena prancheta.

A cesta, ou a prancheta, só podem ser postas em movimento sob a influência de certas pessoas dotadas, para isso, de um poder especial e que designamos sob o nome de *médiuns*, isto é, meios, ou intermediários entre os Espíritos e os homens. As condições que dão esse poder remontam a causas, ao mesmo tempo, físicas e morais ainda imperfeitamente conhecidas, pois encontramos médiuns de todas as idades, de ambos os sexos e em todos os graus de desenvolvimento intelectual. Essa faculdade, aliás, desenvolve-se pelo exercício.

V

Reconheceu-se, mais tarde, que a cesta e a prancheta, na realidade, formavam apenas um apêndice da mão, e o médium, pegando diretamente o lápis, pôs-se a escrever através de um impulso involuntário e quase febril. Dessa maneira, as comunicações se tornaram mais rápidas, mais fáceis e mais completas; hoje, é o meio mais utilizado, tanto mais que o número das pessoas dotadas desta aptidão é bem considerável e se multiplica todos os dias. Finalmente, a experiência revelou muitas outras variedades na faculdade mediadora, e soube-se que as comunicações podiam, igualmente, acontecer através da palavra, da audição, da visão, do tato, etc., e até pela escrita direta dos Espíritos, isto é, sem o concurso da mão do médium, nem do lápis.

Obtido o fato, restava constatar um ponto essencial: o papel do médium nas respostas, e a parte que nelas pode tomar, mecânica e moralmente. Duas circunstâncias capitais que não poderiam escapar a um observador atento, podem resolver a questão. A primeira é a maneira pela qual a cesta se move sob sua influência, unicamente pela imposição dos dedos sobre as bordas; o exame demonstra a impossibilidade de qualquer direcionamento. Esta impossibilidade se torna patente, sobretudo, quando duas ou três pessoas se colocam, ao mesmo tempo, junto à mesma cesta; seria preciso, haver entre elas uma concordância de movimento verdadeiramente fenomenal; seria preciso, ainda, concordância de pensamentos para que elas pudessem se entender sobre a resposta a dar à questão proposta. Um outro fato, não menos singular, vem ainda aumentar a dificuldade: é a mudança radical da escrita, conforme o espírito que se manifesta, e toda vez que o mesmo Espírito retorna, sua escrita se reproduz. Seria preciso, portanto, que o médium tivesse treinado a mudança de sua própria caligrafia de vinte maneiras diferentes e, principalmente, que pudesse lembrar-se daquela que pertence a esse ou àquele Espírito.

A segunda circunstância resulta da própria natureza das respostas que estão, na maioria das vezes, sobretudo quando se trata de questões abstratas ou científicas, notoriamente fora dos conhecimentos e, algumas vezes, do alcance intelectual do médium, que, de resto, mais comumente, não tem consciência do que se escreve sob sua influência; que com muita freqüência não entende ou não compreende a pergunta feita, visto que ela o pode ser numa língua que lhe é estranha, ou mesmo mentalmente, e que a resposta pode ser dada nessa língua. Enfim, acontece com freqüência que a cesta escreva espontaneamente, sem pergunta preliminar, sobre um assunto qualquer e inteiramente inesperado.

Em alguns casos, essas respostas têm um cunho de sabedoria, de profundidade e de propósito; elas revelam pensamentos tão elevados, tão sublimes, que não podem emanar senão de uma inteligência superior, impregnada da moralidade mais pura; de outras vezes, elas são tão levanas, tão frívolas, tão triviais mesmo, que a razão se recusa a acreditar que possam proceder da mesma fonte. Esta diversidade de linguagem só pode se explicar pela diversidade das inteligências que se manifestam. Essas inteligências estão na Humanidade ou fora da Humanidade? Este é o ponto a esclarecer, e cuja explicação completa encontrar-se-á nesta obra, tal como foi dada pelos próprios Espíritos.

Eis, portanto, efeitos patentes que se produzem fora do círculo habitual de nossas observações, que não ocorrem misteriosamente, mas à luz do dia, que todo o mundo pode ver e constatar, que não são privilégio de um único indivíduo, mas que milhares de pessoas repetem, todos os dias, à vontade. Esses efeitos têm, necessariamente, uma causa, e desde o momento em que revelam a ação de uma inteligência e de uma vontade, eles saem do domínio puramente físico.

Várias teorias foram emitidas a esse respeito; nós as examinaremos em breve, e veremos se elas podem explicar todos os fatos que se produzem. Admitamos, por enquanto, a existência de seres distintos da Humanidade, uma vez que esta é a explicação fornecida pelas inteligências que se revelam e vejamos o que eles nos dizem.

VI

Como o dissemos, os seres que assim se comunicam designam a si próprios pelo nome de Espíritos ou gênios e como tendo pertencido, pelos menos alguns, aos homens que viveram na Terra. Eles constituem o mundo espiritual, como nós constituímos, durante nossa vida, o mundo corporal.

Resumimos, aqui, em poucas palavras, os pontos mais marcantes da doutrina que eles nos transmitiram, a fim de responder mais facilmente a algumas objeções.

“Deus é eterno, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom.

Criou o Universo que compreende todos os seres animados e inanimados, materiais e imateriais.

Os seres materiais constituem o mundo visível ou corporal, e os seres imateriais, o mundo invisível ou espírita, isto é, dos Espíritos.

O mundo espiritual é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e que sobrevive a tudo.

O mundo corporal é apenas secundário; ele poderia deixar de existir, ou jamais ter existido, sem alterar a essência do mundo espiritual.

Os Espíritos revestem, temporariamente, um envoltório material perecível, cuja destruição pela morte devolve-os à liberdade.

Entre as diferentes espécies de seres corporais, Deus escolheu a espécie humana para a encarnação dos Espíritos que chegaram a um certo grau de desenvolvimento, é o que lhe dá a superioridade moral e intelectual sobre todas as outras.

A alma é um espírito encarnado e o corpo é apenas seu envoltório.

Há no homem três coisas: 1^a) o corpo ou ser material, análogo aos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2^a) a alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3^a) o elo que une a alma e o corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito.

O homem tem, assim, duas naturezas: por seu corpo, ele participa da natureza dos animais dos quais possui os instintos; pela sua alma, ele participa da natureza dos Espíritos.

O elo ou *perispírito* que une o corpo e o Espírito é uma espécie de envoltório semi-material. A morte é a destruição do envoltório mais grosseiro, o Espírito conserva o segundo envoltório que constitui para ele um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal, mas que pode tornar-se, acidentalmente, visível e até tangível, como acontece no fenômeno das aparições.

Assim, o Espírito não é, absolutamente, um ser abstrato, indefinido, que apenas o pensamento pode conceber; é um ser real, circunscrito, que, em certos casos, é apreciável pelos sentidos da *visão*, da *audição* e do *tato*.

Os Espíritos pertencem a diferentes classes e não são iguais nem em poder, nem em inteligência, nem em saber, nem em moralidade. Os da primeira ordem são os Espíritos superiores, que se distinguem dos outros por sua perfeição, seus conhecimentos, sua proximidade de Deus, a pureza de seus sentimentos e seu amor pelo bem: são os anjos ou puros Espíritos. As outras classes afastam-se cada vez mais dessa perfeição: os das ordens inferiores são inclinados à maioria de nossas paixões: o ódio, a inveja, o ciúme, o orgulho, etc.; eles se comprazem no mal. Entre estes, há os que nem são muito bons, nem muito maus; mais perturbadores e intrigantes do que malvados, a malícia e as inconseqüências parecem ser sua característica: são os Espíritos inconseqüentes ou levianos.

Os Espíritos não pertencem perpetuamente à mesma ordem. Todos se melhoram, passando pelos diferentes graus da hierarquia espírita. Esta melhora se dá pela encarnação que é imposta a uns, como expiação e a outros, como missão. A vida material é uma prova a que devem se submeter, repetidamente, até que tenham atingido a perfeição absoluta; é uma espécie de peneira ou filtro de onde saem mais ou menos purificados.

Deixando o corpo, a alma retorna ao mundo dos Espíritos de onde tinha saído, para retomar uma nova existência material, após um lapso de tempo mais ou menos longo, durante o qual ela permanece no estado de Espírito errante.³

Devendo o Espírito passar por várias encarnações, daí resulta que todos nós tivemos várias existências e que ainda teremos outras, mais ou menos aperfeiçoadas, seja nesta Terra, seja em outros mundos.

A encarnação dos Espíritos sempre aconteceu na espécie humana; seria um erro acreditar que a alma ou Espírito pudesse encarnar-se no corpo de um animal.

³ Há entre esta doutrina da reencarnação e a da metempsicose, tal como a admitem algumas seitas, uma diferença característica que é explicada na seqüência desta obra.

As diferentes existências corporais do Espírito são sempre progressivas e nunca regressivas; porém a rapidez do progresso depende dos esforços que fazemos para chegar à perfeição.

As qualidades da alma são as do Espírito que está encarnado em nós: assim, o homem de bem é a encarnação de um bom Espírito e o homem perverso, a de um Espírito impuro.

A alma possuía sua individualidade antes de sua encarnação; ela a conserva após sua separação do corpo.

No seu retorno ao mundo dos Espíritos, a alma aí reencontra todos aqueles que conheceu na Terra, e todas as suas existências anteriores se desenham em sua memória, com a lembrança de todo o bem e de todo o mal que fez.

O Espírito encarnado está sob a influência da matéria; o homem que supera esta influência, através da elevação e depuração de sua alma, aproxima-se dos bons Espíritos, com os quais estará um dia. Aquele que se deixa dominar pelas más paixões e coloca todas as alegrias na satisfação dos apetites grosseiros, aproxima-se dos Espíritos impuros, dando preponderância à natureza animal.

Os Espíritos encarnados habitam os diferentes globos do Universo.

Os Espíritos não-encarnados ou errantes não ocupam uma região determinada e circunscrita: eles estão por toda a parte, no Espaço e ao nosso lado, vendo-nos e esbarrando em nós incessantemente; é toda uma população invisível que se agita em torno de nós.

Os Espíritos exercem, sobre o mundo moral e até sobre o mundo físico, uma ação incessante; agem sobre a matéria e sobre o pensamento, e constituem uma das potências da Natureza, causa eficiente de uma multidão de fenômenos até então inexplicados ou mal explicados, e que não encontram uma solução racional senão no Espiritismo.

As relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os bons Espíritos nos estimulam ao bem, nos sustentam nas provas da vida e nos auxiliam a suportá-las com coragem e resignação; os maus nos incitam ao mal: é para eles uma satisfação ver-nos sucumbir e assemelhar-nos a eles.

As comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As comunicações ocultas acontecem pela influência boa ou má que eles exercem sobre nós, à nossa revelia; cabe à nossa razão discernir as boas e as más inspirações. As comunicações ostensivas se dão por meio da escrita, da palavra ou outras manifestações materiais, com mais freqüência por intermédio dos médiuns que lhes servem de instrumentos.

Os Espíritos se manifestam espontaneamente ou mediante evocação. Podem-se evocar todos os Espíritos: os que animaram homens obscuros, como os dos personagens mais ilustres, qualquer que seja a época em que tenham vivido; os de nossos parentes, de nossos amigos ou de nossos inimigos, e deles obter, através das comunicações escritas ou verbais, conselhos, informações sobre sua situação de além-túmulo, sobre seus pensamentos a nosso respeito, assim como as revelações que lhes é permitido fazer-nos.

Os Espíritos são atraídos em razão de sua simpatia pela natureza moral do meio que os evoca. Os Espíritos superiores se comprazem nas reuniões sérias, onde dominam o amor do bem e o desejo sincero de se instruir e de se melhorar. Sua presença afasta destas os Espíritos inferiores que encontram, ao contrário, um livre acesso e podem agir com toda liberdade, entre as pessoas frívolas ou guiadas apenas pela curiosidade e onde quer que se encontrem maus instintos. Longe de obter deles bons conselhos, ou informações úteis, não se deve esperar deles senão futilidades, mentiras, brincadeiras de mau gosto ou mistificações, pois, freqüentemente, tomam nomes venerados para melhor induzir ao erro.

A distinção dos bons e dos maus Espíritos é extremamente fácil; a linguagem dos Espíritos superiores é constantemente digna, nobre, impregnada da mais elevada moralidade, livre de qualquer paixão inferior; seus conselhos exalam a mais pura sabedoria e têm sempre por objetivo nosso melhoramento e o bem da Humanidade. A dos Espíritos inferiores, ao contrário, é inconseqüente, freqüentemente trivial e até grosseira; se eles dizem, às vezes, coisas boas e verdadeiras, dizem-nos, mais freqüentemente, coisas falsas e absurdas, por malícia ou por ignorância; zombam da credulidade e se divertem às custas daqueles que os interrogam, lisonjeando sua vaidade, embalando seus desejos com falsas esperanças. Em resumo, as comunicações sérias, na mais ampla acepção do termo, só se dão nos centros sérios, naqueles cujos membros estão unidos por uma comunhão íntima de pensamentos, objetivando o bem.

A moral dos Espíritos superiores se resume, como a do Cristo, nesta máxima evangélica: Agir para com os outros, como queríamos que os outros agissem para conosco; isto é, fazer o bem e não fazer absolutamente o mal. O homem encontra neste princípio a regra universal de conduta para suas menores ações.

Eles nos ensinam que o egoísmo, o orgulho, a sensualidade são paixões que nos aproximam da natureza animal, prendendo-nos à matéria; que o homem que, ainda neste mundo, se desligue da matéria através do desprezo às futilidades mundanas e do amor ao próximo, aproxima-se da natureza espiritual; que cada um de nós deve se tornar útil, conforme as faculdades e os meios que Deus colocou em suas mãos para experimentá-lo; que o Forte e o Poderoso devem apoio e proteção ao Fraco, pois aquele que abusa de sua força e de seu poder para oprimir seu semelhante viola a lei de Deus. Ensinam, finalmente, que nada podendo estar oculto, no mundo dos Espíritos o hipócrita será desmascarado e todas as suas torpezas reveladas; que a presença inevitável e de todos os instantes daqueles para com os quais tivemos agido mal é um dos castigos que nos estão reservados; que ao estado de inferioridade e de superioridade dos Espíritos correspondem penas e gozos que nos são desconhecidos na Terra.

Mas eles nos ensinam, também, que não há faltas irremissíveis e que não possam ser apagadas pela expiação. Para tal, o homem encontra o meio nas diferentes existências que lhe permitem avançar, conforme o seu desejo e seus esforços, no caminho do progresso em direção à perfeição, que é seu objetivo final.

Este é o resumo da Doutrina Espírita, assim como ela resulta do ensinamento dado pelos Espíritos superiores. Vejamos, agora, as objeções que se lhe opõem.

VII

Para muita gente, a oposição das corporações científicas é, senão uma prova, pelo menos uma forte presunção contrária. Não somos daqueles que protestam contra os pesquisadores, pois não queremos que digam que escoiceamos; temo-los, ao contrário, em grande estima e ficaríamos muito honrados de nos contar entre eles; porém a opinião deles não poderia representar um julgamento irrevogável em todas as circunstâncias.

Caso a Ciência saia da observação material dos fatos, quando se trata de apreciar e explicar estes fatos, o campo fica aberto às conjecturas; cada um apresenta seu sistemazinho que deseja fazer prevalecer e sustenta obstinadamente. Não vemos todos os dias as opiniões mais divergentes alternadamente preconizadas e rejeitadas? Ora repelidas como erros absurdos, depois proclamadas como verdades incontestáveis? Os fatos, eis o verdadeiro critério de nossos julgamentos, o argumento sem réplica; na ausência de fatos, a dúvida é a opinião do homem sensato.

Para as coisas notórias, a opinião dos estudiosos é, com razão, digna de fé, porque sabem mais e melhor que o leigo; porém, diante de princípios novos, de coisas desconhecidas, sua maneira de ver sempre é apenas hipotética, porque não estão, mais do que outros, isentos de preconceitos; direi mesmo que o sábio talvez tenha mais preconceitos que qualquer outro, porque uma propensão natural o leva a subordinar tudo ao ponto de vista que aprofundou: o matemático não vê prova senão numa demonstração algébrica, o químico refere tudo à ação dos elementos, etc. Qualquer homem que se torne especialista a ela fixa todas as suas idéias; tirai-o daí, e ele, com freqüência, divaga, porque quer submeter tudo ao mesmo cadinho: é uma conseqüência da fraqueza humana. Consultarei, portanto, de boa vontade e com toda confiança um químico sobre uma questão de análise, um físico sobre a potência elétrica, um mecânico sobre uma força motriz; porém, eles me permitirão, e sem que isso atinja o respeito que seu saber especial lhes confere, não ter a mesma consideração por sua opinião negativa acerca do Espiritismo, não mais do que pelo julgamento de um arquiteto sobre uma questão de música.

As ciências comuns fundamentam-se nas propriedades da matéria que se pode experimentar e manipular à vontade; os fenômenos espíritas baseiam-se na ação de inteligências que possuem sua vontade, e nos provam, a cada instante, que não se encontram à disposição de nossos caprichos. As observações não podem, portanto, ser feitas da mesma forma: elas requerem condições especiais e um outro ponto de partida; querer submetê-las aos nossos procedimentos comuns de investigação, é estabelecer analogias que não existem. A Ciência propriamente dita, é, pois, como ciência, incompetente para se pronunciar na questão do Espiritismo: ela não tem que se ocupar com isso, e seu julgamento, qualquer que seja ele, favorável ou não, não teria peso algum. O Espiritismo é o resultado de uma convicção pessoal que os sábios podem ter como indivíduos, abstração feita de sua qualidade de sábios; mas

querer entregar a questão à Ciência, equivaleria a que uma assembléia de físicos e astrônomos decidisse sobre a existência da alma; com efeito, o Espiritismo está todo na existência da alma e no seu estado após a morte; ora, é soberanamente ilógico pensar que um homem deva ser um grande psicólogo, porque é um grande matemático, ou um grande anatomista. O anatomista, dissecando o corpo humano, procura a alma e, já que não a encontra sob seu escapelo, como aí encontra um nervo, ou porque não a vê evolir-se como um gás, daí conclui que ela não existe, porque se coloca do ponto de vista exclusivamente material; disto decorre que ele tenha razão contra a opinião universal? Não. Vedes, portanto, que o Espiritismo não é da alçada da Ciência. Quando as crenças espíritas se popularizarem, quando forem aceitas pelas massas e, se julgarmos pela rapidez com a qual elas se propagam, esse tempo não pode estar muito distante, acontecerá com elas o que se dá com todas idéias novas que têm encontrado oposição: os sábios se renderão à evidência; a isto chegarão, individualmente, pela força das coisas. Até lá é intempestivo desviá-los de seus trabalhos especiais, para constrangê-los a se ocuparem com algo estranho, que não está nem nas suas atribuições, nem no seu programa. Enquanto isso, aqueles que, sem um estudo prévio e aprofundado da matéria, se pronunciam pela negativa e ridicularizam quem quer que não seja de sua opinião, esquecem que aconteceu o mesmo com a maioria das grandes descobertas que honram a Humanidade; expõe-se a ver seus nomes aumentarem a lista dos ilustres proscritores das idéias novas e inscritos ao lado daqueles dos membros da douta assembléia que, em 1752, acolheu com uma enorme gargalhada a tese de Franklin sobre os pára-raios, julgando-a indigna de figurar entre as comunicações que lhe eram dirigidas; e daquela outra que fez a França perder o benefício da iniciativa da marinha a vapor, declarando o sistema de Fulton um sonho impraticável; e, entretanto, eram questões de sua alçada. Logo, se essas assembléias, que contavam em seu seio a elite dos sábios do mundo, só tiveram zombarias e sarcasmo pelas idéias que não compreendiam, idéias que, alguns anos mais tarde, revolucionariam a Ciência, os costumes e a indústria, como esperar que uma questão estranha aos seus trabalhos obtenha melhor acolhimento?

Esses erros de alguns, deploráveis para sua memória, não poderiam retirar nossa consideração por eles em função dos títulos que adquiriram a outros respeitos, mas será necessário um diploma oficial para se ter bom senso e será que fora das cátedras acadêmicas existem apenas tolos e imbecis? Lancem os olhos sobre os adeptos da Doutrina Espírita, e ver-se-á se nela se encontram apenas ignorantes e se o número imenso de homens de mérito que a têm abraçado permite relegá-la ao rol das crenças simplórias. Seu caráter e seu saber valem a pena que se diga: já que tais homens afirmam, nisto deve haver pelo menos alguma coisa.

Repetimos ainda que, se os fatos com os quais nos ocupamos se tivessem limitado ao movimento mecânico dos corpos, a pesquisa da causa física desse fenômeno entraria no domínio da Ciência; porém desde que se trata de uma manifestação fora das leis da Humanidade, ela sai da competência da Ciência material, pois nem pode ser explicada pelos algarismos, nem pelo poder mecânico. Quando surge um fato novo, que não ressalta de nenhuma Ciência conhecida, o sábio, para

estudá-lo, deve abstrair-se de sua Ciência, e dizer a si mesmo que para ele é um estudo novo e que não pode ser feito com idéias preconcebidas.

O homem que acredita que sua razão é infalível está bem perto do erro; até mesmo aqueles que possuem as idéias mais falsas se apóiam em sua razão e é em virtude disso que rejeitam tudo o que lhes parece impossível. Aqueles que outrora repeliram as admiráveis descobertas com as quais a Humanidade se honra, apelaram todos a esse juiz para rejeitá-las: o que se chama razão não é, freqüentemente, senão o orgulho disfarçado e quem quer que se creia infalível, coloca-se como igual a Deus. Dirigimo-nos, pois, àqueles que são bastante ponderados para duvidar do que não viram e que, julgando o futuro pelo passado, não acreditam que o homem tenha chegado ao seu apogeu, nem que a Natureza tenha virado para ele a última página de seu livro.

VIII

Acrescentamos que o estudo de uma doutrina, assim como a Doutrina Espírita, que nos lança, de repente, numa ordem de coisas tão nova e tão grande, só pode ser feito com proveito por homens sérios, perseverantes, isentos de prevenções e animados de firme e sincera vontade de chegar a um resultado. Não poderíamos dar essa qualificação àqueles que julgam *a priori*, levemente e sem ter visto tudo; que não imprimem aos seus estudos nem a continuidade, nem a regularidade nem o recolhimento necessários; não poderíamos dá-la, menos ainda, a certas pessoas que, para não perderem sua reputação de homens inteligentes, esforçam-se para encontrar um lado cômico nas coisas mais verdadeiras, ou assim consideradas por pessoas, cujo saber, caráter e convicções têm direito ao respeito de quem quer que tenha pretensão de ser educado. Portanto, que aqueles que não julgam os fatos dignos de si nem de sua atenção se abstenham; ninguém pretende violentar-lhes a crença, mas que admitam respeitar a dos outros.

O que caracteriza um estudo sério, é a continuidade que se lhe dá. Será de espantar o fato de não se obter, freqüentemente, nenhuma resposta sensata a questões, graves por si mesmas, quando são feitas ao acaso e lançadas, bruscamente, no meio de uma multidão de questões bizarras? Aliás, uma questão é freqüentemente complexa e pede, para ser esclarecida, questões preliminares ou complementares. Quem quer que deseje adquirir conhecimento de uma ciência deve fazer um estudo metódico, começar pelo princípio e seguir o encadeamento e o desenvolvimento das idéias. Aquele que, por acaso, dirige a um sábio uma questão sobre uma ciência da qual ele não sabe a primeira palavra, progredirá com isto? O próprio sábio poderá, com a melhor boa vontade, dar-lhe uma resposta satisfatória? Esta resposta isolada será forçosamente incompleta e, com freqüência, por isso mesmo, ininteligível, ou poderá parecer absurda e contraditória. Acontece exatamente o mesmo nas relações que estabelecemos com os Espíritos. Querendo instruir-vos em sua escola, é preciso fazer um curso com eles; mas como entre nós, deveis escolher vossos professores e trabalhar com assiduidade.

Dissemos que os Espíritos superiores só vão às reuniões sérias, e sobretudo àquelas em que reine uma perfeita comunhão de pensamentos e de sentimentos

para o bem. A leviandade e as questões fúteis os afastam, como, entre os homens, elas afastam as pessoas sensatas; o campo fica, então, livre à turba dos Espíritos mentirosos e frívolos, sempre à espreita das ocasiões de zombar e de se divertir às nossas custas. O que acontece com uma pergunta séria numa reunião como esta? Será respondida, mas, por quem? É como se, no meio de um bando de brincalhões, lançásseis estas questões: Que é a alma? Que é a morte? e outras coisas bem recreativas. Se quiserdes respostas sérias, sede sérios vós mesmos, em toda a acepção da palavra e apresentai-vos com todas as condições desejadas; somente assim, obtereis grandes coisas. Sede, além disso, laboriosos e perseverantes nos vossos estudos, sem o que os Espíritos superiores vos abandonam, como o faz um professor para com os seus alunos negligentes.

IX

O movimento dos objetos é um fato incontestável; a questão é saber se, nesse movimento, há ou não uma manifestação inteligente, e em caso afirmativo, qual é a origem dessa manifestação.

Não falamos do movimento inteligente de certos objetos, nem das comunicações verbais, nem mesmo daquelas que são escritas diretamente pelo médium; esse gênero de manifestação, evidente para aqueles que viram e aprofundaram o assunto, não é absolutamente, à primeira vista, bastante independente da vontade, para convencer um observador novato. Falaremos, portanto, apenas da escrita obtida com o auxílio de um objeto qualquer: um lápis, uma cesta, prancheta, etc.; a maneira como os dedos do médium repousam sobre o objeto desafia, como o dissemos, a mais consumada habilidade de poder participar, no que quer que seja, do traçado dos caracteres. Porém, admitamos ainda, que, através de uma maravilhosa destreza, ele possa enganar o olhar mais escrutador; como explicar a natureza das respostas, quando elas estão fora de todas as idéias e de todos os conhecimentos do médium? E observe-se bem que não se trata de respostas monossilábicas, mas, freqüentemente, de várias páginas escritas com a mais espantosa rapidez, seja espontaneamente, seja sobre um assunto determinado; sob a mão do médium mais estranho à literatura, nascem, às vezes, poesias de uma sublimidade e de uma pureza irrepreensíveis, que os melhores poetas humanos não desaprovavam. O que aumenta ainda mais a estranheza desses fatos, é que se produzem por toda a parte, e que os médiuns se multiplicam ao infinito. Esses fatos são reais ou não? Para isso temos somente uma resposta: vede e observai; não vos faltarão oportunidades; mas, sobretudo, observai com freqüência, durante longo tempo e conforme as condições exigidas.

O que os antagonistas respondem à evidência? Vós sois, dizem eles, vítimas do charlatanismo ou o juguete de uma ilusão. Diremos, primeiramente, que é preciso afastar a palavra *charlatanismo* de onde não há lucros; os charlatães não exercem o seu ofício gratuitamente. Seria, portanto, quando muito, uma mistificação. Mas, por que estranha coincidência esses mistificadores aliar-se-iam de um extremo ao outro do mundo, para agir do mesmo modo, produzir os mesmos efeitos, e dar sobre

os mesmos assuntos e em diversas línguas, respostas idênticas, senão quanto às palavras, pelo menos quanto ao sentido? Como pessoas austeras, sérias, honradas, instruídas se prestaríam a semelhantes manobras, e com que objetivo? Como encontraríamos em crianças, a paciência e a habilidade necessárias? Pois se os médiuns não são instrumentos passivos, são-lhes necessários habilidade e conhecimentos incompatíveis com uma certa idade e certas posições sociais.

Acrescentam, então, que se não há fraude, podemos ser vítimas de uma ilusão de ambos os lados. Em boa lógica, a qualidade das testemunhas tem um certo peso; ora, aqui está o caso de perguntar se a Doutrina Espírita, que hoje conta adeptos aos milhões, não os recruta senão entre os ignorantes? Os fenômenos sobre os quais ela se apóia são tão extraordinários que concebemos a dúvida; mas o que não se poderia admitir, é a pretensão de alguns incrédulos ao monopólio do bom senso, que, sem respeito para com as conveniências ou o valor moral de seus adversários, tacham, sem cerimônia, de ineptos todos aqueles que não são de sua opinião. Aos olhos de qualquer pessoa judiciosa, a opinião das pessoas esclarecidas que viram durante muito tempo, estudaram e meditaram sobre uma coisa, será sempre, senão uma prova, pelo menos uma presunção em seu favor, visto que ela pôde prender a atenção de homens sérios, que não tinham interesse algum em propagar um erro, nem tempo a perder com futilidades.

X

Dentre as objeções, há algumas das mais enganosas, pelo menos na aparência, porque se baseiam na observação e são feitas por pessoas austeras.

Uma dessas objeções é tirada da linguagem de certos Espíritos que não parece digna da elevação que se supõe em seres sobrenaturais. Reportando-se ao resumo da doutrina que apresentamos acima, ver-se-á aí que os próprios Espíritos nos ensinam que eles não são iguais nem em conhecimentos, nem em qualidades morais, e que não se deve levar ao pé da letra tudo o que dizem. Cabe às pessoas sensatas separar o bom do mal. Certamente, aqueles que tiram desse fato a conclusão de que só nos comunicamos com seres malfazejos, cuja única ocupação é nos mistificar, não conhecem as comunicações que acontecem nas reuniões onde só se manifestam Espíritos superiores, do contrário, não pensariam assim. É lamentável que o acaso os tenha tão mal servido para só lhes mostrar o lado mau do mundo espiritual, pois não aceitamos supor que uma tendência simpática atraia muito mais para eles os maus Espíritos, do que os bons: os Espíritos mentirosos, ou aqueles cuja linguagem é de grosseria revoltante. Poder-se-ia, além do mais, concluir que a solidez de seus princípios não é bastante poderosa para afastar o mal e que, encontrando um certo prazer em satisfazer-lhes a curiosidade a esse respeito, os maus Espíritos disso se aproveitem para se insinuar entre eles, enquanto que os bons se afastam.

Julgar a questão dos Espíritos por esses fatos, seria tão pouco lógico quanto julgar o caráter de um povo pelo que se diz e se faz numa reunião de alguns estouvados ou de pessoas de má reputação que não se relacionam nem com os prudentes, nem com as pessoas sensatas. Essas pessoas encontram-se na

mesma situação de um estrangeiro que, chegando a uma grande capital pelo mais feio subúrbio, julgasse todos os habitantes pelos costumes e a linguagem desse bairro ínfimo. No mundo dos Espíritos, há também uma boa e uma má sociedade; que essas pessoas aceitem estudar o que se passa entre os Espíritos de elite, e se convencerão de que a cidade celeste encerra algo além da ralé. Mas, dizem, os Espíritos de elite vêm até nós? A isso nós lhes responderemos: Não fiquéis no subúrbio; vede, observai e julgareis; os fatos aí estão para todo o mundo; a menos que não se apliquem a elas estas palavras de Jesus: *Eles têm olhos e não vêem; ouvidos e não ouvem.*

Uma variante dessa opinião consiste em ver, nas comunicações espíritas e em todos os fatos materiais aos quais elas dão lugar, apenas a intervenção de um poder diabólico, novo Proteu que se revestiria de todas as formas para melhor nos enganar. Não a julgamos suscetível de um exame sério, é por isso que não nos deteremos nela; ela se acha refutada pelo que acabamos de dizer; somente acrescentaremos que, se assim fosse, seria preciso admitir que o diabo é algumas vezes bem prudente, bem comedido e, sobretudo, bem moral, ou então, que há também bons diabos.

Efetivamente, como acreditar que Deus só permita ao Espírito do mal manifestar-se, para nos perder, sem dar-nos, como contrapeso, os conselhos dos bons Espíritos? Se Ele não o pode, é impotente; se o pode e não faz isto, é incompatível com sua bondade; uma e outra suposição seriam uma blasfêmia. Notai que admitir a comunicação dos maus Espíritos, é reconhecer o princípio das manifestações; ora, desde que elas existam, só pode ser com a permissão de Deus. Como acreditar, sem impiedade, que ele só permita o mal, com exclusão do bem? Uma doutrina assim seria contrária às mais simples noções do bom senso e da religião.

XI

Uma coisa estranha, acrescentam, é que só se fale de Espíritos de personagens conhecidos, e se perguntam por que eles são os únicos a se manifestar. Aqui está um erro proveniente, como muitos outros, de uma observação superficial. Dentre os Espíritos que vêm espontaneamente, há muito mais desconhecidos para nós do que ilustres, que se designam através de um nome qualquer e, freqüentemente, por um nome alegórico ou característico. Quanto àqueles que se evocam, a menos que não seja um parente ou um amigo, é bastante natural dirigir-nos àqueles que conhecemos, mais do que aos desconhecidos; o nome dos personagens ilustres impacta muito mais, é por isso que são mais notados.

Acham ainda singular que os Espíritos de homens eminentes acorram, familiarmente, ao nosso apelo, e se ocupem, algumas vezes, de coisas minuciosas, em comparação àquelas de que trataram durante sua vida. Nada há de surpreendente nisso para os que sabem que o poder ou a consideração de que esses homens gozaram neste mundo, não lhes dá supremacia alguma no mundo espiritual; os Espíritos confirmam, neste caso, estas palavras do Evangelho: "Os grandes serão rebaixados e os pequenos serão elevados", o que se deve entender como uma

referência à ordem que cada um de nós ocupará entre eles; é assim que aquele que tenha sido o primeiro na Terra, pode, lá, ser um dos últimos; aquele diante do qual curvávamos a cabeça, durante sua vida, pode, então, vir entre nós como o mais humilde artesão, pois, deixando a vida, deixou toda a sua grandeza, e o mais poderoso monarca talvez, lá, esteja abaixo do último de seus soldados.

XII

Um fato demonstrado pela observação e confirmado pelos próprios Espíritos é que os Espíritos inferiores, freqüentemente, apossam-se de nomes conhecidos e respeitados. Quem, portanto, pode nos assegurar que aqueles que dizem ter sido, por exemplo, Sócrates, Júlio César, Carlos Magno, Fênelon, Napoleão, Washington, etc., tenham, realmente, animado estas personalidades? Esta dúvida existe entre alguns adeptos muito fervorosos da Doutrina Espírita; eles admitem a intervenção e a manifestação dos Espíritos, mas se perguntam que certeza se pode ter de sua identidade. Esse controle é, com efeito, bastante difícil de se estabelecer: se não pode ser de uma forma tão autêntica quanto por uma certidão de estado civil, pode-o, pelo menos, por presunção, conforme alguns indícios.

Quando se manifesta o Espírito de alguém que nos é pessoalmente conhecido, de um parente ou de um amigo, por exemplo, sobretudo se ele morreu há pouco tempo, acontece, geralmente, que sua linguagem está de acordo com o caráter que apresentava quando vivo: já é um indício de identidade; a dúvida, porém, quase não é mais admitida quando este Espírito fala de coisas particulares, lembra circunstâncias de família que só são conhecidas do interlocutor. Um filho não se enganará, certamente, com a linguagem de seu pai ou de sua mãe, nem pais com a de seu filho. Acontecem, algumas vezes, nessas espécies de evocações íntimas, coisas surpreendentes, que convencem o mais incrédulo. O céptico mais endurecido fica, freqüentemente, aterrado com revelações inesperadas que lhe são feitas.

Uma outra circunstância muito característica vem em apoio da identidade. Dissemos que a caligrafia do médium, geralmente, muda com o Espírito evocado, e que esta caligrafia se reproduz, exatamente igual, cada vez que o mesmo Espírito se apresenta; constatou-se inúmeras vezes que, para as pessoas mortas, sobretudo há pouco tempo, essa caligrafia tem uma semelhança impressionante com a da pessoa em vida; têm-se visto assinaturas de uma exatidão perfeita! De resto, estamos longe de apontar este fato como uma regra e, sobretudo, como constante; nós o mencionamos como algo digno de nota.

Apenas os Espíritos que chegaram a um certo grau de purificação estão livres de qualquer influência corporal; mas quando não estão completamente desmaterializados (é a expressão da qual se servem), conservam a maioria das idéias, dos pendores e até das *manias* que tinham na Terra, e aí está mais um meio de reconhecimento; mas encontramos-los, sobretudo, numa infinidade de fatos minuciosos que só uma observação atenta e regular pode revelar. Vêem-se escritores discutirem suas próprias obras ou suas doutrinas, aprovar ou condenar algumas partes delas; outros Espíritos lembrarem circunstâncias ignoradas ou pouco conhecidas de sua

vida ou de sua morte, enfim, coisas que são, pelo menos, provas morais de identidade, as únicas que podem ser invocadas diante de coisas abstratas.

Portanto, se a identidade do Espírito evocado pode ser, até certo ponto, estabelecida em alguns casos, não há razão para que não o seja em outros, e se não se têm, os mesmos meios de controle, para as pessoas cuja morte é mais antiga, tem-se sempre o da linguagem e do caráter; pois, certamente, o Espírito de um homem de bem não falará como o de um homem perverso ou de um depravado. Quanto aos Espíritos que se apropriam de nomes respeitáveis, logo se traem por sua linguagem e suas máximas; aquele que se dissesse Fénelon, por exemplo, e que ferisse, ainda que acidentalmente, o bom-senso e a moral, mostraria, por isso mesmo, a mistificação. Se, ao contrário, os pensamentos que exprime são sempre puros, sem contradições e continuamente à altura do caráter de Fénelon, não há motivos para duvidar de sua identidade; de outra forma, seria preciso supor que um Espírito que só prega o bem pudesse, conscientemente, utilizar a mentira, e isto, sem utilidade. A experiência nos ensina que os Espíritos do mesmo grau, do mesmo caráter e animados pelos mesmos sentimentos reúnem-se em grupos e em famílias; ora, o número dos Espíritos é incalculável e estamos longe de conhecê-los todos: a maioria mesmo não tem nomes para nós. Um Espírito da categoria de Fénelon pode, pois, vir em seu lugar, freqüentemente até, enviado por ele como representante; apresenta-se com seu nome, por ser idêntico a ele e poder substituí-lo e porque precisamos de um nome para fixar nossas idéias; mas, o que importa, em definitivo, que um Espírito seja, realmente ou não, o de Fénelon? Se só disser coisas boas e falar como o teria feito o próprio Fénelon, é um bom Espírito; o nome sob o qual ele se faz conhecer é indiferente e, freqüentemente, apenas um meio de fixar nossas idéias. Não poderia ser da mesma forma nas evocações íntimas; porém, aí, como o dissemos, a identidade pode ser estabelecida através das provas, de certo modo, patentes.

Além disso, é certo que a substituição dos Espíritos pode dar lugar a uma porção de equívocos, que daí podem resultar erros e, com freqüência, mistificações; aí está uma dificuldade do *Espiritismo prático*; jamais, porém, dissemos que essa ciência fosse uma coisa fácil, nem que se pudesse aprendê-la brincando, exatamente como qualquer outra ciência. Nunca será demais repetir que ela pede um estudo assíduo e com constância prolongada; não se podendo provocar os fatos, é preciso esperar que eles se apresentem por si mesmos e, freqüentemente, eles decorrem de circunstâncias que nem imaginamos. Para o observador atento e paciente, os fatos abundam, porque ele descobre milhares de matices característicos que são, para ele, traços de luz. Acontece o mesmo com as ciências comuns; enquanto o homem superficial não vê numa flor senão uma forma elegante, o sábio nela descobre tesouros para o pensamento.

XIII

As observações acima nos levam a dizer algumas palavras sobre uma outra dificuldade, a da divergência que existe na linguagem dos Espíritos.

Sendo muito diferentes uns dos outros os Espíritos, do ponto de vista dos conhecimentos e da moralidade, é evidente que a mesma questão pode ser resolvida num sentido oposto, conforme a categoria que ocupem, exatamente como se ela fosse proposta alternadamente, entre os homens, a um sábio, a um ignorante ou a um brinçalhão de mau gosto. O ponto essencial, já o dissemos, é saber a quem nos dirigimos.

Mas, acrescentam, como se explica que os Espíritos reconhecidos por serem superiores, não estejam sempre de acordo? Diremos, primeiramente, que, independentemente da causa que acabamos de assinalar, há outras que podem exercer uma certa influência sobre a natureza das respostas, abstração feita da qualidade dos Espíritos; isto é um ponto capital cujo estudo dará a explicação; é por isso que dizemos que esses estudos requerem uma atenção demorada, uma observação profunda e, como aliás, todas as ciências humanas, sobretudo, continuidade e perseverança. São necessários anos para formar um médico medíocre, três quartos da vida para formar um sábio e se desejaria, em algumas horas, adquirir a Ciência do Infinito! Portanto, que ninguém se engane: o estudo do Espiritismo é imenso; ele tem relação com todas as questões da metafísica e da ordem social; é todo um mundo que se abre diante de nós. É de admirar que se precise de tempo, de muito tempo para adquiri-lo?

Aliás, a contradição nem sempre é tão real quanto possa parecer. Não vemos, todos os dias, homens que professam a mesma ciência variarem na definição que dão de uma coisa, seja porque utilizam termos diferentes, seja porque a encaram sob um outro ponto de vista, embora a idéia fundamental seja sempre a mesma? Que se conte, se for possível, o número das definições de gramática que têm sido dadas! Acrescentemos, ainda, que a forma da resposta depende, muitas vezes, da forma da pergunta. Portanto, seria pueril encontrar uma contradição, onde geralmente só há diferença de palavras. Os Espíritos superiores não se preocupam absolutamente com a forma; para eles, a essência do pensamento é tudo.

Tomemos, como exemplo a definição de alma. Por não possuir esta palavra aceção única, os Espíritos podem, assim como nós, divergir na definição que dão dela: um poderá dizer que ela é o princípio da vida; um outro, chamá-la de centelha anímica; um terceiro, dizer que ela é interna; um quarto, que ela é externa, etc., e todos terão razão nos seus pontos de vista. Poder-se-ia até acreditar que alguns deles professem teorias materialistas e, todavia, não ser assim. Acontece o mesmo relativamente a *Deus*, que será: o princípio de todas as coisas, o Criador do Universo, a soberana inteligência, o infinito, o grande Espírito, etc., etc. Definitivamente, será sempre Deus. Citemos, finalmente, a classificação dos Espíritos. Eles formam uma seqüência ininterrupta, desde o grau inferior até o grau superior. A classificação é, portanto, arbitrária; um poderá fazê-la em três classes; outro, em cinco, dez ou vinte, à vontade, sem que por isso esteja errado; todas as ciências humanas nos dão o exemplo disto: cada cientista tem o seu sistema; os sistemas mudam, mas a Ciência não muda. Quer se aprenda a botânica pelo sistema de Linnée, de Jussieu, ou de Tournefort, não se saberá menos botânica por isso. Deixemos,

pois, de dar às coisas puramente convencionais mais importância do que merecem para nos ater apenas ao que é verdadeiramente sério e, com frequência, a reflexão fará descobrir no que parece ser o maior disparate, uma similitude que havia escapado a um primeiro exame.

XIV

Passaríamos, superficialmente, sobre a objeção de alguns cépticos, a propósito de erros de ortografia cometidos por alguns Espíritos, se ela não possibilitasse a uma observação essencial. A ortografia deles, é preciso dizê-lo, nem sempre é irrepreensível; mas é preciso estar muito carente de razões para fazer disso o objeto de uma crítica séria, dizendo que, já que os Espíritos sabem tudo, devem saber ortografia. Poderíamos opor-lhes os numerosos pecados deste gênero cometidos por mais de um sábio da Terra, o que nada lhes tira de seu mérito; porém, há neste fato uma questão mais grave. Para os Espíritos e principalmente para os Espíritos superiores, a idéia é tudo, a forma é nada. Livres da matéria, a linguagem que utilizam entre si é rápida como o pensamento, visto que o próprio pensamento é que se comunica sem intermediário; logo, eles não devem se achar à vontade, quando são obrigados, para se comunicar conosco, a se servir das formas longas e embaraçosas da linguagem humana e, sobretudo, da insuficiência e da imperfeição desta linguagem para exprimir todas as idéias; é o que eles próprios dizem. Também é curioso ver os meios de que se utilizam, muitas vezes, para atenuar esse inconveniente. Aconteceria o mesmo conosco se tivéssemos que nos exprimir numa língua de palavras e de estruturas mais longas, e mais pobre nas suas expressões do que a que usamos. É o obstáculo que experimenta o homem de gênio que se impacienta com a lentidão de sua pena, sempre atrasada com relação ao seu pensamento. Concebe-se, diante disto, que os Espíritos dão pouco valor à puerilidade da ortografia, principalmente, quando se trata de um ensino importante e sério; aliás, já não é maravilhoso que eles se exprimam, indiferentemente, em todas as línguas e que as compreendam todas? Não se deve concluir daí, todavia, que a correção convencional da linguagem lhes seja desconhecida; eles a observam quando isto é necessário; é assim, por exemplo, que a poesia ditada por eles desafiaria, freqüentemente, a crítica do mais meticuloso purista e isto *apesar da ignorância do médium*.

XV

Há, ainda, pessoas que vêem perigo em toda a parte e em tudo o que não conhecem; também não deixam de tirar uma conclusão desfavorável pelo fato de que algumas pessoas que, tendo-se dedicado a esses estudos, perderam a razão. Como homens sensatos podem ver nesse fato uma objeção séria? Não acontece o mesmo com todas as preocupações intelectuais sobre um cérebro fraco? Sabe-se o número de loucos e de maníacos produzido pelos estudos matemáticos, médicos, musicais, filosóficos e outros? Seria o caso de banir esses estudos por isso? O que isso prova? Através dos trabalhos corporais estropiam-se os braços e as pernas, que são os instrumentos da ação material; através dos trabalhos da inteligência, estropia-se o cérebro, que é o instrumento do pensamento. Porém, se o instrumento

foi quebrado, não se dá o mesmo com o espírito: ele permanece intacto; e quando está desligado da matéria, não goza menos da plenitude de suas faculdades. Ele é, como homem, no seu gênero, um mártir do trabalho.

Todas as grandes preocupações do espírito podem ocasionar a loucura: as ciências, as artes e até a religião fornecem seu contingente. A loucura tem como causa primeira uma predisposição orgânica do cérebro que o torna mais ou menos acessível a certas impressões. Havendo uma predisposição para a loucura, esta tomará o caráter da preocupação principal que se torna, então, uma idéia fixa. Essa idéia fixa poderá ser a dos Espíritos, naquele que com eles se ocupou, como poderá ser a de Deus, dos anjos, do diabo, da fortuna, do poder, de uma arte, de uma Ciência, da maternidade, de um sistema político ou social. É provável que o louco religioso se tivesse tornado um louco espírita, caso o Espiritismo tivesse sido sua preocupação dominante, como o louco espírita poderia tê-lo sido sob uma outra forma, conforme as circunstâncias.

Digo, portanto, que o Espiritismo não tem privilégio algum a esse respeito; e vou mais longe: digo que, bem compreendido, é um preservativo contra a loucura.

Dentre as causas mais numerosas de sobreexcitação cerebral, é preciso incluir as decepções, os infortúnios, as afeições contrariadas, que são, ao mesmo tempo, as causas mais freqüentes de suicídio. Ora, o verdadeiro espírita vê as coisas deste mundo de um ponto de vista bem elevado; elas lhe parecem tão pequenas, tão mesquinhas diante do futuro que o aguarda; a vida é para ele tão curta, tão fugidia, que as tribulações não são aos seus olhos senão os incidentes desagradáveis de uma viagem. O que, num outro, produziria uma violenta emoção, pouco o afeta; sabe, aliás, que as amarguras da vida são provas que servem para o seu adiantamento, se ele as suporta sem reclamar, porque será recompensado, conforme a coragem com que as tiver suportado. Suas convicções lhe dão, portanto, uma resignação que o preserva do desespero e, por conseguinte, de uma causa contínua de loucura e de suicídio. Ele sabe, além disso, através do espetáculo que lhe proporcionam as comunicações com os Espíritos, a sorte daqueles que, voluntariamente, abreviam seus dias, e o quadro é bem próprio a fazê-lo refletir; também é considerável o número daqueles que se detiveram à beira deste declive funesto. Aí está um dos resultados do Espiritismo. Que os incrédulos riam dele o quanto queiram; desejo-lhes as consolações que ele proporciona a todos aqueles que se deram ao trabalho de sondar-lhe as misteriosas profundezas.

Entre as causas de loucura, é preciso ainda colocar o pavor, e o do diabo desequilibrou mais de um cérebro. Sabe-se o número de vítimas que foram feitas, abalando-se mentalidades fracas com esse quadro, que se esforçam para tornar mais apavorante, através de horrendos detalhes? O diabo, dizem, só assusta as criancinhas; é um freio para torná-las bem-comportadas; sim, como Bicho-papão e o Lobisomem e, quando não têm mais medo deles, ficam piores do que antes; e, para atingir esse belo resultado, não se leva em conta o número de epilepsias causadas pelo abalo de um cérebro delicado. A religião seria bem frágil se, por falta de temor, seu poder pudesse estar comprometido; felizmente, não é assim. Ela tem

outros meios de agir sobre as almas; o Espiritismo fornece-lhe meios mais eficazes e mais sérios, se ela souber utilizá-los em seu proveito; ele mostra a realidade das coisas e neutraliza, deste modo, os efeitos funestos de um temor exagerado.

XVI

Restam-nos a examinar duas objeções; as únicas que merecem, verdadeiramente, este nome, porque estão baseadas em teorias racionais. Uma e outra admitem a realidade de todos os fenômenos materiais e morais, excluem, porém, a intervenção dos Espíritos.

Segundo a primeira dessas teorias, todas as manifestações atribuídas aos Espíritos não seriam outra coisa senão efeitos magnéticos. Os médiuns estariam num estado que se poderia chamar sonambulismo desperto, fenômeno que qualquer pessoa que tenha estudado o magnetismo pode testemunhar. Neste estado, as faculdades intelectuais adquirem um desenvolvimento anormal; o círculo das percepções intuitivas estende-se além dos limites de nossa concepção comum. A partir daí, o médium tiraria de si mesmo e por efeito de sua lucidez, tudo o que diz e todas as noções que transmite, mesmo sobre as coisas que lhe são as mais estranhas, no seu estado habitual.

Não seremos nós que contestaremos o poder do sonambulismo, cujos prodígios vimos e estudamos em todas as suas fases, durante mais de trinta e cinco anos; concordamos em que, com efeito, muitas manifestações espíritas podem ser explicadas através desse meio; mas uma observação cuidadosa e atenta mostra uma infinidade de fatos em que a intervenção do médium, a não ser como instrumento passivo, é materialmente impossível. Àqueles que partilham dessa opinião, diremos, como aos outros: "Vede e observai, pois, certamente, não vistes tudo." Em seguida, opor-lhe-emos duas considerações tiradas de sua própria doutrina. De onde veio a teoria espírita? É um sistema imaginado por alguns homens para explicar os fatos? De maneira nenhuma. Quem, então, a revelou? Precisamente esses mesmos médiuns cuja lucidez exaltais. Se, portanto, essa lucidez é tal como a supondes, por que teriam eles atribuído a Espíritos o que tivessem haurido em si mesmos? Como teriam dado essas informações tão precisas, tão lógicas, tão sublimes sobre a natureza dessas inteligências extra-humanas? De duas, uma: ou eles são lúcidos ou não o são. Se o são, se tivermos confiança na veracidade deles, poderíamos, sem nos contradizer, admitir que não estão com a verdade. Em segundo lugar, se todos os fenômenos tivessem sua origem no médium, eles seriam idênticos no mesmo indivíduo, e não se veria a mesma pessoa usar uma linguagem disparatada, nem exprimir, alternadamente, as coisas mais contraditórias. Esta falta de unidade nas manifestações obtidas pelo médium prova a diversidade das fontes; se, pois, não se pode encontrá-las todas no médium, é mesmo necessário procurá-las fora dele.

Segundo uma outra opinião, o médium é mesmo a fonte das manifestações, mas em vez de extrai-las de si mesmo, assim como o pretendem os partidários da teoria sonambúlica, ele as haure do meio-ambiente. O médium seria, assim, uma espécie de espelho que reflete todas as idéias, todos os pensamentos e todos os conhecimentos das pessoas que o rodeiam; nada diria que não fosse conhecido,

pelo menos de algumas delas. Não se poderia negar, e isto é mesmo um princípio da doutrina, a influência exercida pelos assistentes sobre a natureza das manifestações; entretanto esta influência difere, completamente, daquela que se supõe existir, e daí concluir que o médium seja o eco dos seus pensamentos, há muita distância, pois milhares de fatos estabelecem, peremptoriamente, o contrário. Portanto, aí está um erro grave, que prova, uma vez mais, o perigo das conclusões prematuras. Essas pessoas, não podendo negar a existência de um fenômeno que a ciência comum não pode explicar e não querendo admitir a presença dos Espíritos, explicam-no à sua maneira. Sua teoria seria especiosa, se pudesse abarcar todos os fatos; porém, isto não acontece, absolutamente. Quando se lhes demonstra, até a evidência, que certas comunicações do médium são completamente estranhas aos pensamentos, aos conhecimentos e até às opiniões de todos os assistentes, que essas comunicações são, muitas vezes, espontâneas e contradizem todas as idéias preconcebidas, elas não desistem por tão pouco. A irradiação, dizem elas, estende-se bem além do círculo imediato que nos cerca; o médium é o reflexo da Humanidade inteira, de tal modo que, se ele não haure suas inspirações dos que estão ao seu lado, vai buscá-las fora, na cidade, no país, em todo o globo e até em outras esferas.

Não penso que se encontre nesta teoria uma explicação mais simples e mais provável que a do Espiritismo, pois ela supõe uma causa bem mais maravilhosa. A idéia de que seres que povoam os espaços e, estando em contato permanente conosco, comunicam-nos seus pensamentos, nada tem que choque mais a razão do que a suposição dessa irradiação universal, vindo, de todos os pontos do Universo, concentrar-se no cérebro de um indivíduo.

Ainda uma vez, e aí está um ponto capital, sobre o qual não é demais insistir bastante, a teoria sonambúlica e a que se poderia chamar *reflexiva*, foram imaginadas por alguns homens; são opiniões individuais, criadas para explicar um fato, enquanto que a Doutrina dos Espíritos não é, em absoluto, de concepção humana; ela foi ditada pelas próprias inteligências que se manifestaram, quando ninguém disso cogitava e mesmo a opinião geral a rejeitava. Ora, perguntamos, onde os médiuns foram haurir uma doutrina que não existia no pensamento de ninguém na Terra? Perguntamos, além disso, por que estranha coincidência milhares de médiuns disseminados por todos os pontos do globo, que nunca se viram, engajaram-se para dizer a mesma coisa. Se o primeiro médium que apareceu na França sofreu influência de opiniões já aceitas na América, por que extravagância foi ele beber suas idéias a duas mil léguas além-mar, junto a um povo estranho pelos costumes e pela linguagem, em vez de fazê-lo ao seu redor?

Contudo, há uma outra circunstância na qual não se tem pensado bastante. As primeiras manifestações, na França, como na América, não se deram através da escrita, nem da palavra, mas através de pancadas que correspondiam às letras do alfabeto e formavam palavras e frases. Foi através desse meio que as inteligências que se revelaram declararam ser Espíritos. Portanto, caso pudesse supor a intervenção do pensamento dos médiuns nas comunicações verbais ou escritas,

não poderia ser assim com as pancadas, cuja significação não podia ser conhecida antecipadamente.

Poderíamos citar inúmeros fatos que demonstram, na inteligência que se manifesta, uma individualidade evidente e uma independência absoluta de vontade. Remetemos, pois, os dissidentes a uma observação mais atenta e, se quiserem estudar com afinco, sem prevenção, e não concluir antes de terem visto tudo, reconhecerão a impotência de sua teoria para tudo explicar. Limitar-nos-emos a fazer as seguintes perguntas: Por que a inteligência que se manifesta, qualquer que seja ela, recusa-se a responder a certas perguntas sobre assuntos perfeitamente conhecidos, como, por exemplo, o nome ou a idade do interrogador, o que ele tem na mão, o que ele fez na véspera, seu projeto para o dia seguinte, etc? Se o médium fosse o espelho do pensamento dos assistentes, nada lhe seria mais fácil do que responder.

Os adversários retrucam o argumento, perguntando, por sua vez, por que Espíritos que devem saber tudo, não podem dizer coisas tão simples, conforme o axioma: *Quem pode mais, pode menos*, e, daí, concluem que não são Espíritos. Se um ignorante ou um gozador, apresentando-se diante de uma douda assembléia, perguntasse, por exemplo, por que é que é dia em pleno meio-dia, alguém acreditaria que ela se desse ao trabalho de responder seriamente e seria lógico concluir, pelo seu silêncio ou zombarias que dirigisse ao questionador, que seus membros fossem apenas tolos? Ora, é precisamente porque os Espíritos são superiores que não respondem a perguntas fúteis e ridículas, e não querem ser colocados em apuros; é por isso que se calam ou dizem ocupar-se com coisas mais sérias.

Finalmente, perguntaremos por que os espíritos vêm e vão, frequentemente, em dado momento e por que, passado esse momento, não há preces, nem súplicas que possam trazê-los de volta? Se o médium apenas agisse pelo impulso mental dos assistentes, é evidente que, nesta circunstância, o concurso de todas as vontades reunidas deveria estimular sua clarividência. Se, portanto, ele não cede ao desejo da assembléia, corroborado pela sua própria vontade, é que ele obedece a uma influência estranha a si mesmo e aos que o cercam, e que esta influência atesta, por esse fato, sua independência e sua individualidade.

XVII

O cepticismo, no tocante à Doutrina Espírita, quando não é o resultado de uma oposição sistemática interessada, quase sempre tem sua origem num conhecimento incompleto dos fatos, o que não impede certas pessoas de resolver a questão como se a conhecessem perfeitamente. Pode-se ter muita inteligência, até instrução e carecer-se de bom-senso; ora, o primeiro indício de falta de bom-senso é acreditar que o seu é infalível. Muitas pessoas também vêm nas manifestações espíritas apenas um objeto de curiosidade; esperamos que, pela leitura deste livro, elas encontrem nesses fenômenos estranhos algo a mais do que um simples pasatempo.

A ciência espírita compreende duas partes: uma, experimental, sobre as manifestações em geral; a outra, filosófica, sobre as manifestações inteligentes.

Quem quer que apenas tenha observado a primeira está na posição daquele que só conhecesse a Física pelas experiências recreativas, sem ter penetrado no âmago da Ciência. A verdadeira Doutrina Espírita encontra-se no ensino dado pelos Espíritos e os conhecimentos que este ensino comporta são graves demais para serem adquiridos de outra forma, que não por um estudo sério e contínuo, feito no silêncio e no recolhimento; pois, apenas nessa condição, pode-se observar um número infinito de fatos e de particularidades que escapam ao observador superficial e permitem firmar uma opinião. Tendo este livro, como resultado, apenas o de mostrar o lado sério da questão e provocar estudos nesse sentido, já seria muito, e felicitar-nos-íamos por ter sido escolhido para executar uma obra pela qual aliás, não pretendemos ter nenhum mérito pessoal, já que os princípios que ela encerra não são criação nossa; o mérito cabe inteiramente, portanto, aos Espíritos que a ditaram. Esperamos que dê um outro resultado, o de guiar os homens desejosos de se esclarecer, mostrando-lhes, nestes estudos, um grande e sublime objetivo: o do progresso individual e social e o de indicar-lhes o caminho a seguir para atingi-lo.

Terminemos por uma última consideração. Astrônomos, sondando os espaços, encontraram, na distribuição dos corpos celestes, lacunas não justificadas e em desacordo com as leis do conjunto: suspeitaram que essas lacunas deviam ser preenchidas por globos que tivessem escapado ao seu exame; de outro lado, observaram certos efeitos cuja causa lhes era desconhecida e disseram: ali, deve haver um mundo, pois esta lacuna não pode existir e estes efeitos devem ter uma causa. Então, julgando a causa pelo efeito, puderam calcular seus elementos e, mais tarde, os fatos vieram legitimar suas previsões. Apliquemos este raciocínio a uma outra ordem de idéias. Se se observa a série dos seres, julga-se que eles formam uma corrente sem solução de continuidade, desde a matéria bruta até o homem mais inteligente. Porém, entre o homem e Deus, que é o alfa e o ômega de todas as coisas, que lacuna imensa! Será racional pensar que nele terminem os elos dessa corrente? Que ele transponha, sem transição, a distância que o separa do infinito? A razão nos diz que entre o homem e Deus deve haver outros degraus, como ela disse aos astrônomos que, entre os mundos conhecidos, devia haver mundos desconhecidos. Que filosofia preencheu esta lacuna? O Espiritismo no-la mostra preenchida pelos seres de todas as ordens do mundo invisível, e estes seres são apenas os Espíritos dos homens, que chegaram aos diferentes degraus que conduzem à perfeição; então, tudo se liga, tudo se encadeia, desde o alfa até o ômega. Vós, que negais a existência dos Espíritos, preenchei, portanto, o vazio que eles ocupam; e vós, que deles rídes, ousai, pois, rir das obras de Deus e da sua onipotência!

Allan Kardec





Prolegômenos

Fenômenos que se afastam das leis da ciência comum manifestam-se por toda parte e revelam em sua causa a ação de uma vontade livre e inteligente.

A razão diz que um efeito inteligente deve ter como causa uma potência inteligente e fatos têm provado que esta potência pode entrar em comunicação com os homens, através de sinais materiais.

Interrogada sobre sua natureza, esta potência declarou pertencer ao mundo dos seres espirituais que se despojaram do invólucro corporal do homem. Foi assim que a Doutrina dos Espíritos foi revelada.

As comunicações entre o mundo espiritual e o mundo corporal estão na natureza das coisas e não constituem fato sobrenatural algum; é por isso que delas se encontram vestígios, em todos os povos e em todas as épocas. Hoje, elas se generalizaram e são patentes para todo o mundo.

Os espíritos anunciam que os tempos marcados pela Providência, para uma manifestação universal, chegaram e que, sendo eles os ministros de Deus e os agentes de sua vontade, sua missão é instruir e esclarecer os homens, abrindo uma nova era para a regeneração da Humanidade.

Este livro é a coletânea de seus ensinamentos; foi escrito por ordem e mediante o ditado de Espíritos superiores para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, livre dos preconceitos do espírito de sistema; nada encerra que não seja a expressão do pensamento deles e que não tenha sido submetido ao seu controle. A ordem e a distribuição metódica das matérias, assim como as notas e a forma de algumas partes da redação constituem a obra daquele que recebeu a missão de publicá-lo.

Entre os Espíritos que concorreram para a execução dessa obra, muitos viveram, em diversas épocas, na Terra, onde pregaram e praticaram a virtude e a sabedoria; outros, pelos seus nomes, não pertencem a nenhum personagem cuja lembrança a História tenha guardado; sua elevação, porém, é atestada pela pureza de sua doutrina e sua união com aqueles que usam nomes venerados.

Aqui estão os termos nos quais deram, por escrito e por intermédio de vários médiuns, a missão de escrever este livro:

“Ocupa-te, com zelo e perseverança, do trabalho que empreendeste com nosso concurso, pois este trabalho é nosso. Nele assentamos as bases do novo edifício que se eleva e deve, um dia, reunir todos os homens num mesmo sentimento de amor e de caridade; mas, antes de divulgá-lo, nós o reveremos juntos, a fim de lhe examinarmos todos os detalhes.

Estaremos contigo todas as vezes que o pedires e para te ajudar em teus outros trabalhos, pois esta é apenas uma parte da missão que te está confiada e que já te foi revelada por um de nós.

Dentre os ensinamentos que te são dados, há alguns que deves guardar unicamente para ti até nova ordem; nós te indicaremos, quando chegar o momento de publicá-los; enquanto isso, medita sobre eles, a fim de estares pronto, quando o dissermos a ti.

Colocarás no cabeçalho do livro a cepa que te desenhamos,⁴ porque ela é o emblema do trabalho do Criador; todos os princípios materiais que podem melhor representar o corpo e o espírito aí se encontram reunidos: o corpo é a cepa; o espírito é o licor; a alma ou espírito unido à matéria, é o bago. O homem quintessencia o espírito através do trabalho, e tu sabes que somente pelo trabalho do corpo é que o espírito adquire conhecimentos.

Não te deixes desencorajar pela crítica. Encontrarás contraditores encarniçados, principalmente entre as pessoas interessadas nos abusos. Tu os encontrarás mesmo entre os Espíritos, pois aqueles que não estão completamente desmaterializados procuram, freqüentemente, semear a dúvida por malícia ou por ignorância; porém, continua sempre; crê em Deus e caminha com confiança: aqui estaremos para apoiar-te e o tempo em que a verdade brilhará por toda a parte está próximo.

A vaidade de certos homens que julgam saber tudo e querem tudo explicar à sua maneira fará nascer opiniões dissidentes; mas, todos aqueles que tiverem em vista o grande princípio de Jesus unir-se-ão no mesmo sentimento de amor ao bem e ligar-se-ão por um laço fraterno que abarcará o mundo inteiro; eles deixarão de lado as miseráveis disputas de palavras, para se ocuparem apenas com as coisas essenciais, e a doutrina será sempre a mesma, quanto ao fundo, para todos aqueles que receberem as comunicações dos Espíritos superiores.

É com a perseverança que chegarás a colher o fruto de teus trabalhos. O prazer que experimentarás, vendo a doutrina se propagar e bem compreendida, ser-te-á uma recompensa, cujo valor completo conhecerás, talvez mais no futuro do que no presente. Não te inquietes, portanto, com espinheiros e pedras que incrédulos ou maus semearão no teu caminho; conserva a confiança: com ela chegarás ao objetivo e merecerás ser sempre auxiliado.

Lembra-te de que os Bons Espíritos só assistem aqueles que servem a Deus com humildade e desinteresse e que repudiam quem quer que busque no caminho do Céu um degrau para as coisas da Terra; afastam-se do orgulhoso e do ambicioso. O orgulho e a ambição serão sempre uma barreira entre o homem e Deus; são um véu lançado sobre as claridades celestes, e Deus não pode se servir do cego para fazer compreender a luz.”

SÃO JOÃO EVANGELISTA, SANTO AGOSTINHO, SÃO VICENTE DE PAULO, SÃO LUÍS, O ESPÍRITO DE VERDADE, SÓCRATES, PLATÃO, FÉNELON, FRANKLIN, SWEDENBORG, ETC., ETC.,



⁴ A cepa acima é o fac-símile daquela que foi desenhada pelos Espíritos.

PRIMEIRA PARTE

AS CAUSAS PRIMÁRIAS

Capítulo I

Deus

1. Deus e o Infinito.
2. Provas da Existência de Deus.
3. Atributos da Divindade.
4. Panteísmo.

Deus e o Infinito

1. Que é Deus?

“Deus é a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas.”⁵

2. Que se deve entender por infinito?

“O que não tem começo nem fim: o desconhecido; tudo o que é desconhecido é infinito.”

3. Poder-se-ia dizer que Deus é o infinito?

“Definição incompleta. Pobreza da linguagem dos homens, que é insuficiente para definir as coisas que estão acima da inteligência deles.”

Deus é infinito nas suas perfeições, mas o infinito é uma abstração; dizer que Deus é o *infinito*, é tomar o atributo pela própria coisa e definir uma coisa que não é conhecida por outra menos conhecida ainda.

Provas da Existência de Deus

4. Onde se pode encontrar a prova da existência de Deus?

“Num axioma que aplicais às vossas ciências: Não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e vossa razão vos responderá.”

Para crer em Deus, basta lançar os olhos sobre as obras da criação. O Universo existe, tem, portanto, uma causa. Duvidar da existência de Deus seria negar que todo efeito tem uma causa e afirmar que o nada pôde fazer alguma coisa.

5. Que consequência se pode tirar do sentimento intuitivo, que todos os homens trazem, em si mesmos, da existência de Deus?

⁵ O texto colocado entre aspas, em seguida às perguntas, é a própria resposta dada pelos Espíritos. Distinguiram-se, através de outros caracteres, as notas e desenvolvimentos acrescentados pelo autor, diante da possibilidade de serem confundidos com o texto da resposta. Quando formam capítulos inteiros, não sendo possível a confusão, conservaram-se os caracteres comuns.

“Que Deus existe; pois de onde lhes viria este sentimento, se nada tivesse como base? É ainda uma consequência do princípio de que não há efeito sem causa.”

6. O sentimento íntimo que temos, em nós mesmos, da existência de Deus não seria devido à educação e produto de idéias adquiridas?

“Se assim fosse, por que vossos selvagens teriam tal sentimento?”

Se o sentimento da existência de um ser supremo fosse apenas produto de um ensino, ele não seria universal e não existiria, como as noções das ciências, senão naqueles que tivessem podido receber esse ensinamento.

7. Poder-se-ia encontrar a causa primeira da formação das coisas nas propriedades íntimas da matéria?

“Mas, então, qual seria a causa destas propriedades? É sempre necessária uma causa primeira.”

Atribuir a formação primeira das coisas às propriedades íntimas da matéria, seria tomar o efeito pela causa, pois estas propriedades são, elas próprias, um efeito que deve ter uma causa.

8. Que se deve pensar da opinião que atribui a formação primeira a uma combinação fortuita da matéria, em outras palavras, ao acaso?

“Outro absurdo! Que homem de bom senso pode ver o acaso como um ser inteligente? E, além disso, o que é o acaso? Nada.”

A harmonia que regula os mecanismos do Universo patenteia combinações e visões determinadas e, por isso mesmo, revela um poder inteligente. Atribuir a formação primeira ao acaso seria um contra-senso, pois o acaso é cego e não pode produzir os efeitos da inteligência. Um acaso inteligente não seria mais o acaso.

9. Onde se vê, na causa primeira, uma inteligência suprema e superior a todas as inteligências?

“Tendes um provérbio que diz o seguinte: Pela obra se reconhece o artista. Pois bem! Vede a obra e procurai o artista. É o orgulho que engendra a incredulidade. O homem orgulhoso nada quer ter acima de si, é por isso que se denomina espírito forte. Pobre ser, que um sopro de Deus pode abater!”

Julga-se o poder de uma inteligência pelas suas obras; nenhum ser humano podendo criar o que produz a Natureza, a causa primeira é, pois, uma inteligência superior à Humanidade.

Quaisquer que sejam os prodígios executados pela inteligência humana, esta inteligência tem, ela própria, uma causa, e quanto maior for o que ela executa, tanto maior deve ser a causa primeira. É essa inteligência que é a causa primeira de todas as coisas, qualquer que seja o nome sob o qual o homem a designe.

Atributos da Divindade

10. O homem pode compreender a natureza íntima de Deus?

“Não; é um sentido que lhe falta.”

11. O homem poderá, um dia, compreender o mistério da Divindade?

“Quando seu espírito não for mais obscurecido pela matéria e, por sua perfeição, tiver se aproximado dele, então, ele o verá e o compreenderá.”

A inferioridade das faculdades do homem não lhe permite compreender a natureza íntima de Deus. Na infância da Humanidade, o homem, freqüentemente, o confunde com a criatura cujas imperfeições ele lhe atribui; porém, à medida que o senso moral nele se desenvolve, seu pensamento penetra melhor no fundo das coisas e ele faz uma idéia mais justa e mais conforme à *sã razão*, embora ainda incompleta.

12. Apesar de não podermos compreender a natureza íntima de Deus, podemos ter uma idéia de algumas de suas perfeições?

“Sim, de algumas. O homem as compreende melhor à medida que se eleva acima da matéria; ele as entrevê pelo pensamento.”

13. Quando dizemos que Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, não temos uma idéia completa de seus atributos?

“Do vosso ponto de vista, sim, porque acreditais tudo abarcar; mas sabei bem que há coisas que estão acima da inteligência do homem mais inteligente e para as quais a vossa linguagem, limitada às vossas idéias e às vossas sensações, não tem absolutamente como exprimir. A razão vos diz, com efeito, que Deus deve possuir essas perfeições em grau supremo, pois se possuísse uma a menos, ou, então, se ela não estivesse num grau infinito, ele não seria superior a tudo e, por conseguinte, não seria Deus. Para estar acima de todas as coisas, Deus não deve sofrer vicissitude alguma, nem possuir nenhuma das imperfeições que a imaginação possa conceber.”

Deus é *eterno*; se tivesse tido um começo, teria saído do nada, ou, então ele próprio teria sido criado por um ser anterior. É assim que, pouco a pouco, remontamos ao infinito e à eternidade.

É *imutável*; se estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o Universo nenhuma estabilidade teriam.

É *imaterial*; isto quer dizer que sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria; de outro modo, não seria imutável, pois estaria sujeito às transformações da matéria.

É *único*; se houvesse vários Deuses, não haveria unidade de vistas, nem unidade de poder na ordenação do Universo.

É *todo-poderoso*, porque é único. Se não possuísse o poder soberano, haveria algo mais poderoso ou tão poderoso quanto ele; não teria feito todas as coisas e as que não tivesse feito seriam obra de um outro Deus.

É *soberanamente justo e bom*. A sabedoria providencial das leis divinas se revela nas menores coisas, como nas maiores; e essa sabedoria não permite duvidar nem de sua justiça, nem de sua bondade.

Panteísmo

14. Deus é um ser distinto, ou, conforme a opinião de alguns, a resultante de todas as forças e de todas as inteligências do Universo reunidas?

“Se assim fosse, Deus não existiria, pois seria o efeito e não a causa; ele não pode ser, ao mesmo tempo, um e outra.”

“Deus existe, disso não podeis duvidar; é o essencial. Crede-me, não vades além; não vos percais num labirinto de onde não poderíeis sair; isso não vos tomaria

melhores, mas, talvez um pouco mais orgulhosos, porque acreditaríeis saber e, na realidade, nada saberíeis. Deixai, portanto, de lado todos estes sistemas; tendes coisas suficientes, que vos tocam mais diretamente, a começar por vós mesmos; estudai vossas próprias imperfeições, a fim de vos livardes delas; isto ser-vos-á mais útil do que querer penetrar no que é impenetrável.”

15. Que se deve pensar da opinião segundo a qual todos os corpos da Natureza, todos os seres, todos os globos do Universo seriam partes da Divindade e constituiriam, em conjunto, a própria Divindade, isto é, da doutrina panteísta?

“O homem, não podendo fazer-se Deus, quer, pelo menos, ser uma parte de Deus.”

16. Aqueles que professam esta doutrina pretendem nela encontrar a demonstração de alguns dos atributos de Deus: sendo infinitos os mundos, Deus é, por isso mesmo, infinito; não havendo o vazio ou o nada em parte alguma, Deus está por toda a parte; estando Deus por toda a parte, visto que tudo é parte integrante de Deus, ele dá a todos os fenômenos da Natureza uma razão de ser inteligente. Que se pode opor a este raciocínio?

“A razão; refleti maduramente e não vos será difícil reconhecer-lhe o absurdo.”

Esta doutrina faz de Deus um ser material que, embora dotado de uma inteligência suprema, seria, em ponto grande, o que somos em ponto pequeno. Ora, se fosse assim, com a matéria transformando-se incessantemente, Deus não teria estabilidade alguma; estaria sujeito a todas as vicissitudes, até mesmo a todas as necessidades da Humanidade; ele careceria de um dos atributos essenciais da Divindade: a imutabilidade. As propriedades da matéria não podem se aliar à idéia de Deus, sem rebaixá-lo em nosso entendimento, e nenhuma sutileza do sofisma conseguirá resolver o problema de sua natureza íntima. Não sabemos tudo o que ele é, mas sabemos o que ele não pode deixar de ser e este sistema está em contradição com suas propriedades mais essenciais; ele confunde o Criador com a criatura, exatamente como se quisesse que uma máquina engenhosa fosse parte integrante do mecânico que a criou.

A inteligência de Deus se revela nas suas obras, como a de um pintor no seu quadro; mas as obras de Deus não são o próprio Deus, tanto quanto o quadro não é o pintor que o concebeu e executou.



Capítulo II

Elementos Gerais do Universo

- 1. Conhecimento do Princípio das Coisas.**
- 2. Espírito e Matéria.**
- 3. Propriedades da Matéria.**
- 4. Espaço Universal.**

Conhecimento do Princípio das Coisas

17. É possível ao homem conhecer o princípio das coisas?

“Não, Deus não permite que tudo seja revelado ao homem neste mundo.”

18. O homem desvendará, um dia, o mistério das coisas que lhe estão ocultas?

“O véu se levanta para ele, à medida que se depura; mas, para compreender certas coisas, são-lhe necessárias faculdades que ele ainda não possui.”

19. O homem não pode, através das investigações da Ciência, desvendar alguns segredos da Natureza?

“A Ciência lhe foi dada para seu adiantamento em todas as coisas, porém, ele não pode ultrapassar os limites fixados por Deus.”

Quanto mais é dado ao homem desvendar antecipadamente esses mistérios, maior deve ser sua admiração pelo poder e a sabedoria do Criador; contudo, seja por orgulho, seja por fraqueza, sua própria inteligência torna-o, freqüentemente, juguete da ilusão; ele amontoa sistemas sobre sistemas e o passar dos dias lhe mostra quantos erros ele considerou como verdades e quantas verdades ele rejeitou como erros. São outras tantas decepções para o seu orgulho.

20. Fora das investigações científicas, é dado ao homem receber comunicações de uma ordem mais elevada, sobre o que escapa ao testemunho de seus sentidos?

“Sim; se Deus o julgar útil, pode revelar o que a Ciência não pode explicar.”

É através destas comunicações que o homem adquire, dentro de certos limites, o conhecimento de seu passado e de seu destino futuro.

Espírito e Matéria

21. A matéria existe de toda a eternidade como Deus, ou foi criada por ele, num certo tempo?

“Só Deus o sabe. Todavia, há uma coisa que vossa razão vos deve indicar: é que Deus, modelo de amor e de caridade, nunca esteve inativo. Por mais distante

que possais imaginar o início de sua ação, podeis concebê-lo um segundo na ociosidade?”

22. Geralmente, define-se como matéria, o que tem extensão, o que pode impressionar nossos sentidos, o que é impenetrável; estas definições são exatas?

“Do vosso ponto de vista isto é exato, porque não falais senão do que conheceis; mas a matéria existe em estados que vos são desconhecidos; ela pode ser, por exemplo, tão etérea e sutil, que nenhuma impressão cause nos vossos sentidos; entretanto, é sempre matéria; mas para vós, não o seria.”

a) Que definição podeis dar da matéria?

“A matéria é o elo que acorrenta o espírito; é o instrumento que lhe serve e sobre o qual, ao mesmo tempo, ele exerce sua ação.”

Desse ponto de vista, pode-se dizer que a matéria é o agente, o intermediário com o auxílio do qual e sobre o qual o espírito age.

23) Que é o espírito?

“O princípio inteligente do Universo.”

a) Qual a natureza íntima do espírito?

“Não é fácil analisar o espírito com a vossa linguagem. Para vós, nada é, porque o espírito não é uma coisa palpável; mas, para nós, é alguma coisa. Sabei-o bem, o nada é coisa alguma; o nada não existe.”

24) Espírito é sinônimo de inteligência?

“A inteligência é um atributo essencial do espírito; porém, uma e outro se confundem num princípio comum, de sorte que, para vós, são a mesma coisa.”

25) O espírito é independente da matéria, ou é apenas uma propriedade dela, como as cores são propriedades da luz, e o som uma propriedade do ar?

“São distintos uma e outro; porém, é necessária a união do espírito e da matéria para intelectualizar a matéria.”

a) Esta união é igualmente necessária para a manifestação do espírito? (Entendemos, aqui, por espírito o princípio da inteligência, abstração feita das individualidades designadas por esse nome.)

“Ela é necessária a vós, porque não estais organizados para perceber o espírito sem a matéria; vossos sentidos não foram feitos para isso.”

26) Pode-se conceber o espírito sem a matéria e a matéria sem o espírito?

“Pode-se, sem dúvida, pelo pensamento.”

27) Haveria, assim, dois elementos gerais do Universo: a matéria e o espírito?

“Sim, e acima de tudo isso Deus, o criador, o pai de todas as coisas; estas três coisas são o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Porém, ao elemento material é preciso acrescentar o fluido universal que desempenha o papel de intermediário entre o espírito e a matéria, propriamente dita, muito grosseira para que o espírito possa exercer uma ação sobre ela. Embora, sob um certo ponto de vista, se

possa identificá-lo com o elemento material, ele se distingue deste por propriedades especiais; se ele fosse positivamente matéria, não haveria razão para que o espírito também não o fosse. Ele está colocado entre o espírito e a matéria; é fluido, como a matéria é matéria, suscetível, por suas inúmeras combinações com esta e sob a ação do espírito, de produzir a infinita variedade das coisas das quais conheceis apenas uma parte insuficiente. Este fluido universal, ou primitivo, ou elementar, sendo o agente de que o espírito se serve, é o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e nunca adquiriria as propriedades que a gravidade lhe dá.”

a) Este fluido seria aquele que designamos sob o nome de eletricidade?

“Dissemos que ele é suscetível de inúmeras combinações; o que chamais fluido elétrico, fluido magnético, são modificações do fluido universal, que não é, propriamente falando, senão uma matéria mais perfeita, mais sutil e que se pode considerar como independente.”

28. Visto que o espírito, ele próprio, é alguma coisa, não seria mais exato e menos sujeito a confusão designar estes dois elementos gerais pelas palavras: *matéria inerte e matéria inteligente*?

“As palavras pouco nos importam; cabe a vós formular vossa linguagem de maneira a vos entenderdes. Vossas discussões provêm, quase sempre, de não vos entenderdes sobre as palavras, porque vossa linguagem é incompleta para as coisas que não impressionam os vossos sentidos.”

Um fato patente domina todas as hipóteses: vemos matéria que não é inteligente; vemos um princípio inteligente independente da matéria. A origem e a conexão destas duas coisas nos são desconhecidas. Se possuem ou não uma fonte comum, se há pontos de contato necessários; se a inteligência tem sua existência própria, ou se é uma propriedade, um efeito; se é mesmo, conforme a opinião de alguns, uma emanção da Divindade, é o que ignoramos; elas se nos apresentam distintas, é por isso que as admitimos formando dois princípios constitutivos do Universo. Vemos, acima de tudo isso, uma inteligência que domina todas as outras, que as governa todas, que delas se distingue por atributos essenciais: é essa inteligência suprema que chamamos Deus.

Propriedades da Matéria

29. A ponderabilidade é um atributo essencial da matéria?

“Da matéria tal como a entendeis, sim; não, porém, da matéria considerada como fluido universal. A matéria etérea e sutil que forma esse fluido é imponderável para vós, mas, nem por isso, deixa de ser o princípio de vossa matéria pesada.”

A gravidade é uma propriedade relativa; fora das esferas de atração dos mundos, não há peso, assim como não há alto nem baixo.

30. A matéria é formada de um único ou de vários elementos?

“Um único elemento primitivo. Os corpos que considerais como simples não são verdadeiros elementos, porém, transformações da matéria primitiva.”

31. De onde se originam as diferentes propriedades da matéria?

“São modificações que as moléculas elementares sofrem, por sua união e em certas circunstâncias.”

32. De acordo com isto, os sabores, os odores, as cores, o som, as qualidades venenosas ou salutares dos corpos, não seriam senão modificações de uma única e mesma substância primitiva?

“Sim, sem dúvida, e só existem pela disposição dos órgãos destinados a percebê-las.”

Este princípio é demonstrado pelo fato de que nem todos percebem as qualidades dos corpos da mesma maneira: um acha uma coisa agradável ao paladar, um outro acha-a ruim; uns vêem azul o que outros vêem vermelho; o que é um veneno, para uns, é inofensivo ou salutar, para outros.

33. A mesma matéria elementar é suscetível de sofrer todas as modificações e de adquirir todas as propriedades?

“Sim, e é isso o que se deve entender, quando dizemos que *tudo está em tudo*.⁶”

O oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono e todos os corpos que consideramos simples são apenas modificações de uma substância primitiva. Na impossibilidade em que nos encontramos, até o presente, de remontar a esta matéria primeira, de outra forma que não seja pelo pensamento, estes corpos são para nós verdadeiros elementos e podemos considerá-los como tais, até nova ordem, sem que isso traga inconveniente.

a) Esta teoria parece dar razão à opinião daqueles que só admitem na matéria duas propriedades essenciais: a força e o movimento, e que pensam que todas as outras propriedades são apenas efeitos secundários que variam segundo a intensidade da força e a direção do movimento?

“Esta opinião é exata. É preciso acrescentar ainda: conforme a disposição das moléculas, como o vês, por exemplo, num corpo opaco que pode tornar-se transparente e vice-versa.”

34. As moléculas têm uma forma determinada?

“Sem dúvida as moléculas têm uma forma, mas que não é apreciável por vós.”

a) Esta forma é constante ou variável?

“Constante, para as moléculas elementares primitivas, porém, variável, para as moléculas secundárias que são, elas próprias, somente aglomerações das primeiras; pois o que chamais molécula está longe ainda da molécula elementar.”

⁶ Este princípio explica o fenômeno conhecido de todos os magnetizadores e que consiste em dar, pela ação da vontade, a uma substância qualquer, à água, por exemplo, propriedades muito diversas: um gosto determinado e até as qualidades ativas de outras substâncias. Visto que só há um elemento primitivo e que as propriedades dos diferentes corpos são apenas modificações deste elemento, daí resulta que a substância mais inofensiva tem o mesmo princípio que a mais deletéria. Assim, a água, que é formada de uma parte de oxigênio e de duas de hidrogênio, torna-se corrosiva, se duplicamos a proporção de oxigênio.⁷ Uma transformação análoga pode produzir-se pela ação magnética dirigida pela vontade.

⁷ **Água:** H₂O (formada de dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio). Se duplicamos a proporção de oxigênio, teremos H₂O₂ = água oxigenada. (N.T.)

Espaço Universal

35. O espaço universal é infinito ou limitado?

“Infinito. Imagina-o limitado; o que haveria além? Isto confunde tua razão, bem o sei, todavia, tua razão te diz que não pode ser de outra maneira. O mesmo se dá com o infinito em todas as coisas; não é na vossa pequenina esfera que podeis compreendê-lo.”

Se imaginarmos um limite para o Espaço, por mais distante que o pensamento possa concebê-lo, a razão diz que, além deste limite, há alguma coisa e assim, gradativamente, até o infinito; e mesmo que esta alguma coisa fosse o vazio absoluto, ainda assim seria Espaço.

36. O vazio absoluto existe, em alguma parte, no Espaço universal?

“Não, nada está vazio; o que está vazio para ti está ocupado por uma matéria que escapa aos teus sentidos e aos teus instrumentos.”



Capítulo III

Criação

- 1. Formação dos Mundos.**
- 2. Formação dos Seres Vivos.**
- 3. Povoamento da Terra. Adão.**
- 4. Diversidade das Raças Humanas.**
- 5. Pluralidade dos Mundos.**
- 6. Considerações e Concordâncias Bíblicas no Tocante à Criação.**

Formação dos Mundos

O Universo compreende a infinidade dos mundos que vemos e dos que não vemos, todos os seres animados e inanimados, todos os astros que se movem no Espaço, assim como os fluidos que o preenchem.

37. O Universo foi criado, ou existe de toda a eternidade, como Deus?

“Certamente, ele não se pôde fazer sozinho e, se existisse de toda a eternidade, como Deus, não poderia ser obra de Deus.”

A razão nos diz que o Universo não pôde fazer-se a si mesmo e que, não podendo ser a obra do acaso, deve ser a obra de Deus.

38. Como Deus criou o Universo?

“Para me servir de uma expressão corrente: por sua Vontade. Nada caracteriza melhor esta vontade onipotente do que estas belas palavras da Gênese: “Deus disse: Faça-se a luz e a luz foi feita.”

39. Podemos conhecer o modo da formação dos mundos?

“Tudo o que se pode dizer e o que podeis compreender é que os mundos se formam pela condensação da matéria disseminada no Espaço.”

40. Os cometas seriam, como agora se pensa, um início de condensação da matéria e mundos em via de formação?

“Isto está correto; porém, o que é absurdo é acreditar na influência deles. Refiro-me a essa influência que vulgarmente lhes atribuem, pois todos os corpos celestes têm sua parte de influência em certos fenômenos físicos.”

41. Um mundo completamente formado pode desaparecer e a matéria que o compõe disseminar-se de novo no Espaço?

“Sim, Deus renova os mundos, como renova os seres vivos.”

42. Podemos conhecer a duração da formação dos mundos: da Terra, por exemplo?

“Não posso te dizer isto, pois só o Criador o sabe e bem louco seria quem pretendesse sabê-lo, ou conhecer o número de séculos desta formação.”

Formação dos Seres Vivos

43. Quando a Terra começou a ser povoada?

“No começo tudo era caos; os elementos estavam confundidos. Pouco a pouco, cada coisa tomou seu lugar; então, apareceram os seres vivos apropriados ao estado do globo.”

44. De onde vieram os seres vivos para a Terra?

“A Terra continha-lhes os germens que aguardavam o momento favorável para se desenvolver. Os princípios orgânicos se reuniram, desde que cessou a força que os mantinha afastados, e eles formaram os germens de todos os seres vivos. Os germens permaneceram em estado latente e inerte, como a crisálida e as sementes das plantas, até o momento propício à eclosão de cada espécie; então, os seres de cada espécie reuniram-se e se multiplicaram.”

45. Onde estavam os elementos orgânicos antes da formação da Terra?

“Eles se achavam, por assim dizer, em estado fluídico, no Espaço, no ambiente dos Espíritos, ou em outros planetas, aguardando a criação da Terra para iniciar uma nova existência em um globo novo.”

A Química nos mostra as moléculas dos corpos inorgânicos unindo-se para formar cristais de uma regularidade constante, conforme cada espécie, desde que estejam nas condições desejadas. A menor perturbação nestas condições é suficiente para impedir a reunião dos elementos, ou, pelo menos, a disposição regular que constitui o cristal. Por que o mesmo não se daria com elementos orgânicos? Conservamos, durante anos, germens de plantas e de animais que só se desenvolvem a uma dada temperatura e num meio propício; têm-se visto grãos de trigo germinar após vários séculos. Há, portanto, nessas sementes um princípio *latente* de vitalidade que apenas aguarda uma circunstância favorável para se desenvolver. O que acontece, diariamente, sob os nossos olhos, não pode ter ocorrido desde a origem do globo? Esta formação dos seres vivos saindo do caos pela própria força da Natureza, tira alguma coisa da grandeza de Deus? Longe disso, ela responde melhor à idéia que fazemos de seu poder, exercendo-se sobre mundos infinitos através de leis eternas. Esta teoria não resolve, é verdade, a questão da origem dos elementos vitais; Deus, porém, tem seus mistérios, e pôs limites às nossas investigações.

46. Ainda há seres que nasçam espontaneamente?

“Sim, porém o germen primitivo já existia em estado latente. Sois testemunhas, todos os dias, deste fenômeno. Os tecidos do corpo humano e dos animais não encerram os germens de uma multidão de vermes que aguardam, para eclodir, a fermentação pútrida necessária à sua existência? É um mundo minúsculo que dormita e que se cria.”

47. A espécie humana encontrava-se entre os elementos orgânicos contidos no globo terrestre?

“Sim, e ela veio a seu tempo; foi o que fez com que se dissesse que o homem tinha sido formado do limo da terra.”

48. Podemos conhecer a época da aparição do homem e dos outros seres vivos na Terra?

“Não, todos os vossos cálculos são quiméricos.”

49. Se o gérmen da espécie humana encontrava-se entre os elementos orgânicos do globo, por que não se formam, espontaneamente, homens, como na origem destes?

“O princípio das coisas está nos segredos de Deus; todavia, pode-se dizer que os homens, uma vez espalhados pela Terra, absorveram em si mesmos os elementos necessários à sua formação para transmiti-los, segundo as leis da reprodução. O mesmo se dá com as diferentes espécies de seres vivos.”

Povoamento da Terra. Adão

50. A espécie humana começou por um único homem?

“Não; aquele a quem chamais Adão não foi o primeiro, nem o único que povoou a Terra.”

51. Podemos saber em que época vivia Adão?

“Aproximadamente, naquela que lhe assinalais; mais ou menos 4.000 anos antes do Cristo.”

O homem, cujo nome a tradição conservou como Adão, foi um daqueles que sobreviveram, numa região, após alguns dos grandes cataclismos que agitaram, em diversas épocas, a superfície do globo, e se tornou o tronco de uma das raças que, hoje, o povoam. As leis da Natureza se opõem a que os progressos da Humanidade, constatados muito tempo antes do Cristo, tenham podido se efetuar em alguns séculos, como se o homem estivesse na Terra, apenas a partir da época assinalada pela existência de Adão. Alguns consideram, e com mais razão, Adão como um mito ou uma alegoria que personifica as primeiras idades do mundo.

Diversidade das Raças Humanas

52. De onde vêm as diferenças físicas e morais que distinguem as variedades de raças humanas na Terra?

“Do clima, da vida e dos hábitos. O mesmo se dá com dois filhos de uma mesma mãe, que, educados longe e diferentemente um do outro, em nada se assemelharão quanto ao moral.”

53. O homem surgiu em vários pontos do globo?

“Sim e em diversas épocas, e aí está uma das causas da diversidade das raças; depois, os homens, dispersando-se sob diferentes climas e aliando-se a outras raças, formaram novos tipos.”

a) Estas diferenças constituem espécies distintas?

“Certamente que não, todos são da mesma família: as diferentes variedades do mesmo fruto o impedem de pertencer à mesma espécie?”

54. Se a espécie humana não procede de um único indivíduo, os homens devem deixar de considerar-se irmãos por isso?

“Todos os homens são irmãos em Deus, porque são animados pelo espírito e tendem para o mesmo objetivo. Quereis sempre tomar as palavras ao pé da letra.”

Pluralidade dos Mundos

55. Todos os globos que giram no Espaço são habitados?

“Sim, e o homem da Terra está longe de ser, como o supõe, o primeiro em inteligência, em bondade e em perfeição. Há, no entanto, homens que se acreditam muito fortes, que imaginam que este pequeno globo é o único a possuir o privilégio de conter seres racionais. Orgulho e vaidade! Acreditam que Deus criou o Universo unicamente para eles.”

Deus povoou os mundos de seres vivos que contribuem, todos, para o objetivo final da Providência. Acreditar que os seres vivos estejam limitados unicamente ao ponto que habitamos no Universo, seria colocar em dúvida a sabedoria de Deus, que nada fez de inútil; ele deve ter traçado para esses mundos um objetivo mais sério do que o de recrear nossa vista. Nada há, aliás, nem na posição, nem no volume, nem na constituição física da Terra, que possa, racionalmente, fazer supor que apenas ela tenha o privilégio de ser habitada, com exclusão de tantos milhares de mundos semelhantes.

56. A constituição física dos diferentes globos é a mesma?

“Não; eles de modo algum se assemelham.”

57. Não sendo a mesma para todos a constituição física dos mundos, segue-se que haja para os seres que os habitam uma organização diferente?

“Sem dúvida, assim como no vosso os peixes são feitos para viver na água e os pássaros no ar.”

58. Os mundos que se encontram mais afastados do Sol acham-se privados de luz e de calor, visto que o Sol não se mostra a eles senão sob a aparência de uma estrela?

“Credes, pois, que não haja outras fontes de luz e de calor além do Sol; e não leveis em conta a eletricidade que, em certos mundos, desempenha um papel que vos é desconhecido e bem mais importante do que na Terra? Além disso, não foi dito que todos os seres vêem da mesma maneira que vós e com órgãos constituídos como os vossos.”

As condições de existência dos seres que habitam os diferentes mundos devem ser apropriadas ao meio no qual eles são convocados a viver. Se nunca tivéssemos visto peixes, não compreenderíamos que seres pudessem viver na água. Assim é, em outros mundos, que encerram, sem dúvida, elementos que nos são desconhecidos. Não vemos, na Terra, as longas noites polares iluminadas pela eletricidade das auroras boreais? Nada há de impossível em que, em certos mundos, a eletricidade seja mais abundante do que na Terra e neles desempenhar um papel geral, cujos efeitos não podemos compreender? Esses mundos podem, portanto, encerrar, em si mesmos, as fontes de calor e de luz necessárias aos seus habitantes.

Considerações e Concordâncias Bíblicas no Tocante à Criação

59. Os povos formaram idéias muito divergentes sobre a Criação, conforme o grau de suas luzes. A razão, apoiada na Ciência, reconheceu a inverossimilhança de algumas teorias. A que é dada pelos espíritos confirma a opinião há muito tempo admitida pelos homens mais esclarecidos.

A objeção que se pode fazer a esta teoria é a de que ela contraria o texto dos livros sagrados; mas um exame sério leva a reconhecer que essa contradição é mais aparente do que real e que resulta da interpretação dada a algo, com freqüência explicado alegoricamente.

A questão do primeiro homem na pessoa de Adão, como origem exclusiva da Humanidade, não é, absolutamente, a única sobre a qual as crenças religiosas tiveram que se retificar. O movimento da Terra pareceu, em determinada época, tão oposto ao texto sagrado, que a toda espécie de perseguições essa teoria serviu de pretexto; e, entretanto, a Terra gira, apesar dos anátemas e ninguém, hoje, poderia contestá-lo sem depor contra sua própria razão.

A Bíblia diz, igualmente, que o mundo foi criado em seis dias e fixa-lhe a época em, aproximadamente, 4000 anos, antes da era cristã. Antes disso, a Terra não existia, tendo sido retirada do nada: o texto é formal; e eis que a Ciência positiva, a Ciência inexorável, vem provar o contrário. A formação do globo está escrita em caracteres imprescritíveis no mundo fóssil e está provado que os seis dias da criação correspondem a tantos períodos, cada um, talvez, de várias centenas de milhares de anos. Isto não é um sistema, uma doutrina, uma opinião isolada, é um fato tão consistente quanto o do movimento da Terra e que a Teologia não pode recusar-se a admitir, prova evidente do erro que se pode cometer, tomando ao pé da letra as expressões de uma linguagem, freqüentemente, figurada. Poder-se-ia daí concluir que a Bíblia é um erro? Não; porém, que os homens se enganaram ao interpretá-la.

A Ciência, escavando os arquivos da Terra, reconheceu a ordem na qual os diferentes seres vivos apareceram em sua superfície e esta ordem está de acordo com o que indica a Gênese, com a diferença de que esta obra, em vez de ter, milagrosamente, saído das mãos de Deus, em algumas horas, efetuou-se, sempre pela sua vontade, porém, segundo a lei das forças da Natureza, em alguns milhões de anos. Deus é, por isso, menor e menos poderoso? Sua obra é, menos sublime, por não ter o prestígio da instantaneidade? Evidentemente, não; seria preciso fazer-se uma idéia muito mesquinha da Divindade para não reconhecer sua onipotência nas leis eternas que ele estabeleceu para regerem os mundos. A Ciência, longe de depreciar a obra divina, no-la mostra sob um aspecto mais grandioso e mais condizente com as noções que temos do poder e da majestade de Deus, pelo próprio fato de que ela efetuou-se sem derrogar as leis da Natureza.

A Ciência, nesse ponto, de acordo com Moisés, coloca o homem em último lugar, na ordem da criação dos seres vivos; Moisés, porém, coloca o dilúvio universal, no ano de 1654,⁷ enquanto que a Geologia nos mostra o grande cataclismo como

⁷ Refere-se ao calendário judeu. (N.T.)

anterior à aparição do homem, visto que, até hoje, nenhum traço de sua presença foi encontrado nas camadas primitivas, nem o de animais da mesma categoria, do ponto de vista físico; mas, nada prova que isso seja impossível. Várias descobertas já lançaram dúvidas a esse respeito; pode, pois, acontecer que de um momento para o outro, adquira-se a certeza material desta anterioridade da raça humana e, então, reconhecer-se-á que, sobre este ponto, como sobre outros, o texto bíblico é uma figura. A questão está em saber se o cataclismo geológico é o mesmo de Noé; ora, o tempo necessário à formação das camadas fósseis não permite confundir-las e, desde o momento em que se encontrem os traços da existência do homem, antes da grande catástrofe, ficará provado, ou que Adão não é o primeiro homem, ou que a sua criação se perde na noite dos tempos. Contra a evidência, não há raciocínios possíveis e será preciso aceitar esse fato, como se aceitaram o do movimento da Terra e os seis períodos da Criação.

É verdade que a existência do homem, antes do dilúvio geológico, ainda é hipotética, porém, eis aqui algo que não é tanto: admitindo-se que o homem tenha aparecido pela primeira vez na Terra 4000 anos antes de Cristo, se 1650 anos mais tarde toda a raça humana foi destruída, com exceção de uma única família, daí resulta que o povoamento da Terra data apenas de Noé, isto é, de 2350 anos antes da nossa era. Ora, quando os hebreus emigraram para o Egito, no décimo oitavo século,⁸ encontraram esse país muito povoado e já bastante adiantado em civilização. A História prova que, nessa época, as Índias e outros países estavam igualmente florescentes, sem mesmo se levar em conta a cronologia de alguns povos, que remonta a uma época bem mais recuada. Teria sido necessário, portanto, que do vigésimo quarto ao décimo oitavo século, isto é, no espaço de 600 anos, não somente a posteridade de um único homem tivesse podido povoar todas as imensas regiões, então conhecidas, supondo que as outras não o fossem, mas também que, nesse curto intervalo de tempo, a espécie humana tivesse podido elevar-se da ignorância absoluta do estado primitivo ao mais alto grau do desenvolvimento intelectual, o que contraria todas as leis antropológicas.

A diversidade das raças vem, ainda, ratificar esta opinião. O clima e os costumes produzem, certamente, modificações de caráter físico; sabe-se, contudo, até onde pode ir a influência destas causas e o exame fisiológico prova que há, entre certas raças, diferenças constitucionais mais profundas do que as que o clima pode produzir. O cruzamento das raças origina os tipos intermediários; ele tende a apagar os caracteres extremos, mas não os produz; cria apenas variedades. Ora, para que tenha havido cruzamento de raças, seria preciso que houvesse raças distintas. E como explicar a existência delas, dando-lhes uma origem comum e, sobretudo, tão próxima? Como admitir que, em poucos séculos, alguns descendentes de Noé tenham-se transformado ao ponto de produzirem a raça etíope, por exemplo; uma tal metamorfose não é mais admissível, que a hipótese de uma origem comum para o lobo e a ovelha, o elefante e o pulgão, o pássaro e o peixe. Ainda uma vez, nada poderia prevalecer contra a evidência dos fatos. Ao contrário, tudo se

⁸ Como em nota anterior, refere-se ao calendário judeu. (N.T.)

explica, admitindo-se a existência do homem, antes da época que, vulgarmente, lhe é atribuída; a diversidade das origens; Adão vivendo há 6000 anos, povoando uma região ainda desabitada; o dilúvio de Noé, como uma catástrofe parcial, confundida com o cataclismo geológico; finalmente, levando-se em conta a forma alegórica própria ao estilo oriental e que se encontra nos livros sagrados de todos os povos. Eis por que que é prudente não agir com leviandade, julgando falsas doutrinas que podem, mais cedo ou mais tarde, como tantas outras, desmentir aqueles que as combatem. As idéias religiosas, longe de perderem, se engrandecem, caminhando com a Ciência; este o único meio de não mostrarem um lado vulnerável ao cepticismo.



Capítulo IV

Princípio Vital

1. Seres Orgânicos e Inorgânicos.

2. A Vida e a Morte.

3. Inteligência e Instinto.

Seres Orgânicos e Inorgânicos

Os seres orgânicos são os que têm em si uma fonte de atividade íntima que lhes dá a vida; nascem, crescem, reproduzem-se por si mesmos e morrem; são providos de órgãos especiais para a execução dos diferentes atos da vida e que são apropriados às suas necessidades, para sua conservação. Destes fazem parte os homens, os animais e as plantas. Os seres inorgânicos são todos aqueles que não possuem vitalidade, nem movimentos próprios e que são formados apenas pela agregação da matéria; assim, são os minerais, a água, o ar, etc.

60. A força que une os elementos da matéria nos corpos orgânicos e nos corpos inorgânicos é a mesma?

“Sim, a lei de atração é a mesma para todos.”

61. Há diferença entre a matéria dos corpos orgânicos e a dos corpos inorgânicos?

“A matéria é sempre a mesma, porém nos corpos orgânicos ela está animalizada.”

62. Qual a causa da animalização da matéria?

“Sua união com o princípio vital.”

63. O princípio vital reside num agente particular, ou é apenas uma propriedade da matéria organizada; numa palavra, é um efeito ou uma causa?

“Um e outra. A vida é um efeito produzido pela ação de um agente sobre a matéria; este agente, sem a matéria, não é a vida, assim como a matéria não pode viver sem esse agente. Ele dá a vida a todos os seres que o absorvem e o assimilam.”

64. Vimos que o espírito e a matéria são dois elementos constitutivos do Universo; o princípio vital forma um terceiro?

“É, certamente, um dos elementos necessários à constituição do Universo, mas ele próprio tem sua origem na matéria universal modificada; é um elemento,

para vós, como o oxigênio e o hidrogênio que, entretanto, não são elementos primitivos, pois tudo isso parte de um mesmo princípio.”

a) Parece resultar, daí, que a vitalidade não tem seu princípio num agente primitivo distinto, mas numa propriedade especial da matéria universal, devida a certas modificações.

“É a conseqüência do que dissemos.”

65. O princípio vital reside num dos corpos que conhecemos?

“Ele tem sua origem no fluido universal; é o que chamais fluido magnético ou fluido elétrico animalizado. Ele é o intermediário, o elo entre o espírito e a matéria.”

66. O princípio vital é o mesmo para todos os seres orgânicos?

“Sim, modificado segundo as espécies. É o que lhes dá o movimento e a atividade e os distingue da matéria inerte; pois o movimento da matéria não é a vida; ela recebe este movimento, não o dá.”

67. A vitalidade é um atributo permanente do agente vital, ou, então, esta vitalidade só se desenvolve pelo funcionamento dos órgãos?

“Ela só se desenvolve com o corpo. Não temos dito que esse agente sem a matéria não é a vida? É necessária a união das duas coisas para produzir a vida.”

a) Pode-se dizer que a vitalidade se acha em estado latente, quando o agente vital não está unido ao corpo?

“Sim, é isto.”

O conjunto dos órgãos constitui uma espécie de mecanismo que recebe sua impulsão da atividade íntima ou princípio vital que neles existe. O princípio vital é a força motriz dos corpos orgânicos. Ao mesmo tempo que o agente vital dá a impulsão aos órgãos, a ação dos órgãos entretém e desenvolve a atividade do agente vital, quase como o atrito desenvolve o calor.

A Vida e a Morte

68. Qual é a causa da morte nos seres orgânicos?

“Esgotamento dos órgãos.”

a) Poder-se-ia comparar a morte à cessação do movimento numa máquina desorganizada?

“Sim, se a máquina está desajustada, cessa a atividade; se o corpo está enfermo, a vida se extingue.”

69. Por que uma lesão do coração causa mais a morte do que a de outros órgãos?

“O coração é uma máquina de vida; mas o coração não é o único órgão cuja lesão ocasiona a morte; ele é apenas uma das peças essenciais.”

70. O que se tornam a matéria e o princípio vital dos seres orgânicos, quando da morte destes?

“A matéria inerte se decompõe e forma outros; o princípio vital retorna à massa.”

Estando morto o ser orgânico, os elementos dos quais é formado sofrem novas combinações, que constituem novos seres; estes haerem na fonte universal o princípio da vida e da atividade, absorvem-no e o assimilam, para devolvê-lo a essa fonte, quando deixarem de existir.

Os órgãos são impregnados, por assim dizer, de fluido vital. Esse fluido dá a todas as partes do organismo uma atividade que possibilita seu inter-relacionamento e, em certas lesões, restabelece funções, momentaneamente suspensas. Porém, quando os elementos essenciais ao funcionamento dos órgãos estão destruídos, ou muito profundamente alterados, o fluido vital é impotente para lhes transmitir o movimento da vida e o ser morre.

Os órgãos reagem, mais ou menos necessariamente, uns sobre os outros; é da harmonia de seu conjunto que resulta sua ação recíproca. Quando uma causa qualquer destrói esta harmonia, suas funções cessam, como o movimento de um mecanismo cujas peças essenciais estão escangalhadas. Assim como um relógio que com o tempo se gasta ou se quebra por acidente e cuja força motriz é impotente para colocar em movimento.

Num aparelho elétrico, temos uma imagem mais exata da vida e da morte. Este aparelho, como todos os corpos da Natureza, contém a eletricidade em estado latente. Os fenômenos elétricos apenas se manifestam, quando o fluido é colocado em atividade por uma causa especial: então, poder-se-ia dizer que o aparelho está vivo. Vindo a cessar a causa da atividade, o fenômeno cessa: o aparelho retorna ao estado de inércia. Os corpos orgânicos seriam, assim, espécies de pilhas ou aparelhos elétricos nos quais a atividade do fluido produz o fenômeno da vida: a cessação dessa atividade produz a morte.

A quantidade de fluido vital não é absoluta em todos os seres orgânicos; ela varia segundo as espécies e não é constante, nem no mesmo indivíduo, nem nos indivíduos da mesma espécie. Há aqueles que estão, por assim dizer, saturados dele, enquanto que outros possuem-no apenas numa quantidade suficiente; daí, para alguns a vida mais ativa, mais tenaz, e de certa forma, superabundante.

A quantidade de fluido vital se esgota; ela pode se tornar insuficiente para a manutenção da vida, se não for renovada pela absorção e a assimilação das substâncias que o contêm.

O fluido vital se transmite de um indivíduo a um outro indivíduo. Aquele que o possui em maior quantidade, pode dá-lo àquele que possui menos, e em certos casos, reacender a vida prestes a extinguir-se.

Inteligência e Instinto

71. A inteligência é um atributo do princípio vital?

“Não, visto que as plantas vivem e não pensam: elas só possuem a vida orgânica. A inteligência e a matéria são independentes, já que um corpo pode viver sem a inteligência; mas, a inteligência só pode manifestar-se por meio dos órgãos materiais; é necessária a união do espírito para intelectualizar a matéria animalizada.”

A inteligência é uma faculdade especial, própria a algumas classes de seres orgânicos e que lhes dá, com o pensamento, a vontade de agir, a consciência de sua existência e de sua individualidade, assim como os meios de estabelecer relações com o mundo exterior e de proverem às suas necessidades.

Podem distinguir-se assim: 1^o) os seres inanimados, constituídos unicamente de matéria, sem vitalidade nem inteligência: são os corpos brutos; 2^o) os seres animados que não pensam, formados de matéria e dotados de vitalidade, porém, desprovidos de inteligência; 3^o) os seres animados que pensam, formados de matéria, dotados de vitalidade e que possuem a mais um princípio inteligente que lhes dá a faculdade de pensar.

72. Qual é a fonte da inteligência?

“Nós o dissemos: a inteligência universal.”

a) Poder-se-ia dizer que cada ser haure uma porção de inteligência da fonte universal e a assimila, como haure e assimila o princípio da vida material?

“Isto é apenas uma comparação, mas que não é exata, porque a inteligência é uma faculdade peculiar a cada ser e constitui sua individualidade moral. Além disso, vós o sabeis, há coisas que não é dado ao homem penetrar e esta, no momento, é uma delas.”

73. O instinto é independente da inteligência?

“Não, precisamente, pois é uma espécie de inteligência. O instinto é uma inteligência não racionada. É através dele que todos os seres provêm às suas necessidades.”

74. Pode-se demarcar um limite entre o instinto e a inteligência, isto é, precisar onde termina um e onde começa a outra?

“Não, pois, freqüentemente, eles se confundem; porém, podem-se distinguir, muito bem, os atos que advêm do instinto daqueles que derivam da inteligência.”

75. É certo dizer que as faculdades instintivas diminuem à medida que crescem as faculdades intelectuais?

“Não; o instinto existe sempre, mas o homem o despreza. O instinto pode também conduzir ao bem; ele quase sempre nos guia e, algumas vezes, com mais segurança do que a razão; ele nunca se extravia.”

a) Por que a razão nem sempre é guia infalível?

“Ela seria infalível, se não fosse falseada pela má educação, pelo orgulho e pelo egoísmo. O instinto não raciona; a razão permite a escolha e dá ao homem o livre-arbítrio.”

O instinto é uma inteligência rudimentar que difere da inteligência propriamente dita, pelo fato de que suas manifestações são quase sempre espontâneas, enquanto que as da inteligência são o resultado de uma combinação e de um ato deliberado.

O instinto varia em suas manifestações, segundo as espécies e suas necessidades. Nos seres que têm a consciência e a percepção das coisas exteriores, ele se alia à inteligência, isto é, à vontade e à liberdade.



SEGUNDA PARTE

MUNDO ESPÍRITA
OU DOS ESPÍRITOS

Capítulo I

Dos Espíritos

1. Origem e Natureza dos Espíritos.
2. Mundo Normal Primitivo.
3. Forma e Ubiquidade dos Espíritos.
4. Perispírito.
5. Diferentes Ordens de Espíritos.
6. Escala Espírita.
7. Progressão dos Espíritos.
8. Anjos e Demônios.

Origem e Natureza dos Espíritos

76. Que definição se pode dar dos Espíritos?

“Pode-se dizer que os Espíritos são os seres inteligentes da criação. Povoam o Universo fora do mundo material.”

Nota: A palavra *Espírito* é empregada, aqui, para designar as individualidades dos seres extracorpóreos e não mais o elemento inteligente universal.

77. Os Espíritos são seres distintos da Divindade, ou seriam, apenas emanações ou porções da Divindade e chamados, por essa razão, de filhos de Deus?

“Meu Deus! São obra sua, exatamente como um homem que fabrica uma máquina; essa máquina é obra do homem e não ele próprio. Sabes que, quando o homem faz uma coisa bela, útil, ele a chama de sua filha, sua criação. Pois bem! O mesmo se dá com relação a Deus: somos seus filhos, visto que somos sua obra.”

78. Os Espíritos tiveram um início, ou existem, como Deus, de toda eternidade?

“Se os Espíritos não tivessem tido início, seriam iguais a Deus, ao passo que são sua criação e estão submetidos à sua vontade. Deus existe de toda eternidade, isto é incontestável; nada sabemos, porém, sobre quando e como nos criou. Podes dizer que não tivemos início, se entendes com isso que Deus, sendo eterno, deve ter criado ininterruptamente; mas, quando e como cada um de nós foi feito, repito-te, ninguém o sabe: aí é que está o mistério.”

79. Visto que há dois elementos gerais no Universo: o elemento inteligente e o elemento material, poder-se-ia dizer que os Espíritos são formados do elemento inteligente, como os corpos inertes o são do elemento material?

“É evidente; os Espíritos são a individualização do princípio inteligente, como os corpos são a individualização do princípio material; a época e o modo dessa formação é que são desconhecidos.”

80. A criação dos Espíritos é permanente, ou só ocorreu na origem dos tempos?

“Ela é permanente; quer dizer: Deus nunca deixou de criar.”

81. Os Espíritos se formam espontaneamente, ou procedem uns dos outros?

“Deus os cria, como todas as outras criaturas, pela sua vontade; mas, ainda uma vez, sua origem é um mistério.”

82. É correto dizer que os Espíritos são imateriais?

“Como se pode definir uma coisa, quando faltam termos de comparação e com uma linguagem ineficiente? Um cego de nascença pode definir a luz? Imaterial não é bem a palavra; incorpóreo seria mais exato, pois debes compreender bem que o Espírito, sendo uma criação, deve ser alguma coisa; é matéria quintessenciada, porém, sem analogia para vós, e tão etérea que não pode ser percebida pelos vossos sentidos.”

Dizemos que os Espíritos são imateriais, porque sua essência difere de tudo o que conhecemos sob o nome de matéria. Um povo de cegos não teria, absolutamente, termos para exprimir a luz e seus efeitos. O cego de nascença acredita ter todas as percepções através da audição, do olfato, do paladar e do tato; não compreende as idéias que o sentido que lhe falta lhe proporcionaria. Do mesmo modo, somos verdadeiros cegos, com relação à essência dos seres sobre-humanos. Podemos defini-los apenas através de comparações, sempre imperfeitas, ou por um esforço de nossa imaginação.

83. Os Espíritos têm um fim? Compreende-se que o princípio de onde emanam seja eterno, mas o que perguntamos é se suas individualidades têm um termo e se num dado tempo, mais ou menos longo, o elemento do qual são formados não se dissemina e não retorna à massa como acontece com os corpos materiais? É difícil compreender que uma coisa que teve começo possa não ter fim.

“Há muitas coisas que não compreendeis, porque vossa inteligência é limitada; e isto não é motivo para rejeitá-las. O filho não compreende tudo o que seu pai compreende, nem o ignorante tudo o que o sábio compreende. Dizemos que a existência dos Espíritos não tem fim; é tudo o que podemos dizer, agora.”

Mundo Normal Primitivo

84. Os Espíritos constituem um mundo à parte, fora daquele que vemos?

“Sim, o mundo dos Espíritos ou das inteligências incorpóreas.”

85. Qual dos dois, o mundo espírita ou o mundo corporal, é o principal, na ordem das coisas?

“O mundo espírita; ele é preexistente e sobrevive a tudo.”

86. O mundo corporal poderia deixar de existir, ou não ter jamais existido, sem alterar a essência do mundo espírita?

“Sim; eles são independentes e, todavia, a correlação entre eles é incessante, pois reagem, incessantemente, um sobre o outro.”

87. Os Espíritos ocupam uma região determinada e circunscrita no espaço?

“Os Espíritos estão por toda a parte; povoam os espaços sem fim, até o infinito. Estão, constantemente, ao vosso lado, vos observam e atuam sobre vós, sem que o percebeis, pois os Espíritos são uma das potências da Natureza e os instrumentos de que Deus se serve para o cumprimento de seus desígnios providenciais. Porém, nem todos vão a toda parte, porquanto há regiões interditas aos menos adiantados.”

Forma e Ubiqüidade dos Espíritos

88. Os Espíritos têm uma forma determinada, limitada e constante?

“Aos vossos olhos, não; aos nossos, sim; são, se quiserdes, uma chama, um clarão, ou uma centelha etérea.”

a) Esta chama ou centelha tem uma cor qualquer?

“Para vós, ela varia do opaco ao brilho do rubi, conforme o espírito seja mais ou menos puro.”

Comumente, representam-se os gênios com uma chama ou uma estrela na fronte; é uma alegoria que lembra a natureza essencial dos Espíritos. É colocada no topo da cabeça, porque aí está a sede da inteligência.

89. Os Espíritos levam algum tempo para percorrer o espaço?

“Sim; porém, rápido como o pensamento.”

a) O pensamento não é a própria alma que se transporta?

“Quando o pensamento está em alguma parte, a alma também aí está, visto que é a alma quem pensa. O pensamento é um atributo.”

90. O Espírito que se transporta de um lugar para outro tem consciência da distância que percorre e dos espaços que atravessa, ou é subitamente transportado ao lugar onde quer ir?

“As duas coisas; o Espírito pode muito bem, se o quiser, dar-se conta da distância que atravessa; mas também esta distância pode apagar-se completamente; isto depende de sua vontade e, ainda, de sua natureza mais ou menos depurada.”

91. A matéria opõe obstáculo aos Espíritos?

“Não, eles penetram em tudo: o ar, a terra, as águas, até o fogo lhes são igualmente acessíveis.”

92. Os Espíritos têm o dom da ubiqüidade; em outras palavras, o mesmo espírito pode se dividir, ou existir em vários pontos ao mesmo tempo?

“Não pode haver divisão do mesmo Espírito; porém, cada um é um centro que irradia para diferentes lados e é por isso que parece estar em vários lugares ao mesmo tempo. Vês o Sol? Ele é apenas um e, entretanto, irradia em todos os sentidos e emite os seus raios até bem distante; apesar disto, ele não se divide.”

a) Todos os Espíritos irradiam com a mesma potência?

“Falta muito para tal; isto depende do grau de pureza em que se encontrem.”

Cada Espírito é uma unidade indivisível, mas cada um deles pode estender seu pensamento para diversos lados, sem que para isto se divida. É apenas neste sentido que se deve entender o dom da ubiqüidade atribuído aos espíritos. Assim como uma centelha projeta ao longe sua claridade e pode ser percebida de todos os pontos do horizonte. Ou, ainda, como um homem que, sem mudar de lugar e sem se fracionar, pode transmitir ordens, sinais e o movimento a diferentes pontos.

Perispírito

93. O Espírito, propriamente dito, está a descoberto ou, como alguns o pretendem, encontra-se envolto numa substância qualquer?

“O Espírito é envolvido por uma substância vaporosa para ti, porém, ainda muito grosseira para nós; todavia, bastante vaporosa para poder elevar-se na atmosfera e transportar-se para onde ele queira.”

Como o gérmen de um fruto está envolto pelo perisperma, assim também o Espírito, propriamente dito, reveste-se de um invólucro que, por comparação, pode-se chamar de *perispírito*.

94. De onde o Espírito retira seu envoltório semi-material?

“Do fluido universal de cada globo. É por isso que não é idêntico em todos os mundos; passando de um mundo a outro, o Espírito muda de envoltório, como mudais de roupa.”

a) Assim, quando os Espíritos que habitam mundos superiores vêm até nós, tomam um perispírito mais grosseiro?

“É preciso que se revistam da vossa matéria; já o dissemos.”

95. O envoltório semimaterial do Espírito dispõe de formas determinadas e pode ser perceptível?

“Sim, uma forma correspondente à vontade do Espírito; é assim que ele vos aparece algumas vezes, quer nos sonhos, quer no estado de vigília, e que pode tomar uma forma visível e até mesmo palpável.”

Diferentes Ordens de Espíritos

96. Os Espíritos são iguais, ou existe, entre eles, algum tipo de hierarquia?

“São de diferentes ordens, conforme o grau de perfeição a que tenham chegado.”

97. Há um número determinado de ordens ou de graus de perfeição entre os espíritos?

“Este número é ilimitado, porque, entre essas ordens, não há uma linha de demarcação traçada como barreira e, desta forma, podem-se multiplicar ou restringir as divisões à vontade; todavia, considerando-se os caracteres gerais, pode-se reduzi-las a três principais.”

“Na primeira ordem, situam-se os que atingiram a perfeição: os puros Espíritos; os da segunda chegaram ao meio da escala: o desejo do bem é a preocupação

deles. Os da última ordem ainda estão na parte inferior da escala: os Espíritos imperfeitos. São caracterizados pela ignorância, o desejo do mal e todas as más paixões que retardam o seu adiantamento.”

98. Os espíritos da segunda ordem possuem somente o desejo do bem; têm eles, também, o poder de praticá-lo?

“Eles têm este poder, conforme o seu grau de perfeição: uns possuem a ciência, outros a sabedoria e a bondade, todos, porém, ainda têm provas a suportar.”

99. Os Espíritos da terceira ordem são todos essencialmente maus?

“Não; uns não fazem o bem nem o mal; outros, ao contrário, se comprazem no mal e ficam satisfeitos, quando encontram ocasião de praticá-lo. E há, ainda, os Espíritos levianos ou *travessos*, mais perturbadores do que maus, que se comprazem muito mais na malícia do que na maldade, encontrando prazer em mistificar e em causar pequenas contrariedades, de que se riem.”

Escala Espírita

100. *Observações preliminares.* — A classificação dos Espíritos está baseada no grau de adiantamento deles, nas qualidades que adquiriram e nas imperfeições de que ainda têm que se despojar. Esta classificação, aliás, nada tem de absoluta; cada categoria, apenas no seu conjunto, apresenta um caráter distinto; porém, de um grau a outro, a transição é insensível e, nos limites, o matiz se apaga como nos reinos da Natureza, como nas cores do arco-íris, ou ainda, como nos diferentes períodos da vida do homem. Portanto, pode ser formulado um maior ou menor número de classes, segundo o ponto de vista sob o qual se considere a coisa. Ocorre, com este, o mesmo que com todos os sistemas de classificações científicas; estes sistemas podem ser mais ou menos completos, mais ou menos racionais, mais ou menos cômodos para a inteligência. Porém, sejam quais forem, nada mudam na base da Ciência. Os Espíritos, interrogados sobre esse ponto, podem, portanto, ter divergido, quanto ao número das categorias, sem que isso tenha importância. Armaram-se com esta contradição aparente, sem refletir que eles nenhuma importância dão ao que é puramente convencional; para eles o pensamento é tudo: deixam para nós a forma, a escolha dos termos, as classificações, numa palavra, os sistemas.

Acrescentemos ainda esta consideração, que não se deve jamais perder de vista: é que, entre os Espíritos, assim como entre os homens, há os muito ignorantes e não seria demais acautelar-se contra a tendência a crer que todos devem tudo saber, porque são Espíritos. Qualquer classificação exige método, análise e o conhecimento aprofundado do assunto. Ora, no mundo dos Espíritos, os que possuem conhecimentos limitados são, como neste mundo, os ignorantes, incapazes de apreender um conjunto, de formular um sistema; só imperfeitamente conhecem ou compreendem qualquer classificação; para eles, todos os Espíritos que lhes são superiores pertencem à primeira ordem, pois não podem apreciar os matices de saber, de capacidade e de moralidade que os distinguem, como entre

nós, um homem rude, com relação a homens civilizados. Mesmo aqueles que são capazes disto, podem divergir quanto às particularidades, conforme sejam os seus pontos de vista, principalmente, quando uma divisão nada tem de absoluta. Linée, Jussieu, Tournefort, tiveram, cada um, o seu método, e a Botânica não mudou por isso; é que eles não inventaram as plantas, nem suas características; observaram as analogias, segundo as quais, formaram os grupos ou classes. Foi desta maneira que procedemos; não inventamos os Espíritos, nem seus caracteres; vimos e observamos, julgamo-los pelas suas palavras e seus atos, depois, os classificamos pelas semelhanças, baseando-nos em dados que eles próprios nos forneceram.

Geralmente, os Espíritos admitem três categorias principais ou três grandes divisões. Na última, a que fica na base da escala, estão os Espíritos imperfeitos, caracterizados pela predominância da matéria sobre o Espírito e a propensão para o mal. Os da segunda, caracterizam-se pela predominância do Espírito sobre a matéria e pelo desejo do bem: são os bons Espíritos. A primeira, enfim, compreende os puros Espíritos, os que atingiram o grau supremo de perfeição.

Esta divisão parece-nos perfeitamente racional, apresentando características bem distintas; só nos restava ressaltar, através de um número suficiente de subdivisões, os principais matizes do conjunto; foi o que fizemos, com o concurso dos Espíritos, cujas instruções benévolas jamais nos faltaram.

Com o auxílio desse quadro, será fácil determinar a ordem e o grau de superioridade ou de inferioridade dos Espíritos com os quais possamos nos relacionar e, por conseguinte, o grau de confiança e de estima que mereçam; é, de certo modo, a chave da ciência espírita, pois só ele pode explicar anomalias que as comunicações apresentam, esclarecendo-nos sobre as desigualdades intelectuais e morais dos Espíritos. Ressaltaremos, entretanto, que os Espíritos não pertencem, definitivamente, a esta ou àquela classe; o progresso deles apenas gradualmente se efetua e, com freqüência, mais num sentido do que num outro; podem reunir os caracteres de várias categorias, o que é fácil apreciar pela linguagem deles e pelos seus atos.

Terceira Ordem — Espíritos Imperfeitos

101. *Caracteres gerais.* — Predominância da matéria sobre o Espírito. Propensão para o mal. Ignorância, orgulho, egoísmo e todas as más paixões que lhes são conseqüentes.

Têm a intuição de Deus, mas não o compreendem.

Nem todos são, essencialmente, maus; em alguns há mais leviandade, inconseqüência e malícia do que verdadeira maldade. Uns não fazem o bem nem o mal; mas, simplesmente por não fazerem o bem, denotam sua inferioridade. Outros, ao contrário, se comprazem no mal e ficam satisfeitos, quando encontram oportunidade de praticá-lo.

Eles podem aliar a inteligência à maldade ou à malícia; porém, qualquer que seja o seu desenvolvimento intelectual, suas idéias são pouco elevadas e seus sentimentos mais ou menos abjetos.

Seus conhecimentos sobre as coisas do mundo espírita são limitados e o pouco que sabem se confunde com as idéias e os preconceitos da vida corporal. Dele só nos podem dar noções falsas e incompletas; porém, o observador atento encontra, freqüentemente, nas suas comunicações, mesmo imperfeitas, a confirmação das grandes verdades ensinadas pelos Espíritos Superiores.

Seu caráter se revela através de sua linguagem. Todo Espírito que, em suas comunicações, trai um mau pensamento, pode ser classificado na terceira ordem; por conseguinte, todo mau pensamento que nos é sugerido vem de um Espírito dessa ordem.

Eles vêem a felicidade dos bons e esta visão é, para eles, um tormento incessante, porque experimentam todas as angústias que a inveja e o ciúme podem produzir.

Conservam a lembrança e a percepção dos sofrimentos da vida corporal, e esta impressão é, muitas vezes, mais penosa que a realidade. Sofrem, portanto, verdadeiramente pelos males que suportaram e por aqueles que fizeram os outros suportar; e, como sofrem por longo tempo, acreditam sofrer para sempre; Deus, para puni-los, quer que acreditem dessa forma.

Pode-se dividi-los em cinco classes principais.

102. *Décima classe. Espíritos impuros.* — São inclinados ao mal e dele fazem o objeto de suas preocupações. Como Espíritos, dão conselhos perversos, sopram a discórdia e a desconfiança e mascaram-se de todas as formas para melhor enganar. Ligam-se aos caracteres fracos o bastante para cederem às suas sugestões, a fim de impeli-los à sua perda, satisfeitos por poder retardar seu adiantamento, fazendo-os sucumbir nas provas que experimentam.

Nas manifestações, reconhecemo-los por sua linguagem: a trivialidade e a grosseria das expressões, nos espíritos como nos homens, é sempre um indício de inferioridade moral, senão intelectual. Suas comunicações revelam a baixaza de suas inclinações e, se querem iludir, falando de maneira sensata, não conseguem sustentar por muito tempo seu papel e sempre terminam por trair sua origem.

Alguns povos fizeram deles divindades maléficas, outros os designam sob os nomes de demônios, maus gênios, Espíritos do mal.

Os seres vivos que eles animam, quando estão encarnados, são inclinados a todos os vícios que as paixões vis e degradantes engendram: a sensualidade, a crueldade, a torpeza, a hipocrisia, a cupidez, a avariza sórdida. Fazem o mal pelo prazer de fazê-lo, na maioria das vezes sem motivos e, por ódio ao bem, escolhem quase sempre suas vítimas entre pessoas honestas. São flagelos para a Humanidade, em qualquer categoria social a que pertençam e o verniz da civilização não os preserva do opróbrio e da ignomínia.

103. *Nona classe. Espíritos levianos.* — São ignorantes, astuciosos, inconstantes e zombeteiros. Metem-se em tudo, respondem a tudo, sem se preocupar com a verdade. Gostam de causar pequenos desgostos e pequenas alegrias, de fazer intrigas, de induzir, maliciosamente, ao erro, através das mistificações e das

espertezas. Pertencem a esta classe os Espíritos vulgarmente designados sob os nomes de *duendes*, *diabretes*, *gnomos*, *trasgos*. Acham-se sob a dependência dos Espíritos superiores, que freqüentemente os utilizam, como o fazemos com os criados.

Nas suas comunicações com os homens, sua linguagem é, algumas vezes, espiritual e graciosa, porém, quase sempre, sem profundidade; captam os defeitos e os ridículos, que divulgam com traços mordazes e satíricos. Se tomam nomes supostos, é mais freqüentemente por malícia do que por maldade.

104. *Oitava classe. Espíritos Pseudo-sábios.* — Seus conhecimentos são bastante extensos, porém, acreditam saber mais do que realmente sabem. Tendo realizado alguns progressos sob diversos pontos de vista, a linguagem deles possui um caráter sério, que pode enganar sobre suas capacidades e suas luzes; mas, em geral, isto não passa de um reflexo dos preconceitos e das idéias sistemáticas da vida terrestre; é uma mistura de algumas verdades a erros os mais absurdos, por entre os quais manifestam-se a presunção, o orgulho, o ciúme e a teimosia de que não puderam despojar-se.

105. *Sétima classe. Espíritos neutros.* — Não são nem bastante bons para fazerem o bem, nem bastante maus para fazerem o mal; pendem tanto para um quanto para o outro e não se elevam acima da condição comum da Humanidade, tanto pelo moral quanto pela inteligência. Apegam-se às coisas deste mundo, de cujas alegrias grosseiras sentem saudades.

106. *Sexta classe. Espíritos batedores e perturbadores.* — Estes Espíritos, propriamente falando, não formam uma classe distinta, em vista de suas qualidades pessoais; podem pertencer a todas as classes da terceira ordem. Com freqüência, manifestam, sua presença, através de efeitos sensíveis e físicos, tais como as pancadas, o movimento e o deslocamento anormal dos corpos sólidos, a agitação do ar, etc. Parecem, mais do que os outros, presos à matéria; parecem ser os agentes principais das vicissitudes dos elementos do globo, quer ajam sobre o ar, a água, o fogo, os corpos duros ou nas entranhas da Terra. Reconhece-se que esses fenômenos não são devidos a uma causa fortuita e física, quando possuem um caráter intencional e inteligente. Todos os Espíritos podem produzir estes fenômenos, mas os Espíritos elevados os deixam, geralmente, como atribuições dos Espíritos subalternos, mais aptos para as coisas materiais do que para as questões intelectuais. Quando julgam que manifestações deste gênero são úteis, servem-se destes Espíritos como auxiliares.

Segunda Ordem — Bons Espíritos

107. *Caracteres gerais.* — Predominância do Espírito sobre a matéria; desejo do bem. Suas qualidades e seu poder para fazer o bem estão na razão do grau que atingiram: uns possuem a ciência, outros a sabedoria e a bondade; os mais adiantados reúnem o saber às qualidades morais. Não estando ainda completamente desmaterializados, conservam mais ou menos, conforme sua categoria, os traços da existência corporal, quer na forma da linguagem, quer nos seus hábitos

onde se encontram até algumas de suas manias; de outro modo, seriam Espíritos perfeitos.

Compreendem Deus e o infinito e já gozam da felicidade dos bons. São felizes pelo bem que fazem e pelo mal que impedem. O amor que os une é para eles a fonte de uma felicidade inefável que nem a inveja, nem os remorsos, nem nenhuma das más paixões, que constituem o tormento dos espíritos imperfeitos, conseguem alterar; todos, porém, têm ainda provas a suportar, até que tenham atingido a perfeição absoluta.

Como Espíritos, suscitam bons pensamentos, desviam os homens do caminho do mal, protegem na vida os que disto se tornam dignos e neutralizam a influência dos espíritos imperfeitos, sobre aqueles que não se comprazem em sofrê-la.

Os que estão encarnados são bons e benevolentes para com seus semelhantes; não são movidos pelo orgulho, nem pelo egoísmo, nem pela ambição; não experimentam ódio, nem rancor, nem inveja, nem ciúme e fazem o bem pelo bem.

A esta ordem pertencem os espíritos designados, nas crenças populares, como *bons gênios*, *gênios protetores*, *Espíritos do bem*. Nos tempos de superstição e ignorância, tomaram-nos por divindades benfazejas.

Pode-se dividi-los em quatro grupos principais:

108. *Quinta classe. Espíritos benévolos.* — A qualidade dominante neles é a bondade; agrada-lhes prestar serviço aos homens e protegê-los; seu saber, porém, é limitado: o progresso deles efetuou-se mais no sentido moral do que no sentido intelectual.

109. *Quarta classe. Espíritos eruditos.* — O que os distingue, especialmente, é a amplitude de seus conhecimentos. Preocupam-se menos com as questões morais do que com as científicas, para as quais têm maior aptidão; entretanto, só encaram a ciência do ponto de vista da utilidade e a ela não misturam nenhuma das paixões que são próprias dos Espíritos imperfeitos.

110. *Terceira classe. Espíritos sábios.* — As qualidades morais de ordem mais elevada formam seu caráter distintivo. Sem possuir conhecimentos ilimitados, são dotados de uma capacidade intelectual que lhes proporciona um julgamento sensato sobre os homens e sobre as coisas.

111. *Segunda classe. Espíritos superiores.* — Reúnem a ciência, a sabedoria e a bondade. Sua linguagem só denota a benevolência, sendo inalteravelmente digna, elevada, freqüentemente, sublime. Sua superioridade torna-os, mais do que os outros, aptos a nos dar as noções mais justas sobre as coisas do mundo incorpóreo, nos limites do que é permitido ao homem conhecer. Comunicam-se de boa vontade com aqueles que, de boa-fé, procuram a verdade e cuja alma já está bastante desprendida das ligações terrestres para compreendê-la; porém, afastam-se daqueles a quem apenas a curiosidade anima, ou em quem a influência da matéria desvia da prática do bem.

Quando, por exceção, encarnam na Terra, é para cumprir uma missão de progresso e nos oferecem, então, o tipo da perfeição a que a Humanidade pode aspirar neste mundo.

Primeira Ordem — Espíritos Puros

112. *Caracteres gerais.* — Nenhuma influência da matéria. Superioridade intelectual e moral absoluta, com relação aos espíritos das outras ordens.

113. *Primeira classe. Classe única.* — Percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Tendo atingido a soma de perfeição de que é suscetível a criatura, não têm mais que sofrer provas, nem expiações. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis, para eles é a vida eterna que realizam no seio de Deus.

Gozam de uma felicidade inalterável, porque não estão sujeitos às necessidades, nem às vicissitudes da vida material; mas, esta felicidade não é, absolutamente, a de uma *ociosidade monótona vivida numa perpétua contemplação*. Eles são os mensageiros e os ministros de Deus, cujas ordens executam, para a manutenção da harmonia universal. Comandam todos os Espíritos que lhes são inferiores, ajudam-nos a se aperfeiçoar e lhes designam sua missão. Assistir os homens no seu desespero, concitá-los ao bem ou à expiação das faltas que os afastam da felicidade suprema, constitui para eles uma suave ocupação. São designados, algumas vezes, sob os nomes de anjos, arcanjos ou serafins.

Os homens podem entrar em comunicação com eles, mas, seria muito preçoso aquele que pretendesse tê-los constantemente às suas ordens.

Progressão dos Espíritos

114. Os Espíritos são bons ou maus por sua natureza, ou são os próprios espíritos que se melhoram?

“Os próprios Espíritos que se melhoram; melhorando-se, passam de uma ordem inferior para uma ordem superior.”

115. Dentre os espíritos, uns foram criados bons e outros maus?

“Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, isto é, sem saber. Deu, a cada um deles uma missão, com o objetivo de esclarecê-los e de fazê-los chegar, progressivamente, à perfeição, pelo conhecimento da verdade e para aproximá-los dele. A felicidade eterna e sem mescla está, para eles, nesta perfeição. Os Espíritos adquirem esses conhecimentos passando pelas provas que Deus lhes impõe. Uns aceitam estas provas com submissão e chegam mais prontamente ao objetivo que lhes está destinado; outros só as suportam murmurando e, assim, permanecem, por sua culpa, afastados da perfeição e da felicidade prometida.”

a) Conforme dizeis, os Espíritos, em sua origem, se assemelhavam a crianças, ignorantes e sem experiência, adquirindo, porém, pouco a pouco, os conhecimentos que lhes faltam, ao percorrerem as diferentes fases da vida?

“Sim, a comparação é correta; a criança rebelde permanece ignorante e imperfeita; aproveita, mais ou menos, conforme sua docilidade; mas, a vida do homem tem um termo e a dos Espíritos estende-se ao infinito.”

116. Haverá Espíritos que permaneçam perpetuamente nas ordens inferiores?

“Não; todos se tornarão perfeitos. Eles mudam, porém, demoradamente, pois, como o dissemos de uma outra vez, um pai justo e misericordioso não pode banir eternamente seus filhos. Querias, então, que Deus, tão grande, tão bom, tão justo, fosse pior do que vós mesmos?”

117. Depende dos Espíritos a aceleração de seus progressos para a perfeição?

“Certamente; eles o conseguem com maior ou menor rapidez, conforme seu desejo e sua submissão à vontade de Deus. Uma criança dócil não se instrui mais depressa do que outra teimosa?”

118. Os Espíritos podem degenerar?

“Não; à medida que avançam, compreendem o que os afastava da perfeição. Quando o espírito termina uma prova, fica com o conhecimento adquirido e não o esquece. Pode permanecer estacionário, mas não retrograda.”

119. Deus não podia isentar os Espíritos das provas que devem sofrer para chegar à primeira ordem?

“Se tivessem sido criados perfeitos, não teriam mérito para gozar dos benefícios dessa perfeição. Onde estaria o mérito sem a luta? Além disso, a desigualdade que existe entre eles é necessária às suas personalidades; e, por fim, a missão que desempenham nesses diferentes graus está nos desígnios da Providência para a harmonia do Universo.”

Visto que, na vida social, todos os homens podem chegar às mais elevadas funções, seria o caso de se perguntar por que o soberano de um país não faz de cada um dos seus soldados um general; por que todos os empregados subalternos não são funcionários superiores; por que todos os colegiais não são mestres. Ora, há a seguinte diferença, entre a vida social e a vida espiritual: a primeira é limitada e nem sempre permite subir todos os degraus, enquanto que a segunda é indefinida e deixa a cada um a possibilidade de se elevar à ordem suprema.

120. Todos os espíritos passam pela feira do mal para chegar ao bem?

“Pela feira do mal, não; mas, pela da ignorância.”

121. Por que alguns Espíritos seguiram o caminho do bem e outros os do mal?

“Não têm eles seu livre-arbítrio? Deus não criou Espíritos maus; criou-os simples e ignorantes, isto é, tendo tanta aptidão para o bem quanto para o mal; os que são maus tornaram-se assim pela própria vontade.”

122. Como os Espíritos, em sua origem, quando ainda não têm consciência de si mesmos, podem ter a liberdade da escolha entre o bem e o mal? Há neles um princípio, uma tendência qualquer, que os leve de preferência a um caminho do que a um outro?

“O livre-arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo. Não haveria mais liberdade, se a escolha fosse provocada por

uma causa independente da vontade do Espírito. A causa não está nele, está fora dele, nas influências a que ele cede, em virtude de sua vontade livre. É a grande figura da queda do homem e do pecado original: uns cederam à tentação, outros resistiram.”

a) De onde vêm as influências que se exercem sobre ele?

“Dos Espíritos imperfeitos que procuram apoderar-se dele, dominá-lo e que ficam felizes por fazê-lo sucumbir. Foi o que se quis simbolizar na figura de Satã.”

b) Essa influência só se exerce sobre o espírito em sua origem?

“Ela o segue na sua vida de Espírito, até que ele tenha tanto domínio sobre si mesmo, que os maus renunciem a obsidiá-lo.”

123. Por que Deus permitiu que os Espíritos pudessem seguir o caminho do mal?

“Como ousais pedir a Deus contas de seus atos? Supondes poder entender seus desígnios? Podeis, todavia, vos dizer o seguinte: A sabedoria de Deus está na liberdade de escolher, que ele deixa a cada um, porquanto cada um tem o mérito de suas obras.”

124. Visto que há Espíritos que, desde o princípio, seguem o caminho do bem absoluto e outros o do mal absoluto, há, sem dúvida, graus, entre esses dois extremos?

“Sim, certamente, e constituem a grande maioria.”

125. Os Espíritos que seguiram o caminho do mal poderão chegar ao mesmo grau de superioridade que os outros?

“Sim, mas as *eternidades* serão mais longas para eles.”

Por esta palavra —*eternidades*— deve-se entender a idéia que os Espíritos inferiores têm da perpetuidade de seus sofrimentos, porque não lhes é permitido ver o seu termo e porque esta idéia se renova em todas as provas às quais eles sucumbem.

126. Os Espíritos que chegaram ao grau supremo, após ter passado pelo mal, têm menos mérito que os outros aos olhos de Deus?

“Deus contempla os transviados de igual maneira e os ama a todos com o mesmo coração. Eles são chamados de maus, porque sucumbiram; antes, não eram senão simples espíritos.”

127. Os Espíritos são criados iguais quanto às faculdades intelectuais?

“São criados iguais, mas não sabendo de onde vêm, é preciso que o livre-arbítrio siga seu curso. Progridem mais ou menos rapidamente, tanto em inteligência como em moralidade.”

Os Espíritos que seguem, desde o princípio, o caminho do bem não são, por isso, Espíritos perfeitos; se não têm más tendências, não deixam de precisar adquirir a experiência e os conhecimentos necessários para alcançar a perfeição. Podemos compará-los a crianças que, apesar da bondade de seus instintos naturais, necessitam desenvolver-se, esclarecer-se

e não chegam, sem transição, da infância à idade madura; simplesmente, assim como temos homens que são bons e outros que são maus, desde sua infância, assim também há Espíritos que são bons ou maus desde seu princípio, com a diferença capital de que a criança tem instintos inteiramente formados, enquanto que o Espírito, quando da sua formação, não é mau nem bom; tem todas as tendências e toma uma ou outra direção, por efeito do seu livre-arbítrio.

Anjos e Demônios

128. Os seres que chamamos anjos, arcanjos, serafins, formam uma categoria especial, de natureza diferente dos outros Espíritos?

“Não; são os espíritos puros: os que estão no mais alto grau da escala e reúnem todas as perfeições.”

A palavra *anjo* desperta, geralmente, a idéia da perfeição moral; todavia, ela é aplicada, freqüentemente, a todos os seres, bons e maus, que estão fora da Humanidade. Diz-se: o anjo bom e o anjo mau; o anjo da luz e o anjo das trevas; neste caso, ela é sinônimo de *Espírito* ou de *gênio*. Nós a tomamos, aqui, na sua melhor acepção.

129. Os anjos percorreram todos os graus da escala?

“Percorreram todos os graus, mas como já o dissemos: uns aceitaram suas missões sem murmúrio e chegaram mais depressa; outros levaram um tempo mais ou menos longo para chegar à perfeição.”

130. Se a opinião que admite seres criados perfeitos e superiores a todas as outras criaturas é errônea, como se explica que ela esteja na tradição de quase todos os povos?

“Fica sabendo que teu mundo não existe de toda a eternidade e que, muito tempo antes que ele existisse, espíritos já haviam atingido o grau supremo; então, os homens acreditaram que eles sempre tivessem sido dessa forma.”

131. Há demônios, no sentido que se dá a esta palavra?

“Se houvesse demônios, seriam obra de Deus. E Deus seria justo e bom tendo criado seres eternamente votados ao mal e desgraçados? Se há demônios, eles residem no teu mundo inferior e em outros semelhantes. São esses homens hipócritas que fazem de um Deus justo, um Deus mau e vingativo e que acreditam agradá-lo pelas abominações que cometem em seu nome.”

A palavra *demônio* só implica a idéia de Espírito mau, na sua acepção moderna, pois a palavra grega *daimon*, da qual ela derivou, significa *gênio*, *inteligência* e se referia aos seres incorpóreos bons ou maus, sem distinção.

Os demônios, conforme a acepção vulgar da palavra, supõem seres essencialmente maléficis; eles seriam, como todas as coisas, criação de Deus. Ora, Deus, que é soberanamente justo e bom, não pode ter criado seres predispostos ao mal, pela sua própria natureza, e condenados pela eternidade. Se não fossem obra de Deus, existiriam, portanto, como ele, de toda a eternidade, ou, então, haveria várias potências soberanas.

A primeira condição de qualquer doutrina é ser lógica; ora, a dos demônios, no sentido absoluto, peca por esta base essencial. Concebe-se que na crença dos povos atrasados que, não conhecendo os atributos de Deus, admitem divindades malfazejas, admitam-se, também, demônios; mas, para quem quer que considere a bondade de Deus um atributo por excelência, é ilógico e contraditório supor que ele tenha podido criar seres votados ao mal e a praticá-lo

perpetuamente, pois isto é negar-lhe a bondade. Os partidários dos demônios apóiam-se nas palavras do Cristo; certamente não seremos nós que contestaremos a autoridade de seus ensinamentos, que gostaríamos de ver mais no coração do que na boca dos homens; mas, será que se tem certeza do sentido que ele dava à palavra demônio? Não se sabe que a forma alegórica constitui uma das marcas distintivas de sua linguagem? E se deve tomar ao pé da letra tudo o que o Evangelho contém? Não precisamos de outra prova, senão a desta passagem:

“Logo após esses dias de aflição, o Sol se escurecerá e a Lua não dará mais a sua luz, as estrelas cairão do céu e as potências do céu ficarão abaladas. Digo-vos, em verdade, que essa raça não passará, senão quando todas estas coisas se tiverem cumprido.” Não temos visto a *forma* do texto bíblico ser contestada pela Ciência, no que toca à criação e ao movimento da Terra? Não pode ser da mesma forma com algumas figuras empregadas pelo Cristo, que devia falar de acordo com os tempos e os lugares? O Cristo não pode ter dito, conscientemente, uma coisa falsa; se, portanto, nas suas palavras, há coisas que parecem chocar a razão, é que não as compreendemos, ou as interpretamos mal.

Os homens fizeram com os demônios o mesmo que fizeram com os anjos; assim como acreditaram em seres perfeitos desde toda a eternidade, tomaram os Espíritos inferiores como seres perpetuamente maus. A palavra demônio deve, portanto, compreender os espíritos impuros que, freqüentemente, não valem mais do que aqueles designados sob esse nome, mas com a diferença de que o estado deles é apenas transitório. São espíritos imperfeitos que reclamam contra as provas que experimentam e que, por isso, suportam-nas durante mais tempo, mas, que conseguirão vencer, por sua vez, quando tiverem vontade. Poder-se-ia, portanto, aceitar a palavra *demônio* com esta restrição; porém, como ela é entendida, atualmente, num sentido exclusivo, poderia induzir a um erro, fazendo crer na existência de seres especiais criados para o mal.

Com relação a Satã, ele é evidentemente a personificação do mal sob uma forma alegórica, pois não se poderia admitir um ser mau que lutasse, de igual para igual, com a Divindade e cuja única preocupação fosse a de contrariar-lhe os desígnios. Como são necessárias ao homem figuras e imagens, para impressionar-lhe a imaginação, ele pintou os seres incorpóreos sob uma forma material, com atributos que lembram suas qualidades ou seus defeitos. Foi assim que os antigos, querendo personificar o tempo, pintaram-no, sob a figura de um ancião com uma foice e uma ampulheta; uma figura de um jovem teria sido um contra-senso; acontece o mesmo com as alegorias da fortuna, da verdade, etc. Os modernos representaram os anjos, ou puros espíritos, sob uma forma radiosa, com brancas asas, emblema da pureza; Satã, com chifres, garras e os atributos da bestialidade, emblemas das paixões vis. O vulgo, que toma as coisas ao pé da letra, viu, nesses símbolos, indivíduos reais, como, outrora, vira Saturno, na alegoria do Tempo.



Capítulo II

Encarnação dos Espíritos

1. Objetivo da Encarnação.

2. A Alma.

3. Materialismo.

Objetivo da Encarnação

132. Qual é o objetivo da encarnação dos Espíritos?

“Deus impõe-lhes a encarnação com o objetivo de fazê-los chegar à perfeição: para uns, é uma expiação; para outros, é uma missão. Porém, para chegar a essa perfeição, *devem suportar todas as vicissitudes da existência corporal*: nisto é que está a expiação. A encarnação tem também um outro objetivo, que é o de colocar o espírito em condições de suportar sua parte na obra da criação; é para executá-la que, em cada mundo, ele toma um instrumento em harmonia com a matéria essencial desse mundo para aí executar, daquele ponto de vista, as ordens de Deus; de tal forma que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta.”

A ação dos seres corporais é necessária à marcha do Universo; Deus, porém, na sua sabedoria, quis que, nessa mesma ação, eles encontrassem um meio de progredir e de se aproximar dele. É assim que, por uma admirável lei de sua providência, tudo se encadeia, tudo é solidário na Natureza.

133. Os Espíritos que, desde o princípio, seguiram o caminho do bem, têm necessidade da encarnação?

“Todos são criados simples e ignorantes; instruem-se nas lutas e nas tribulações da vida corporal. Deus, que é justo, não podia fazer alguns felizes, sem atribulação e sem trabalho e, por conseguinte, sem mérito.”

a) Mas, então, de que serve aos Espíritos terem seguido o caminho do bem, se isto não os isenta das aflições da vida corporal?

“Chegam mais rápido ao objetivo; e, além disso, as aflições da vida são, frequentemente, a conseqüência da imperfeição do Espírito; quanto menos imperfeições ele possui, menos tormentos; aquele que não é invejoso, nem ciumento, nem avaro, nem ambicioso, não terá os tormentos que decorrem desses defeitos.”

A Alma

134. Que é a alma?

“Um Espírito encarnado.”

a) Que era a alma antes de se unir ao corpo?

“Espírito.”

b) As almas e os espíritos são, portanto, identicamente, a mesma coisa?

“Sim, as almas são apenas os Espíritos. Antes de se unir ao corpo, a alma é um dos seres inteligentes que povoam o mundo invisível e que revestem, temporariamente, um envoltório carnal, para se purificarem e se esclarecerem.”

135. Há no homem outra coisa além da alma e do corpo?

“Há o elo que une a alma e o corpo.”

a) Qual a natureza desse elo?

“Semimaterial, isto é, intermediária entre o Espírito e o corpo. E é preciso que assim seja, para que eles possam comunicar-se um com o outro. É através desse elo que o Espírito age sobre a matéria e reciprocamente.”

O homem é, assim, formado de três partes essenciais:

1º – O corpo, ou ser material, análogo ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital;

2º – A alma, Espírito encarnado cujo corpo é a habitação;

3º – O princípio intermediário, ou *perispírito*, substância semimaterial que serve de primeiro envoltório ao Espírito e une a alma ao corpo. Tais são, num fruto, o gérmen, o perisperma e a casca.

136. A alma é independente do princípio vital?

“O corpo é apenas o envoltório, repetimo-lo incessantemente.”

a) O corpo pode existir sem a alma?

“Sim, entretanto, desde que o corpo cesse de viver, a alma o abandona. Antes do nascimento, ainda não há união definitiva entre a alma e o corpo; enquanto que, depois que esta união foi estabelecida, a morte do corpo rompe os laços que o unem à alma e esta o deixa. A vida orgânica pode animar um corpo sem alma, mas a alma não pode habitar um corpo privado da vida orgânica.”

b) Que seria o nosso corpo, se não tivesse alma?

“Uma massa de carne sem inteligência, tudo o que quiserdes, exceto um homem.”

137. O mesmo Espírito pode encarnar em dois corpos diferentes, simultaneamente?

“Não, o Espírito é indivisível e não pode animar, ao mesmo tempo, dois seres distintos.” (Ver, em *O Livro dos Médiuns*, capítulo: *Bicorporeidade e Transfiguração*)

138. O que se deve pensar da opinião daqueles que vêem a alma como o princípio da vida material?

“É uma questão de palavras; não nos atemos a isso; começai por vos entenderdes a vós próprios.”

139. Alguns Espíritos, e, antes deles, alguns filósofos definiram a alma como: *Uma centelha anímica emanada do grande Todo*; por que esta contradição?

“Não há contradição; isso depende da acepção das palavras. Por que não tendes uma palavra para cada coisa?”

A palavra *alma* é empregada para exprimir coisas muito diferentes. Uns a chamam, assim, o princípio da vida e, nessa acepção, é exato dizer, *figuradamente*, que: a alma é uma centelha anímica emanada do grande Todo. Estas últimas palavras indicam a fonte universal do princípio vital de que cada ser absorve uma porção que, após a morte, retorna à massa da qual saiu. Esta idéia não exclui, absolutamente, a de um ser moral, distinto, independente da matéria e que conserva sua individualidade. É a este ser que, igualmente, se chama *alma* e é nesta acepção que se pode dizer que a alma é um Espírito encarnado. Dando definições diferentes da alma, os Espíritos falaram de acordo com a aplicação que faziam da palavra e conforme as idéias terrestres das quais ainda estavam mais ou menos imbuídos. Isto se deve à insuficiência da linguagem humana, que não dispõe de uma palavra para cada idéia e daí a origem de uma enormidade de equívocos e de discussões: eis por que os Espíritos superiores nos dizem para nos entendermos, primeiro, com relação às palavras.⁹

140. Que se deve pensar da teoria da alma subdividida em tantas partes quantos são os músculos e presidindo, assim, a cada uma das funções do corpo?

“Isto também depende do sentido que se atribua à palavra *alma*; têm razão, se a entendem como o fluido vital; se a entendem como Espírito encarnado, enganam-se. Já o dissemos, o Espírito é indivisível; ele transmite o movimento aos órgãos, através do fluido intermediário, sem que para isto se divida.”

a) Todavia, há espíritos que deram esta definição.

“Os espíritos ignorantes podem tomar o efeito pela causa.”

A alma age por intermédio dos órgãos e os órgãos são animados pelo fluido vital, que se reparte entre eles e, mais abundantemente, naqueles que são os centros ou focos do movimento. Porém, esta explicação não pode convir à alma, considerada como sendo o espírito que habita o corpo durante a vida e o deixa por ocasião da morte.

141. Há alguma coisa de verdadeiro na opinião daqueles que pensam que a alma é exterior ao corpo e o circunda?

“A alma não se acha encerrada no corpo, como o pássaro numa gaiola; ela irradia e se manifesta exteriormente, como a luz através de um globo de vidro, ou, como o som, em torno de um centro sonoro; é assim que se pode dizer que ela é exterior, porém, nem por isso constitui o envoltório do corpo. A alma tem dois envoltórios: um, sutil e leve, é o primeiro: aquele que chamamos de *perispírito*; o outro, grosseiro, material e pesado: é o corpo. A alma é o centro de todos estes envoltórios, como o gérmen da planta em um caroço, já dissemos.”

142. O que dizer dessa outra teoria, segundo a qual a alma, na criança, completa-se, a cada período da vida?

⁹ Ver, na Introdução, a explicação sobre a palavra *alma*, § II.

“O Espírito é único; está inteiro na criança, como no adulto; são os órgãos ou instrumentos das manifestações da alma que se desenvolvem e se completam. Ainda aí toma-se o efeito pela causa.”

143. Por que nem todos os Espíritos definem a alma da mesma forma?

“Nem todos os espíritos estão igualmente esclarecidos sobre estes assuntos; há Espíritos ainda limitados, que não compreendem as coisas abstratas; são como as crianças entre vós. Há também Espíritos pseudo-sábios, que fazem ostentação de palavras para se impor: é assim como acontece entre vós. E depois, os próprios Espíritos esclarecidos podem se exprimir em termos diferentes, que, no fundo, têm o mesmo valor, sobretudo quando se trata de coisas que a vossa linguagem é impotente para traduzir com clareza; são necessárias figuras, comparações, que tomais como realidade.”

144. Que se deve entender por alma do mundo?

“É o princípio universal da vida e da inteligência, de onde nascem as individualidades. Mas, os que se servem destas palavras, freqüentemente, não se compreendem entre si. A palavra *alma* é tão elástica que cada um a interpreta ao sabor de seus devaneios. Algumas vezes, tem-se atribuído à Terra uma alma; isto se deve entender como o conjunto dos Espíritos devotados, que dirigem vossas ações para o bom caminho, quando os escutais e que são, de certo modo, os adjuntos de Deus, junto ao vosso globo.”

145. Como tantos filósofos antigos e modernos discutiram, durante tanto tempo, sobre a ciência psicológica, sem terem chegado à verdade?

“Esses homens foram os precursores da eterna Doutrina Espírita; eles prepararam os caminhos. Eram homens, logo, podem ter se enganado, porque tomaram suas próprias idéias pela luz; porém, seus próprios erros servem para fazer realçar a verdade, mostrando o pró e o contra; aliás, entre estes erros encontram-se grandes verdades que um estudo comparativo vos faz compreender.”

146. A alma tem, no corpo, uma sede determinada e circunscrita?

“Não; porém, ela reside mais particularmente na cabeça, nos grandes gênios e em todos aqueles que pensam muito e, no coração, naqueles que sentem muito e cujas ações, todas, referem-se à Humanidade.”

a) O que pensar da opinião daqueles que situam a alma num centro vital?

“Quer dizer que o espírito habita de preferência essa parte do vosso organismo, visto que todas as sensações para ali convergem. Os que a situam naquilo que consideram como o centro da vitalidade, confundem-na com o fluido ou princípio vital. Todavia, pode-se dizer que a sede da alma está, mais particularmente, nos órgãos que servem às manifestações intelectuais e morais.”

Materialismo

147. Por que os anatomistas, os fisiologistas e, em geral, os que se aprofundam nas ciências da Natureza, são, com tanta freqüência, levados ao materialismo?

“O fisiologista refere tudo ao que ele vê. Orgulho dos homens que crêem tudo saber e que não admitem que coisa alguma possa ultrapassar o seu entendimento. Sua própria ciência dá-lhes a presunção; pensam que a Natureza nada lhes pode ocultar.”

148. Não é lamentável que o materialismo seja uma conseqüência de estudos que deveriam, ao contrário, mostrar ao homem a superioridade da inteligência que governa o mundo? Deve-se daí concluir que são perigosos?

“Não é verdade que o materialismo seja uma conseqüência desses estudos; é o homem que deles tira uma falsa conclusão, pois de tudo ele pode abusar, mesmo das melhores coisas. O nada, aliás, os amedronta mais do que gostariam que parecesse, e os espíritos fortes são, freqüentemente, mais fanfarrões do que bravos. A maioria só é materialista, porque nada possui para preencher esse vazio; diante desse abismo que se abre diante deles, mostrei-lhes uma tábua de salvação e a ela se agarrarão solícitamente.”

Por uma aberração da inteligência, há pessoas que só vêem nos seres orgânicos a ação da matéria e a ela atribuem todos os nossos atos. No corpo humano, apenas viram a máquina elétrica; apenas pelo funcionamento dos órgãos, estudaram o mecanismo da vida; muitas vezes, viram-na extinguir-se pela ruptura de um fio e nada mais viram senão esse fio; procuraram saber se alguma coisa restava e, como só encontraram a matéria que se tornara inerte, como não viram a alma escapar e não puderam retê-la, daí concluíram que tudo estava nas propriedades da matéria e que, portanto, após a morte, apenas existe a aniquilação do pensamento; triste conseqüência, se assim fosse, pois, então, o bem e o mal não teriam objetivo; o homem teria razão em pensar só em si e em colocar acima de tudo a satisfação de seus prazeres materiais; os laços sociais seriam rompidos e as mais santas afeições desfeitas para sempre. Felizmente, essas idéias estão longe de ser gerais; pode-se até dizer que elas são muito circunscritas e constituem apenas opiniões individuais, pois em parte alguma elas foram erigidas como doutrina. Uma sociedade fundada sobre essas bases traria em si o germen de sua dissolução e seus membros se entredilacerariam, como animais ferozes.

O homem tem, instintivamente, o pensamento de que nem tudo, para ele, termina com a vida; ele tem horror ao nada; inutilmente se obstina contra a idéia do futuro, pois, quando chega o momento supremo, poucos são os que não se perguntam o que vai ser deles; é que a idéia de deixar a vida para sempre tem algo de pungente. Quem poderia, efetivamente, encarar com indiferença uma separação absoluta, eterna, de tudo o que se amou? Quem poderia ver, sem terror, abrir-se diante de si o abismo imenso do nada, onde desaparecessem, para sempre, todas as suas faculdades, todas as suas esperanças, e dizer a si mesmo: O quê! Depois de mim, nada, nada mais do que o vácuo; tudo acabado para sempre; mais alguns dias e minha lembrança será apagada da memória daqueles que a mim sobreviverem; logo, nenhum traço restará da minha passagem pela Terra; o próprio bem que fiz será esquecido pelos ingratos a quem beneficiei; e nada, para compensar tudo isto, nenhuma outra perspectiva, senão a de meu corpo róido pelos vermes!

Este quadro não tem algo de horrendo, de glacial? A religião nos ensina que não pode ser assim e a razão no-lo confirma; porém, essa existência futura, vaga e indefinida, nada tem que satisfaça nosso amor pelo positivo; é o que, em muitos, engendra a dúvida. Possuímos uma alma, que seja; mas, o que é a nossa alma? Tem uma forma, uma aparência qualquer? É um ser limitado ou indefinido? Uns dizem que é um sopro de Deus, outros, que é uma centelha, outros, uma parte do grande Todo, o princípio da vida e da inteligência; mas, o que

tudo isto nos ensina? O que nos importa ter uma alma, se, depois de nós, ela se confunde na imensidão, como as gotas d'água no oceano! A perda de nossa individualidade não é, para nós, como se fosse o nada? Diz-se, ainda, que ela é imaterial; mas, uma coisa imaterial não poderia ter proporções definidas; para nós nada é. A religião também nos ensina que seremos felizes ou infelizes, conforme o bem ou o mal que tivermos feito; porém, que felicidade é essa que nos aguarda no seio de Deus? Será uma beatitude, uma contemplação eterna, sem outra ocupação senão a de cantar louvores ao Criador? As chamas do inferno são uma realidade ou uma figura? A própria Igreja o compreende nesta última acepção, mas que sofrimentos são esses? Onde se situa esse lugar de suplício? Numa palavra, o que se faz, o que se vê, nesse mundo que nos aguarda a todos? Dizem que ninguém voltou para nos explicar. É um erro e a missão do Espiritismo é, precisamente, a de nos esclarecer sobre esse futuro, em nos fazer, até um certo ponto, tocá-lo com o dedo e com o olhar, não mais pelo raciocínio, porém pelos fatos. Graças às comunicações espíritas, não se trata mais de uma presunção, uma probabilidade que cada um descreve à sua vontade; que os poetas embelezam com suas ficções ou enchem com imagens alegóricas que nos enganam. É a realidade que nos aparece, pois são os próprios seres de além-túmulo que vêm nos descrever sua situação, dizer-nos o que fazem, que nos permitem assistir, por assim dizer, a todas as peripécias de sua nova vida e, por esse meio, mostram-nos a sorte inevitável que nos está reservada, conforme os nossos méritos e nossos deméritos. Haverá nisto algo de anti-religioso? Muito ao contrário, visto que os incrédulos aí encontram a fé e os mornos uma renovação de fervor e de confiança. O Espiritismo é, portanto, o mais poderoso auxiliar da religião. Visto que, se aí está, é porque Deus o permite, e o permite, para reanimar nossas esperanças vacilantes e nos reconduzir ao caminho do bem, pela perspectiva do futuro.



Capítulo III

Retorno da Vida Corporal à Vida Espiritual

1. A Alma após a Morte; sua Individualidade. Vida Eterna.

2. Separação da Alma e do Corpo.

3. Perturbação Espiritual.

A Alma após a Morte

149. O que se torna a alma no instante da morte?

“Volta a ser Espírito, isto é, volta ao mundo dos Espíritos que, momentaneamente, ela havia deixado.”

150. A alma, após a morte, conserva sua individualidade?

“Sim, jamais a perde. Que seria ela, se não a conservasse?”

a) Como a alma constata sua individualidade, visto que não tem mais o seu corpo material?

“Ela ainda possui um fluido que lhe é próprio, que haure na atmosfera de seu planeta e que representa a aparência de sua última encarnação: seu perispírito.”

b) A alma nada leva consigo deste mundo?

“Nada além da lembrança e o desejo de ir para um mundo melhor. Esta lembrança é cheia de doçura ou de amargor, conforme o uso que ela tenha feito da vida; quanto mais pura, mais ela compreende a futilidade do que deixa na Terra.”

151. O que pensar da opinião de que, após a morte, a alma retorna ao todo universal?

“O conjunto dos Espíritos não forma um todo? Não constitui um mundo? Quando estás numa assembléia, és parte integrante desta assembléia e, todavia, conservas sempre a tua individualidade.”

152. Que prova podemos ter da individualidade da alma, após a morte?

“Não tendes esta prova, através das comunicações que recebeis? Se não fôsseis cegos, veríeis; se não fôsseis surdos, ouviríeis; pois, com muita freqüência, uma voz vos fala e vos revela a existência de um ser que está fora de vós.”

Os que pensam que, com a morte, a alma volta para o todo universal estão errados, se com isso entendem que, semelhante a uma gota d'água que cai no oceano, ela aí perde sua individualidade; estão certos, se entendem por *todo universal* o conjunto dos seres incorpóreos do qual cada alma ou Espírito é um elemento.

Se as almas fossem confundidas na massa, só teriam as qualidades do conjunto e nada as distinguiria umas das outras; não teriam inteligência, nem qualidades próprias; enquanto que, em todas as comunicações, acusam a consciência do *eu* e uma vontade própria: a diversidade infinita que apresentam, sob todos os aspectos, é a própria consequência das individualidades. Se, após a morte, só houvesse o que se chama de o grande Todo, absorvendo todas as individualidades, este Todo seria uniforme e, então, todas as comunicações que se recebessem do mundo invisível seriam idênticas. Visto que lá se encontram seres bons, outros maus, sábios e ignorantes, felizes e infelizes; que os há de todos os caracteres: alegres e tristes, levianos e profundos, etc., é, evidentemente, porque são seres distintos. A individualidade se torna mais evidente ainda, quando esses seres provam a sua identidade, através de sinais incontestáveis: das particularidades pessoais relativas à sua vida terrestre, que podem ser constatadas. Não pode ser posta em dúvida, quando eles se manifestam à visão, nas aparições. A individualidade da alma nos era ensinada em teoria, como um artigo de fé; o Espiritismo a torna patente e, de alguma forma, material.

153. Em que sentido se deve entender a vida eterna?

“É a vida do Espírito que é eterna; a do corpo é transitória e passageira. Quando o corpo morre, a alma retoma a vida eterna.”

a) Não seria mais exato chamar de *vida eterna* a dos Espíritos puros, daqueles que, tendo atingido o grau de perfeição, não têm mais provas a experimentar?

“Seria, antes, a felicidade eterna; mas, isto é uma questão de palavras; chamai as coisas como quiserdes, desde que vos entendais.”

Separação da Alma e do Corpo

154. A separação da alma e do corpo é dolorosa?

“Não; freqüentemente, o corpo sofre mais durante a vida, do que no momento da morte: a alma disso não participa. Os sofrimentos que, algumas vezes, se experimentam no momento da morte, são *um gozo para o espírito*, que vê chegar o término do seu exílio.”

Na morte natural, a que sobrevém pelo esgotamento dos órgãos, em consequência da idade, o homem deixa a vida sem disto se aperceber: é um lampião que se apaga, por falta de combustível.

155. Como se opera a separação da alma e do corpo?

“Sendo rompidos os elos que a retinham, ela se desprende.”

a) A separação se opera instantaneamente e por uma brusca transição? Há uma linha de demarcação nitidamente traçada entre a vida e a morte?

“Não; a alma se desprende gradualmente e não escapa, como um pássaro cativo, restituído, subitamente, à liberdade. Esses dois estados se tocam e se confundem; assim, o Espírito se desprende, pouco a pouco, de seus laços: *eles se desatam, não se quebram.*”

Durante a vida, o Espírito se prende ao corpo por seu envoltório semimaterial ou perispírito; a morte é a destruição do corpo somente, e não a deste segundo envoltório, que se separa do corpo, quando nele cessa a vida orgânica. A observação prova que, no instante da morte, o desprendimento do perispírito não se completa subitamente; ele só gradualmente se opera e com uma lentidão muito variável, conforme os indivíduos; em uns ele é bastante

rápido e pode-se dizer que o momento da morte é também o da libertação, diferindo em algumas horas; porém, em outros, sobretudo naqueles cuja vida foi *toda material e sensual*, o desprendimento é muito menos rápido e dura, algumas vezes, dias, semanas e até meses, o que não implica existir no corpo a menor vitalidade, nem a possibilidade de um retorno à vida, mas, uma simples afinidade entre o corpo e o Espírito, afinidade que está sempre em razão da preponderância que, durante a vida, o Espírito deu à matéria. Com efeito, é racional conceber que quanto mais o Espírito se haja identificado com a matéria, mais tenha dificuldade de se separar dela; enquanto que a atividade intelectual e moral, a elevação dos pensamentos operam um começo de desprendimento, mesmo durante a vida do corpo e, quando a morte chega, ele é quase instantâneo. Este é o resultado dos estudos feitos em todos os indivíduos observados, no momento da morte. Estas observações provam, ainda, que a afinidade que, em alguns indivíduos, persiste entre a alma e o corpo é, algumas vezes, muito penosa, pois o espírito pode experimentar o horror da decomposição. Este caso é excepcional e próprio a certos gêneros de vida e a certos gêneros de morte; ele se apresenta em alguns suicidas.

156. A separação definitiva da alma e do corpo pode acontecer antes da cessação completa da vida orgânica?

“Na agonia, a alma, algumas vezes, já deixou o corpo: nada mais há senão a vida orgânica. O homem não tem mais consciência de si mesmo e, todavia, resta-lhe ainda um sopro de vida. O corpo é uma máquina que o coração faz funcionar; ele existe, enquanto o coração faz circular o sangue nas veias, e para isso, não necessita da alma.”

157. No momento da morte, a alma tem, algumas vezes, uma aspiração ou êxtase que lhe faz entrever o mundo para onde vai retornar?

“Freqüentemente, a alma sente quebrarem-se os elos que a prendem ao corpo; *faz, então, todos os esforços para rompê-los inteiramente*. Já em parte desprendida da matéria, vê o futuro desenrolar-se diante de si e goza, por antecipação, do estado de Espírito.”

158. O exemplo da lagarta que, primeiramente, se arrasta pela terra, depois, encerra-se na sua crisálida sob uma morte aparente, para renascer com uma existência brilhante, pode dar-nos uma idéia da vida terrestre, depois do túmulo e, finalmente, de nossa nova existência?

“Uma pequena idéia. A imagem é boa; no entanto, é preciso não a tomar ao pé da letra, como freqüentemente vos acontece.”

159. Que sensação experimenta a alma, no momento em que se reconhece no mundo dos espíritos?

“Isso depende; se fizeste o mal com o desejo de praticá-lo, no primeiro momento, tu te sentirás envergonhado de tê-lo feito. Para o justo, é bem diferente: ela fica como que aliviada de um grande peso, pois não teme nenhum olhar perscrutador.”

160. O Espírito reencontra, imediatamente, aqueles que conheceu na Terra e que morreram antes dele?

“Sim, conforme a afeição que se dedicavam mutuamente; freqüentemente, eles vêm recebê-lo, quando da sua entrada no mundo dos Espíritos e *o ajudam a se desligar das faixas da matéria*; como também há muitos que ele reencontra,

depois de os haver perdido de vista, durante sua estada na Terra; vê os que estão na condição de errantes; os que estão encarnados e vai visitá-los.”

161. Na morte violenta e acidental, quando os órgãos ainda não se enfraqueceram pela idade ou as doenças, a separação da alma e a cessação da vida acontecem simultaneamente?

“Geralmente assim é, porém, em todos os casos, o instante que as separa é muito curto.”

162. Após a decapitação, por exemplo, o homem conserva, durante alguns instantes, a consciência de si mesmo?

“Muitas vezes ele a conserva durante alguns minutos, até que a vida orgânica esteja completamente extinta. Porém, freqüentemente também, a apreensão da morte o faz perder essa consciência antes do instante do suplício.”

Trata-se, aqui, apenas da consciência que o supliciado pode ter de si mesmo, como homem e por intermédio dos órgãos, e não como Espírito. Se não perdeu essa consciência antes do suplício, pode, então, conservá-la por alguns brevíssimos instantes. Ela cessa, necessariamente, com a vida orgânica do cérebro, o que não implica que o perispírito esteja inteiramente desligado do corpo; ao contrário, em todos os casos de morte violenta, quando ela não se deu pela extinção gradual das forças vitais, os elos que unem o corpo ao perispírito são mais *tenazes* e o desligamento completo é mais lento.

Perturbação Espiritual

163. A alma, ao deixar o corpo, tem imediatamente consciência de si mesma?

“Consciência imediata não é bem o termo; ela fica durante algum tempo em perturbação.”

164. Todos os Espíritos experimentam, no mesmo grau e com a mesma duração, a perturbação que se segue à separação da alma e do corpo?

“Não, isto depende da elevação deles. Aquele que já está purificado, se reconhece quase imediatamente, porque já se desligou da matéria durante a vida do corpo, enquanto que o homem carnal, aquele cuja consciência não está pura, conserva por muito mais tempo a impressão dessa matéria.”

165. O conhecimento do Espiritismo exerce uma influência sobre a duração, mais ou menos longa, da perturbação?

“Uma influência muito grande, visto que o Espírito compreendia, antecipadamente, a sua situação; porém, a prática do bem e a consciência pura são o que tem maior influência.”

No momento da morte, tudo, a princípio, é confuso; a alma necessita de algum tempo para se reconhecer; ela se encontra como que aturdida e no estado de alguém que sai de um sono profundo e procura tomar consciência de sua situação. A lucidez das idéias e a memória do passado lhe voltam, à medida que a influência da matéria, da qual acaba de se desligar, se apaga e que a espécie de névoa que obscurece os seus pensamentos se dissipa.

A duração da perturbação que se segue à morte é muito variável; pode ser de algumas horas, como de vários meses e, até, de vários anos. É menos longa naqueles que, enquanto

vivos, identificaram-se com o seu estado futuro, porque, então, compreendem, imediatamente, sua posição.

Essa perturbação apresenta circunstâncias particulares, conforme o caráter dos indivíduos e, principalmente, segundo o gênero de morte. Nas mortes violentas, por suicídio, suplicio, acidente, apoplexia, ferimentos, etc., o Espírito fica surpreso, espantado e não acredita estar morto; sustenta-o com obstinação; entretanto, vê o seu corpo, sabe que aquele corpo é o seu e não compreende que esteja separado dele; vai para junto das pessoas que estima, fala-lhes e não compreende por que elas não o ouvem. Esta ilusão perdura até o completo desligamento do perispírito; somente, então, o Espírito se reconhece e compreende que não faz mais parte dos vivos. Este fenômeno se explica facilmente. Surpreendido de improviso pela morte, o Espírito fica atordoado com a brusca mudança que nele se operou; para ele, a morte ainda é sinônimo de destruição, de aniquilamento; ora, como ele pensa, vê, ouve, no seu entender, não está morto; o que aumenta sua ilusão é que se vê com um corpo semelhante ao precedente, quanto à forma, porém, cuja natureza etérea ainda não teve tempo de examinar; julga-o sólido e compacto como o primeiro e, quando chamam sua atenção para esse ponto, espanta-se de não poder apalpá-lo. Este fenômeno é análogo ao dos sonâmbulos novatos que não crêem dormir. Para eles, o sono é sinônimo de suspensão das faculdades; ora, como pensam livremente e vêem, para eles, não dormem. Alguns Espíritos apresentam esta particularidade, embora a morte não lhes tenha ocorrido inopinadamente; ela, porém, é sempre mais comum naqueles que, embora doentes, não pensavam em morrer. Vê-se, então, o espetáculo singular de um Espírito que assiste ao próprio enterro, como se fosse o de um estranho e falando disso, como de algo que não lhe dissesse respeito, até o momento em que compreende a verdade.

A perturbação que se segue à morte nada tem de penosa para o homem de bem; conserva-se calmo e semelhante em tudo àquele que experimenta um despertar tranqüilo. Para aquele cuja consciência não está pura, ela é cheia de ansiedade e de angústias, que aumentam, à medida que ele se reconhece.

Nos casos de morte coletiva, tem sido observado que todos aqueles que perecem ao mesmo tempo, nem sempre se revêem imediatamente. Na perturbação que se segue à morte, cada um vai para o seu lado, ou só se preocupa com aqueles que lhe interessam.



Capítulo IV

Pluralidade das Existências

1. A Reencarnação.
2. Justiça da Reencarnação.
3. Encarnação nos Diferentes Mundos.
4. Transmigração Progressiva.
5. Sorte das Crianças após a Morte.
6. Sexos nos Espíritos.
7. Parentesco, Filiação.
8. Semelhanças Físicas e Morais.
9. Idéias Inatas.

A Reencarnação

166. Como a alma, que não atingiu a perfeição durante a vida corporal, pode terminar de depurar-se?

“Experimentando a prova de uma nova existência.”

a) Como a alma realiza essa nova existência? Será por sua transformação como espírito?

“A alma, depurando-se, experimenta, certamente, uma transformação, mas, para isso, é-lhe necessária a prova da vida corporal.”

b) Então, a alma tem várias existências corporais?

“Sim, todos temos várias existências. Os que dizem o contrário querem vos manter na ignorância em que eles próprios se encontram; este é o desejo deles.”

c) Parece resultar deste princípio que a alma, depois de ter deixado um corpo, toma um outro; ou, melhor dizendo, que ela reencarna num novo corpo; é assim que se deve entender?

“É evidente.”

167. Qual é o objetivo da reencarnação?

“Expiação, melhoramento progressivo da Humanidade; sem isto, onde estaria a justiça?”

168. O número das existências corporais é limitado, ou o Espírito reencarna perpetuamente?

“A cada nova existência, o Espírito dá um passo no caminho do progresso; quando se despoja de todas as suas impurezas, não tem mais necessidade das provas da vida corporal.”

169. O número das encarnações é o mesmo para todos os Espíritos?

“Não; o que caminha rápido, poupa-se das provas. Todavia, essas encarnações sucessivas são sempre muito numerosas, pois o progresso é quase infinito.”

170. O que se torna o Espírito depois de sua última encarnação?

“Espírito bem-aventurado; ele é Espírito puro.”

Justiça da Reencarnação

171. Em que está fundamentado o dogma da reencarnação?

“Na justiça de Deus e na revelação, pois vos repetimos incessantemente: Um bom pai deixa sempre aos seus filhos uma porta aberta para o arrependimento. A razão não te diz que seria injustiça privar, para sempre, da felicidade eterna todos aqueles de quem não dependeu o melhorar-se? Não são filhos de Deus todos os homens? Só entre os homens egoístas encontram-se a iniquidade, o ódio implacável e os castigos sem remissão.”

Todos os Espíritos tendem para a perfeição e Deus lhes fornece os meios, através das provas da vida corporal; porém, na sua justiça, concede-lhes efetuar, em novas existências, o que não puderam fazer ou concluir numa primeira prova.”

Não seria conforme a equidade, nem conforme a bondade de Deus, castigar para sempre aqueles que encontraram obstáculos ao seu melhoramento, além de sua vontade e no próprio meio em que se achavam colocados. Se a sorte do homem fosse irrevogavelmente fixada, após sua morte, Deus não teria pesado as ações de todos na mesma balança e não os teria, absolutamente, tratado com imparcialidade.

A doutrina da reencarnação, isto é, a que consiste em admitir para o homem várias existências sucessivas é a única que corresponde à idéia que fazemos da justiça de Deus para com os homens que se acham numa condição moral inferior, a única que pode nos explicar o futuro e embasar nossas esperanças, visto que nos oferece o meio de reparar os nossos erros, através de novas provas. A razão no-la indica e os Espíritos a ensinam.

O homem que tem a consciência de sua inferioridade haure, na doutrina da reencarnação, uma consoladora esperança. Se crê na justiça de Deus, não pode esperar estar, pela eternidade, em pé de igualdade com aqueles que fizeram melhor do que ele. O pensamento de que essa inferioridade não o deserda, para todo o sempre, do bem supremo e de que poderá conquistá-lo, através de novos esforços, sustenta-o e reanima sua coragem. Quem é que, ao final de sua carreira, não lamenta ter adquirido muito tarde uma experiência de que não pode mais tirar proveito? Esta experiência tardia não fica perdida; ele a aproveitará numa nova existência.

Encarnação nos Diferentes Mundos

172. Nossas diversas existências corporais efetuam-se todas na Terra?

“Nem todas, mas em diversos mundos: a deste mundo não é a primeira, nem a última e é uma das mais materiais e das mais distantes da perfeição.”

173. A alma, a cada nova existência corporal, passa de um mundo a outro, ou pode efetuar várias delas no mesmo globo?

“Ela pode tornar a viver várias vezes no mesmo globo, se não se adiantou bastante para passar para um mundo superior.”

a) Assim, podemos reaparecer várias vezes na Terra?

“Certamente.”

b) Podemos retornar a este, depois de ter vivido em outros mundos?

“Sem dúvida; já pudestes viver algures e na Terra.”

174. Será uma necessidade tornar a viver na Terra?

“Não; mas, se não progredirdes, podereis ir para um outro mundo que não valha mais do que este e que pode ser pior.”

175. Haverá uma vantagem em voltar a habitar a Terra?

“Nenhuma vantagem particular, a menos que aí se esteja em missão; neste caso, progride-se, aí, como em qualquer outro lugar.”

a) Não se seria mais feliz permanecendo como Espírito?

“Não, não! Estacionar-se-ia e o que se quer é caminhar para Deus.”

176. Os Espíritos, depois de terem encarnado em outros mundos, podem fazê-lo neste, sem que jamais tenham estado aqui?

“Sim, como vós, em outros. *Todos os mundos são solidários*. O que não se faz num, faz-se noutro.”

a) Assim, há homens que estão na Terra pela primeira vez?

“Há muitos e em diversos graus de adiantamento.”

b) Pode-se reconhecer, por um sinal qualquer, quando um Espírito está pela primeira vez na Terra?

“Isso nenhuma utilidade teria.”

177. Para chegar à perfeição e à felicidade suprema, que é o objetivo final de todos os homens, o Espírito deve passar pela fiação de todos os mundos existentes no Universo?

“Não, pois há muitos mundos que estão no mesmo grau e onde o Espírito nada aprenderia de novo.”

a) Como, então, explicar a pluralidade de suas existências no mesmo globo?

“Ele pode aí se encontrar, a cada vez, em posições bem diferentes, que são, para ele, outras tantas ocasiões de adquirir experiência.”

178. Os Espíritos podem tornar a viver, corporalmente, num mundo relativamente inferior àquele em que já viveram?

“Sim, quando têm uma missão a cumprir, para auxiliar o progresso e, então, aceitam com alegria as tribulações desta existência, porque elas lhes proporcionam um meio de progredirem.”

a) Isso também não pode acontecer por expiação e Deus enviar espíritos rebeldes para mundos inferiores?

“Os Espíritos podem permanecer estacionários, porém, não retrogradam, então, a punição deles é não se adiantarem e recomeçar suas existências mal empregadas, no meio conveniente à sua natureza.”

b) Quais são os que devem recomeçar a mesma existência?

“Os que faliram em suas missões ou em suas provas.”

179. Os seres que habitam cada mundo, chegaram, todos, ao mesmo grau de perfeição?

“Não; dá-se como na Terra: há Espíritos mais, ou menos adiantados.”

180. Passando deste mundo para um outro, o Espírito conserva a inteligência que neste possuía?

“Sem dúvida, a inteligência não se perde. Porém, ele pode não possuir os mesmos meios de manifestá-la; isto depende de sua superioridade e do estado do corpo que tomar.” (Ver, *Influência do Organismo*)

181. Os seres que habitam os diferentes mundos têm corpos semelhantes aos nossos?

“Certamente, têm corpos, porque é necessário que o Espírito esteja revestido de matéria para agir sobre a matéria; esse envoltório, porém, é mais ou menos material, conforme o grau de pureza a que os Espíritos tenham chegado e é o que faz a diferença entre os mundos que devemos percorrer; pois há várias moradas na casa de nosso Pai, sendo estas, então, de vários graus. Uns sabem e têm consciência disso, na Terra; com outros, não se dá, absolutamente, o mesmo.”

182. Podemos conhecer, exatamente, o estado físico dos diferentes mundos?

“Nós, Espíritos, só podemos responder conforme o grau em que vos achais; quer dizer que não devemos revelar estas coisas a todos, porque nem todos se acham em condição de compreendê-las e isto os *perturbaria*.”

À medida que o Espírito se purifica, o corpo que o reveste aproxima-se, igualmente, da natureza espirita. A matéria é menos densa, ele não rasteja penosamente na superfície do solo; as necessidades físicas são menos grosseiras, os seres vivos não têm mais necessidade de se destruírem entre si, para se nutrir. O Espírito é mais livre e tem, das coisas longínquas, percepções que nos são desconhecidas; vê com os olhos do corpo o que só pelo pensamento entrevemos.

A depuração dos Espíritos conduz os seres, nos quais estão encarnados, ao aperfeiçoamento moral. As paixões animais se enfraquecem e o egoísmo dá lugar ao sentimento fraterno. É assim que, nos mundos superiores à Terra, as guerras são desconhecidas; lá, os ódios e as discórdias não têm sentido, porque ninguém pensa em prejudicar seu semelhante. A intuição que têm do futuro, a segurança que lhes advém de uma consciência isenta de remorsos, fazem com que a morte não lhes cause apreensão; eles a encaram sem temor e como uma simples transformação.

A duração da vida, nos diferentes mundos, parece ser proporcional ao grau de superioridade física e moral destes mundos e isso é perfeitamente racional. Quanto menos material

é o corpo, menos está sujeito às vicissitudes que o desorganizam; quanto mais puro é o Espírito, menos paixões tem ele a miná-lo. Ainda aí há um benefício da Providência que quer, deste modo, abreviar os sofrimentos.

183. Passando de um mundo para o outro, o Espírito passa por uma nova infância?

“A infância é, em toda parte, uma transição necessária, mas, não é, em toda parte, tão obtusa quanto no vosso mundo.”

184. O Espírito pode escolher o novo mundo em que deve habitar?

“Nem sempre; mas pode pedi-lo e pode obtê-lo, caso o mereça; pois os mundos apenas são acessíveis aos Espíritos, segundo o grau de elevação destes.”

a) Se o Espírito nada pedir, o que determina o mundo em que reencarnará?
“O grau de sua elevação.”

185. O estado físico e moral dos seres vivos é perpetuamente o mesmo em cada mundo?

“Não; os mundos também estão submetidos à lei do progresso. Todos começaram, como o vosso, por um estado inferior e a própria Terra experimentará uma transformação semelhante; ela se tornará um paraíso terrestre, quando os homens se tornarem bons.”

É assim que as raças,* que hoje povoam a Terra, desaparecerão um dia e serão substituídas por seres cada vez mais perfeitos; essas raças, transformadas, sucederão à raça atual, como esta sucedeu a outras mais grosseiras ainda.

186. Haverá mundos em que o Espírito, deixando de habitar um corpo material, só tenha como envoltório o perispírito?

“Sim; e até mesmo esse envoltório se torna tão etéreo, que para vós é como se ele não existisse; este é, então, o estado dos puros Espíritos.”

a) Daí parece resultar que não há uma linha divisória nítida entre o estado das últimas encarnações e o do Espírito puro?

“Esta demarcação não existe; apagando-se, pouco a pouco, a diferença torna-se imperceptível, como a noite que finda, às primeiras claridades do dia.”

187. A substância do perispírito é a mesma em todos os mundos?

“Não; ela é mais ou menos etérea. Passando de um mundo a outro, o Espírito se reveste da matéria própria de cada um; e essa mudança é tão rápida quanto o relâmpago.”

188. Os Espíritos puros habitam mundos especiais ou ficam no espaço universal, sem estarem ligados mais a um mundo do que a um outro?

“Os Espíritos puros habitam certos mundos, mas a eles não ficam confinados, como os homens, à Terra; podem, melhor do que os outros, estar em toda parte.”¹⁰

* Vide nota explicativa no final do livro (Nota do Editor, suas notas seqüentes conterão apenas as iniciais N.E.)

¹⁰ Segundo os espíritos, de todos os globos que compõem nosso sistema planetário, a *Terra* é um daqueles cujos habitantes são menos adiantados física e moralmente; *Marte* seria ainda inferior a ela e *Júpiter*, muito superior, em todos os sentidos. O *Sol* não seria um mundo habitado por seres corporais, porém um lugar de encontro dos espíritos superiores, que, de lá, irradiam, através do pensamento, para os outros mundos que

Transmigração Progressiva

189. Desde o princípio de sua formação, o Espírito goza da plenitude de suas faculdades?

“Não, pois o Espírito, como o homem, também tem sua infância. Em sua origem, os Espíritos apenas têm uma existência instintiva e mal têm consciência de si mesmos e de seus atos; só, pouco a pouco, é que a inteligência se desenvolve.”

190. Qual o estado da alma na sua primeira encarnação?

“O estado da infância na vida corporal; sua inteligência apenas eclode: *ela se ensaia para a vida.*”

191. As almas de nossos selvagens são almas no estado de infância?

“Infância relativa; mas, são almas já desenvolvidas; eles possuem paixões.”

a) As paixões são, pois, um sinal de desenvolvimento?

“De desenvolvimento, sim; não, porém, de perfeição; elas são um sinal de atividade e da consciência do *eu*; enquanto que, na alma primitiva, a inteligência e a vida estão em estado de germen.”

A vida do Espírito, no seu conjunto, percorre as mesmas fases que vemos na vida corporal; ele passa, gradualmente, do estado de embrião ao da infância, para chegar, através de uma sucessão de períodos, ao estado de adulto, que é o da perfeição, com a diferença de que, para o Espírito, não há declínio nem decrepitude, como na vida corporal; de que sua vida, que teve um início, não terá fim; de que é necessário um tempo imenso, do nosso ponto de vista, para passar da infância espiritual a um desenvolvimento completo, e de que seu progresso

eles dirigem, pela mediação de espíritos menos elevados, aos quais transmitem, por intermédio do fluido universal. Quanto à constituição física, o Sol seria um foco de eletricidade e, ao que parece, todos os sóis estariam numa posição idêntica.

O volume e o afastamento do Sol nenhuma relação necessária têm com o grau de adiantamento dos mundos, visto que Vênus seria mais adiantado que a Terra e Saturno, menos que Júpiter.

Vários Espíritos, que animaram personalidades conhecidas na Terra, disseram estar reencarnados em Júpiter, um dos mundos mais próximos da perfeição, e tem causado espanto ver, nesse globo tão adiantado, homens que a opinião geral não colocava, aqui na Terra, no mesmo patamar. Nada de surpreendente há nisto, se considerarmos que certos Espíritos que habitam aquele planeta puderam ser enviados à Terra, para nela desempenhar uma missão que, aos nossos olhos, não os colocava em primeiro plano; em segundo lugar, que entre sua existência terrestre e a de Júpiter, eles puderam ter outras intermediárias, em que se melhoraram; em terceiro lugar, finalmente, que naquele mundo, como no nosso, há diferentes graus de adiantamento e que, entre esses graus, pode haver a distância que, em nosso mundo, separa o selvagem do homem civilizado. Assim, pelo fato de habitar em Júpiter, não quer dizer que se esteja no nível dos seres mais adiantados, do mesmo modo que não se está no nível de um sábio do Instituto, só porque se reside em Paris.

As condições de longevidade também não são, em toda parte, as mesmas que Terra, e a idade não se pode comparar. Uma pessoa falecida há alguns anos, quando evocada, disse estar encarnada, há seis meses, num mundo cujo nome nós é desconhecido. Interrogada sobre a idade que tinha nesse mundo, ela respondeu: “Não posso avaliá-la, porque não contamos o tempo como vós; depois, o modo de existência não é mais o mesmo; lá, desenvolvemo-nos bem mais rapidamente; entretanto, embora haja apenas seis de vossos meses que eu aqui esteja, posso dizer que, quanto à inteligência, tenho o correspondente a trinta anos de idade na Terra.”

Muitas respostas análogas foram dadas por outros espíritos, e isso nada tem de inverossímil. Não vemos, na Terra, uma imensidade de animais adquirir em alguns meses seu desenvolvimento normal? Por que não poderia acontecer o mesmo com o homem, em outras esferas? Notemos, além disso, que o desenvolvimento adquirido pelo homem, na Terra, com a idade de trinta anos, talvez não seja senão uma espécie de infância, comparado àquele que ele deve atingir. É ter bem curta a visão tomar-nos, em tudo, como modelos da criação, e rebaixar muito a Divindade, acreditar que, além de nós, nada lhe seja possível.

se realiza, não numa única esfera, mas passando por mundos diversos. A vida do Espírito se compõe, portanto, de uma série de existências corporais e cada uma delas representa para ele uma oportunidade de progresso, assim como cada existência corporal se compõe de uma série de dias, em cada um dos quais o homem adquire um acréscimo de experiência e de instrução. Porém, do mesmo modo que na vida do homem há dias que não produzem fruto algum, na do Espírito, há existências corporais que nenhum resultado produzem, porque ele não soube usá-las com proveito.

192. Pode-se, desde esta vida, através de uma conduta perfeita, transpor todos os degraus e tornar-se Espírito puro, sem passar por outros intermediários?

“Não, pois o que o homem julga perfeito está longe da perfeição; há qualidades que lhe são desconhecidas e que ele não pode compreender. Ele pode ser tão perfeito quanto o comporte sua natureza terrestre, mas isso não é a perfeição absoluta. Assim como uma criança, que por mais precoce que seja, deve passar pela juventude, antes de chegar à idade madura; assim, também como o enfermo, que passa pela convalescença, antes de recobrar toda a sua saúde. E, além disso, o Espírito deve progredir em ciência e em moralidade; se ele apenas progrediu num sentido, é preciso que progrida no outro, para atingir o topo da escala; porém, quanto mais o homem se adianta na sua vida presente, tanto menos longas e penosas são as provas seguintes.”

a) O homem pode, pelo menos, garantir, desde esta vida, uma existência futura menos cheia de amarguras?

“Sim; sem dúvida, ele pode abreviar a extensão e as dificuldades do caminho. *Apenas o descuidado permanece sempre no mesmo ponto.*”

193. Pode um homem, nas suas novas existências, descer mais baixo do que estava?

“Quanto à *posição social*, sim; como Espírito, não.”

194. A alma de um homem de bem pode, numa nova encarnação, animar o corpo de um celerado?

“Não, visto que não pode degenerar.”

a) A alma de um homem perverso pode se tornar a de um homem de bem?

“Sim, se ele se arrependeu e, então, isto é uma recompensa.”

A marcha dos Espíritos é progressiva e jamais retrograda; eles se elevam, gradualmente, na hierarquia e não descem, absolutamente, do ponto a que chegaram. Nas suas diferentes existências corporais, eles podem descer como homens, mas, não, como espíritos. Assim, a alma de um poderoso da Terra pode, mais tarde, animar o mais humilde artesão e vice-versa; pois, entre os homens, as classes estão, freqüentemente, na razão inversa da elevação dos sentimentos morais. Herodes era rei e Jesus, carpinteiro.

195. A possibilidade de se melhorar numa outra existência não pode levar algumas pessoas a perseverarem num mau caminho, pelo pensamento de que elas poderão sempre corrigir-se mais tarde?

“Aquele que assim pensa, em nada crê, e a idéia de um castigo eterno não o refreia mais, porque sua razão o repele e essa idéia conduz à incredulidade sobre

todas as coisas. Se tivessem sido empregados apenas meios racionais, para conduzir os homens, não haveria tantos cépticos. Um espírito imperfeito pode, de fato, pensar como tu o dizes, durante a sua vida corporal; porém, uma vez desligado da matéria, ele pensa de outra maneira, pois logo percebe que se equivocou e é, *então, que traz um sentimento contrário numa nova existência*. É assim que o progresso se efetua, e eis por que tendes, na Terra, alguns homens mais adiantados do que outros; uns já têm uma experiência que outros ainda não possuem, mas que adquirirão, pouco a pouco. Deles depende adiantar seu progresso ou retardá-lo, indefinidamente.”

O homem que ocupa uma má posição, deseja trocá-la, o mais rápido possível. Aquele que se acha persuadido de que as tribulações desta vida são conseqüência de suas imperfeições, buscará assegurar para si uma nova existência menos penosa; e este pensamento o desviará muito mais do caminho do mal do que o do fogo eterno em que ele não acredita.

196. Do fato de os Espíritos, não poderem melhorar-se, a não ser suportando as tribulações da vida corporal, deve-se concluir que a vida material seja uma espécie de *filtro* ou de *depurador*, por onde devem passar os seres do mundo espiritual, para chegar à perfeição?

“Sim, é isto mesmo. Eles se melhoram nessas provas, evitando o mal e praticando o bem. Porém, só após várias encarnações ou depurações sucessivas é que eles atingem, num tempo mais ou menos longo, *conforme os seus esforços*, o objetivo para o qual tendem.”

a) É o corpo que influi sobre o Espírito para melhorá-lo, ou é o Espírito que influi sobre o corpo?

“Teu Espírito é tudo; teu corpo é uma vestimenta que apodrece: eis tudo.”

Encontramos uma comparação material dos diferentes graus de depuração da alma no suco da videira. Ele contém o licor, chamado de espírito ou álcool, porém enfraquecido por uma grande quantidade de matérias estranhas que lhe alteram a essência; ele só atinge a pureza absoluta, após várias destilações, em cada uma das quais se despoja de alguma impureza. O alambique é o corpo no qual ele deve entrar para depurar-se; as matérias estranhas são como o perispírito que se depura, ele próprio, à medida que o Espírito se aproxima da perfeição.

Sorte das Crianças após a Morte

197. O Espírito de uma criança que morreu em tenra idade é tão adiantado quanto o do adulto?

“Algumas vezes, muito mais, pois pode ter vivido muito mais e ter mais experiência, sobretudo, se ele progrediu.”

a) O Espírito de uma criança pode, assim, ser mais adiantado do que o de seu pai?

“Isto é muito freqüente; não o vedes, freqüentemente, vós mesmos, na Terra?”

198. O Espírito da criança que morre pequenina, não tendo podido fazer o mal, pertence às classes superiores?

“Se não fez o mal, tampouco fez o bem, e Deus não o isenta das provas que deva experimentar. Se for puro, não é porque fosse uma criança, mas por ser mais adiantado.”

199. Por que a vida é, freqüentemente, interrompida na infância?

“A duração da vida da criança pode ser, para o Espírito que nela está encarnado, o complemento de uma existência interrompida, antes do termo desejado, e sua morte é, freqüentemente, *uma prova ou uma expiação para os pais.*”

a) O que ocorre ao Espírito de uma criança que morre em tenra idade?

“*Recomeça uma nova existência.*”

Se o homem tivesse uma única existência e se, após essa existência, sua sorte futura fosse fixada pela eternidade, qual seria o mérito da metade da espécie humana que morre em tenra idade, para gozar, sem esforços, da felicidade eterna, e com que direito se acharia isenta das condições, freqüentemente tão duras, impostas à outra metade? Tal ordem de coisas não estaria de acordo com a justiça de Deus. Pela reencarnação, a igualdade é para todos; o futuro pertence a todos, sem exceção e sem favoritismo para ninguém; os que chegam por último não podem queixar-se, senão de si mesmos. O homem deve ter o mérito de seus atos, como tem deles a responsabilidade.

Aliás, não é racional considerar a infância como um estado normal de inocência. Não se vêem crianças dotadas dos piores instintos, numa idade em que a educação não pôde ainda exercer sua influência? E algumas delas que parecem trazer de berço a astúcia, a falsidade, a perfídia, o próprio instinto do roubo e do assassinio, e isto, não obstante os bons exemplos de que estão cercadas? A lei civil as absolve de seus crimes, porque diz que eles agiram sem discernimento; e tem razão, porque, com efeito, elas agem mais instintiva do que deliberadamente; porém, de onde provêm esses instintos tão diferentes em crianças da mesma idade, educadas nas mesmas condições e submetidas às mesmas influências? De onde vem essa perversidade precoce, senão da inferioridade do Espírito, visto que a educação não promoveu isto? Os que são viciosos, é porque seu espírito progrediu menos e, então, experimentam as conseqüências, não de seus atos infantis, mas dos de suas existências anteriores e, assim, a lei é a mesma para todos, e a justiça de Deus atinge todo o mundo.

Sexos nos Espíritos

200. Os Espíritos têm sexos?

“*Não como o entendeis, pois os sexos dependem da organização. Há entre eles amor e simpatia, mas baseados na semelhança dos sentimentos.*”

201. O Espírito que animou o corpo de um homem pode, numa nova existência, animar o de uma mulher e reciprocamente?

“*Sim, são os mesmos Espíritos que animam os homens e as mulheres.*”

202. Quando se é um Espírito errante, prefere-se encarnar no corpo de um homem ou de uma mulher?

“*Isso pouco importa ao Espírito; dá-se em função das provas por que haja de passar.*”

Os Espíritos encarnam como homens ou como mulheres, porque não têm sexo; como devem progredir em tudo, cada sexo, assim como cada posição social, oferece-lhes provações e deveres especiais e a oportunidade de adquirir experiência. Aquele que fosse sempre homem, apenas saberia o que sabem os homens.

Parentesco, filiação

203. Os pais transmitem aos seus filhos uma porção de suas almas, ou apenas lhes dão a vida animal à qual, mais tarde, uma nova alma vem acrescentar a vida moral?

“Somente a vida animal, pois a alma é indivisível. Um pai estúpido pode ter filhos inteligentes e vice-versa.”

204. Visto que tivemos várias existências, a parentela ultrapassa a da nossa existência atual?

“Isto não pode ser de outra maneira. A sucessão das existências corporais estabelece, entre os Espíritos, laços que remontam às vossas existências anteriores; daí, com freqüência, as causas de simpatia entre vós e alguns Espíritos que vos parecem estranhos.”

205. Aos olhos de algumas pessoas, a doutrina da reencarnação parece destruir os laços de família, fazendo-os anteriores à nossa existência atual.

“Ela os distende, porém, não os destrói. Sendo a parentela baseada em afeições anteriores, os laços que unem os membros de uma mesma família são menos precários. Ela aumenta os deveres da fraternidade, visto que, no vosso vizinho, ou no vosso criado, pode encontrar-se um Espírito que tenha sido ligado a vós pelos laços do sangue.”

a) Todavia, ela diminui a importância que alguns dão à sua filiação, já que se pode ter tido como pai um Espírito que tenha pertencido a uma outra raça, ou vivido numa condição inteiramente diversa.

“É verdade, mas esta importância está fundamentada no orgulho; o que a maioria honra, nos seus antepassados, são os títulos, a classe social, a fortuna. Alguém, que coraria de ter tido como ancestral um honesto sapateiro, gabar-se-ia de descender de um nobre debochado. Porém, apesar do que digam ou façam, não impedirão as coisas de serem como elas são, pois Deus não estabeleceu as leis da Natureza segundo a vaidade deles.”

206. Do fato de não haver filiação entre os Espíritos dos descendentes de uma mesma família, resulta que o culto dos ancestrais seja uma coisa ridícula?

“Certamente que não, pois devemos ser felizes por pertencer a uma família na qual Espíritos elevados encarnaram. Embora os Espíritos não procedam uns dos outros, não têm menos afeição por aqueles que estão ligados a eles pelos laços de família, pois estes Espíritos são, freqüentemente, atraídos para tal ou qual família, por causa da simpatia, ou por laços anteriores; acreditai, porém, que os Espíritos de vossos ancestrais não ficam honrados com o culto que lhes prestais por orgulho; o mérito deles não se reflete sobre vós, senão quando vos esforçais para seguir os bons exemplos que eles vos têm dado e é somente, então, que vossa lembrança pode não apenas lhes ser agradável, mas até lhes ser útil.”

* Vide nota explicativa no final do livro (N.E.)

Semelhanças Físicas e Morais

207. Os pais transmitem, freqüentemente, aos seus filhos uma semelhança física. Transmitem-lhes, também, uma semelhança moral?

“Não, visto que eles possuem almas ou Espíritos diferentes. O corpo procede do corpo, o Espírito, porém, não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças, apenas há consangüinidade.”

a) De onde se originam as semelhanças morais que, algumas vezes, existem entre os pais e seus filhos?

“São espíritos simpáticos, atraídos pela semelhança de seus pendores.”

208. Nenhuma influência exerce o Espírito dos pais sobre o de seu filho, após seu nascimento?

“Influência muito grande; como vos dissemos, os Espíritos devem colaborar para o progresso uns dos outros. Pois bem! O Espírito dos pais tem por missão desenvolver o de seus filhos pela educação; é para eles uma tarefa: *serão culpados, se nisso falirem.*”

209. Por que de pais bons e virtuosos se originam filhos de natureza perversa? Ou melhor, por que as boas qualidades dos pais nem sempre atraem, por simpatia, um bom Espírito para lhes animar o filho?

“Um mau Espírito pode pedir bons pais, na esperança de que seus conselhos o dirijam por um caminho melhor e Deus, freqüentemente, o confia a eles.”

210. Os pais podem, pelos seus pensamentos e suas preces, atrair para o corpo da criança um bom Espírito de preferência a um inferior?

“Não; podem, porém, melhorar o Espírito da criança a que deram origem e que lhes foi confiada: é o dever deles; maus filhos são uma provação para os pais.”

211. De onde se origina a semelhança de caráter que existe, freqüentemente, entre dois irmãos, principalmente entre os gêmeos?

“Espíritos simpáticos que se aproximam por semelhança de seus sentimentos e que ficam felizes por estarem juntos.”

212. Nas crianças cujos corpos são ligados e que têm alguns órgãos comuns, há dois Espíritos, ou melhor, duas almas?

“Sim, mas a semelhança entre elas faz, com freqüência, que pareça uma só aos vossos olhos.”

213. Visto que os Espíritos encarnam nos gêmeos por simpatia, de onde se origina a aversão que, algumas vezes, vemos entre estes últimos?

“Não é uma regra que entre os gêmeos haja apenas Espíritos simpáticos; maus Espíritos podem querer lutar juntos no palco da vida.”

* Vide nota explicativa no final do livro (N.E.)

214. O que se deve pensar das histórias de crianças que lutam no seio da mãe?

“Um símbolo! Para significar que o ódio deles era inveterado, fizeram-no remontar à época anterior ao nascimento destes. Geralmente, não levais muito em conta figuras poéticas.”

215. De onde se origina o caráter distintivo que se nota em cada povo?

“Os Espíritos também possuem famílias formadas pela semelhança de seus pendores mais ou menos depurados, segundo sua elevação. Pois bem! Um povo é uma grande família onde se reúnem Espíritos simpáticos. A tendência que os membros dessas famílias apresentam para se unirem, é a origem da semelhança que existe no caráter distintivo de cada povo. Acreditas que Espíritos bons e humanos procurem um povo rude e grosseiro? Não; os Espíritos simpatizam com as massas, como simpatizam com os indivíduos; lá, estão no meio que lhes é próprio.”

216. O homem conserva, em suas novas existências, traços do caráter moral de suas existências anteriores?

“Sim, isto pode acontecer; porém, melhorando-se, ele muda. Sua posição social pode também não ser mais a mesma; se de senhor, torna-se escravo, seus gostos serão inteiramente diferentes e teréis dificuldade para reconhecê-lo. Sendo o Espírito o mesmo nas diversas encarnações, suas manifestações podem ter, entre uma e outra, algumas analogias, modificadas, todavia, pelos hábitos de sua nova posição, até que um aperfeiçoamento notável tenha mudado completamente seu caráter, pois de orgulhoso e mau, pode tornar-se humilde e humano, se se arrependeu.”

217. O homem conserva traços do caráter físico das existências anteriores, nas suas diferentes encarnações?

“O corpo é destruído e o novo nenhuma relação tem com o antigo. No entanto, o Espírito se reflete no corpo; certamente, o corpo é apenas matéria; porém, apesar disso, ele é modelado conforme as capacidades do Espírito, que lhe imprime um certo caráter, principalmente no rosto, e é verdadeiro designarem-se os olhos como o espelho da alma; quer dizer que, o rosto, mais particularmente, reflete a alma; pois uma pessoa, excessivamente feia tem, entretanto, algo que agrada, quando é o envoltório de um Espírito bom, sábio, humano, enquanto há rostos muito belos que nenhuma impressão te causam, pelos quais sentes até repulsão. Poderias acreditar que apenas corpos bem feitos fossem o envoltório dos Espíritos mais perfeitos, ao passo que, todos os dias, encontras homens de bem, sob aparências disformes. Sem ter uma semelhança pronunciada, a similitude dos gostos e dos pendores pode dar, portanto, o que se chama um ar de família.”

O corpo que reveste a alma numa nova encarnação, não possuindo nenhuma relação *necessária* com aquele que ela deixou, visto que eles podem ter origens absolutamente diferentes, seria absurdo concluir por uma sucessão de existências de uma semelhança que é apenas fortuita. Todavia, as qualidades do Espírito, freqüentemente, modificam os órgãos

que servem às suas manifestações e imprimem, no rosto e até no conjunto das maneiras, um cunho distintivo. É assim que, sob o envoltório mais humilde, pode-se encontrar a expressão da grandeza e da dignidade, enquanto que, sob a vestimenta do grande senhor, vê-se, algumas vezes, a da baixaza e da ignomínia. Algumas pessoas, saídas da posição mais ínfima, assumem sem esforços, os hábitos e as maneiras da alta sociedade; parece que elas aí *reencontram* o seu elemento, enquanto outros, apesar do seu nascimento e da sua educação, neste meio se encontram sempre deslocados. Como explicar este fato de uma outra maneira, a não ser como um reflexo daquilo que o Espírito foi antes?

Idéias Inatas

218. O Espírito encarnado conserva algum traço das percepções que possuiu e conhecimentos que adquiriu nas suas existências anteriores?

“Resta-lhe uma vaga lembrança que lhe dá o que se chama de idéias inatas.”

a) A teoria das idéias inatas não é, pois, uma quimera?

“Não; os conhecimentos adquiridos em cada existência não se perdem; o Espírito, desligado da matéria, sempre se lembra deles. Durante a encarnação, pode esquecê-los, em parte, momentaneamente, porém, a intuição que deles lhe resta, auxilia o seu adiantamento; sem isto, teria sempre que recomeçar. A cada nova existência o Espírito toma, como ponto de partida, aquele em que ficara, na precedente.”

b) Deve haver, assim, uma grande conexão entre duas existências sucessivas?

“Nem sempre tão grande quanto poderias supô-lo, pois as posições são, freqüentemente, muito diferentes e, no intervalo entre elas, o Espírito pôde progredir.” (216)

219. Qual a origem das faculdades extraordinárias dos indivíduos que, sem estudo prévio, parecem ter a intuição de certos conhecimentos, como o das línguas, o do cálculo, etc.?

“Lembrança do passado; progresso anterior da alma, mas do qual ela própria não tem consciência. De onde queres que venham? O corpo muda, o Espírito, porém, não muda, embora troque de vestimenta.”

220. Mudando de corpo, pode-se perder algumas faculdades intelectuais, não ter mais, por exemplo, o gosto pelas artes?

“Sim, se maculou essa inteligência, ou dela fez um mau uso. Uma faculdade pode, além disso, adormecer durante uma existência, caso o Espírito queira exercer uma outra, com a qual esta não tenha relação; então, ela permanece em estado latente para reaparecer mais tarde.”

221. É a uma lembrança retrospectiva que o homem deve, mesmo no estado selvagem, o sentimento instintivo da existência de Deus e o pressentimento da vida futura?

“É uma lembrança que ele conservou do que sabia como Espírito, antes de ter encarnado; mas, o orgulho abafa, com freqüência, esse sentimento.”

a) Será a essa mesma lembrança que se devem certas crenças relativas à Doutrina Espírita, que se encontram em todos os povos?

“Esta doutrina é tão antiga quanto o mundo; é por isso que a encontramos por toda a parte, e aí está uma prova de que ela é verdadeira. O Espírito encarnado, conservando a intuição de seu estado de Espírito, tem a consciência instintiva do mundo invisível, porém, ela é, freqüentemente, falseada pelos preconceitos e a ignorância a ela mistura a superstição.”



Capítulo V

Considerações sobre a Pluralidade das Existências

222. O dogma da reencarnação, dizem algumas pessoas, não é novo; foi ressuscitado de Pitágoras. Nunca dissemos ser a Doutrina Espírita uma invenção moderna; sendo o Espiritismo uma lei da Natureza, deve ter existido, desde a origem dos tempos e sempre nos esforçamos para provar que se encontram vestígios dele, na mais remota antigüidade. Pitágoras, como se sabe, não foi o autor do sistema da metempsicose; ele o hauriu dos filósofos indianos e dos egípcios, para os quais ela existia desde tempos imemoriais. A idéia da transmigração das almas era, portanto, uma crença comum, admitida pelos homens mais eminentes. Como é que ela chegou até eles? Pela revelação ou pela intuição? Não o sabemos; porém, seja como for, uma idéia não atravessa as idades e não é aceita pelas inteligências de elite, sem possuir um lado sério. A antigüidade desta doutrina seria, portanto, muito mais uma prova do que uma objeção. Todavia, como igualmente se sabe, há, entre a metempsicose dos antigos e a doutrina moderna da reencarnação, a grande diferença de que os Espíritos rejeitam, da maneira mais absoluta, a transmigração do homem para os animais e reciprocamente.

Os Espíritos, ao ensinarem o dogma da pluralidade das existências corporais, renovam, portanto, uma doutrina que nasceu nas primeiras idades do mundo e que se conservou, até os nossos dias, no pensamento íntimo de muitas pessoas; eles apenas a apresentam sob um ponto de vista mais racional, mais conforme às leis progressivas da Natureza e mais em harmonia com a sabedoria do Criador, despojando-a de todos os acessórios da superstição. Uma circunstância digna de nota é que não é unicamente neste livro que eles a têm ensinado, nestes últimos tempos: desde antes de sua publicação, numerosas comunicações da mesma natureza foram obtidas, em diversas regiões e depois, multiplicaram-se, consideravelmente. Talvez fosse aqui o caso de examinar por que os Espíritos não parecem estar todos de acordo sobre este ponto; a isto retornaremos, mais tarde.

Examinemos a coisa, sob um outro ponto de vista, abstraindo de qualquer intervenção dos Espíritos; deixemo-los de lado, por um instante; suponhamos que esta teoria nada tenha a ver com eles; suponhamos, até, que nunca se tenha cogitado de Espíritos. Coloquemo-nos, portanto, momentaneamente, num terreno neutro, admitindo no mesmo grau de probabilidade uma e outra hipótese, a saber: a pluralidade e a unidade das existências corporais e vejamos para que lado nos conduzirão a razão e nosso próprio interesse.

Algumas pessoas rejeitam a idéia da reencarnação, só pelo motivo de ela não lhes convir, dizendo que já estão bem fartas de uma existência e que não desejariam recomeçar uma outra semelhante; conhecemos algumas que, à simples idéia de reaparecer, na Terra, explodem de fúria. Temos apenas uma coisa a lhes perguntar: se elas pensam que Deus deveria ter pedido sua opinião e consultado seus gostos para regular o Universo. Ora, de duas uma: ou a reencarnação existe, ou não existe; se existe, não adianta serem contrárias a ela, ser-lhes-á preciso se lhe submeterem; Deus não lhes pedirá a permissão para isso. Parece-nos ouvir um doente dizer: Sofri bastante hoje, não quero mais sofrer amanhã. Apesar do seu mau-humor, não poderá sofrer menos no dia seguinte, nem nos dias subsequentes, até que esteja curado; portanto, se eles devem reviver corporalmente, reviverão; eles reencarnarão; não adiantará se revoltarem, como uma criança que não quer ir à escola, ou um condenado, para a prisão; será preciso passarem por isso. Semelhantes objeções são muito pueris para merecer um exame mais sério. Todavia, nós lhes diremos, para tranquilizá-los, que a Doutrina Espírita, no tocante à reencarnação, não é tão terrível como eles o acreditam e que, se a tivessem estudado a fundo, não estariam tão apavorados; saberiam que a condição dessa nova existência depende deles: ela será feliz ou infeliz, conforme o que tiverem feito neste mundo, e *eles podem, desde esta vida, elevar-se tão alto, que não terão mais que temer cair, novamente, no lodaçal.*

Supomos que nos dirigimos a pessoas que acreditam num futuro qualquer, depois da morte, e não àqueles que se dão como perspectiva o nada, ou que desejam afogar sua alma num todo universal, sem individualidade, como as gotas de chuva no oceano, o que dá quase no mesmo. Se, portanto, acreditais num futuro qualquer, não admitis, certamente, que ele seja o mesmo para todos, de outro modo, onde estaria a utilidade do bem? Por que constranger-se? Por que não satisfazer todas as suas paixões, todos os seus desejos, mesmo que fosse às custas de outrem, visto que não ficaria melhor nem pior por isso? Credes que esse futuro será mais ou menos feliz ou desgraçado, conforme o que tivermos feito durante a vida; e então, tendes o desejo de aí serdes tão feliz quanto possível, visto que isto deve ser pela eternidade? Teríeis, por acaso, a pretensão de ser um dos homens mais perfeitos que tenham existido na Terra e de ter, assim, de repente, direito à felicidade suprema dos eleitos? Não. Admitis, então, que há homens que valem mais do que vós e que têm direito a um lugar melhor, sem que por isso estejais entre os excluídos. Pois bem! Colocai-vos um instante, pelo pensamento, nessa situação intermediária que será a vossa, como acabais de convir e suponhais que alguém venha vos dizer: Sofreis, não sois tão felizes quanto poderíeis ser, ao passo que tendes diante de vós seres que gozam de uma felicidade sem mescla; quereis trocar vossa posição com a deles? — Sem dúvida, diríeis; o que é preciso fazer? — Quase nada; recomeçar o que fizeste mal feito e tentar fazer melhor. — Hesitaríeis em aceitar, mesmo que fosse ao preço de várias existências de provação? Façamos uma comparação mais prosaica. Se, a um homem que, sem estar na extrema miséria, experimenta, entretanto, privações, em consequência

da escassez de recursos, viessem dizer: Eis aqui uma imensa fortuna, podeis dela gozar, é preciso, para isso, trabalhar, arduamente, durante um minuto. Mesmo que fosse o mais preguiçoso da Terra, diria sem hesitar: Trabalhemos um minuto, dois minutos, uma hora, um dia, se for preciso; que importância tem isso, se eu terminar minha vida na abundância? Ora, o que é a duração da vida corporal, com relação à eternidade? Menos que um minuto, menos que um segundo.

Temos deparado com este raciocínio: Deus, que é soberanamente bom, não pode impor ao homem recomeçar uma série de misérias e de tribulações. Achariam, por acaso, que haveria mais bondade em condenar o homem a um sofrimento perpétuo por alguns momentos de erro, do que em dar-lhe os meios de reparar suas faltas? “Dois industriais tinham, cada um, um operário que podia aspirar a se tornar sócio do chefe. Ora, aconteceu que esses dois operários empregaram, uma vez, muito mal o seu dia e mereceram ser despedidos. Um dos dois industriais demitiu o seu operário, apesar de suas súplicas e este, não tendo encontrado trabalho, morreu na miséria. O outro disse ao seu: Perdestes um dia; deveis-me, por isso, a reparação; permito-vos recomeçá-lo; tentai fazê-lo bem e eu vos conservarei e podereis continuar a aspirar à posição superior que vos prometi.” É necessário perguntar qual dos dois industriais foi o mais humano? Deus, que é a própria clemência, seria mais inexorável do que um homem? A idéia de que nossa sorte está fixada para sempre, por alguns anos de provação, ainda que nem sempre tenha dependido de nós atingir a perfeição na Terra, tem qualquer coisa de pungente, enquanto que a idéia contrária é eminentemente consoladora: ela nos deixa a esperança. Assim, sem nos pronunciar a favor ou contra a pluralidade das existências, sem admitir mais uma hipótese do que a outra, dizemos que, se tivéssemos escolha, ninguém preferiria um julgamento sem apelação. Um filósofo disse que, se Deus não existisse, seria preciso inventá-lo, para a felicidade do gênero humano; poder-se-ia dizer o mesmo da pluralidade das existências. Mas, como já dissemos, Deus não pede nossa permissão; não consulta nossos gostos: ou é, ou não é. Vejamos de que lado estão as probabilidades e consideremos o assunto de um outro ponto de vista, abstração sempre feita do ensino dos Espíritos: unicamente como estudo filosófico.

Se não há reencarnação, só há, evidentemente, uma existência corporal; se nossa existência corporal atual é a única, a alma de cada homem é criada no seu nascimento, a menos que se admita a anterioridade da alma; nesse caso, perguntar-se-ia o que era a alma antes do nascimento e se esse estado não constituiria uma existência sob uma forma qualquer. Não há meio termo: ou a alma existia, ou não, antes do corpo; se ela existia, qual era a sua situação? Possuía, ou não, consciência de si mesma; se não tinha consciência, é quase como se ela não existisse. Se tinha sua individualidade, era progressiva, ou estacionária; num e noutro caso, em que grau ela chegou ao corpo? Admitindo, conforme a crença vulgar, que a alma nasce com o corpo, ou, o que dá no mesmo, que, anteriormente à sua encarnação, ela só possui faculdades negativas, fazemos as seguintes perguntas:

1) Por que a alma mostra aptidões tão diversas e independentes das idéias adquiridas com a educação?

2) De onde vem a aptidão extranormal de certas crianças em tenra idade, para essa arte, ou aquela ciência, enquanto outras permanecem inferiores ou mediocres, durante toda a sua vida?

3) De onde vêm, em alguns, as idéias inatas ou intuitivas que não existem em outros?

4) De onde vêm, em algumas crianças, esses instintos precoces de vícios ou de virtudes, esses sentimentos inatos de dignidade ou de baixaza, que contrastam com o meio em que nasceram?

5) Por que uns homens, abstração feita da educação, são mais adiantados do que outros?

6) Por que há selvagens e homens civilizados? Se tomardes uma criança hotentote recém-nascida, e se a educardes nos nossos colégios mais renomados, fareis dela, um dia, um Laplace ou um Newton?

Perguntamos: que filosofia ou teosofia pode resolver estes problemas? Ou as almas são iguais ao nascerem ou são desiguais, não há dúvida. Se são iguais, por que essas aptidões tão diversas? Dir-se-á que isso depende do organismo? Mas, então, esta é a doutrina mais monstruosa e mais imoral. O homem é apenas uma máquina, o brinquedo da matéria; ele não tem mais a responsabilidade por seus atos; ele pode tudo atribuir às suas imperfeições físicas. Se elas são desiguais, é que Deus as criou assim; mas, então, por que essa superioridade inata concedida a algumas? Essa parcialidade corresponde à sua justiça e ao amor que ele consagra a todas as suas criaturas igualmente?

Admitamos, ao contrário, uma sucessão de existências progressivas anteriores e tudo é explicado. Os homens trazem, ao nascer, a intuição daquilo que adquiriram; são mais ou menos adiantados, conforme o número de existências que percorreram, conforme estejam mais ou menos afastados do ponto de partida: exatamente como numa reunião de indivíduos de todas as idades, cada um terá um desenvolvimento proporcional ao número de anos que tiver vivido; as existências sucessivas serão, para a vida da alma, o que os anos são para a vida do corpo. Reuni, um dia, mil indivíduos, de um até oitenta anos; imaginai que um véu fosse lançado sobre todos os dias precedentes e que, na vossa ignorância, acreditásseis, assim, que todos tivessem nascido no mesmo dia: naturalmente, perguntaríeis a vós mesmos como é que uns são grandes e outros pequenos, uns velhos e outros jovens, uns instruídos e outros ainda ignorantes; porém, se a nuvem que vos esconde o passado viesse a se dissipar, ao saberdes que todos viveram mais ou menos tempo, tudo vos seria explicado. Deus, na sua justiça, não pode ter criado almas mais ou menos perfeitas; porém, com a pluralidade das existências, a desigualdade que vemos nada mais tem que se oponha à equidade mais rigorosa: é que vemos, unicamente, o presente e, não, o passado. Este raciocínio se baseia num sistema, numa suposição gratuita? Não; partimos de um fato patente, incontestável: a desigualdade das aptidões e do desenvolvimento intelectual e moral e encontramos este fato não-explicado por nenhuma das teorias correntes; ao

passo que sua explicação é simples, natural, lógica, através de uma outra teoria. Será racional preferir a que não explica àquela que explica?

Com relação à sexta pergunta, dir-se-á, certamente, que o hotentote é uma raça inferior: perguntaremos, então, se o hotentote é ou não um homem. Se é um homem, por que Deus deserdou a ele e sua raça dos privilégios concedidos à raça caucásica? Se não é um homem, por que tentar torná-lo cristão? A Doutrina Espírita é mais ampla do que tudo isso; para ela, não há várias espécies de homens, há somente homens, cujos espíritos são mais ou menos atrasados, porém, suscetíveis de progredir: isto não está mais de acordo com a justiça de Deus?

Acabamos de ver a alma no seu passado e no seu presente; se a considerarmos no seu futuro, encontraremos as mesmas dificuldades.

1) Se apenas nossa existência atual deve decidir nossa sorte futura, qual será, na vida futura, a posição respectiva do selvagem e do homem civilizado? Estarão no mesmo nível, ou distanciados na soma da felicidade eterna?

2) O homem que trabalhou toda a sua vida para melhorar-se estará na mesma classe daquele que permaneceu inferior, não por sua culpa, mas porque não teve nem o tempo, nem a possibilidade de tornar-se melhor?

3) O homem que faz o mal, porque não pôde esclarecer-se, será passível de um estado de coisas que dele não dependeu?

4) Trabalha-se para esclarecer os homens, para moralizá-los, para civilizá-los; porém, para cada um que se esclarece, há milhões que morrem, todos os dias, antes que a luz lhes tenha chegado; qual a sorte destes? Serão tratados como réprobos? Em caso contrário, que fizeram para merecer estar na mesma classe em que os outros?

5) Qual a sorte das crianças que morrem em tenra idade, antes de ter podido fazer o bem, ou o mal? Se ficarem entre os eleitos, por que esse favor, sem nada terem feito para merecê-lo? Através de que privilégio, estarão liberadas das tribulações da vida?

Haverá uma doutrina que possa resolver estas questões? Admiti as existências sucessivas, e tudo se explica segundo a justiça de Deus. O que não se pôde fazer numa existência, faz-se em outra; é assim que ninguém escapa à lei do progresso, que cada um será recompensado segundo seu mérito *real*, e que ninguém está excluído da felicidade suprema, à qual ele pode aspirar, quaisquer que sejam os obstáculos que possa encontrar no seu caminho.

Estas questões poderiam ser multiplicadas ao infinito, pois os problemas psicológicos e morais, que só encontram solução na pluralidade das existências, são inumeráveis; nós nos limitamos aos mais gerais. Seja como for, talvez se diga que a doutrina da reencarnação não é admitida pela Igreja; isto seria, então, o desmoroamento da religião. Nosso objetivo não é tratar desta questão neste momento; basta-nos ter demonstrado que ela é eminentemente moral e racional. Ora, o que é moral e racional não pode ser contrário a uma religião que proclama Deus como

a bondade e a razão por excelência. Que teria sido da religião, se, contra a opinião universal e o testemunho da Ciência, ela tivesse resistido à evidência e tivesse expulsado de seu seio quem quer que não tivesse acreditado no movimento do Sol, ou nos seis dias da criação? Que crédito teria merecido e que autoridade teria tido, entre os povos esclarecidos, uma religião fundada em erros manifestos impostos como artigos de fé? Quando a evidência foi demonstrada, a Igreja, sabiamente, colocou-se do lado da evidência. Se está provado que existem umas coisas que são impossíveis sem a reencarnação, se alguns pontos do dogma não podem ser explicados, senão através deste meio, será preciso admiti-lo e reconhecer que o antagonismo entre esta doutrina e aqueles dogmas é apenas aparente. Mais tarde, mostraremos que a religião talvez esteja menos afastada dela do que se pensa, e que não sofreria, por esse motivo, mais do que sofreu com a descoberta do movimento da Terra e dos períodos geológicos que, à primeira vista, pareceram representar um desmentido aos textos sagrados. O princípio da reencarnação ressalta, aliás, de várias passagens das Escrituras e encontra-se formulado, de uma forma explícita, particularmente, no Evangelho:

“Enquanto desciam da montanha (após a transfiguração), Jesus fez esta advertência, dizendo-lhes: Não faleis a ninguém daquilo que acabastes de ver, até que o filho do homem tenha ressuscitado, dentre os mortos. Seus discípulos, então, o interrogaram: Por que, então, os escribas dizem que é preciso que Elias venha antes? Jesus, porém, lhes respondeu: É verdade que Elias deve vir e que restabelecerá todas as coisas. Entretanto, eu vos declaro que Elias já veio e eles não o reconheceram, mas fizeram-no sofrer como quiseram. É assim que farão morrer o filho do homem. Então, seus discípulos compreenderam que era de João Batista que ele lhes falara.”

(São Mateus, cap. XVII)

Visto que João Batista era Elias, houve, portanto, a reencarnação do Espírito ou da alma de Elias no corpo de João Batista.

Todavia, qualquer que seja a opinião que se tenha sobre a reencarnação, quer seja aceita, quer não, nem por isso deixar-se-á de experimentá-la, já que ela existe, apesar de qualquer crença contrária; o ponto essencial, é que o ensino dos Espíritos é eminentemente cristão; apóia-se na imortalidade da alma, nas penas e recompensas futuras, na justiça de Deus, no livre-arbítrio do homem, na moral do Cristo; portanto, não é anti-religioso.

Raciocinamos, como o dissemos, abstraindo de qualquer ensino espírita que, para algumas pessoas, carece de autoridade. Se nós e tantos outros adotamos a opinião da pluralidade das existências, não é apenas porque veio dos Espíritos, é porque ela nos pareceu a mais lógica e porque só ela resolve questões, até então, insolúveis. Tivesse ela vindo de um simples mortal e nós a teríamos adotado, da mesma forma, e não teríamos hesitado mais tempo em renunciar às nossas próprias idéias; desde o momento em que um erro é demonstrado, o amor-próprio tem mais a perder do que a ganhar, obstinando-se numa idéia falsa. Assim também,

nós a teríamos rejeitado, embora tivesse vindo dos Espíritos, se ela nos tivesse parecido contrária à razão, como rejeitamos muitas outras; pois sabemos, pela experiência, que não se deve aceitar, cegamente, tudo o que vem da parte deles, não mais do que o que vem da parte dos homens. Seu primeiro mérito, a nosso ver, é, portanto, o de ser lógica; ela possui um outro: o de ser confirmada pelos fatos, fatos positivos e, por assim dizer, materiais, que um estudo atento e racional pode revelar a quem quer que se dê ao trabalho de observar, com paciência e perseverança, e, na presença dos quais, a dúvida não tem mais cabimento. Quando esses fatos forem popularizados, como os da formação e do movimento da Terra, será preciso render-se à evidência e os opositores nada terão obtido com seus esforços em contrário.

Em resumo, reconhecamos, portanto, que só a doutrina da pluralidade das existências explica o que, sem ela, é inexplicável; que ela é eminentemente consoladora e conforme à justiça mais rigorosa e que ela é, para o homem, a tábua de salvação que Deus lhe deu, por sua misericórdia.

As próprias palavras de Jesus não podem deixar dúvida a esse respeito. Eis o que se lê, no Evangelho, segundo São João, capítulo III:

3. Jesus, respondendo a Nicodemos, diz: Em verdade, em verdade, te digo que, se um homem *não nascer de novo*, não poderá ver o reino de Deus.

4. Nicodemos lhe diz: Como um homem pode nascer, quando está velho? Pode ele voltar ao ventre de sua mãe e nascer, uma segunda vez?

5. Jesus respondeu: Em verdade, em verdade, te digo que, se um homem não nascer da água e do espírito, não poderá entrar no Reino de Deus. O que nasceu da carne é carne e o que nasceu do espírito é espírito. Não te espantes com o que te disse: *é preciso que nasçais de novo*. (Ver, adiante, o artigo *Ressurreição da Carne*, nº 1010.)



Capítulo VI

Vida Espírita

1. Espíritos Errantes.
2. Mundos Transitórios.
3. Percepções, Sensações e Sofrimentos dos Espíritos.
4. Ensaio Teórico sobre a Sensação nos Espíritos.
5. Escolha das Provas.
6. Relações de Além-túmulo.
7. Relações Simpáticas e Antipáticas entre os Espíritos.
8. Recordação da Existência Corporal.
9. Comemoração dos Mortos. Funerais.

Espíritos Errantes

223. A alma reencarna, imediatamente, após sua separação do corpo?

“Algumas vezes, imediatamente, porém, geralmente, só após intervalos mais ou menos longos. Nos mundos superiores, a reencarnação é quase sempre imediata; sendo menos grosseira a matéria corporal, o Espírito encarnado, aí, goza de quase todas as suas faculdades de Espírito; seu estado normal é o de vossos sonâmbulos lúcidos.”

224. O que se torna a alma no intervalo das encarnações?

“Espírito errante, que aspira, a seu novo destino; ele aguarda.”

a) Qual pode ser a duração desses intervalos?

“De algumas horas a alguns milhares de séculos. Aliás, não existe, propriamente falando, limite extremo determinado para o estado errante, que pode prolongar-se por muito tempo, mas que nunca é perpétuo; o Espírito encontra sempre, cedo ou tarde, um meio de recomeçar uma existência que serve para a purificação de suas existências precedentes.”

b) Essa duração está subordinada à vontade do espírito, ou pode ser imposta como expiação?

“É uma consequência do livre-arbítrio; os Espíritos sabem perfeitamente o que fazem, mas há também aqueles para quem é uma punição infligida por Deus;

outros pedem que ela seja prolongada, para continuar estudos que só podem ser feitos, com proveito, no estado de Espírito.”

225. A erraticidade é, por si mesma, um sinal de inferioridade dos Espíritos?

“Não, pois há espíritos errantes de todos os graus. A encarnação é um estado transitório, nós o dissemos: no seu estado normal, o Espírito está desligado da matéria.”

226. Pode-se dizer que todos os Espíritos que não estão encarnados são errantes?

“Os que devem encarnar, sim; porém, os Espíritos puros, que chegaram à perfeição, não são errantes: o estado deles é definitivo.”

Sob o aspecto das qualidades íntimas, os Espíritos são de diferentes ordens e classes, que eles percorrem sucessivamente, à medida que se depuram. Relativamente ao seu estado, podem ser: *encarnados*, isto é, unidos a um corpo; *errantes*, isto é, desligados do corpo material e aguardando uma nova encarnação para se melhorarem; *Espíritos puros*, isto é, perfeitos, não tendo mais necessidade de encarnar.

227. De que maneira os Espíritos errantes se instruem? Eles, certamente, não o fazem da mesma maneira que nós?

“Eles estudam o próprio passado e procuram os meios de se elevar. Vêm, observam o que acontece nos locais que percorrem; escutam as palestras dos homens esclarecidos e as opiniões dos Espíritos mais elevados que eles, e isto lhes traz idéias que não possuíam.”

228. Os Espíritos conservam algumas das paixões humanas?

“Os Espíritos elevados, ao perderem seu envoltório, deixam as más paixões e só guardam a do bem; os Espíritos inferiores, porém, as conservam; do contrário, eles seriam da primeira ordem.”

229. Por que os Espíritos, ao deixarem a Terra, não abandonam, nela, todas as suas más paixões, já que vêem-lhes os inconvenientes?

“Há, nesse mundo, pessoas que são excessivamente ciumentas; acredita que perdem este defeito, logo ao abandoná-lo? Sobretudo naqueles que tiveram paixões bem marcantes, permanece, após sua partida daqui, uma espécie de atmosfera que os envolve, deixando-lhes todas essas coisas ruins, pois o Espírito não está inteiramente desligado da matéria; só por momentos entrevê a verdade, como para lhe mostrar o bom caminho.”

230. O Espírito progride no estado errante?

“Pode melhorar-se muito, sempre conforme sua vontade e seu desejo; porém, é na existência corporal que ele coloca em prática as novas idéias que adquiriu.”

231. Os Espíritos errantes são felizes ou infelizes?

“Mais ou menos, conforme seu mérito. Sofrem por efeito das paixões cujo princípio conservaram, ou são felizes, conforme estejam mais ou menos

desmaterializados. No estado errante, o Espírito entrevê o que lhe falta para ser mais feliz; é, então, que procura os meios de alcançá-lo; mas, nem sempre lhe é permitido reencarnar, conforme o seu desejo, sendo-lhe isto uma punição.”

232. No estado errante, podem os Espíritos ir a todos os mundos?

“Depende das circunstâncias; tendo o Espírito deixado o corpo, ele não está, por este motivo, completamente desligado da matéria e ainda pertence ao mundo onde viveu; ou a um mundo do mesmo grau, a menos que, durante sua vida, ele se tenha elevado e aí está o objetivo para o qual deve tender, pois, sem isto, jamais se aperfeiçoaria. Ele pode, todavia, ir a alguns mundos superiores, mas, então, ele aí estará na condição de estrangeiro; por assim dizer, ele apenas, os entrevê e é o que lhe provoca o desejo de melhorar-se, para ser digno da felicidade de que aí se goza e poder habitá-los, mais tarde.”

233. Os Espíritos já depurados vão aos mundos inferiores?

“Eles o fazem freqüentemente, a fim de ajudá-los a progredir, sem isto, esses mundos estariam entregues a si mesmos, sem guias para dirigi-los.”

Mundos Transitórios

234. Há, como foi dito, mundos que servem de estações e de pontos de repouso aos Espíritos errantes?

“Sim, há mundos particularmente designados aos seres errantes, mundos nos quais eles podem habitar, temporariamente; espécies de acampamentos, de campos para se repousarem de uma erraticidade muito longa, estado que é sempre um pouco penoso. São, entre os outros mundos, posições intermediárias, graduadas, segundo a natureza dos Espíritos, que podem aí chegar e, aí, gozar de maior ou menor bem-estar.”

a) Os Espíritos que habitam esses mundos podem deixá-los à vontade?

“Sim, os Espíritos que se encontram nesses mundos podem deles se desligar, para ir onde devam ir. Imaginai-os como bandos de pássaros pousando numa ilha, aguardando o retomar das forças, para seguirem seu destino.”

235. Os Espíritos progridem, durante suas permanências nos mundos transitórios?

“Certamente; os que assim se reúnem, o fazem com o objetivo de se instruir e de poder, mais facilmente, obter a permissão para ir a lugares melhores e chegar à posição que os eleitos atingem.”

236. Pela sua natureza especial, os mundos transitórios estão perpetuamente destinados aos Espíritos errantes?

“Não, a posição deles é apenas temporária.”

a) São eles, ao mesmo tempo, habitados por seres corpóreos?

“Não, a superfície deles é estéril. Aqueles que os habitam de nada precisam.”

b) Essa esterilidade é permanente e se deve à sua natureza especial?

“Não; eles são, transitoriamente, estéreis.”

c) Esses mundos devem, então, ser desprovidos de belezas naturais?

“A Natureza se traduz pelas belezas da imensidão, que não são menos admiráveis do que o que chamais de belezas naturais.”

d) Visto que o estado desses mundos é transitório, nossa Terra será, algum dia, um deles?

“Ela já foi.”

e) Em que época?

“Durante a sua formação.”

Nada é inútil na Natureza; cada coisa tem sua finalidade, sua destinação; nada está vazio, tudo é habitado, a vida está por toda a parte. Assim, durante a longa série dos séculos que se passaram, antes da aparição do homem na Terra, no decorrer dos lentos períodos de transição atestados pelas camadas geológicas, antes mesmo da formação dos primeiros seres orgânicos, sobre aquela massa informe, naquele árido caos onde os elementos estavam confundidos, não havia ausência de vida; seres que não tinham nem as nossas necessidades, nem as nossas sensações físicas, aí encontravam refúgio. Deus quis que, mesmo naquele estado imperfeito, ela servisse para alguma coisa. Quem, portanto, ousaria dizer que, dentre esses milhares de mundos que circulam na imensidão, um único, um dos menores, perdido na multidão, tivesse o privilégio exclusivo de ser povoado? Qual seria, então, a utilidade dos outros? Deus tê-los-ia feito visando apenas recrear nossa vista? Suposição absurda, incompatível com a sabedoria que ressalta de todas as suas obras e inadmissível, quando se pensa em todos aqueles que não podemos perceber. Ninguém contestará que há, nesta idéia dos mundos ainda impróprios para a vida material, e todavia, povoados de seres vivos apropriados a esse meio, algo de grande e de sublime, onde, talvez, se encontre a solução de mais de um problema.

Percepções, Sensações e Sofrimentos dos Espíritos

237. Uma vez no mundo dos Espíritos, a alma tem ainda as percepções que possuía enquanto viva?

“Sim, e ainda outras que não possuía, porque seu corpo era como um véu que as obscurecia. A inteligência é um atributo do Espírito, mas ela mais livremente se manifesta, quando não tem entraves.”

238. As percepções e os conhecimentos dos Espíritos são ilimitados? Numa palavra: eles sabem tudo?

“Quanto mais se aproximam da perfeição, mais sabem; se são superiores, sabem muito; os Espíritos inferiores são mais ou menos ignorantes acerca de todas as coisas.”

239. Os Espíritos conhecem o princípio das coisas?

“De acordo com sua elevação e sua pureza; os Espíritos inferiores não sabem, sobre isto, mais do que os homens.”

240. Os espíritos compreendem a duração do tempo como nós?

“Não, e é o que faz com que nem sempre nos compreendais, quando se trata de fixar datas ou épocas.”

Os Espíritos vivem fora do tempo, tal como o compreendemos; o transcurso do tempo, para eles, anula-se, por assim dizer, e os séculos, tão longos para nós, são-lhes apenas instantes que se apagam na eternidade. do mesmo modo que as desigualdades do solo se apagam e desaparecem, para aquele que se eleva no espaço.

241. Têm os Espíritos uma idéia do presente mais precisa e mais exata do que nós?

“Quase como aquele que enxerga bem, possui uma idéia mais exata das coisas do que o cego. Os Espíritos vêem o que não vedes; julgam, portanto, diferentemente de vós; mas, uma vez ainda, isto depende da elevação deles.”

242. Como os Espíritos têm o conhecimento do passado? E esse conhecimento para eles não tem limite?

“O passado, quando dele nos ocupamos, é presente; exatamente como te lembras de uma coisa que te impressionou no decorrer do teu exílio. Simplesmente, como não temos mais o véu material que obscurece tua inteligência, nós nos lembramos de coisas que se te apagaram da memória; mas, nem tudo é conhecido pelos Espíritos: a começar pela sua própria criação.”

243. Os Espíritos conhecem o futuro? **Previsão do futuro**

“Isto depende, ainda, do aperfeiçoamento deles; freqüentemente, eles apenas o entrevêem, *porém nem sempre lhes é permitido revelá-lo*; quando o vêem, parece-lhes presente. O Espírito vê o futuro mais claramente, à medida que se aproxima de Deus. Depois da morte, a alma vê e abarca, num piscar de olhos, *suas migrações passadas*, mas não pode ver o que Deus lhe prepara; para isso, é preciso que ela esteja inteiramente integrada a ele, após muitas existências.”

a) Os Espíritos que chegaram à perfeição absoluta têm um conhecimento completo do futuro?

“Completo não é a palavra, pois só Deus é o soberano Senhor e ninguém pode igualar-se a ele.”

244. Os Espíritos vêem Deus?

“Apenas os Espíritos superiores o vêem e o compreendem; os Espíritos inferiores o sentem e o adivinham.”

a) Quando um Espírito inferior diz que Deus lhe proíbe ou lhe permite algo, como sabe que isto vem dele?

“Ele não vê Deus, mas sente sua soberania e, quando uma coisa não deve ser feita, ou dita uma palavra, ele percebe, como uma intuição, uma advertência invisível que o proíbe de fazê-lo. Vós mesmos não tendes pressentimentos que são para vós como advertências secretas para fazer, ou não, esta ou aquela coisa? Acontece o mesmo conosco, apenas num grau mais elevado, pois tu compreendes que, sendo a essência dos espíritos mais sutil que a vossa, eles podem captar melhor as advertências divinas.”

b) A ordem lhe é transmitida diretamente por Deus, ou por intermédio de outros Espíritos?

“Ela não lhe vem diretamente de Deus; para comunicar-se com ele, é necessário ser digno disto. Deus lhe transmite suas ordens através de Espíritos que se acham mais elevados em perfeição e em instrução.”

245. A visão, nos Espíritos, é circunscrita, como nos seres corporais?

“Não, ela reside neles.”

246. Os Espíritos têm necessidade da luz para ver?

“Eles vêm por si mesmos e não têm necessidade da luz exterior; para eles não há trevas, com exceção daquelas em que podem achar-se por expiação.”

247. Os Espíritos necessitam transportar-se para ver em dois pontos diferentes? Podem, por exemplo, ver, simultaneamente, nos dois hemisférios do globo?

“Como o Espírito se transporta com a rapidez do pensamento, pode-se dizer que vê, ao mesmo tempo, em toda a parte; seu pensamento pode irradiar e se dirigir, ao mesmo tempo, para vários pontos diferentes; esta faculdade, porém, depende de sua pureza: quanto menos depurado, tanto mais limitada é sua visão; apenas os Espíritos superiores podem abarcar um conjunto.”

A faculdade de ver, nos Espíritos, é uma propriedade inerente à sua natureza e que reside em todo o seu ser, como a luz reside em todas as partes de um corpo luminoso; é uma espécie de lucidez universal que se estende a tudo, abarca, de uma só vez, o espaço, os tempos e as coisas e para a qual não há trevas, nem obstáculos materiais. Compreende-se que deva ser assim; no homem, a visão opera-se pelo funcionamento de um órgão impressionado pela luz; sem luz, ele está na obscuridade. No Espírito, sendo a faculdade de ver um atributo dele próprio, abstração feita de qualquer agente exterior, a visão é independente da luz.” (Ver *Ubiquidade*, nº 92)

248. O Espírito vê as coisas tão distintamente quanto nós?

“Mais distintamente, pois sua visão penetra onde não podeis penetrar; nada a obscurece.”

249. O Espírito percebe os sons?

“Sim; percebe até sons que vossos sentidos obtusos não podem perceber.”

a) A faculdade de ouvir está em todo o seu ser, como a de ver?

“Todas as percepções são atributos do Espírito e fazem parte de seu ser; quando está revestido de um corpo material, elas só lhe chegam através do canal dos órgãos; porém, no estado de liberdade, elas não estão mais localizadas.”

250. Sendo as percepções atributos do próprio Espírito, é-lhe possível subtrair-se a elas?

“O Espírito apenas vê e ouve o que quer. Diz-se isto, de maneira geral e, sobretudo, com relação aos Espíritos elevados, pois os que são imperfeitos, estes, ouvem e vêem, freqüentemente, contra a sua vontade, o que pode ser útil para seu melhoramento.”

Os sentidos dos Espíritos estão em todo o seu corpo espiritual, ele simplesmente percebe, não sente.

251. Os Espíritos são sensíveis à música?

“Queres falar da música terrena? O que é ela comparada à música celeste? A essa harmonia da qual nada na Terra pode dar-vos uma idéia? Uma está para a outra, assim como o canto do selvagem, para uma suave melodia. Todavia, Espíritos vulgares podem experimentar um certo prazer em ouvir vossa música, porque ainda não lhe é dado compreender uma outra mais sublime. A música possui encantos infinitos para os Espíritos, em razão de suas qualidades sensitivas muito desenvolvidas; refiro-me à música celeste, que é tudo o que a imaginação espiritual pode conceber de mais belo e mais suave.”

252. Os Espíritos são sensíveis às belezas da Natureza?

“As belezas naturais dos mundos são tão diferentes, que estamos longe de conhecê-las. Sim, são-lhes sensíveis, conforme sua aptidão para apreciá-las e compreendê-las; para os Espíritos elevados, há belezas de conjunto, diante das quais se apagam, por assim dizer, as belezas de detalhe.”

253. Os Espíritos experimentam nossas necessidades e nossos sofrimentos físicos?

“Eles os *conhecem*, porque os sofreram, mas não os experimentam materialmente, como vós: são Espíritos.”

254. Os Espíritos experimentam a fadiga e a necessidade do repouso?

“Eles não podem sentir a fadiga, assim como a entendeis e, por conseguinte, não têm necessidade do vosso repouso corporal, visto que não possuem órgãos cujas forças devam ser reparadas; o Espírito, porém, repousa, no sentido de que não está em atividade constante; ele não age materialmente; sua ação é toda intelectual e seu repouso inteiramente moral; quer dizer que há momentos em que seu pensamento deixa de ser tão ativo e não se fixa num objeto determinado; é um verdadeiro repouso, mas, não é comparável ao do corpo. A espécie de fadiga que os Espíritos podem experimentar é conseqüência da inferioridade deles, pois, quanto mais elevados são, menos repouso lhes é necessário.”

255. Quando um Espírito diz que sofre, experimenta que tipo de sofrimento?

“Angústias morais, que o torturam mais dolorosamente que os sofrimentos físicos.”

256. Como, então, há Espíritos que se têm queixado de sofrer frio ou calor?

“Lembrança do que haviam padecido durante a vida, algumas vezes tão penosa quanto a realidade; é, freqüentemente, uma comparação através da qual, por falta de outra melhor, exprimem a situação deles. Quando se lembram de seu corpo, experimentam uma espécie de impressão, tal como quando se tira um casaco e se acredita ainda usá-lo, algum tempo depois.”

Ensaio Teórico sobre a Sensação nos Espíritos

257. O corpo é o instrumento da dor; se não é a causa primeira, é, pelo menos, a causa imediata. A alma tem a percepção dessa dor: esta percepção é o

efeito. A lembrança que dela conserva pode ser muito penosa, mas não pode ter ação física. Com efeito, nem o frio, nem o calor podem desorganizar os tecidos da alma; a alma não pode enregelar-se, nem queimar-se. Não vemos, todos os dias, a recordação ou a apreensão de um mal físico produzirem o efeito real? Ocasionar até a morte? Todo mundo sabe que as pessoas amputadas sentem dor no membro que não existe mais. Certamente, não está, nesse membro, a sede, nem mesmo o ponto de partida da dor; foi o cérebro que conservou-lhe a impressão, apenas isto. Pode-se, portanto, admitir que haja alguma coisa análoga nos sofrimentos do Espírito, após a morte. Um estudo mais aprofundado do perispírito, que desempenha um papel tão importante em todos os fenômenos espíritos: nas aparições vaporosas ou tangíveis, no estado do Espírito, no momento da morte; na idéia tão freqüente de que ainda está vivo; o quadro tão comovente dos suicidas, dos suplicados, das pessoas que se deixaram absorver pelos gozos materiais e tantos outros fatos, que vieram lançar a luz sobre esta questão e proporcionaram explicações que resumimos aqui.

O perispírito é o elo que une o Espírito à matéria do corpo; ele é haurido do meio ambiente, do fluido universal; participa, ao mesmo tempo, da eletricidade, do fluido magnético e, até um certo ponto, da matéria inerte. Poder-se-ia dizer que é a quintessência da matéria; é o princípio da vida orgânica, mas não o é da vida intelectual: a vida intelectual está no Espírito. É, além disso, o agente das sensações exteriores. No corpo, a recepção destas sensações localiza-se nos órgãos que lhes servem de canais. Destruído o corpo, as sensações tornam-se gerais. Eis por que o Espírito não diz que sofre mais da cabeça do que dos pés. É preciso, ainda, evitar confundir as sensações do perispírito, que se tornou independente, com as do corpo: só podemos tomar estas últimas como termo de comparação e, não, como analogia. Libertado do corpo, o Espírito pode sofrer; este sofrimento, porém, não é o do corpo. Não é, entretanto, um sofrimento exclusivamente moral, como o remorso, já que se queixa do frio e do calor; ele não sofre mais no inverno do que no verão: temo-los visto passar através das chamas, sem nada experimentar de penoso; a temperatura não lhes causa, portanto, impressão alguma. A dor que sentem não é, pois, propriamente, uma dor física: é um vago sentimento íntimo, do qual o próprio Espírito nem sempre se apercebe com clareza, precisamente porque a dor não é localizada e porque não é produzida por agentes exteriores: é muito mais uma recordação do que uma realidade, uma reminiscência, igualmente, muito penosa. Todavia, algumas vezes, há mais do que uma lembrança, como vamos ver.

A experiência nos ensina que, no momento da morte, o perispírito se desliga, mais ou menos lentamente, do corpo; durante os primeiros instantes, o Espírito não encontra explicação para a sua situação; não acredita estar morto; sente-se vivo; vê seu corpo ao lado, sabe que lhe pertence e não compreende que dele esteja separado; este estado dura, enquanto houver um elo entre o corpo e o perispírito. Um suicida nos dizia: “Não, não estou morto”. E acrescentava: “*entretanto, sinto os vermes a me roerem.*” Ora, certamente, os vermes não roíam o perispírito e,

menos ainda, o Espírito; roíam apenas o corpo. Mas, como a separação do corpo e do perispírito não era completa, daí resultava uma espécie de repercussão moral, que lhe transmitia a sensação daquilo que se passava com o corpo. Repercussão, talvez não seja a palavra certa, porque poderia levar a acreditar num efeito muito material; era muito mais a visão do que se passava com o seu corpo, ao qual seu perispírito o prendia, que nele produzia uma ilusão, que ele tomava por realidade. Desse modo, não era uma reminiscência, já que, durante sua vida, ele não tinha sido roído pelos vermes: era o sentimento de um fato atual. Vê-se, desta forma, as deduções que podemos fazer dos fatos, quando atentamente observados. Durante a vida, o corpo recebe as impressões exteriores e as transmite ao Espírito por intermédio do perispírito, que constitui, provavelmente, o que se chama de fluido nervoso. Estando morto o corpo, nada mais sente, porque nele não há mais Espírito, nem perispírito. O perispírito, liberto do corpo, experimenta a sensação; porém, como ela não lhe chega mais através de um canal limitado, torna-se geral. Ora, como o perispírito é apenas um agente de transmissão, visto que é o Espírito que possui a consciência, daí resulta que, se pudesse existir um perispírito sem Espírito, ele não sentiria mais do que o corpo quando está morto; da mesma forma que, se o Espírito não tivesse perispírito, seria inacessível a qualquer sensação penosa; é o que acontece com os Espíritos completamente purificados. Sabemos que, quanto mais eles se depuram, mais etérea se torna a essência do perispírito; donde se conclui que a influência material diminui, à medida que o Espírito progride, isto é, à medida que o próprio perispírito se torna menos grosseiro.

Mas, dir-se-á, as sensações agradáveis são transmitidas ao Espírito através do perispírito, assim como as sensações desagradáveis; ora, se o Espírito puro é inacessível a umas, deve sê-lo, igualmente, às outras. Sim, sem dúvida, relativamente àquelas que provêm unicamente da influência da matéria que conhecemos; o som dos nossos instrumentos, o perfume das nossas flores não lhe causam impressão alguma e, todavia, há nele sensações íntimas, de um encanto indefinível de que não podemos fazer a menor idéia, porque somos, a esse respeito, como cegos de nascença, diante da luz; sabemos que isso existe, mas através de que meio? Aí cessa nossa ciência. Sabemos que possui percepção, sensação, audição, visão; que estas faculdades são atributos de todo o ser e, não, como no homem, de uma parte do ser; mas, ainda uma vez, através de que intermediário? É o que não sabemos. Os próprios Espíritos não podem nos explicar, porque nossa linguagem não é feita para exprimir idéias que não possuímos, precisamente como a linguagem dos selvagens não possui termos para exprimir nossas artes e nossas doutrinas filosóficas.

Ao dizer que os Espíritos são inacessíveis às impressões da nossa matéria, queremos falar dos Espíritos muito elevados, cujo envoltório etéreo não tem analogia neste mundo. O mesmo não se dá com aqueles cujo perispírito é mais denso; estes percebem nossos sons e odores, não, porém, através de uma parte limitada de sua individualidade, como quando estavam vivos. Poder-se-ia dizer que as vibrações moleculares se fazem sentir em todo o seu ser e lhes chegam, assim, ao

sensorium commune,¹¹ que é o próprio Espírito, embora de uma maneira diferente e, talvez, também com uma impressão diferente, o que produz uma modificação na percepção. Eles ouvem o som da nossa voz e, todavia, nos compreendem sem o auxílio da palavra, somente pela transmissão do pensamento; e, o que vem apoiar o que dizemos, é que essa penetração é tanto mais fácil, quanto mais desmaterializado é o Espírito. Quanto à visão, ela independe de luz, como a nossa. A faculdade de ver é um atributo essencial da alma: não há obscuridade para ela; porém é mais extensa, mais penetrante naqueles que são mais purificados. A alma, ou Espírito, possui, portanto, em si mesma, a faculdade de todas as percepções; na vida corporal, elas são obliteradas pela grosseria dos nossos órgãos; na vida extracorpórea, elas o são cada vez menos, à medida que se utiliza o envoltório semi-material.

Esse envoltório, haurido no meio ambiente, varia, conforme a natureza dos mundos. Passando de um mundo ao outro, os Espíritos mudam de envoltório como mudamos de roupa, ao passar do inverno para o verão, ou do pólo ao Equador. Os Espíritos mais elevados, quando vêm nos visitar, revestem, portanto, o perispírito terrestre e, então, suas percepções se produzem como nos nossos Espíritos comuns; todos, porém, inferiores e superiores, só ouvem e sentem o que querem ouvir e sentir. Sem possuir órgãos sensitivos, podem, à vontade, tornar suas percepções ativas ou nulas; apenas uma coisa são forçados a ouvir: são os conselhos dos bons Espíritos. A visão é sempre ativa, mas eles podem, reciprocamente, tornar-se invisíveis uns aos outros. Conforme a categoria que ocupem, podem ocultar-se daqueles que lhes são inferiores, mas não daqueles que lhes são superiores. Nos primeiros momentos que se seguem à morte, a visão do Espírito é sempre turvada e confusa; clareia-se, à medida que ele se liberta, e pode adquirir a mesma nitidez que possuía durante a vida, independentemente de sua penetração através dos corpos que, para nós, são opacos. Quanto à sua extensão através do espaço indefinido, no futuro e no passado, ela depende do grau de pureza e de elevação do espírito.

Toda essa teoria, dir-se-á, não é tranquilizadora. Pensávamos que, uma vez desligados do nosso grosseiro envoltório, instrumento de nossas dores, não sofreríamos mais e eis que nos informais que ainda sofreremos; de uma forma ou de outra, o sofrimento continua. Ai de nós! Sim, podemos sofrer ainda, muito e durante longo tempo, mas podemos também não sofrer mais, desde o instante mesmo em que deixamos a vida corporal.

Os sofrimentos deste mundo independem, algumas vezes, de nós; muitos, porém, são conseqüências da nossa vontade. Que se remonte à fonte e ver-se-á que o maior número deles é o efeito de causas que teríamos podido evitar. Quantos males, quantas enfermidades, o homem não deve aos seus excessos, à sua ambição, numa palavra: às suas paixões? O homem que sempre tivesse vivido sobriamente, que de nada tivesse abusado, que sempre tivesse sido simples nos seus gostos, modesto nos seus desejos, evitaria muitas tribulações. O mesmo

¹¹ Expressão latina que significa: senso comum. (N.T.)

se dá com o Espírito; os sofrimentos que suporta são sempre a conseqüência da maneira como viveu na Terra; certamente, não sofrerá mais de gota, nem de reumatismos, mas terá outros sofrimentos equivalentes. Vimos que seus sofrimentos são o resultado dos elos que ainda existem entre ele e a matéria; que quanto mais liberto da influência da matéria, ou melhor, quando mais desmaterializado, menos sensações penosas experimentará; ora, depende dele o libertar-se dessa influência, desde esta vida; ele tem seu livre-arbítrio e, por conseguinte, a escolha entre fazer e não fazer; que ele dome suas paixões animais, que não tenha ódio, nem inveja, nem ciúme, nem orgulho; que não seja dominado pelo egoísmo; que purifique sua alma, através dos bons sentimentos; que faça o bem; que não dê às coisas deste mundo senão a importância que merecem; então, embora sob o envoltório corporal, já se encontrará depurado, já se achará desligado da matéria e, quando deixar esse envoltório, não lhe experimentará mais a influência; os sofrimentos físicos que suportou nenhuma recordação dolorosa lhe deixam; nenhuma impressão desagradável lhe resta, porque apenas afetaram o corpo e, não, o espírito; ele fica feliz por ter-se libertado deles e a paz de sua consciência o liberará de qualquer sofrimento moral. Interrogamos, aos milhares, Espíritos que pertenceram a todas as classes da sociedade, a todas as posições sociais; nós os estudamos em todos os períodos de sua vida espiritual, desde o instante em que deixaram seus corpos; nós os seguimos, passo a passo, nessa vida de além-túmulo, para observar as mudanças que neles se operavam, nas suas idéias, nas suas sensações e, sob esse aspecto, os homens mais comuns não foram os que nos forneceram os temas de estudo menos preciosos. Ora, sempre vimos que os sofrimentos estão relacionados com a conduta cujas conseqüências eles experimentam, e que essa nova existência é a fonte de uma felicidade inefável para aqueles que seguiram o bom caminho; donde se conclui que aqueles que sofrem, assim o quiseram, logo só devem culpar a si mesmos, tanto no outro mundo, quanto neste.

Escolha das Provas

258. No estado errante e antes de retomar uma nova existência corporal, o Espírito tem a consciência e a previsão das coisas que lhe acontecerão durante a vida?

“Ele próprio escolhe o gênero de provas que quer experimentar e é nisso que consiste o seu livre-arbítrio.”

a) Então, não é Deus, quem lhe impõe as tribulações da vida, como castigo?

“Nada acontece sem a permissão de Deus, pois foi ele quem estabeleceu todas as leis que regem o Universo. Perguntai, então, por que ele fez esta lei e não aquela! Dando ao Espírito a liberdade da escolha, deixa-lhe toda a responsabilidade de seus atos e de suas conseqüências; nada entrava o seu futuro; o caminho do bem se lhe abre, assim como o do mal. Se ele sucumbe, porém, resta-lhe uma consolação: é que nem tudo acabou para ele e que Deus, em sua bondade, deixa-o livre para recomeçar o que foi mal feito. Aliás, é preciso distinguir o que é a obra da vontade de Deus e o que é da do homem. Se um perigo vos ameaça, não fostes vós que

criastes esse perigo, foi Deus; tivestes, entretanto, a vontade de a ele vos expordes, porque vistes nisso uma possibilidade de adiantamento, e Deus o permitiu.”

259. Se o Espírito escolhe o gênero de prova a que deve se submeter, daí se segue que todas as tribulações que experimentamos na vida foram previstas e escolhidas por nós?

“Todas, não é bem a palavra, pois não quer dizer que escolhestes e previstes tudo o que vos acontece no mundo, até as mínimas coisas; escolhestes o gênero de prova, os detalhes são consequência da posição e, freqüentemente, de vossas próprias ações. Se o Espírito quis nascer entre malfeitores, por exemplo, sabia a que arrastamentos se expunha, mas, não, cada um dos atos que viria a praticar; esses atos são o efeito de sua vontade, ou de seu livre-arbítrio. O Espírito sabe que escolhendo tal caminho, terá tal gênero de luta a suportar; sabe, portanto, a natureza das vicissitudes que encontrará, mas não sabe se ocorrerá este ou aquele acontecimento. As particularidades se originam das circunstâncias e da força das coisas. Apenas os grandes acontecimentos, os que influem no destino, estão previstos. Se tomas um caminho cheio de sulcos, sabes que terás que tomar grandes precauções, porque tens probabilidade de cair, mas não sabes em que lugar cairás e pode acontecer que não caias, se fores bastante prudente. Se, ao passares por uma rua, uma telha te cair na cabeça, não creias que estava escrito, como vulgarmente se diz.”

260. Como o Espírito pode querer nascer entre gente de má vida?

“É preciso que ele seja enviado a um meio em que possa experimentar a prova que pediu. Pois bem! É preciso, portanto, que haja analogia; para lutar contra o instinto do roubo, é necessário que ele se ache entre gente dessa espécie.”

a) Se não houvesse, na Terra, gente de má vida, o Espírito não poderia, então, nela encontrar o meio necessário a certas provas?

“E isto seria de se lastimar? É o que acontece nos mundos superiores, aos quais o mal não tem acesso; é por isso que, nesses mundos, só há Espíritos bons. Fazei com que logo se dê o mesmo na vossa Terra.”

261. O Espírito, nas provas a que deva se submeter para chegar à perfeição, deve experimentar todos os gêneros de tentações? Deve passar por todas as circunstâncias que possam excitar nele o orgulho, o ciúme, a avareza, a sensualidade, etc.?

“Certamente, não, visto que sabeis que existem aqueles que, desde o início, tomam um caminho que os livra de muitas provas; aquele, porém, que se deixa arrastar para um mau caminho, corre todos os perigos desta estrada. Por exemplo, um Espírito pode pedir a riqueza e esta pode ser-lhe concedida; então, conforme seu caráter, poderá tornar-se avarento ou pródigo, egoísta ou generoso, ou, então, entregar-se a todos os gozos da sensualidade; isto, porém, não quer dizer que deverá, forçosamente, vivenciar todas essas tendências.”

262. Como o Espírito que, em sua origem, é simples, ignorante e sem experiência, pode escolher uma existência com conhecimento de causa e ser responsável por essa escolha?

“Deus lhe supre a inexperiência, traçando-lhe o caminho que deve seguir, como fazes com uma criança, desde o berço; mas ele o deixa, pouco a pouco, senhor de proceder à escolha, à medida que seu livre-arbítrio se desenvolve e é, então, que, muitas vezes, extravia-se, tomando o mau caminho, porque não escuta os conselhos dos bons Espíritos; aí está o que se pode chamar a queda do homem.”

a) Quando o Espírito goza de seu livre-arbítrio, a escolha da existência corporal depende sempre, exclusivamente, de sua vontade, ou essa existência pode lhe ser imposta pela vontade de Deus, como expiação?

“Deus sabe esperar: não apressa a expiação; todavia, Deus pode impor uma existência a um Espírito, quando este, pela sua inferioridade ou sua má-vontade, não está apto a compreender o que poderia ser-lhe mais salutar e quando vê que essa existência pode servir para sua purificação e seu adiantamento, ao mesmo tempo que ele aí encontra uma expiação.”

263. O Espírito faz sua escolha imediatamente após a morte?

“Não, muitos acreditam na eternidade das penas; já vos dissemos: é um castigo.”

264. O que dirige o Espírito na escolha das provas que ele queira experimentar?

“Ele escolhe as que podem ser para ele uma expiação, pela natureza de suas faltas, e para fazê-lo progredir mais depressa. Uns podem, portanto, impor-se uma vida de miséria e de privações para tentar suportá-la com coragem; outros podem querer experimentar as tentações da fortuna e do poder, muito mais perigosas, pelos abusos e mau uso que deles se pode fazer e pelas más paixões que desenvolvem; outros, finalmente, querem se experimentar, através das lutas que têm que sustentar no contato com o vício.”

265. Se alguns Espíritos escolhem o contato com o vício como prova, haverá outros que o escolham por simpatia e pelo desejo de viver num meio conforme aos seus gostos, ou para poderem entregar-se, materialmente, a pendoros materiais?

“Certamente os há, mas apenas entre aqueles cujo senso moral ainda está pouco desenvolvido; *a prova vem por si mesma e eles a suportam mais demonstradamente*. Cedo ou tarde, compreendem que a satisfação plena das paixões brutais acarreta-lhes conseqüências deploráveis, que sofrerão durante um tempo que lhes parecerá eterno; e Deus poderá deixá-los neste estado, até que tenham compreendido suas faltas e que eles mesmos peçam para repará-las, através de proveitosas provações.”

266. Não parece natural escolher as provas menos penosas?

“Para vós, sim; para o Espírito, não; quando desligado da matéria, a ilusão cessa e ele pensa de uma outra maneira.”

O homem, na Terra e sob a influência das idéias carnisais, só vê o lado penoso dessas provas; é por isso que lhe parece natural escolher as que, do seu ponto de vista, podem aliar-se aos gozos materiais; mas, na vida espiritual, ele compara esses gozos fugidios e grosseiros com a felicidade inalterável que entrevê e, assim sendo, o que lhe poderiam causar alguns sofrimentos passageiros? O Espírito pode, portanto, escolher a prova mais rude e, por conseguinte, a existência mais penosa, na esperança de alcançar mais depressa um estado melhor, como o enfermo escolhe, freqüentemente, o remédio mais desagradável para se curar mais rápido. Aquele que quer ter seu nome ligado à descoberta de um país desconhecido não escolhe uma estrada florida; sabe dos perigos que corre, mas sabe, também, da glória que o aguarda, se tiver êxito.

A doutrina da liberdade na escolha de nossas existências e das provas que devemos suportar deixa de parecer extraordinária, se considerarmos que os espíritos, desligados da matéria, apreciam as coisas de uma maneira diferente daquela segundo a qual nós próprios apreciamos. Percebem o objetivo, objetivo muito mais sério para eles do que os gozos fugidios do mundo; depois de cada existência, vêm o passo que deram e compreendem o que ainda lhes falta em pureza para atingi-lo: eis por que submetem-se, voluntariamente, a todas as vicissitudes da vida corporal, pedindo, eles próprios, as que podem fazer com que alcancem mais depressa. É, portanto, sem motivo que se espantam de não ver o espírito dar preferência à existência mais suave. Dessa vida isenta de amargura, ele não pode fruir, no seu estado de imperfeição; ele a entrevê e, para atingi-la, é que procura se melhor.

Aliás, não deparamos todos os dias com o exemplo de coisas semelhantes? O homem que trabalha uma parte de sua vida, sem trégua nem descanso, para acumular haveres que lhe assegurem o bem-estar, o que faz, senão executar uma tarefa que impõe a si mesmo, tendo em vista um futuro melhor? O militar que se oferece para uma missão perigosa, o viajor que desafia não menores perigos, no interesse da Ciência ou de sua fortuna, o que fazem também, senão enfrentar provas voluntárias que devem proporcionar-lhes honra e proveito, se as superarem? A que o homem não se submete e não se expõe pelo seu interesse ou pela sua glória? Todos os concursos não são também provas voluntárias a que nos submetemos, tendo em vista nos elevar na carreira que escolhemos? Não se ascende a qualquer posição superior nas Ciências, nas artes, na indústria, senão passando pela escala das posições inferiores que são outras tantas provas. A vida humana é, assim, a cópia da vida espiritual; nela encontramos, em ponto pequeno, todas as mesmas peripécias. Se, portanto, na vida, escolhemos, freqüentemente, as provas mais rudes, em vista de um objetivo mais elevado, por que o Espírito, que enxerga mais distante do que o corpo e para quem a vida do corpo é somente um incidente fugidio, não faria a escolha de uma existência penosa e laboriosa, se ela o conduzisse a uma felicidade eterna? Os que dizem que, já que é o homem quem escolhe sua existência, pedirão para ser príncipes ou milionários, são como míopes que só vêem aquilo que tocam, ou, como essas crianças gulosas, a quem se pergunta o que desejam ser e que respondem: confeitiro ou doceiro.

Assim é o viajante que, no fundo do vale escurecido pelo nevoeiro, não enxerga a extensão, nem os pontos extremos de sua estrada; tendo chegado ao cume da montanha, abarca o caminho percorrido e o que lhe resta a percorrer; vê seu objetivo, os obstáculos que ainda terá que transpor e pode, então, organizar com mais segurança os meios de chegar. O Espírito encarnado é como o viajante no sopé da montanha; desligado dos liames terrestres, ele vê mais longe como aquele que se encontra no topo do monte. Para o viajante, a meta é o repouso, após a fadiga; para o Espírito, é a felicidade suprema, após as tribulações e as provas.

Todos os Espíritos dizem que, no estado errante, eles pesquisam, estudam, observam, para fazer a sua escolha. Não temos um exemplo deste fato na vida corporal? Não buscamos,

frequentemente durante anos, a carreira na qual fixamos, livremente, nossa escolha, porque a acreditamos mais apropriada para realizar nosso caminho? Se fracassamos numa, procuramos uma outra. Cada carreira que abraçamos é uma fase, um período da vida. Cada dia não é empregado em imaginar o que faremos no dia seguinte? Ora, o que são as diferentes existências corporais para o Espírito, senão fases, períodos, dias para sua vida espiritual, que é, como o sabemos, sua vida normal, sendo a vida corporal apenas transitória e passageira?

267. O Espírito poderia fazer sua escolha, enquanto encarnado?

“Seu desejo pode influir sobre a escolha; isso depende da intenção; porém, como Espírito, vê, frequentemente, as coisas de modo muito diferente. O Espírito faz, por si só, essa escolha; mas, ainda uma vez, ele pode fazê-la nessa vida material, pois o Espírito tem sempre aqueles momentos em que se torna independente da matéria onde habita.”

a) Muitas pessoas desejam as grandezas e as riquezas e, certamente, não seria como expiação nem como prova?

“Sem dúvida; é a matéria que deseja essa grandeza, para gozá-la, e é o Espírito que a deseja, para conhecer-lhe as vicissitudes.”

268. Até que atinja o estado de pureza perfeita, o Espírito tem, constantemente, que experimentar provas?

“Sim, mas elas não são como o entendeis; chamais provas as tribulações materiais; ora, o Espírito que chegou a um certo grau, embora não seja perfeito, não necessita mais suportá-las; tem sempre, porém, deveres que o ajudam a aperfeiçoar-se e nada têm de penosos para ele, mesmo que seja apenas o de auxiliar os outros a se aperfeiçoarem.”

269. O Espírito pode se enganar sobre a eficácia da prova que escolheu?

“Pode escolher uma que esteja acima de suas forças e, então, sucumbe; pode, também, escolher uma da qual nada aproveite, como acontecerá, se buscar um gênero de vida ociosa e inútil; mas, então, retornando ao mundo dos Espíritos, percebe que nada ganhou e pede para reparar o tempo perdido.”

270. A que se devem atribuir as vocações de certas pessoas e sua vontade de seguir uma carreira de preferência a outra?

“Parece-me que podeis vós mesmos responder a esta pergunta. Não será a consequência de tudo o que dissemos sobre a escolha das provas e sobre o progresso efetuado numa existência anterior?”

271. No estado errante, estudando o Espírito as diversas condições em que poderá progredir, como pensa poder fazê-lo, nascendo, por exemplo, entre os povos canibais?

“Não são os Espíritos já adiantados que nascem entre os canibais, mas Espíritos da mesma natureza dos canibais ou que lhes são inferiores.”

* Vide nota explicativa no final do livro (N.E.)

Sabemos que nossos antropófagos não estão no último grau da escala e que há mundos onde o embrutecimento e a ferocidade não têm analogia na Terra. Esses Espíritos são, portanto, ainda inferiores aos mais inferiores do nosso mundo e, vir entre os nossos selvagens, representa para eles um progresso, como o seria, para nossos antropófagos, exercer entre nós uma profissão que os obrigasse a derramar sangue. Se não visam maior elevação, é porque sua inferioridade moral não lhes permite compreender um progresso mais completo. O Espírito só pode progredir gradualmente; ele não pode transpor, de um salto, a distância que separa a barbárie da civilização e é nisso que vemos uma das necessidades da reencarnação, que corresponde, verdadeiramente, à justiça de Deus; de outro modo, que seria desses milhões de seres que morrem todos os dias no último estágio da degradação, se não tivessem os meios de alcançar a superioridade? Por que Deus os deserdaria dos favores concedidos aos outros homens?

272. Poderiam nascer entre nossos povos civilizados, Espíritos vindos de um mundo inferior à Terra ou de um povo muito atrasado, como os canibais, por exemplo?

“Sim; há os que se extraviam, por quererem subir muito alto; mas, então, ficam deslocados entre vós, porque possuem costumes e instintos que não combinam com os vossos.”

Estes seres nos oferecem o triste espetáculo da ferocidade na civilização; retornarem ao meio dos canibais. não será um rebaixamento; eles apenas retomarão o lugar que lhes é próprio e talvez ainda ganhem com isso.

273. Um homem pertencente a uma raça* civilizada poderia, por expiação, reencarnar numa raça de selvagens?

“Sim, mas isto depende do gênero de expiação; um senhor que tenha sido rude com seus escravos, poderá tornar-se escravo, por sua vez, e sofrer os maus tratos que tenha feito os outros suportarem. Aquele que, numa determinada época, tenha comandado, pode, numa nova existência, obedecer àqueles mesmos que se curvavam à sua vontade. É uma expiação, se tiver abusado de seu poder e Deus pode impor-lhe isto. Um bom espírito pode, também, escolher uma existência influente entre esses povos, para fazê-los progredir e, neste caso, trata-se de uma missão.”

Relações de Além-túmulo

274. As diferentes ordens de Espíritos estabelecem entre estes uma hierarquia de poderes; há entre eles subordinação e autoridade?

“Sim, muito grande; os Espíritos têm uns sobre os outros uma autoridade relativa à sua superioridade, que eles exercem por um ascendente moral irresistível.”

a) Os Espíritos inferiores podem subtrair-se à autoridade daqueles que lhes são superiores?

“Eu disse: irresistível.”

275. O poder e a consideração de que um homem desfrutou na Terra lhe dão uma supremacia no mundo dos Espíritos?

* Vide nota explicativa no final do livro (N.E.)

“Não, pois, lá, os pequenos serão elevados e os grandes rebaixados. Lê os salmos.”

a) Como devemos entender essa elevação e esse rebaixamento?

“Não sabes que os Espíritos são de diferentes ordens, conforme seu mérito? Pois bem! O maior da Terra pode pertencer à última categoria entre os Espíritos, enquanto seu servidor poderá pertencer à primeira. Compreendes isto? Não disse Jesus: quem se humilhar será elevado e quem se elevar será rebaixado?”

276. Aquele que foi grande na Terra e que se encontra entre os Espíritos numa ordem inferior, experimenta com isso humilhação?

“Freqüentemente, humilhação bem grande, principalmente, se era orgulhoso e invejoso.”

277. O soldado que, após a batalha, reencontra, no mundo dos Espíritos, o seu general, ainda o reconhece como seu superior?

“O título é nada, a superioridade real é tudo.”

278. Os Espíritos das diferentes ordens se acham misturados?

“Sim e não; quer dizer, eles se vêem, mas se distinguem uns dos outros. Evitam-se ou se aproximam, conforme a analogia ou a antipatia de seus sentimentos, como acontece entre vós. *Constituem um mundo do qual o vosso é pálido reflexo.* Os da mesma categoria se reúnem, por uma espécie de afinidade, e formam grupos ou famílias de Espíritos, unidos pela simpatia e pelo objetivo a que se propõem: os bons, pelo desejo de fazer o bem; os maus, pelo desejo de fazer o mal, pela vergonha de seus erros e pela necessidade de se acharem entre seres semelhantes a eles.”

Assim como uma grande cidade em que os homens de todas as categorias e de todas as condições se vêem e se encontram, sem se confundirem; onde as sociedades se formam pela analogia dos gostos; onde o vício e a virtude se acotovelam, sem nada se dizerem.

279. Todos os Espíritos têm, reciprocamente, acesso uns aos outros?

“Os bons vão a toda a parte e é preciso que seja assim, para que possam exercer sua influência sobre os maus; porém, as regiões habitadas pelos bons são interditas aos Espíritos imperfeitos, a fim de que estes não possam levar a elas a perturbação das más paixões.”

280. Qual a natureza das relações entre os bons e os maus Espíritos?

“Os bons tentam combater os maus pendores dos outros, *a fim de ajudá-los a subir*; é uma missão.”

281. Por que os Espíritos inferiores se comprazem em nos induzir ao mal?

“Por inveja de não terem merecido estar entre os bons. O desejo deles é o de impedir, tanto quanto possam, os Espíritos ainda inexperientes de alcançarem o bem supremo; querem fazer com que os outros experimentem o que eles próprios experimentam. Não vedes isto também entre vós?”

282. Como os Espíritos se comunicam entre si?

“Eles se vêem e se compreendem; a palavra é material: é o reflexo do Espírito. O fluido universal estabelece entre eles uma comunicação constante; é o veículo da transmissão do pensamento, como o ar é para vós o veículo da transmissão do som; é uma espécie de telégrafo universal, que liga todos os mundos e permite que os Espíritos se correspondam de um mundo a outro.”

283. Os Espíritos podem, reciprocamente, dissimular seus pensamentos? Podem ocultar-se uns dos outros?

“Não; para eles tudo está a descoberto, sobretudo quando são perfeitos. Eles podem se afastar, mas sempre se vêem. Isto, todavia, não constitui uma regra absoluta, pois certos Espíritos podem muito bem tornar-se invisíveis a outros Espíritos, se julgarem útil fazê-lo.”

284. Como os Espíritos, que não possuem mais corpo, podem constatar sua individualidade e se distinguir dos outros seres espirituais que os rodeiam?

“Constatam suas individualidades através do perispírito, que deles faz seres distintos uns dos outros, como o corpo faz, entre os homens.”

285. Os Espíritos se reconhecem por terem coabitado a Terra? O filho reconhece seu pai, o amigo reconhece o seu amigo?

“Sim; e, assim, de geração em geração.”

a) Como os homens que se conheceram, na Terra, se reconhecem, no mundo dos Espíritos?

“Vemos nossa vida passada e nela lemos como num livro; vendo o passado de nossos amigos e de nossos inimigos, vemos a passagem deles da vida à morte.”

286. A alma, ao deixar seu despojo mortal, vê, imediatamente, seus parentes e seus amigos que a precederam no mundo dos Espíritos?

“Imediatamente, não é bem a palavra; pois, como já dissemos, é-lhe necessário algum tempo para se reconhecer e se libertar do véu material.”

287. Como a alma é acolhida no seu retorno ao mundo dos Espíritos?

“A do justo, como um irmão bem-amado, desde muito tempo esperado; a do mau, como um ser a quem se despreza.”

288. Que sentimento experimentam os Espíritos impuros, à visão de um outro Espírito mau que chega?

“Os maus ficam satisfeitos ao verem seres semelhantes e privados, como eles, da felicidade infinita, como, na Terra, um vigarista entre seus iguais.”

289. Nossos parentes e nossos amigos vão, algumas vezes, ao nosso encontro, quando deixamos a Terra?

“Sim, eles vão ao encontro da alma a quem são afeiçoados; felicitam-na como se regressasse de uma viagem, como se tivesse escapado dos perigos da estrada, e a auxiliam a se liberar dos liames corporais. É uma graça para os bons

Espíritos quando aqueles que os amaram vão ao seu encontro, enquanto aquele que se acha maculado, permanece no isolamento, ou só é cercado por Espíritos que lhe são semelhantes: é uma punição.”

290. Os parentes e os amigos sempre se reúnem, depois da morte?

“Isto depende da elevação deles e do caminho que percorrem para o seu adiantamento. Se um deles está mais adiantado e caminha mais rápido que o outro, não poderão permanecer juntos; poderão ver-se, algumas vezes, mas só estarão reunidos para sempre, quando puderem caminhar lado a lado, ou quando tiverem chegado à igualdade em aperfeiçoamento. E, além disso, a privação de ver seus parentes e seus amigos é, algumas vezes, uma punição.”

Relações Simpáticas e Antipáticas entre os Espíritos. Metades Eternas

291. Além da simpatia geral, por semelhança, têm os Espíritos, entre eles, afeições particulares?

“Sim, como os homens; mas o elo que une os Espíritos é mais forte, quando o corpo está ausente, porque não se encontra mais exposto às vicissitudes das paixões.”

292. Os Espíritos nutrem ódio, entre si?

“Só há ódios, entre os Espíritos impuros e são eles que insuflam, entre vós, as inimizades e as dissensões.”

293. Dois seres que tiverem sido inimigos na Terra, conservarão ressentimento um do outro, no mundo dos Espíritos?

“Não, eles compreenderão que seu ódio era estúpido e o motivo, pueril. Apenas os Espíritos imperfeitos conservam uma espécie de animosidade, até que se tenham depurado. Se foi somente um interesse material o que os separou, não pensarão mais nisso, por menos desmaterializados que estejam. Se não há antipatia entre eles, não existindo mais o motivo da discussão, podem se rever com prazer.”

Exatamente como dois colegas que, chegando à idade da razão, reconhecem a puerilidade das controvérsias que tiveram na infância e reconciliam-se.

294. A lembrança das más ações que dois homens tenham cometido um contra o outro constitui um obstáculo, para que haja simpatia entre eles?

“Sim, ela os leva a se afastarem um do outro.”

295. Que sentimento experimentam, depois da morte, aqueles a quem fizemos mal neste mundo?

“Se são bons, perdoarão, conforme o vosso arrependimento. Se são maus, podem conservar ressentimento e, algumas vezes, vos perseguirem até numa outra existência. Deus pode permiti-lo, como castigo.”

296. As afeições individuais dos Espíritos são suscetíveis de se alterar?

“Não, pois eles não podem se enganar; *não possuem mais a máscara sob a qual se escondem os hipócritas*; é por isso que, sendo puros, suas afeições são inalteráveis. O amor que os une é para eles a fonte de uma suprema felicidade.”

297. A afeição que dois seres se consagram, na Terra, continua sempre a existir, no mundos dos Espíritos?

“Sim, sem dúvida, se estiver baseada numa simpatia verdadeira; mas, se as causas físicas aí tiveram maior importância do que a simpatia, ela cessa com a causa. As afeições entre os Espíritos são mais sólidas e duráveis do que na Terra, porque não estão subordinadas ao capricho dos interesses materiais e do amor-próprio.”

298. As almas que devem se unir estão predestinadas a essa união desde sua origem e cada um de nós tem, em alguma parte do Universo, *sua metade* a que, fatalmente, um dia, se reunirá?

“Não; não existe união particular e fatal entre duas almas. A união existe entre todos os espíritos, mas em graus diferentes, conforme a categoria que ocupam, isto é, segundo a perfeição que tenham adquirido: quanto mais perfeitos, mais unidos. Da discórdia nascem todos os males dos humanos; da concórdia resulta a completa felicidade.”

299. Em que sentido se deve entender a palavra *metade*, de que alguns Espíritos se servem, para designar os Espíritos simpáticos?

“A expressão é inexata; se um Espírito fosse a metade de outro, separado deste, estaria incompleto.”

300. Dois Espíritos perfeitamente simpáticos, uma vez reunidos, permanecerão assim, pela eternidade, ou podem, então, separar-se e unir-se a outros Espíritos?

“Todos os Espíritos estão, reciprocamente, unidos; falo daqueles que chegaram à perfeição. Nas esferas inferiores, quando um Espírito se eleva, não sente mais a mesma simpatia por aqueles que deixou.”

301. Dois Espíritos simpáticos são o complemento um do outro, ou essa simpatia é o resultado de uma identidade perfeita?

“A simpatia que atrai um Espírito para o outro é o resultado da perfeita concordância de seus pendores, de seus instintos; se um devesse completar o outro, perderia sua individualidade.”

302. A identidade necessária à simpatia perfeita consiste apenas na semelhança de pensamentos e de sentimentos, ou também, na uniformidade dos conhecimentos adquiridos?

“Na igualdade dos graus de elevação.”

303. Os Espíritos que presentemente não são simpáticos podem tornar-se simpáticos mais tarde?

“Sim, todos o serão. Assim, o Espírito que hoje se encontra numa esfera inferior, aperfeiçoando-se, ascenderá à esfera onde tal outro reside. O encontro deles se dará mais prontamente, se o Espírito mais elevado, ao suportar mal as provas a que se acha submetido, permanecer no mesmo estado.”

a) Dois Espíritos simpáticos podem deixar de sê-lo?

“Certamente, se um for preguiçoso.”

A teoria das metades eternas é uma figura que representa a união de dois Espíritos simpáticos: é uma expressão utilizada até na linguagem comum e que não se deve tomar ao pé da letra; os espíritos que dela se serviram, com certeza não pertencem à ordem mais elevada; a esfera de suas idéias é, necessariamente, limitada e exprimiram seu pensamento, através de termos que teriam usado, durante a vida corporal. Deve-se, portanto, rejeitar esta idéia de que dois Espíritos, criados um para o outro, tenham que, fatalmente, um dia se reunir na eternidade, depois de ter estado separados, durante um lapso de tempo mais ou menos longo.

Recordação da Existência Corporal

304. O Espírito se recorda de sua existência corporal?

“Sim; quer dizer, tendo vivido várias vezes como homem, lembra-se do que foi e eu te asseguro que, às vezes, ri, com pena de si mesmo.”

Como o homem que chegou à idade da razão ri das loucuras de sua juventude, ou das puerilidades de sua infância.

305. A lembrança da existência corporal se apresenta ao Espírito de maneira completa e inesperada, depois da morte?

“Não; ela lhe retorna, pouco a pouco, como alguma coisa que surge do nevoeiro, à medida que nela fixa sua atenção.”

306. O Espírito se lembra, com detalhes, de todos os acontecimentos de sua vida? Abarca-lhes o conjunto, com uma olhadela retrospectiva?

“Lembra-se das coisas, em razão das conseqüências que elas têm sobre seu estado como Espírito; porém, compreendes que haja circunstâncias de sua vida às quais não dá importância alguma e das quais nem sequer procura recordar-se.”

a) Se o quisesse, poderia recordar-se delas?

“Pode lembrar-se dos detalhes e dos incidentes mais minuciosos, quer sejam de acontecimentos, quer sejam até de seus próprios pensamentos; porém, quando isto não tem utilidade, ele não o faz.”

b) Ele entrevê o objetivo da vida terrestre com relação à vida futura?

“Certamente, ele o vê e o compreende bem melhor do que quando, em vida, no corpo; compreende a necessidade de purificação para chegar ao infinito e sabe que, em cada existência deixa algumas impurezas.”

307. Como a vida passada se desenha na memória do Espírito? Será por um esforço de sua imaginação, ou como um quadro que tem diante dos olhos?

“Um e outro; todos os atos cuja lembrança lhe interessa são, para ele, como que presentes; os outros permanecem mais ou menos vagos no pensamento, ou completamente esquecidos. Quanto mais desmaterializado, menos importância dá às coisas materiais. Evocas, com freqüência, um Espírito errante que acaba de deixar a Terra e que não se lembra dos nomes das pessoas que ele amava, nem de muitos detalhes que te parecem importantes; como se preocupa pouco com estas coisas, logo caem no esquecimento. O de que se lembra muito bem são os fatos principais, que o ajudam a se melhorar.”

308. O Espírito se lembra de todas as existências que precederam a que acaba de deixar?

“Todo o seu passado se desenrola diante dele, como as etapas percorridas pelo viajante; porém, nós o dissemos, ele não se lembra, de uma forma absoluta, de todos os seus atos; lembra-se deles em razão da influência que exerceram sobre seu estado atual. Quanto às primeiras existências, aquelas que podem ser consideradas como a infância do Espírito, elas se perdem no vago e desaparecem na noite do esquecimento.”

309. Como o Espírito considera o corpo que acaba de deixar?

“Como uma roupa imprestável *que o embaraçava* e fica feliz por livrar-se dela.”

a) Que sentimento a visão de seu corpo em decomposição lhe causa?

“Quase sempre o de indiferença, como por uma coisa que não lhe interessa mais.”

310. Ao final de certo tempo, o Espírito reconhece os ossos ou outros objetos que lhe tenham pertencido?

“Algumas vezes; isto depende do ponto de vista mais ou menos elevado, sob o qual ele considere as coisas terrestres.”

311. O respeito que se tenha pelas coisas materiais que foram do Espírito atrai sua atenção para esses mesmos objetos e ele vê com prazer esse respeito?

“O Espírito fica sempre feliz com a lembrança que dele se tenha; os objetos dele que se conservam trazem-no à memória, mas é o pensamento que o atrai para vós e, não, aqueles objetos.”

312. Os Espíritos conservam a lembrança dos sofrimentos que suportaram, durante sua última existência corporal?

“Freqüentemente eles a conservam, e esta lembrança os faz melhor apreciar o valor da felicidade de que podem gozar como Espíritos.”

313. O homem que foi feliz neste mundo lamenta deixar seus prazeres, ao partir da Terra?

“Só os Espíritos inferiores podem lamentar a perda de alegrias que se afinizam com a impureza de sua natureza, que eles expiam, pelos seus sofrimentos.

Para os Espíritos elevados, a felicidade eterna é mil vezes preferível aos prazeres efêmeros da Terra.”

Assim como o homem adulto, que despreza o que constituía as delícias de sua infância.

314. Aquele que iniciou grandes trabalhos com um fim útil e os vê interrompidos pela morte, lamenta, no outro mundo, tê-los deixado inacabados?

“Não, porque vê que outros estão destinados a concluí-los. Tenta, ao contrário, influenciar outros Espíritos humanos a continuá-los. Seu objetivo, na Terra, era o bem da Humanidade; este objetivo permanece o mesmo no mundo dos Espíritos.”

315. Aquele que deixou trabalhos de arte ou de literatura conserva pelas suas obras o amor que tinha, quando vivo?

“Conforme sua elevação, ele os aprecia sob um outro ponto de vista e condena, com freqüência, o que mais admirava.”

316. O Espírito ainda se interessa pelos trabalhos que se realizam, na Terra, pelo progresso das artes e das ciências?

“Isto depende de sua elevação ou da missão que pode ter que desempenhar. O que vos parece magnífico representa, freqüentemente, bem pouca coisa para certos Espíritos; eles o admiram, como o sábio admira a obra de um estudante. Ele examina o que pode provar a elevação dos Espíritos encarnados e seus progressos.”

317. Os Espíritos conservam, depois da morte, o amor pela pátria?

“O princípio é sempre o mesmo: para os Espíritos elevados, a pátria é o Universo; na Terra, ela está onde houver mais pessoas que lhes sejam simpáticas.”

A situação dos Espíritos e sua maneira de ver as coisas variam ao infinito, em razão do seu de desenvolvimento moral e intelectual. Os Espíritos de uma ordem elevada, geralmente, fazem na Terra, apenas estadas de curta duração; tudo o que nela se faz é tão mesquinho, em comparação com as grandezas do infinito, as coisas às quais os homens atribuem mais importância são tão pueris, aos seus olhos, que eles aqui encontram poucos atrativos, a menos que para cá sejam chamados, tendo em vista concorrer para o progresso da Humanidade. Os Espíritos de uma ordem mediana aqui permanecem mais freqüentemente, embora considerem as coisas de um ponto de vista mais elevado do que quando encarnados. Os Espíritos comuns aqui estão, de certa forma, sedentários e constituem a massa da população ambiente do mundo invisível; eles conservaram quase as mesmas idéias, os mesmos gostos e os mesmos pendores que possuíam, quando estavam sob seu envoltório corporal; eles se imiscuem em nossas reuniões, em nossos negócios, em nossos divertimentos, nos quais tomam parte mais ou menos ativa, conforme seu caráter. Como não podem satisfazer suas paixões, saciam-se junto àqueles que a elas se entregam e os excitam para mantê-las. Entre eles, há outros mais sérios, que vêem e observam para se instruir e se aperfeiçoar.

318. As idéias dos Espíritos se modificam, no estado de espírito?

“Muito; elas sofrem modificações muito grandes, à medida que o Espírito se desmaterializa; ele pode, algumas vezes, permanecer durante longo tempo com as mesmas idéias, mas, pouco a pouco, a influência da matéria diminui e ele vê as coisas mais claramente; é, então, que procura os meios de se melhorar.”

319. Visto que o Espírito já viveu a vida espiritual, antes de sua encarnação, a que se deve seu espanto, ao reingressar no mundo dos Espíritos?

“Isto é apenas o efeito do primeiro momento e da perturbação que se segue ao despertar; mais tarde, ele se reconhece perfeitamente, à proporção que a lembrança do passado lhe volta e que a impressão da vida terrestre se apaga.” (163 e seguintes)

Comemoração dos Mortos. Funerais

320. Os Espíritos são sensíveis à lembrança daqueles que amaram na Terra?

“Muito mais do que podeis supor; se são felizes, essa lembrança lhes aumenta a felicidade; se são infelizes, representa, para eles, um alívio.”

321. O dia da comemoração dos mortos tem, para os Espíritos, algo de mais solene? Preparam-se para ir visitar aqueles que vão orar sobre seus despojos?

“Os Espíritos atendem ao chamado do pensamento, nesse dia, como nos outros.”

a) Esse é, para eles, um dia de encontro, junto de suas sepulturas?

“Nesse dia, eles lá estão em maior número, porque há mais pessoas que os chamam; porém, cada um deles só comparece ali pelos seus amigos e, não, pela multidão dos indiferentes.”

b) Sob que forma ali aparecem e como os veríamos, se pudessem tornar-se visíveis?

“Aquele sob a qual os conhecemos, quando encarnados.”

322. Os Espíritos esquecidos, cujos túmulos ninguém vai visitar, ali aparecem apesar disso, e experimentam um pesar por verem que nenhum amigo deles se lembra?

“O que representa a Terra para eles? A ela só nos prendemos pelo coração. Se não há amor, nada mais liga o Espírito a ela: ele tem para si todo o Universo.”

323. A visita ao túmulo proporciona mais satisfação ao Espírito do que uma prece feita em casa?

“A visita ao túmulo é uma forma de manifestar que se pensa no Espírito ausente: é uma imagem. Já vos disse: é a prece que santifica o ato da recordação; pouco importa o lugar, se ela é dita com o coração.”

324. Os Espíritos das pessoas a quem se erigem estátuas ou monumentos assistem a essas espécies de inaugurações e as vêem com prazer?

“Muitos aí aparecem, quando o podem, porém, são menos sensíveis às honras que lhes prestam do que à lembrança.”

325. Qual a origem do desejo de certas pessoas de serem enterradas num lugar de preferência a um outro? Elas aí retornam com mais boa vontade, após

sua morte? E essa importância atribuída a uma coisa material é um sinal de inferioridade do Espírito?

“Afeição do Espírito por alguns lugares; inferioridade moral. O que representa um canto de terra mais do que outro, para o Espírito elevado? Ele não sabe que sua alma se reunirá àqueles que ama, mesmo que seus ossos estejam separados?”

a) A reunião dos despojos mortais de todos os membros de uma mesma família deve ser considerada como uma coisa fútil?

“Não; é um piedoso costume e um testemunho de simpatia pelos amados; se essa reunião não importa muito para os Espíritos, ela é útil aos homens: as lembranças ficam mais concentradas.”

326. A alma, ao retornar à vida espiritual, é sensível às honras prestadas ao seu despojo mortal?

“Quando o Espírito já chegou a um certo grau de perfeição, não tem mais vaidade terrestre e compreende a futilidade de todas essas coisas; porém, fica sabendo que, freqüentemente, há espíritos que, nos primeiros momentos de sua morte material, experimentam um grande prazer com as honras que lhes prestam, ou um aborrecimento, com o pouco caso pelo seu envoltório, pois ainda conservam alguns dos preconceitos desse mundo.”

327. O Espírito assiste ao seu enterro?

“Muito freqüentemente assiste, mas, algumas vezes, não percebe o que se passa, por ainda estar em perturbação.”

a) Fica lisonjeado com a afluência dos assistentes ao seu enterro?

“Mais ou menos, conforme o sentimento que os conduz.”

328. O Espírito daquele que acaba de morrer assiste às reuniões de seus herdeiros?

“Quase sempre; Deus assim o quer, para sua própria instrução e castigo dos culpados; é este o momento em que ele avalia a justiça dos protestos daqueles; para ele, todos os sentimentos estão a descoberto e a decepção que experimenta, vendo a rapacidade daqueles que partilham entre si os seus bens, esclarece-o sobre os sentimentos deles; mas a vez destes chegará.”

329. O respeito instintivo que o homem, em todos os tempos e entre todos os povos, demonstra pelos mortos, será um efeito da intuição que ele tem da existência futura?

“É a consequência natural dela; sem isto, esse respeito não teria razão de ser.”



Capítulo VII

Retorno à Vida Corporal

1. Prelúdios do Retorno.
2. União da Alma e do Corpo. Aborto.
3. Faculdades Morais e Intelectuais do Homem.
4. Influência do Organismo.
5. Idiotia, Loucura.
6. A Infância.
7. Simpatias e Antipatias Terrenas.
8. Esquecimento do Passado.

Prelúdios do Retorno

330. Os Espíritos sabem em que época reencarnarão?

“Eles a pressentem, como o cego percebe o fogo do qual se aproxima. Eles sabem que devem retomar um corpo, como sabeis que deveis morrer um dia, mas sem poder precisar quando isso ocorrerá.” (166)

a) A reencarnação é, então, uma necessidade da vida espiritual, como a morte é uma necessidade da vida corporal?

“Certamente; é assim mesmo.”

331. Todos os Espíritos se preocupam com a sua reencarnação?

“Há os que de modo algum pensam nisso, que nem mesmo a compreendem; isso depende de sua natureza mais ou menos adiantada. Para alguns, a incerteza em que se encontram, sobre o seu futuro, constitui uma punição.”

332. O Espírito pode apressar ou retardar o momento de sua reencarnação?

“Pode apressá-lo, atraindo-o com um intenso desejo; pode ainda afastá-lo, se recuar diante da prova, pois, entre os Espíritos, há também covardes e indiferentes. Mas não o faz impunemente; sofre por isso, como aquele que não aceita um remédio salutar que pode curá-lo.”

333. Se um Espírito, se considerasse bastante feliz, em uma condição mediana, entre os Espíritos errantes e não tivesse a ambição de se elevar, poderia prolongar esse estado indefinidamente?

“Indefinidamente, não; o progresso é uma necessidade que o Espírito, cedo ou tarde, experimenta; todos devem elevar-se, esse é o destino de todos.”

334. A união da alma a este ou àquele corpo está predestinada, ou só no último momento é que a escolha é feita?

“O Espírito é sempre designado com antecedência. Escolhendo a prova que quer experimentar, pede para reencarnar; ora, Deus, que tudo sabe e tudo vê, soube e viu, antecipadamente, que tal alma se uniria a tal corpo.”

335. Cabe ao Espírito a escolha do corpo no qual deva encarnar, ou somente a do gênero de vida que deva servir-lhe de prova?

“Ele pode também escolher o corpo, pois as imperfeições deste corpo são, para ele, provas que auxiliarão no seu progresso, se ele vencer os obstáculos que, então, encontra; a escolha, porém, não depende sempre dele; ele pode pedir.”

a) O Espírito poderia, no último momento, recusar-se a assumir o corpo escolhido por ele?

“Se recusasse, sofreria, em conseqüência, muito mais do que aquele que não tivesse tentado prova alguma.”

336. Poderia acontecer que uma criança que tivesse que nascer, não encontrasse Espírito que nela quisesse encarnar?

“Deus a isso proviria. A criança, quando deve nascer *viável*, está sempre predestinada a ter uma alma; nada foi criado sem um designio.”

337. A união do Espírito com determinado corpo pode ser imposta por Deus?

“Ela pode ser imposta, assim como as diferentes provas, principalmente, quando o Espírito ainda não está apto a fazer uma escolha com conhecimento de causa. Como expiação, o Espírito pode ser constrangido a se unir ao corpo de tal criança que, pelo seu nascimento e a posição que ocupará no mundo, poderá tornar-se, para ele, um motivo de castigo.”

338. Se acontecesse de vários Espíritos se apresentarem para um mesmo corpo que devesse nascer, o que é que decidiria entre eles?

“Vários Espíritos podem pedi-lo; é Deus quem julga, em semelhante caso, aquele que é mais capaz de desempenhar a missão que à criança está destinada; porém, como já disse, o Espírito é designado, antes do instante em que deva unir-se ao corpo.”

339. O momento da encarnação é acompanhado de uma perturbação semelhante àquela que se dá, quando da desencarnação?

“Muito maior e, sobretudo, mais longa. Com a morte, o Espírito sai da escravidão; com o nascimento, entra para ela.”

340. O instante em que um Espírito deve encarnar é, para ele, um instante solene? Executa esse ato como uma coisa grave e importante para ele?

“Ele é como um viajante que embarca para uma travessia perigosa e não sabe se encontrará a morte, nas ondas que afronta.”

O viajante que embarca, sabe a que perigos se expõe, mas não sabe se naufragará; acontece o mesmo com o Espírito: ele conhece o gênero das provas às quais se submete, mas não sabe se sucumbirá.

Assim como a morte do corpo é uma espécie de renascimento para o Espírito, a reencarnação é, para este, uma espécie de morte, ou melhor, de exílio e de clausura. Ele deixa o mundo dos Espíritos pelo mundo corporal, como o homem deixa o mundo corporal pelo mundo dos Espíritos. O Espírito sabe que reencarnará, como o homem sabe que morrerá; porém, como este, disso só tem consciência no último momento, quando chega o tempo apropriado; então, nesse instante supremo, a perturbação se apodera dele, como no homem que está em agonia, e essa perturbação persiste até que a nova existência esteja nitidamente constituída. A proximidade da reencarnação representa uma espécie de agonia, para o Espírito.

341. A incerteza em que o Espírito se encontra, quanto à eventualidade do êxito nas provas que vai suportar na vida, é, para ele, uma causa de ansiedade antes da sua encarnação?

“Uma ansiedade bem grande, visto que as provas de sua existência o retardarão ou o farão progredir, conforme ele as tiver bem ou mal suportado.”

342. No momento de sua reencarnação, o Espírito é acompanhado por outros Espíritos seus amigos, que vão assistir à sua partida do mundo espiritual, como vão recebê-lo, quando para lá retorna?

“Isto depende da esfera em que o Espírito habita. Se está nas esferas onde reina a afeição, os Espíritos que o amam acompanham-no, até o último momento, encorajando-o e, freqüentemente, até o seguem durante a vida.”

343. Os Espíritos amigos que nos seguem durante a vida seriam aqueles que vemos em sonho, que nos demonstram afeição e que a nós se apresentam, sob traços desconhecidos?

“Muito freqüentemente são eles que vêm visitar-vos, como ides ver um prisioneiro encarcerado.”

União da Alma e do Corpo

344. Em que momento a alma se une ao corpo?

“A união começa na concepção, mas só é completa no momento do nascimento. Desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar tal corpo a este se liga por um laço fluídico, que vai se apertando cada vez mais, até o instante em que a criança vem à luz. O grito que, então, a criança solta, anuncia que ela faz parte do número dos vivos e servidores de Deus.”

345. A união entre o Espírito e o corpo é definitiva, desde o momento da concepção? Durante este primeiro período, o Espírito poderia renunciar a habitar o corpo designado?

“A união é definitiva, no sentido de que um outro Espírito não poderia substituir o que está designado para aquele corpo; porém, como os laços que a ele o prendem são muito fracos, facilmente se rompem e podem romper-se pela vontade do Espírito, que recua diante da prova que escolheu; neste caso, porém, a criança não sobrevive.”

346. O que acontece com o Espírito, se o corpo que escolheu morre antes de nascer?

“Ele escolhe um outro.”

a) Qual pode ser a utilidade dessas mortes prematuras?

“São as imperfeições da matéria que, mais freqüentemente, ocasionam essas mortes.”

347. Que utilidade pode ter, para um Espírito, sua encarnação num corpo que morre poucos dias depois do seu nascimento?

“O ser não tem a consciência de sua existência bastante desenvolvida. A importância da morte é quase nula; é, freqüentemente, como o dissemos, uma prova para os pais.”

348. O Espírito sabe, antecipadamente, que o corpo que escolheu não tem possibilidade de viver?

“Algumas vezes ele o sabe; porém, se ele o escolhe por este motivo, significa que está recuando diante da prova.”

349. Quando uma encarnação está perdida para o Espírito, por uma razão qualquer, ela é suprida, imediatamente, por uma outra existência?

“Nem sempre, imediatamente; o Espírito precisa de tempo para escolher novamente, a menos que a reencarnação imediata provenha de uma determinação anterior.”

350. O Espírito, uma vez unido ao corpo da criança e quando não há mais como voltar atrás, lamenta, algumas vezes, a escolha que fez?

“Quereres perguntar se, como homem, ele se lamenta da vida que tem? Se a desejaria de outra maneira? Sim. Se ele lamenta a escolha que fez? Não; ele não sabe que a escolheu. O Espírito, uma vez encarnado, não pode lastimar uma escolha de que não tem consciência; porém, ele pode achar a carga muito pesada e considerá-la acima de suas forças, é, então, que recorre ao suicídio.”

351. No intervalo entre a concepção e o nascimento, o Espírito goza de todas as suas faculdades?

“Mais ou menos, conforme a época, pois ele ainda não está encarnado, porém, ligado. Desde o instante da concepção, a perturbação começa a tomar conta do Espírito, advertido por ela, de que chegou o momento de iniciar uma nova existência; essa perturbação vai aumentando até o nascimento; nesse intervalo, seu estado é quase o de um Espírito encarnado, durante o sono do corpo; à medida que o momento do nascimento se aproxima, suas idéias se apagam, assim como a lembrança do passado, do qual não tem mais consciência, como homem, uma vez que entra na vida; essa lembrança, porém, retorna-lhe, pouco a pouco, à memória, no seu estado de Espírito.”

352. No momento do nascimento, o Espírito recobra, imediatamente, a plenitude de suas faculdades?

“Não, elas se desenvolvem, gradualmente, com os órgãos. É uma nova existência para ele; é preciso que aprenda a se servir dos seus instrumentos; as idéias lhe voltam, pouco a pouco, como no homem que desperta do sono, e se encontra numa posição diferente da que ocupava na véspera.”

353. A união do Espírito ao corpo, não estando completa e definitivamente consumada senão após o nascimento, pode-se considerar que o feto tenha uma alma?

“O Espírito que deve animá-lo existe, de certa forma, fora dele; ele não tem, portanto, propriamente falando, uma alma, visto que a encarnação está apenas em via de operar-se; acha-se, porém, ligado àquela que ele deve possuir.”

354. Como explicar a vida intra-uterina?

“É a da planta que vegeta. A criança vive vida animal. O homem possui em si a vida animal e a vida vegetal, que ele completa, pelo nascimento, com a vida espiritual.”

355. Há, como o indica a Ciência, crianças que, desde o seio materno, não são viáveis; com que objetivo isto acontece?

“Isto se dá freqüentemente; Deus o permite como prova, quer para os pais, quer para o Espírito designado para assumir o seu lugar.”

356. Há natimortos que não tenham sido destinados à encarnação de um Espírito?

“Sim, há aqueles que nunca tiveram um Espírito destinado para seus corpos: para eles, nada devia se cumprir. É, então, apenas pelos pais que essa criança veio.”

a) Um ser dessa natureza pode vir a nascer?

“Sim, algumas vezes; mas, então, não vive.”

b) Toda criança que sobrevive após o seu nascimento tem, portanto, necessariamente, um Espírito nela encarnado?

“O que seria, sem isso? Não seria um ser humano.”

357. Quais são, para o Espírito, as conseqüências do aborto?

“É uma existência nula que terá que recomeçar.”

358. Constitui um crime o aborto voluntário, qualquer que seja a época da concepção?

“Há sempre crime, quando transgredis a lei de Deus. A mãe, ou qualquer outra pessoa, cometerá sempre um crime, tirando a vida de uma criança antes do seu nascimento, pois impede a alma de experimentar as provas de que o corpo devia ser o instrumento.”

359. No caso em que a vida da mãe estivesse em perigo, por causa do nascimento da criança, haveria crime em sacrificar a criança para salvar a mãe?

“É preferível sacrificar o ser que não existe ao ser que existe.”

360. Será racional ter para com o feto as mesmas atenções que se dispensam ao corpo de uma criança que tivesse vivido?

“Em tudo isto, vede a vontade de Deus e sua obra; não trateis, portanto, levemente, coisas que deveis respeitar. Por que não respeitar as obras da criação, que estão incompletas, algumas vezes, pela vontade do Criador? Isto faz parte dos seus desígnios que a ninguém cabe julgar.”

Faculdades Morais e Intelectuais do Homem

361. Qual a origem, no homem, de suas qualidades morais, boas ou más?

“São as do Espírito que nele está encarnado; quanto mais puro é esse Espírito, mais propenso ao bem é o homem.”

a) Parece daí resultar que o homem de bem é a encarnação de um bom Espírito e o homem vicioso, a de um Espírito mau?

“Sim; mas diz, de preferência, que é um Espírito imperfeito, do contrário, poder-se-ia acreditar na existência de Espíritos sempre maus, a que chamais demônios.”

362. Qual o caráter dos indivíduos nos quais encarnam Espíritos travessos e levianos?

“São estabados, espertos e, algumas vezes, seres maléficos.”

363. Os Espíritos possuem paixões que não pertencem à Humanidade?

“Não; do contrário, eles vo-las teriam comunicado.”

364. É o mesmo Espírito que dá ao homem as qualidades morais e as da inteligência?

“Certamente, é o mesmo, e isso em razão do grau de adiantamento a que chegou. O homem não tem em si dois Espíritos.”

365. Por que homens muito inteligentes, o que denota neles um Espírito superior, são, algumas vezes, ao mesmo tempo, profundamente viciosos?

“É que o Espírito encarnado não é bastante puro e o homem cede à influência de outros Espíritos piores. O Espírito progride, através de uma insensível marcha ascendente, mas o progresso não se efetua, simultaneamente, em todos os sentidos; num período, ele pode progredir em ciência, num outro, em moralidade.”

366. O que se deve pensar da opinião, segundo a qual as diferentes faculdades intelectuais e morais do homem corresponderiam à quantidade de Espíritos diferentes, nele encarnados, e possuindo, cada um, uma aptidão especial?

“Refletindo, reconhece-se que ela é absurda. O Espírito deve possuir todas as aptidões; para poder progredir, é-lhe necessária uma vontade única; se o homem fosse um amálgama de Espíritos, essa vontade não existiria e não haveria, para ele, a individualidade, visto que, com a sua morte, todos aqueles Espíritos seriam como um bando de pássaros que escapassem da gaiola. O homem, frequentemente, se queixa de não compreender certas coisas e é curioso ver como

ele multiplica as dificuldades, quando tem ao seu alcance uma explicação absolutamente simples e natural. Ainda, aqui, se toma o efeito pela causa; faz-se com o homem o que os pagãos faziam com Deus. Acreditavam em tantos deuses quantos eram os fenômenos no Universo; entre eles, porém, pessoas sensatas viam, nesses fenômenos, apenas efeitos que tinham como causa um Deus único.”

O mundo físico e o mundo moral nos oferecem, sobre esse tema, numerosos pontos de comparação. Acreditaram na existência múltipla da matéria, enquanto se detiveram na aparência dos fenômenos; atualmente, compreende-se que esses fenômenos, tão variados, podem muito bem ser apenas modificações de uma matéria elementar única. As diferentes faculdades são manifestações de uma mesma causa, que é a alma, ou do Espírito encarnado, e não de várias almas, assim como os diferentes sons do órgão são o produto de uma mesma espécie de ar e, não, de tantas espécies de ar quantos sons existam. Resultaria desse sistema que, quando um homem perdesse ou adquirisse algumas aptidões, alguns pendores, seria o caso da ida e vinda de tantos Espíritos, o que dele faria um ser múltiplo, sem individualidade e, por conseguinte, sem responsabilidade. Além disso, ele é contestado pelos exemplos tão numerosos de manifestações, através das quais os Espíritos provam sua personalidade e sua identidade.

Influência do Organismo

367. O Espírito, unindo-se ao corpo, identifica-se com a matéria?

“A matéria é apenas o envoltório do Espírito, como a roupa é o envoltório do corpo. O Espírito, unindo-se ao corpo, conserva os atributos da natureza espiritual.”

368. Após sua união com o corpo, as faculdades do Espírito são exercidas com toda a liberdade?

“O exercício das faculdades depende dos órgãos que lhes servem de instrumento; elas são enfraquecidas pela grosseria da matéria.”

a) Assim sendo, o envoltório material seria um obstáculo à livre manifestação das faculdades do Espírito, como um vidro opaco se opõe à livre emissão da luz?

“Sim, e muito opaco.”

Pode-se ainda comparar a ação da matéria grosseira do corpo sobre o Espírito à de um lodaçal, que tira a liberdade dos movimentos do corpo que nele se encontra mergulhado.

369. O livre exercício das faculdades da alma está subordinado ao desenvolvimento dos órgãos?

“Os órgãos são os instrumentos da manifestação das faculdades da alma; esta manifestação está subordinada ao desenvolvimento e ao grau de perfeição desses mesmos órgãos, como a excelência de um trabalho, à excelência da ferramenta.”

370. Da influência dos órgãos pode-se deduzir que haja uma relação entre o desenvolvimento dos órgãos cerebrais e o das faculdades morais e intelectuais?

“Não confundais o efeito com a causa. O Espírito sempre dispõe de faculdades que lhe são próprias; ora, não são os órgãos que dão as faculdades, mas as faculdades que impulsionam o desenvolvimento dos órgãos.”

a) Assim sendo, a diversidade das aptidões, no homem, deve-se unicamente ao estado do Espírito?

“Unicamente não é exatamente o termo; aí está o princípio, nas qualidades do Espírito, que pode ser mais ou menos adiantado; porém, é preciso levar em conta a influência da matéria que entrava, mais ou menos, o exercício de suas faculdades.”

O Espírito, encarnando, traz certas predisposições e, se se admite, para cada uma dessas aptidões, um órgão correspondente no cérebro, o desenvolvimento desses órgãos será um efeito e não uma causa. Se as faculdades tivessem seu princípio nos órgãos, o homem seria uma máquina sem livre-arbítrio e sem responsabilidade pelos seus atos. Seria preciso admitir que os maiores gênios, sábios, poetas, artistas, só fossem assim, porque o acaso lhes tivesse dado órgãos especiais. Donde se conclui que, sem esses órgãos, não teriam sido gênios e que o último dos imbecis poderia ter sido um Newton, um Virgílio ou um Rafael, se tivesse sido provido de certos órgãos; suposição mais absurda ainda, quando a aplicamos às qualidades morais. Assim, segundo este sistema, São Vicente de Paulo, dotado pela Natureza desse ou daquele órgão, teria podido ser um celerado, e ao maior celerado bastaria apenas um órgão para ser um Vicente de Paulo. Admiti, ao contrário, que os órgãos especiais, se é que existem, são consecutivos, que se desenvolvem pelo exercício da faculdade, como os músculos pelo movimento, e nada teréis de irracional. Façamos uma comparação trivial, à força de ser verdadeira. Por alguns sinais fisionômicos, reconhecéis um homem dado à bebida; serão esses sinais que o tornam bêbedo, ou a embriaguez é que dá origem a esses sinais? Pode-se dizer que os órgãos recebem a marca das faculdades.

Idiotia, Loucura

371. A opinião, segundo a qual os cretinos e os idiotas teriam uma alma de natureza inferior, tem fundamento?

“Não, eles têm uma alma humana, freqüentemente, mais inteligente do que imaginais, que sofre pela insuficiência dos meios de que dispõe para se comunicar, como o mudo sofre, por não poder falar.”

372. Qual é o objetivo da Providência criando seres desgraçados, como os cretinos e os idiotas?

“São Espíritos em punição os que habitam corpos de idiotas. Esses Espíritos sofrem pelo constrangimento que experimentam e pela impotência em que se encontram, para se manifestar através de órgãos não desenvolvidos ou destrambelhados.”

a) Então, não é exato dizer que os órgãos não têm influência sobre as faculdades?

“Nunca dissemos que os órgãos não têm influência; eles têm uma muito grande sobre a manifestação das faculdades, mas não dão as faculdades; aí está a diferença. Um bom músico, com um instrumento ruim, não produzirá boa música, e isso não o impedirá de continuar sendo um bom músico.”

É preciso distinguir o estado normal do estado patológico. No estado normal, o moral supera o obstáculo que a matéria lhe impõe; mas há casos em que a matéria oferece uma resistência tal, que as manifestações são entravadas ou desnaturadas, como na idiotia e na

loucura; são casos patológicos e, nesse estado em que a alma não goza de toda a liberdade, a própria lei humana a isenta da responsabilidade de seus atos.

373. Qual poderia ser o mérito da existência para os seres que, como os idiotas e os cretinos, não podendo fazer o bem nem o mal, acham-se impedidos de progredir?

“É uma expiação imposta pelo abuso que fizeram de certas faculdades; é uma parada temporária.”

a) Um corpo de idiota pode, então, conter um Espírito que tenha animado um homem de gênio, numa precedente existência?

“Sim; o gênio se torna, às vezes, um flagelo quando dele se abusa.”

A superioridade moral nem sempre é proporcional à superioridade intelectual e os maiores gênios podem ter muito que expiar; daí, frequentemente, lhes resulta uma existência inferior à que já tiveram e uma causa de sofrimentos; as dificuldades que o Espírito experimenta nas suas manifestações são, para ele, como as correntes que comprimem os movimentos de um homem vigoroso. Pode-se dizer que o cretino e o idiota são estropiados do cérebro, como o manco o é das pernas e o cego, dos olhos.

374. O idiota, no estado de Espírito, tem consciência de seu estado mental?

“Sim, muito freqüentemente; ele compreende que as correntes que dificultam seu vôo são uma prova e uma expiação.”

375. Qual é a situação do Espírito, na loucura?

“O Espírito, no estado de liberdade, recebe diretamente suas impressões e exerce, diretamente, sua ação sobre a matéria; encarnado, porém, ele se encontra em condições inteiramente diferentes e na obrigação de só fazê-lo com o auxílio de órgãos especiais. Se uma parte ou o conjunto desses órgãos fosse alterado, sua ação ou suas impressões, no que concerne a esses órgãos, seriam interrompidas. Se perde os olhos, torna-se cego; se é a audição, torna-se surdo, etc. Imagina, agora, que o órgão que preside aos efeitos da inteligência e da vontade esteja parcial ou inteiramente atacado ou modificado e será fácil compreenderes que o Espírito, só tendo a seu serviço órgãos incompletos ou deformados, deve experimentar uma perturbação de que ele, por si mesmo e no seu foro íntimo, tem perfeita consciência, mas não é capaz de deter-lhe o curso.”

a) Então, é sempre o corpo e não o Espírito que está desorganizado?

“Sim; mas é preciso não perder de vista que, assim como o Espírito age sobre a matéria, esta reage sobre ele, numa certa medida, e que o Espírito pode se encontrar, momentaneamente, impressionado pela alteração dos órgãos através dos quais ele se manifesta e recebe suas impressões. Pode acontecer que com o tempo, caso se prolongue a loucura, a repetição dos mesmos atos acabe por ter, sobre o Espírito, uma influência de que ele só se libertará, após sua completa liberação de qualquer impressão material.”

376. Donde se origina a idéia de que a loucura leva, algumas vezes, ao suicídio?

“O Espírito sofre pelo constrangimento que experimenta e pela impotência em que está de manifestar-se livremente, é por isso que procura, na morte, um meio de quebrar seus elos.”

377. O Espírito do alienado se ressentido, após a morte, da desorganização de suas faculdades?

“Pode ressentir-se, durante algum tempo, após a morte, até que esteja completamente desligado da matéria, como o homem que desperta se ressentido, por algum tempo, da perturbação em que o sono o mergulhou.”

378. Como a alteração do cérebro pode reagir sobre o Espírito, depois da morte?

“É uma recordação; um peso oprime o Espírito e, como ele não teve a compreensão de tudo o que se passou durante a sua loucura, sempre lhe é necessário um certo tempo, para pôr-se a par de tudo; é por isso que, quanto mais durar a loucura durante a vida, mais tempo durará a dificuldade, o constrangimento, após a morte. O Espírito liberto do corpo se ressentido, por algum tempo, da impressão dos seus vínculos.”

A Infância

379. O Espírito que anima o corpo de uma criança é tão desenvolvido quanto o de um adulto?

“Pode sê-lo mais ainda, se mais tiver progredido; são somente os órgãos imperfeitos que o impedem de se manifestar. Ele age de acordo com o instrumento com o auxílio do qual pode manifestar-se.”

380. Na criança pequenina, excetuando o obstáculo que a imperfeição dos órgãos opõe à sua livre manifestação, o Espírito pensa como uma criança ou como um adulto?

“Quando ele é criança, é natural que os órgãos da inteligência, não estando desenvolvidos, não lhe possam dar toda a intuição de um adulto; ele tem, efetivamente, a inteligência muito limitada, aguardando que a idade amadureça sua razão. A perturbação que acompanha a encarnação não cessa subitamente, no momento do nascimento; ela só gradualmente se dissipa, com o desenvolvimento dos órgãos.”

Uma observação vem apoiar esta resposta: é a de que os sonhos, na criança, não têm o mesmo caráter dos de um adulto; o objeto deles é, quase sempre, pueril, o que é um indício da natureza das preocupações do Espírito.

381. Com a morte da criança, o Espírito retoma imediatamente seu vigor anterior?

“Ele deve fazê-lo, já que está desembaraçado de seu envoltório carnal; todavia, só retoma sua lucidez anterior, quando a separação se completa, isto é, quando não mais existe elo algum, entre o Espírito e o corpo.”

382. O Espírito encarnado sofre, durante a infância, pelo constrangimento que lhe impõe a imperfeição de seus órgãos?

“Não; esse estado é uma necessidade; ele está na Natureza e de acordo com os objetivos da Providência; *é um tempo de repouso para o Espírito.*”

383. Qual é, para o Espírito, a utilidade de passar pelo estado de infância?

“O Espírito, encarnando para se aperfeiçoar, é mais sensível, durante esse tempo, às impressões que recebe e que podem ajudar no seu aperfeiçoamento, para o qual devem contribuir aqueles que estão encarregados de sua educação.”

384. Por que a primeira manifestação da criança é o choro?

“Para despertar o interesse da mãe e suscitar os cuidados que lhe são necessários. Não compreendes que, se ela só tivesse manifestações de alegria, enquanto ainda não soubesse falar, pouco se inquietariam com o de que ela necessitasse? Admirai, em tudo, a sabedoria da Providência.”

385. De onde se origina a mudança que se opera no caráter, numa certa idade e, particularmente, ao sair da adolescência? É o Espírito que se modifica?

“É o Espírito que retoma sua natureza e se mostra como era.

Não conheceis o segredo que escondem as crianças na sua inocência; não sabeis o que são, nem o que foram, nem o que serão; e, no entanto, vós as amais, vós as acariciais como se fossem parte de vós mesmos, de tal forma que o amor de uma mãe pelos seus filhos é considerado como o maior amor que um ser possa ter por um outro ser. De onde se origina essa meiga afeição, essa terna benevolência que os próprios estranhos sentem por uma criança? Vós o sabeis? Não; é isto que vou vos explicar.

As crianças são os seres que Deus envia a novas existências; e para que não possam acusá-lo de uma severidade muito grande, ele lhes dá todas as aparências da inocência; mesmo que se trate de uma criança de natureza má, cobrem-se suas más ações com a inconsciência de seus atos. Essa inocência não representa uma superioridade real sobre o que eram antes; não, é a imagem do que deveriam ser e, se não o são, é apenas sobre elas que recai o tormento.

Mas não foi apenas por elas que Deus lhes deu esse aspecto; foi também e, sobretudo, pelos seus pais, de cujo amor a fraqueza delas necessita. Esse amor seria singularmente enraquecido, diante de um caráter áspero e intratável, ao passo que, julgando seus filhos bons e dóceis, eles lhes dão toda a sua afeição e os cercam dos mais delicados cuidados. Porém, quando os filhos não têm mais necessidade dessa proteção, dessa assistência que lhes foi dada durante quinze a vinte anos, seu caráter real e individual reaparece em toda sua nudez: permanece bom, se era fundamentalmente bom; mas, matiza-se, sempre, com as nuances que estavam escondidas pela primeira infância.

Vedes que os caminhos de Deus são sempre os melhores e, quando se tem o coração puro, é fácil apreender a explicação.

Com efeito, pensai que o Espírito das crianças que nascem entre vós pode vir de um mundo onde tenha adquirido hábitos inteiramente diferentes; como quereríeis que fosse, no vosso meio, esse novo ser que vem com paixões bem diversas das que possuíis, com inclinações e gostos inteiramente opostos aos vossos; como quereríeis que ele se incorporasse às vossas fileiras senão como Deus o quis, isto é, pela peneira da infância? Nela vêm confundir-se todos os pensamentos, todos os caracteres, todas as variedades de seres gerados por essa infinidade de mundos, nos quais se desenvolvem as criaturas. E vós mesmos, ao morrerdes, vos encontrareis numa espécie de infância, entre novos irmãos; e, na vossa nova existência extraterrena, ignorareis os hábitos, os costumes, as relações desse mundo novo

para vós; manejareis com dificuldade uma língua que não estareis habituados a falar e mais viva do que, hoje, é o vosso pensamento. (319)

A infância tem ainda outra utilidade: os Espíritos só entram na vida corporal para se aperfeiçoar, para se melhorar; a fraqueza da pouca idade os torna flexíveis, acessíveis aos conselhos da experiência e dos que devem fazê-los progredir; é, então, que se pode reformar-lhes o caráter e reprimir seus maus pendores; esse é o dever que Deus confiou aos seus pais, missão sagrada pela qual terão que responder.

É assim que a infância é não apenas útil, necessária, indispensável, mas também a consequência natural das leis que Deus estabeleceu e que regem o Universo.”

Simpatias e Antipatias Terrenas

386. Dois seres que se conheceram e se amaram podem se reencontrar numa outra existência corporal e se reconhecer?

“Reconhecer-se, não; mas, serem atraídos um para o outro, sim; e, freqüentemente, ligações íntimas, fundadas numa afeição sincera, não possuem outra causa. Dois seres se aproximam um do outro, por circunstâncias aparentemente fortuitas, mas que decorrem da atração de dois Espíritos *que se buscam, em meio à multidão.*”

a) Não lhes seria mais agradável reconhecerem-se?

“Nem sempre; a lembrança das existências passadas teria inconvenientes maiores do que imaginais. Depois da morte, eles se reconhecerão, terão consciência do tempo que passaram juntos.”(392)

387. A simpatia tem sempre por princípio um conhecimento anterior?

“Não; dois Espíritos que se agradam mutuamente, naturalmente se procuram, sem que se tenham conhecido como homens.”

388. Os encontros de certas pessoas, que algumas vezes ocorrem e se atribuem ao acaso, não seriam o efeito de uma espécie de relações simpáticas?

“Há, entre os seres pensantes, ligações que não conheceis ainda. O magnetismo é o piloto desta Ciência que, mais tarde, compreenderéis melhor.”

389. De onde se origina a repulsão instintiva que se experimenta por algumas pessoas, à primeira vista?

“Espíritos antipáticos que se adivinham e se reconhecem, sem se falarem.”

390. A antipatia instintiva é sempre um sinal de natureza má?

“Dois Espíritos não são necessariamente maus, por não serem simpáticos; a antipatia pode nascer de uma divergência de idéias; porém, à medida que se elevam, as diferenças se apagam e a antipatia desaparece.”

391. A antipatia entre duas pessoas nasce, primeiramente, naquela em que o Espírito é pior ou melhor?

“Numa e noutra; as causas e os efeitos, porém, são diferentes. Um Espírito mau tem antipatia contra quem quer que possa julgá-lo e desmascará-lo; vendo uma pessoa pela primeira vez, sabe que vai ser criticado; seu afastamento se

transforma em ódio, em inveja e lhe inspira o desejo de praticar o mal. O bom Espírito sente repulsão pelo mau, porque sabe que não será compreendido e que eles não comungam os mesmos sentimentos; mas, seguro de sua superioridade, não tem contra o outro nem ódio, nem inveja: contenta-se em evitá-lo e compadecer-se dele.”

Esquecimento do Passado

392. Por que o Espírito encarnado perde a lembrança de seu passado?

“O homem não pode, nem deve, saber tudo; Deus, na sua sabedoria, assim o quer. Sem o véu que lhe oculta certas coisas, o homem ficaria ofuscado, como aquele que passa, sem transição, da escuridão para a luz. *Com o esquecimento do passado, ele se sente mais senhor de si.*”

393. Como o homem pode ser responsável por atos e resgatar faltas de que não se lembra? Como pode aproveitar da experiência adquirida em outras existências caídas no esquecimento? Conceberíamos que as tribulações da vida fossem uma lição para ele, se se recordasse do que as tivesse ocasionado; porém, desde o momento em que disso não se recorda, cada existência é para ele como se fosse a primeira e, assim, está sempre a recomeçar. Como conciliar isto com a justiça de Deus?

“A cada nova existência, o homem dispõe de mais inteligência e pode melhor distinguir o bem do mal. Onde estaria o seu mérito, se ele se lembrasse de todo o passado? Quando o Espírito retorna para sua vida primitiva (a vida espiritual), toda sua vida passada desenrola-se diante dele; ele vê as faltas que cometeu e que são a causa de seu sofrimento, e o que teria podido impedi-lo de cometê-las; compreende que a posição que lhe é dada é justa e busca, então, a existência que possa reparar a que acaba de transcorrer. Procura provas análogas àquelas pelas quais passou, ou as lutas que acredite apropriadas ao seu adiantamento e pede aos Espíritos que lhe são superiores para ajudá-lo nessa nova tarefa que empreende, pois sabe que o Espírito que lhe será dado como guia, nessa nova existência, procurará fazê-lo reparar suas faltas, dando-lhe uma espécie de *intuição* das que cometeu. Esta intuição é o pensamento, o desejo criminoso que, freqüentemente vos assalta, e ao qual resistis, instintivamente, atribuindo, a maior parte do tempo, vossa resistência aos princípios que recebestes de vossos pais, quando é a voz da consciência que vos fala; essa voz é a recordação do passado, voz que vos adverte para não cairdes novamente nas faltas que já cometestes. Tendo entrado nessa nova existência, se o Espírito passa por essas provas com coragem e resiste, eleva-se e sobe na hierarquia dos Espíritos, quando retorna para o meio deles.”

Se não temos, durante a vida corporal, uma lembrança precisa do que fomos e do que fizemos de bem ou de mal, nas nossas existências anteriores, temos disto a intuição, e nossas tendências instintivas são uma reminiscência de nosso passado, às quais nossa consciência, que é o desejo que experimentamos de não mais cometer as mesmas faltas, nos adverte para resistir.

394. Nos mundos mais adiantados que o nosso, onde não se acham premiados por todas as nossas necessidades físicas, nossas enfermidades, os homens compreendem que são mais felizes do que nós? A felicidade, em geral, é relativa; sentimo-la por comparação com um estado menos feliz. Como alguns desses mundos, embora melhores do que o nosso, não se encontram no estado de perfeição, os homens que os habitam devem ter, a seu modo, motivos de desgostos. Entre nós, o rico, mesmo que não sinta as angústias das necessidades materiais, como o pobre, nem por isso tem menos tribulações, que tornam sua vida amarga. Ora, pergunto se, na posição em que se encontram, os habitantes desses mundos não se consideram tão infelizes quanto nós e não se lamentam de sua sorte, já que não possuem a lembrança de uma existência inferior como termo de comparação?

“A isto, é preciso dar duas respostas distintas. Há mundos, entre os de que falas, cujos habitantes possuem uma lembrança muito clara e muito precisa de suas existências anteriores; esses, compreendes, podem e sabem apreciar a felicidade que Deus lhes permite fruir; há outros, porém, cujos habitantes, colocados, como o dizes, em melhores condições do que vós, não deixam de enfrentar grandes desgostos e até desgraças; estes não apreciam sua felicidade, pelo motivo mesmo de não se recordarem de um estado ainda mais infeliz. Se não a apreciam como homens, apreciam-na como Espíritos.”

Não há, no esquecimento dessas existências passadas, sobretudo quando tenham sido penosas, algo de providencial, onde se revela a sabedoria divina? É nos mundos superiores, quando a recordação das existências infelizes não constituir mais que um pesadelo, que elas se apresentam à memória. Nos mundos inferiores, as desgraças presentes não seriam agravadas pela recordação de todas aquelas que já tenham sido suportadas? Concluamos daí, pois, que tudo o que Deus fez está bem feito e que não nos cabe criticar suas obras, nem dizer como ele deveria ter regulado o Universo.

A lembrança de nossas individualidades anteriores teria inconvenientes muito graves; ela poderia, em alguns casos, nos humilhar singularmente; em outros, exaltar nosso orgulho e, por isso mesmo, entrar no nosso livre-arbítrio. Para nos melhorarmos, Deus nos deu apenas o que nos é necessário e suficiente: a voz da consciência e nossas tendências instintivas; ele nos retira o que poderia nos prejudicar. Acrescentemos, ainda, que, se tivéssemos a lembrança de nossos atos pessoais anteriores, teríamos, igualmente, a dos atos de outrem e que esse conhecimento poderia ter os efeitos lamentáveis, sobre as relações sociais; nem sempre podendo nos dignificar do nosso passado, é melhor que, prontamente, um véu seja lançado sobre ele. Isto está perfeitamente de acordo com a doutrina dos Espíritos, acerca dos mundos superiores ao nosso. Nesses mundos, onde só reina o bem, a lembrança do passado nada tem de penosa; eis por que lembrar-se de sua existência anterior é como lembrar-se do que se fez na véspera. Quanto à estada em mundos inferiores, não passa, como já o dissemos, de um sonho ruim.

395. Podemos ter algumas revelações sobre nossas existências anteriores?

“Nem sempre. Todavia, muitos sabem o que foram e o que faziam; se lhes fosse permitido dizê-lo, abertamente, fariam singulares revelações sobre o passado.”

396. Algumas pessoas julgam ter uma vaga lembrança de um passado desconhecido, que a elas se apresenta, como a imagem fugidia de um sonho que, em vão, tentam reter. Não será apenas uma ilusão?

“É, algumas vezes, real; mas, freqüentemente, também é uma ilusão, contra a qual é preciso se resguardar, pois pode ser o efeito de uma imaginação superexcitada.”

397. Nas existências corporais de uma natureza mais elevada do que a nossa, a lembrança das existências anteriores é mais precisa?

“Sim, à medida que o corpo se torna menos material, lembramo-nos melhor. A lembrança do passado é mais nítida, para aqueles que habitam os mundos de uma ordem superior.”

398. Sendo as tendências instintivas do homem uma reminiscência de seu passado, segue-se que, pelo estudo dessas tendências, ele possa conhecer as faltas que cometeu?

“Até um certo ponto, sim; mas, é preciso levar em conta a melhora que pôde operar-se no Espírito e as resoluções que tomou no estado errante; a existência atual pode ser muito melhor do que a precedente.”

a) Poderá ser pior, isto é, o homem pode cometer, numa existência, faltas que não cometeu na existência precedente?

“Isto depende do seu adiantamento; se não souber resistir às provações, pode ser arrastado a novas faltas, que são a consequência da posição que escolheu; geralmente, porém, estas faltas denotam muito mais um estado estacionário do que um estado retrógrado, pois o Espírito pode se adiantar ou estacionar, mas não retrocede.”

399. As vicissitudes da vida corporal sendo, ao mesmo tempo, uma expiação das faltas passadas e provas futuras, segue-se que, pela natureza dessas vicissitudes, se possa deduzir o gênero da existência anterior?

“Muito freqüentemente, visto que cada um é punido por aquilo em que pecou; todavia, não se deve fazer disto uma regra absoluta; as tendências instintivas são um indício mais seguro, pois as provações que o Espírito experimenta referem-se tanto ao futuro, quanto ao passado.”

Ao chegar ao termo marcado pela Providência para sua vida errante, o Espírito escolhe, ele próprio, as provas a que quer se submeter para apressar seu adiantamento, isto é, o gênero de existência que julga o mais apropriado para lhe fornecer os meios, e essas provas estão sempre relacionadas com as faltas que ele deve expiar. Se delas triunfa, eleva-se; se sucumbe, tem que recomeçar.

O Espírito goza sempre de seu livre-arbítrio; é em virtude dessa liberdade que, no estado de Espírito, ele escolhe as provas da vida corporal e que, no estado de encarnado, ele delibera se fará ou não, e escolhe entre o bem e o mal. Negar ao homem o livre-arbítrio, seria reduzi-lo à condição de máquina.

Tendo retornado à vida corporal, o Espírito perde, momentaneamente, a lembrança de suas existências anteriores, como se um véu as ocultasse; todavia, algumas vezes, delas possui uma vaga consciência, e estas podem até ser-lhe reveladas, em certas circunstâncias; mas, então, isto só se dá pela vontade dos Espíritos superiores, que o fazem espontaneamente, com um fim útil, nunca para satisfazer uma vã curiosidade.

As existências futuras, em nenhum caso, podem ser reveladas pelo fato de dependerem da maneira segundo a qual efetua-se a existência presente e da escolha ulterior do Espírito.

O esquecimento das faltas cometidas não constitui um obstáculo à melhoria do Espírito, pois, se não tem uma lembrança precisa delas, o conhecimento que delas possuía no estado errante e o desejo que experimentou de repará-las, guiam-no, através da intuição, e dão-lhe a idéia de resistir ao mal; essa idéia é a voz da consciência, na qual é secundado pelos Espíritos que o assistem, se ele escuta as boas inspirações que lhe sugerem.

Se o homem não conhece os próprios atos que cometeu nas suas existências anteriores, pode sempre saber de que gênero de faltas ele se tornou culpado e qual era seu caráter dominante. Basta-lhe estudar a si mesmo, e pode julgar o que foi, não pelo que ele é, mas pelas suas tendências.

As vicissitudes da vida corporal são, ao mesmo tempo, uma expiação, com relação às faltas passadas, e provas, para o futuro. Elas nos depuram e nos elevam, conforme as suportamos, com resignação e sem reclamação.

A natureza das vicissitudes e das provas que experimentamos pode também nos esclarecer sobre o que fomos e sobre o que fizemos, assim como julgamos, neste mundo, os atos de um culpado pelo castigo que a lei lhe inflige. Assim, este será castigado, no seu orgulho, pela humilhação de uma existência subalterna; o mau rico e o avarento, pela miséria; o que foi cruel para os outros, pelas crueldades que sofrerá; o tirano, pela escravidão; o mau filho, pela ingratidão de seus filhos; o preguiçoso, por um trabalho forçado, etc.



Capítulo VIII

Emancipação da Alma

1. O Sono e os Sonhos.
2. Visitas Espirituais entre Pessoas Vivas.
3. Transmissão Oculta do Pensamento.
4. Letargia. Catalepsia. Mortes Aparentes.
5. Sonambulismo.
6. Êxtase.
7. Segunda Vista.
8. Resumo Teórico do Sonambulismo, do Êxtase e da Segunda Vista.

O Sono e os Sonhos

400. O Espírito encarnado permanece de bom grado sob seu envoltório corporal?

“É como se perguntasses se ao prisioneiro agrada estar encarcerado. O Espírito encarnado aspira, incessantemente, à libertação e, quanto mais grosseiro é seu envoltório, mais deseja dele se livrar.”

401. Durante o sono, a alma repousa como o corpo?

“Não, o Espírito jamais está inativo. Durante o sono, os laços que o unem ao corpo estão relaxados e, como o corpo não está necessitando dele, ele percorre o espaço e entra *em relação mais direta com os outros Espíritos.*”

402. Como podemos julgar da liberdade dos Espíritos durante o sono?

“Através dos sonhos. Acredita-o: quando o corpo repousa, o Espírito possui mais faculdades do que no estado de vigília; tem a lembrança do passado e, algumas vezes, a previsão do futuro; adquire maior potência e pode comunicar-se com os outros Espíritos, *quer deste mundo, quer de um outro.* Dizes, com freqüência: tive um sonho estranho, um sonho horrível, mas que não tem verossimilhança alguma; tu te enganas; freqüentemente, é uma lembrança dos lugares e das coisas que viste ou verás, numa outra existência ou num outro momento. O corpo estando adormecido, o Espírito tenta quebrar suas correntes, pesquisando no passado ou no futuro.

Pobres homens, como conheceis pouco os fenômenos mais comuns da vida! Julgais-vos muito sábios e as coisas mais vulgares vos confundem; a estas

perguntas que todas as crianças fazem: O que fazemos quando dormimos? O que são os sonhos? Ficais embaraçados.

O sono liberta, parcialmente, a alma do corpo. Quando dormimos, ficamos, durante certo tempo, no estado em que nos encontraremos, de uma maneira fixa, depois da morte. Os Espíritos que rapidamente se desligaram da matéria, por ocasião de sua morte, tiveram sonhos inteligentes; esses, quando dormem, juntam-se à sociedade dos outros seres superiores a eles; com eles viajam, conversam e se instruem; trabalham mesmo em obras que, ao morrerem, acham-se inteiramente concluídas. Isto deve vos ensinar, ainda uma vez, a não temer a morte, visto que morreis todos os dias, segundo a palavra de um santo.

Isto, para os Espíritos elevados; mas, quanto à massa dos homens que, por ocasião da morte, têm de permanecer longas horas nessa perturbação, nessa incerteza de que já vos falaram, estes vão, ora para mundos inferiores à Terra, onde antigas afeições os chamam, ora em busca dos prazeres talvez ainda mais baixos do que aqueles que aqui têm; vão haurir doutrinas ainda mais vis, mais ignóbeis, mais nocivas do que as que professam no vosso meio. E o que engendra a simpatia na Terra não é outra coisa senão o fato de nos sentirmos, ao despertar, ligados pelo coração com quem acabamos de passar oito ou nove horas de felicidade ou de prazer. O que também explica essas antipatias invencíveis é que sabemos, no fundo do nosso coração, que essas pessoas têm uma consciência diversa da nossa, porque nós as conhecemos sem jamais tê-las visto com os olhos. É ainda o que explica a indiferença, visto que não se procura fazer novos amigos, quando se sabe que existem outros que nos amam e nos querem. Numa palavra, o sono influi, sobre a vossa vida, mais do que imaginais.

Graças ao sono, os Espíritos encarnados estão sempre em relação com o mundo dos Espíritos, e é isto o que faz com que os Espíritos superiores consentam, sem muita repulsa, em encarnar entre vós. Deus quis que, durante o contato deles com o vício, eles pudessem ir se retemperar na fonte do bem, para eles próprios não falirem, eles que tinham vindo para instruir os outros. O sono é a porta que Deus lhes abriu, para irem em direção a seus amigos do céu; é a recreação após o trabalho, enquanto aguardam a grande libertação, a libertação final, que deve restituí-los ao meio que lhes é próprio.

O sonho é a lembrança do que o vosso Espírito viu, durante o sono; mas observai que não sonhais sempre, porque nem sempre vos lembrais do que vistes, ou de tudo o que vistes. É vossa alma que não está em toda sua potência; freqüentemente, é apenas a lembrança da perturbação que acompanha vossa partida ou vossa chegada, a que se soma o que fizestes ou o que vos preocupa no estado de vigília; sem isto, como explicaríeis esses sonhos absurdos que têm os mais sábios, assim como os mais simples? Os maus Espíritos também se servem dos sonhos para atormentar as almas fracas e medrosas.

Aliás, dentro em pouco, vereis vulgarizar-se uma outra espécie de sonhos; ela é tão antiga quanto a que conheceis, mas a ignorais. O sonho de Joana, o sonho de Jacó, o sonho dos profetas judeus e de alguns adivinhos indianos: este

sonho é a lembrança da alma inteiramente desligada do corpo, a recordação dessa segunda vida de que vos falava ainda há pouco.

Procurai distinguir bem essas duas espécies de sonhos entre aqueles de que vos lembrais; sem isso, cairíeis em contradições e em erros que seriam funestos à vossa fé.”

Os sonhos são o produto da emancipação da alma, que se tornou mais independente pela suspensão da vida ativa e de relação. Daí, uma espécie de clarividência indefinida que se estende aos lugares mais afastados ou que nunca se viram e, algumas vezes, até outros mundos. Daí, também, a lembrança que traz à memória os acontecimentos efetuados na existência presente ou nas existências anteriores; as estranhas imagens do que se passa ou se passou em mundos desconhecidos, entremeadas com as coisas do mundo atual, formam esses conjuntos singulares e confusos que parecem não ter sentido ou ligação.

A incoerência dos sonhos se explica, ainda, pelas lacunas que produz a lembrança incompleta do que nos apareceu em sonho. Seria, assim, como uma narrativa da qual tivessem truncado, ao acaso, frases ou partes de frases: os fragmentos restantes, sendo reunidos, não teriam qualquer significado racional.

403. Por que não nos lembramos sempre dos sonhos?

“No que chamais de sono, só há o repouso do corpo, pois o Espírito está sempre em atividade; aí, ele recobra um pouco de sua liberdade e se corresponde com os que lhe são caros, quer neste mundo, quer em outros; porém, como o corpo é uma matéria pesada e grosseira, dificilmente, conserva as impressões que o Espírito recebeu, porque este não as percebeu através dos órgãos do corpo.”

404. O que se deve pensar do significado atribuído aos sonhos?

“Os sonhos não são verdadeiros como o entendem os ledores de sorte, pois é absurdo acreditar que sonhar com tal coisa, anuncia aquela outra. São verdadeiros no sentido de que apresentam imagens reais para o Espírito, mas que, freqüentemente, não têm relação com o que se passa na vida corporal; com freqüência, também, como já o dissemos, é uma recordação; pode ser, enfim, algumas vezes, um pressentimento do futuro, permitido por Deus, ou a visão do que se passa, naquele momento, num outro lugar a que a alma se transporta. Não tendes numerosos exemplos de pessoas que aparecem, em sonho, e vêm advertir seus parentes ou seus amigos do que está acontecendo com elas? O que são essas aparições, senão a alma ou Espírito dessas pessoas que vêm se comunicar com o vosso? Quando tendes a certeza de que o que vistes realmente aconteceu, não estará aí uma prova de que não foi simples imaginação, principalmente, se aquilo não passava, absolutamente, pelo vosso pensamento, durante a vigília?”

405. Freqüentemente, vêem-se, em sonho, coisas que parecem pressentimentos e que não se confirmam; de onde isto se origina?

“Elas podem confirmar-se para o Espírito, e, não, para o corpo, quer dizer, que o Espírito vê aquilo que deseja *porque vai ao seu encontro*. É preciso não esquecer que, durante o sono, a alma está sempre, mais ou menos, sob a influência da matéria e que, por conseguinte, nunca se liberta completamente das idéias terrenas; daí resulta que as preocupações da vigília podem dar, ao que se vê, a

aparência do que se deseja, ou do que se teme; aí está, verdadeiramente, o que se pode chamar de um efeito da imaginação. Quando se está fortemente preocupado com uma idéia, tudo o que vemos ligamos a ela.”

406. Quando vemos, em sonho, pessoas vivas, que conhecemos perfeitamente, praticarem atos de que absolutamente nem cogitam, não seria isso um efeito de pura imaginação?

“De que absolutamente nem cogitam, o que sabes sobre isto? Seus espíritos podem vir visitar o teu, como o teu pode visitar os delas e nem sempre sabes em que pensam. E, aliás, freqüentemente, também, atribuis a pessoas que conheces e de acordo com os vossos desejos, o que aconteceu ou o que acontece em outras existências.”

407. O sono completo é necessário para a emancipação do Espírito?

“Não; o Espírito recobra a sua liberdade, quando os sentidos se entorpecem; ele aproveita, para emancipar-se, todos os instantes de trégua que o corpo lhe dá. Desde que haja prostração das forças vitais, o Espírito se desprende e, quanto mais fraco for o corpo, mais livre é o Espírito.”

É assim que a sonolência ou um simples torpor dos sentidos apresenta, freqüentemente, as mesmas imagens do sonho.

408. Parece-nos, algumas vezes, ouvir em nós mesmos, palavras pronunciadas, distintamente, e que não têm relação alguma com aquilo que nos preocupa. De onde isto se origina?

“Sim, e até frases inteiras, principalmente, quando os sentidos começam a se entorpecer. É, algumas vezes, um fraco eco de um Espírito que quer se comunicar contigo.”

409. Freqüentemente, num estado que ainda não é o de sonolência, quando estamos com os olhos fechados, vemos imagens distintas, figuras cujos detalhes mais minuciosos apreendemos; será isto um efeito de visão ou de imaginação?

“O corpo estando entorpecido, o Espírito procura quebrar suas correntes; transporta-se e vê; se o sono fosse completo, isto seria um sonho.”

410. Têm-se, algumas vezes, durante o sono ou a sonolência, idéias que parecem muito boas e que, apesar dos esforços que se fazem para retê-las, elas se apagam da memória; de onde vêm estas idéias?

“Elas são o resultado da liberdade do Espírito, que se emancipa e goza de mais faculdades, durante esse momento. São, freqüentemente, também, conselhos que outros Espíritos dão.”

a) De que servem essas idéias e esses conselhos, visto que se perde a lembrança e deles não se pode tirar proveito?

“Essas idéias pertencem, algumas vezes, mais ao mundo dos Espíritos do que ao mundo corporal; porém, geralmente, se o corpo esquece, o Espírito se lembra e a idéia volta, no momento necessário, como uma inspiração do momento.”

411. O Espírito encarnado, nos momentos em que está desprendido da matéria e age como Espírito, sabe a época de sua morte?

“Freqüentemente, ele a pressente; algumas vezes, disse tem a consciência bem nítida e é o que, no estado de vigília, lhe dá a intuição; daí resulta que certas pessoas prevêem, por vezes, sua morte, com uma grande exatidão.”

412. A atividade do Espírito, durante o repouso ou o sono do corpo, pode ocasionar a fadiga deste último?

“Sim, pois o Espírito se mantém preso ao corpo, como o balão cativo se mantém preso à estaca; ora, assim como as sacudidelas do balão abalam a estaca, a atividade do Espírito reage sobre o corpo e pode fazê-lo experimentar a fadiga.”

Visitas Espirituais entre Pessoas Vivas

413. Do princípio da emancipação da alma, durante o sono, parece resultar que temos uma dupla existência simultânea: a do corpo, que nos dá a vida de relação exterior, e a da alma, que nos dá a vida de relação oculta; isto é exato?

“No estado de emancipação, a vida do corpo cede à vida da alma; porém, não são, propriamente falando, duas existências; são, antes, duas fases da mesma existência, pois o homem não vive duplamente.”

414. Duas pessoas que se conhecem podem visitar-se durante o sono?

“Sim, e muitas outras que julgam não se conhecer, reúnem-se e se falam. Podes ter, sem que o suspeites, amigos num outro país. O fato de ir ver, durante o sono, amigos, parentes, conhecidos, pessoas que podem vos ser úteis, é tão freqüente, que vós mesmos o fazeis, quase todas as noites.”

415. Qual pode ser a utilidade destas visitas noturnas, já que delas não nos lembramos?

“Comumente, dela fica uma intuição ao despertar e, freqüentemente, originam certas idéias que vêm, espontaneamente, sem que se possa explicá-las e que não são outras senão as que se adquiriram nessas conversações.”

416. O homem pode, pela sua vontade, provocar as visitas espirituais? Pode, por exemplo, dizer, ao preparar-se para dormir: esta noite, quero me encontrar, em Espírito, com tal pessoa, falar-lhe e dizer-lhe tal coisa?

“Eis o que acontece. O homem adormece, seu Espírito desperta e aquilo que o homem havia resolvido, o Espírito está, freqüentemente, bem longe de seguir, pois a vida do homem pouco interessa ao Espírito desligado da matéria. Isto para os homens já bastante elevados. Os outros passam de maneira muito diversa sua existência espiritual; entregam-se às suas paixões ou permanecem na inatividade. Pode, portanto, acontecer que, conforme sua motivação o predisponha, o Espírito vá visitar as pessoas que deseja; mas, pelo fato de ter vontade, quando desperto, não há razão para que o faça.”

417. Um certo número de Espíritos encarnados pode se reunir e formar assembléias?

“Sem dúvida alguma; os laços de amizade, antigos ou novos, freqüentemente reúnem, assim, diversos espíritos, felizes por estarem juntos.”

Pela palavra *antigo*, é preciso entender os laços de amizade contraídos em outras existências anteriores. Ao despertar, trazemos uma intuição das idéias que haurimos nessas conversações ocultas. mas ignoramos-lhes a fonte.

418. Uma pessoa que julgasse morto um de seus amigos, embora não o estivesse, poderia encontrar-se com ele, em Espírito, e saber, assim, que ele estava vivo? Poderia, neste caso, ter a intuição disto, ao despertar?

“Como Espírito, ela pode, certamente, vê-lo e conhecer sua situação; se não lhe tiver sido imposto, como prova, crer na morte de seu amigo, ela terá um sentimento de sua existência, como poderá ter o de sua morte.”

Transmissão Oculta do Pensamento

419. Qual a causa de uma mesma idéia, a de uma descoberta, por exemplo, se produzir em vários pontos, ao mesmo tempo?

“Já dissemos que, durante o sono, os Espíritos se comunicam entre si; pois bem! Quando o corpo desperta, o Espírito se lembra do que aprendeu e o homem acredita tê-lo inventado. Assim, muitos podem, simultaneamente, descobrir a mesma coisa. Quando dizeis que uma idéia está no ar, é uma figura mais justa do que supondes; cada um contribui para propagá-la, sem o suspeitar.”

Desse modo, nosso Espírito revela freqüentemente, ele próprio, a outros Espíritos e sem nosso conhecimento, o que constituía o objeto de nossas preocupações. durante a vigília.

420. Os Espíritos podem se comunicar, se o corpo estiver completamente desperto?

“O Espírito não se acha encerrado no corpo, como numa caixa: ele irradia à sua volta; é por isso que pode comunicar-se com outros Espíritos, mesmo no estado de vigília, embora o faça mais dificilmente.”

421. Como se explica que duas pessoas, perfeitamente despertas, tenham, com freqüência, instantaneamente, o mesmo pensamento?

“São dois Espíritos simpáticos que se comunicam e vêem, reciprocamente, seu pensamento, mesmo quando o corpo não dorme.”

Há, entre os Espíritos que se encontram, uma comunicação de pensamentos que faz com que duas pessoas se vejam e se compreendam, sem necessitarem dos sinais exteriores da linguagem. Poder-se-ia dizer que falam a linguagem dos Espíritos.

Letargia. Catalepsia. Mortes Aparentes

422. Geralmente, os letárgicos e os catalépticos vêem e ouvem o que se passa em torno deles, mas não podem manifestá-lo; será pelos olhos e pelos ouvidos do corpo que têm as percepções?

“Não, é pelo Espírito; o Espírito se reconhece, mas não pode comunicar-se.”

a) Por que ele não pode comunicar-se?

“O estado do corpo a isso se opõe; esse estado particular dos órgãos vos dá a prova de que há, no homem, outra coisa além do corpo, visto que o corpo não funciona mais; o Espírito, porém, age.”

423. Na letargia, o Espírito pode se separar inteiramente do corpo, de maneira a dar-lhe todas as aparências da morte e a ele retornar, depois?

“Na letargia, o corpo não está morto, visto que há funções que se efetuam; a vitalidade dele se encontra em estado latente como na crisálida e, não, aniquilada; ora, o Espírito está unido ao corpo, enquanto este vive; uma vez rompidos os laços, pela morte real e a desagregação dos órgãos, a separação é completa e o Espírito a ele não mais retorna. Quando um homem que tem as aparências da morte, retorna à vida, é que a morte não era completa.”

424. Pode-se, através de cuidados dispensados em tempo útil, reatar laços prestes a se romper e fazer voltar à vida um ser que, por falta de socorro, estaria definitivamente morto?

“Sim, sem dúvida, e disso tendes a prova, todos os dias,. O magnetismo, neste caso, representa, freqüentemente, um poderoso meio, porque restitui ao corpo o fluido vital que lhe falta e que era insuficiente para manter o funcionamento dos órgãos.”

A letargia e a catalepsia têm o mesmo princípio, que é a perda momentânea da sensibilidade e do movimento, por uma causa fisiológica ainda inexplicada; elas diferem no sentido de que, na letargia, a suspensão das forças vitais é geral e dá ao corpo todas as aparências da morte; na catalepsia, ela é localizada e pode afetar uma parte mais ou menos extensa do corpo, de maneira a deixar a inteligência livre para se manifestar, o que não permite confundila com a morte. A letargia é sempre natural; a catalepsia é, algumas vezes, espontânea, mas pode ser provocada e interrompida, artificialmente, pela ação magnética.

Sonambulismo

425. O sonambulismo natural tem relação com os sonhos? Como se pode explicá-lo?

“É uma independência da alma, mais completa do que no sonho e, então, suas faculdades ficam mais desenvolvidas; ela tem percepções que não tem no sonho, que é um estado de sonambulismo imperfeito.

No sonambulismo, o Espírito se acha na posse plena de si mesmo; os órgãos materiais, estando de alguma forma em estado de catalepsia, não recebem mais as impressões exteriores. Este estado se manifesta, principalmente, durante o sono; é o momento em que o Espírito pode deixar, provisoriamente, o corpo, porque este está entregue ao repouso indispensável à matéria. Quando os fatos de sonambulismo se produzem, é porque o Espírito, preocupado com uma coisa ou outra, entrega-se a uma ação qualquer que necessita da utilização de seu corpo, do qual se serve, então, de uma forma análoga ao uso que ele faz de uma mesa ou de qualquer outro objeto material, no fenômeno das manifestações físicas, ou mesmo da vossa mão, no das comunicações escritas. Nos sonhos de que se tem consciência, os órgãos, inclusive os da memória, começam a despertar; estes recebem imperfeitamente as impressões produzidas pelos objetos ou causas externas e as comunicam ao Espírito que, então, também em repouso, delas apenas percebe sensações confusas e freqüentemente desordenadas e sem nenhuma razão de ser aparente, misturadas que estão com vagas

lembranças, seja desta existência, seja de existências anteriores. É fácil, então, compreender por que os sonâmbulos nenhuma recordação guardam, e por que os sonhos, de que se conserva a memória, na maioria das vezes, não têm sentido algum. Digo na maioria das vezes, pois também acontece serem a consequência de uma recordação precisa de acontecimentos de uma vida anterior e, algumas vezes até, uma espécie de intuição do futuro.”

426. O sonambulismo chamado magnético tem relação com o sonambulismo natural?

“É a mesma coisa, só que ele é provocado.”

427. Qual a natureza do agente chamado fluido magnético?

“Fluido vital; eletricidade animalizada, que são modificações do fluido universal.”

428. Qual a causa da clarividência sonambúlica?

“Já o dissemos: *é a alma quem vê.*”

429. Como pode o sonâmbulo ver através dos corpos opacos?

“Só há corpos opacos para os vossos órgãos grosseiros; já não dissemos que, para o Espírito, a matéria não representa um obstáculo, visto que ele a atravessa, livremente? Frequentemente, ele vos diz que vê pela frente, pelo joelho, etc., porque vós, inteiramente presos à matéria, não compreendeis que ele possa ver sem o concurso dos órgãos; ele próprio, pelo vosso desejo, acredita necessitar desses órgãos; mas, se o deixásseis livre, ele compreenderia que vê por todas as partes de seu corpo, ou, melhor dizendo, que ele vê de fora do seu corpo.”

430. Já que a clarividência do sonâmbulo é a de sua alma ou de seu Espírito, por que ele não vê tudo e por que se engana com tanta frequência?

“Primeiramente, não é dado aos Espíritos imperfeitos tudo verem e tudo conhecerem; sabes bem que eles ainda comungam de vossos erros e de vossos preconceitos; e, depois, quando presos à matéria, não gozam de todas as suas faculdades de Espírito. Deus deu ao homem esta faculdade com um fim útil e sério, e não para informá-lo do que não deva saber; eis por que os sonâmbulos não podem dizer tudo.”

431. Qual a origem das idéias inatas do sonâmbulo e como pode ele falar com exatidão de coisas que ignora no estado de vigília, que estão até acima de sua capacidade intelectual?

“Acontece que o sonâmbulo possui mais conhecimentos do que imaginas; estes apenas dormitam, porque seu envoltório é muito imperfeito, para que ele possa relembrá-los. Mas, definitivamente, o que é ele? Espírito, como nós, que se encontra encarnado na matéria, para cumprir sua missão, e o estado no qual entra, desperta-o dessa letargia. Já te temos dito, frequentemente, que revivemos várias vezes; é esta mudança que o faz perder, materialmente, o que pôde aprender numa existência precedente; ao entrar no estado que chamas de crise, ele se lembra, mas, nem sempre, de maneira completa; ele sabe, mas não poderia dizer de onde vem o que sabe, nem como possui esses conhecimentos. Passada a crise, toda recordação se apaga e ele retorna à obscuridade.”

A experiência mostra que os sonâmbulos também recebem comunicações de outros Espíritos, que lhes transmitem o que devam dizer e suprem sua insuficiência; isto se verifica, sobretudo, nas prescrições médicas: o Espírito do sonâmbulo vê o mal, um outro lhe indica o remédio. Essa dupla ação é, algumas vezes, patente e se revela, além disso, por estas expressões muito freqüentes; "dizem-me que diga", ou "proíbem-me de dizer tal coisa". Neste último caso, há sempre perigo em insistir, para se obter uma revelação recusada, porque, então, fica-se exposto aos Espíritos levianos, que falam de tudo, sem escrúpulo e sem se preocupar com a verdade.

432. Como explicar a visão a distância, em certos sonâmbulos?

"A alma não se transporta, durante o sono? É a mesma coisa, no sonambulismo."

433. O desenvolvimento maior ou menor da clarividência sonambúlica se deve à organização física ou à natureza do Espírito encarnado?

"A uma e outra; há disposições físicas que permitem ao Espírito desligar-se, mais ou menos facilmente, da matéria."

434. As faculdades de que o sonâmbulo goza são as mesmas que tem o Espírito, após a morte?

"Até um certo ponto, pois é preciso levar em conta a influência da matéria, a que ainda está ligado."

435. O sonâmbulo pode ver os outros Espíritos?

"A maioria os vê muito bem; isto depende do grau e da natureza de sua lucidez; porém, algumas vezes, eles não se dão conta disto, a princípio, e os tomam por seres corpóreos; isto acontece, principalmente, àqueles que nenhum conhecimento têm do Espiritismo; não compreendem, ainda, a essência dos Espíritos, o que os espanta. É por isso que acreditam ver seres que estão vivos."

O mesmo efeito se produz, no momento da morte, naqueles que se acreditam ainda vivos. Nenhuma mudança percebendo à sua volta, os Espíritos lhes parecem ter corpos semelhantes aos nossos; assim tomam a aparência do corpo deles por um corpo real.

436. O sonâmbulo que vê, a distância, vê do ponto em que se acha seu corpo, ou daquele em que está sua alma?

"Por que esta pergunta, já que é a alma quem vê e não o corpo?"

437. Já que é a alma que se transporta, como o sonâmbulo pode experimentar, em seu corpo, as sensações de calor ou de frio do lugar onde se encontra sua alma, que está, algumas vezes, bem distante de seu corpo?

"A alma não deixou inteiramente o corpo; mantém-se sempre ligada a ele pelo elo que os une; é esse elo que é o condutor das sensações. Quando duas pessoas se correspondem de uma cidade a outra, através da eletricidade, é a eletricidade que constitui o elo entre seus pensamentos; é por isso que se comunicam, como se estivessem uma ao lado da outra."

438. O uso que um sonâmbulo faz da sua faculdade influi no estado de seu Espírito, depois da morte?

“Muito, como o bom ou o mau uso de todas as faculdades que Deus deu ao homem.”

Êxtase

439. Qual a diferença existente entre o êxtase e o sonambulismo?

“É um sonambulismo mais apurado; a alma do extático é ainda mais independente.”

440. O Espírito do extático penetra, realmente, nos mundos superiores?

“Sim, ele os vê e compreende a felicidade daqueles que lá estão; é por isso que desejaria lá permanecer; há, porém, mundos inacessíveis aos Espíritos que não estão bastante purificados.”

441. Quando o extático exprime o desejo de deixar a Terra, fala sinceramente? E não é retido pelo instinto de conservação?

“Isso depende do grau de purificação do Espírito; se vê sua posição futura melhor do que sua vida presente, faz esforços para romper os elos que o prendem à Terra.”

442. Se se deixasse o extático entregue a si mesmo, sua alma poderia abandonar, definitivamente, o seu corpo?

“Sim, ele pode morrer; é por isso que se torna preciso chamá-lo, através de tudo aquilo que pode prendê-lo a este mundo, e, principalmente, fazendo-o entrever que, se quebrasse a corrente que o mantém aqui, este seria o jeito certo de não permanecer lá, onde vê que seria feliz.”

443. Há coisas que o extático imagina ver e que são, evidentemente, o produto de uma imaginação marcada pelas crenças e os preconceitos terrestres. Nem tudo o que ele vê é, portanto, real?

“O que vê é real para ele; porém, como seu Espírito está sempre sob a influência das idéias terrestres, ele pode ver à sua maneira, ou, melhor dizendo, exprimi-lo numa linguagem adaptada aos seus preconceitos e às idéias com as quais se nutriu, ou, aos vossos, a fim de melhor fazer-se compreender; é neste sentido, sobretudo, que ele pode errar.”

444. Que grau de confiança se pode depositar nas revelações dos extáticos?

“O extático pode enganar-se com muita freqüência, principalmente, quando quer penetrar no que deva permanecer um mistério para o homem, porque, assim, entrega-se às suas próprias idéias, ou, então, torna-se juguete de Espíritos enganadores, que se aproveitam de seu entusiasmo para fasciná-lo.”

445. Que conclusões se podem tirar dos fenômenos do sonambulismo e do êxtase? Não seriam uma espécie de iniciação à vida futura?

“Ou, melhor dizendo, é a vida passada e a vida futura que o homem entrevê. Que estude esses fenômenos e aí encontrará a solução de mais de um mistério que sua razão procura, inutilmente, descobrir.”

446. Os fenômenos do sonambulismo e do êxtase poderiam se adequar ao materialismo?

“Aquele que os estuda de boa-fé e sem prevenção não pode ser materialista, nem ateu.”

Segunda Vista

447. O fenômeno designado sob o nome de segunda vista tem relação com o sonho e o sonambulismo?

“Tudo isso é uma coisa só; o que chamas *segunda vista* é, ainda, o Espírito que está mais livre, embora o corpo não esteja adormecido. A segunda vista é a visão da alma.”

448. A segunda vista é permanente?

“A faculdade, sim; o exercício, não. Nos mundos menos materiais que o vosso, os Espíritos desprendem-se mais facilmente e entram em comunicação apenas pelo pensamento, sem excluir, todavia, a linguagem articulada; lá, a dupla vista é também, para a maioria, uma faculdade permanente; o estado normal deles pode ser comparado ao dos vossos sonâmbulos lúcidos e é esta a razão pela qual eles se manifestam a vós, com maior facilidade do que os que estão encarnados em corpos mais grosseiros.”

449. A segunda vista desenvolve-se espontaneamente ou pela vontade daquele que dela é dotado?

“Na maioria das vezes, ela é espontânea, porém, freqüentemente também, a vontade aí desempenha um grande papel. Assim, toma, como exemplo, certas pessoas a quem se chama de ledoras de sorte, algumas das quais têm esse poder e verás que é a vontade que as auxilia a dispor dessa segunda vista e daquilo que chamas de visão.”

450. A segunda vista é suscetível de se desenvolver pelo exercício?

“Sim, o trabalho sempre conduz ao progresso e o véu que encobre as coisas se dissipa.”

a) Esta faculdade está ligada à organização física?

“Certamente, a organização física desempenha um papel, junto a ela; há organismos que a ela são refratários.”

451. Por que a segunda vista parece hereditária, em certas famílias?

“Semelhança de organização que se transmite, como as outras qualidades físicas; e, depois, desenvolvimento da faculdade por uma espécie de educação, que também se transmite de um a outro.”

452. É verdade que certas circunstâncias desenvolvem a segunda vista?

“A enfermidade, a aproximação de um perigo, uma grande comoção podem desenvolvê-la. O corpo fica, algumas vezes, num estado particular, que permite ao Espírito ver o que não podeis ver com os olhos do corpo.”

As épocas de crise e de calamidades, as grandes emoções, todas as causas que superexcitam o moral, provocam, algumas vezes, o desenvolvimento da segunda vista. Parece que a Providência, na presença do perigo, nos dá o meio de evitá-lo. Todas as seitas e todos os partidos perseguidos disto oferecem numerosos exemplos.

453. As pessoas dotadas da segunda vista têm sempre consciência disto?

“Nem sempre; isto é para elas uma coisa perfeitamente natural e muitos crêem que, se todos observassem a si mesmos, verificariam que são como elas.”

454. Poder-se-ia atribuir a uma espécie de segunda vista a perspicácia de algumas pessoas que, sem nada possuir de extraordinário, julgam as coisas com mais precisão do que outras?

“É sempre a alma que irradia mais livremente e que julga melhor do que sob o véu da matéria.”

a) Esta faculdade pode, em alguns casos, dar a presciência das coisas?

“Sim; ela também dá os pressentimentos, pois há vários graus nesta faculdade e o mesmo indivíduo pode possuir todos os graus, ou apenas alguns deles.”

Resumo Teórico do Sonambulismo, do Êxtase e da Segunda Vista

455. Os fenômenos do sonambulismo natural se produzem espontaneamente e são independentes de qualquer causa exterior conhecida; mas, em algumas pessoas dotadas de uma organização especial, podem ser provocados, artificialmente, pela ação do agente magnético.

O estado designado pelo nome de *sonambulismo magnético* só difere do sonambulismo natural, porque um é provocado, enquanto o outro é espontâneo.

O sonambulismo natural é um fato notório que ninguém imagina pôr em dúvida, apesar do aspecto maravilhoso dos fenômenos que ele apresenta. O que tem, então, de mais extraordinário ou de mais irracional o sonambulismo magnético, por ser produzido artificialmente, como tantos outros? Charlatães, dizem, o têm explorado; uma razão a mais para não o deixar nas mãos deles. Quando a Ciência dele se tiver apropriado, o charlatanismo terá muito menos crédito junto às massas; mas, enquanto isto não se verifica, como o sonambulismo natural ou artificial é um fato, e contra um fato não há argumento possível, ele ganha crédito, apesar da má-vontade de alguns, e isto no seio da própria Ciência, onde ele entra por uma multidão de portinhas, em vez de passar pela grande porta; quando lá estiver por inteiro, terão que lhe conceder direito de fazer parte dela, efetivamente.

Para o Espiritismo, o sonambulismo é mais do que um fenômeno fisiológico, é uma luz lançada sobre a Psicologia; é nele que se pode estudar a alma, porque nele ela se mostra a descoberto; ora, um dos fenômenos pelos quais ela se caracteriza, é a clarividência independente dos órgãos comuns da visão. Os que contestam este fato, baseiam-se em que o sonâmbulo não vê sempre, nem à vontade do experimentador, como com os olhos. Será de admirar que, sendo diferentes os meios, os efeitos não sejam os mesmos? Será racional pedir efeitos idênticos, quando o instrumento não existe mais? A alma tem suas propriedades, como o olho tem as suas; é preciso julgá-las em si mesmas e, não, por analogia.

A causa da clarividência do sonâmbulo magnético e do sonâmbulo natural é idêntica: *é um atributo da alma*, uma faculdade inerente a todas as partes do ser incorpóreo que existe em nós e cujos limites são apenas os que são fixados para a própria alma. Ele vê por toda a parte onde sua alma pode transportar-se, qualquer que seja a distância.

Na visão a distância, o sonâmbulo não vê as coisas do ponto em que está o seu corpo, como através de um telescópio. Ele as vê presentes e como se estivesse no lugar onde elas existem, porque, na realidade, sua alma lá está; é por isso que seu corpo fica como que aniquilado e parece privado de sentidos, até o momento em que a alma volta a tomar posse dele. Esta separação parcial da alma e do corpo é um estado anormal, que pode ter uma duração mais ou menos longa, mas, não, indefinida; é a causa da fadiga que o corpo experimenta, após um certo tempo, principalmente, quando a alma se entrega a um trabalho ativo.

O fato de a visão da alma ou do Espírito não ser circunscrita e não ter sede determinada é o que explica por que os sonâmbulos não lhe podem indicar um órgão em especial; eles vêm porque vêm, sem saber por que, nem como, porque a visão do Espírito não tem foco próprio. *Se se referem a seu corpo*, esse foco lhes parece estar nos centros onde a atividade vital é maior, principalmente no cérebro, na região epigástrica, ou no órgão que, para eles, é o ponto de ligação mais tenaz, entre o Espírito e o corpo.

O poder da lucidez sonambúlica não é indefinido. O Espírito, mesmo completamente livre, está limitado, nas suas faculdades e nos seus conhecimentos, ao grau de perfeição que tenha atingido; ele o está mais ainda, quando ligado à matéria, da qual sofre a influência. Este é o motivo pelo qual a clarividência sonambúlica não é universal, nem infalível. Tanto menos se pode contar com sua infalibilidade, quanto mais ela é desviada do objetivo a que se propôs a Natureza e quanto mais dela se faz um objeto de curiosidade e *de experimentação*.

No estado de desprendimento em que se encontra o Espírito do sonâmbulo, ele entra mais facilmente em comunicação com os outros Espíritos *encarnados ou desencarnados*; esta comunicação se estabelece através do contato dos fluidos que compõem os perispíritos e que servem à transmissão do pensamento, como o fio elétrico. O sonâmbulo não precisa, portanto, de que o pensamento seja articulado através da palavra: ele o sente e o adivinha; é o que o torna eminentemente impressionável e acessível às influências da atmosfera moral, na qual está colocado. É por isso, também, que a afluência de numerosos espectadores e, principalmente, de curiosos mais ou menos maldosos, prejudica, essencialmente, o desenvolvimento de suas faculdades que, por assim dizer, se contraem e só se patenteiam, com toda liberdade, na intimidade e num meio simpático. *A presença de pessoas maldosas ou antipáticas produz sobre ele o efeito do contato da mão sobre a dormideira*.

O sonâmbulo vê, ao mesmo tempo, seu próprio Espírito e seu corpo; são, por assim dizer, dois seres que lhe representam a dupla existência, espiritual e corporal e que, todavia, se confundem através dos laços que as unem. O sonâmbulo

nem sempre se apercebe desta situação e esta *dualidade* faz com que, freqüentemente, fale de si, como se falasse de uma pessoa estranha; é que ora é o ser corporal que fala ao ser espiritual, ora é o ser espiritual que fala ao ser corporal.

O espírito adquire um acréscimo de conhecimentos e de experiência, em cada uma de suas existências corporais. Esquece-os, em parte, durante sua encarnação numa matéria muito grosseira, *porém deles se lembra como Espírito*. É assim que alguns sonâmbulos revelam conhecimentos superiores ao seu grau de instrução e até a suas aparentes capacidades intelectuais. A inferioridade intelectual e científica do sonâmbulo, no estado de vigília, não serve de parâmetro, portanto, para prejulgar os conhecimentos que ele poder revelar, no estado de lucidez. Segundo as circunstâncias e o objetivo a que se propõe, ele os pode haurir da sua própria experiência, da clarividência das coisas presentes, ou dos conselhos que recebe de outros Espíritos; mas, como seu próprio Espírito pode ser mais ou menos adiantado, ele pode dizer coisas mais ou menos corretas.

Através dos fenômenos do sonambulismo, quer natural, quer magnético, a Providência nos dá a prova irrecusável da existência e da independência da alma e nos faz assistir ao espetáculo sublime de sua emancipação; dessa maneira, ela nos abre o livro do nosso destino. Quando o sonâmbulo descreve o que se passa a distância, é evidente que ele o vê, mas, não, com os olhos do corpo; vê-se a si mesmo lá no local e, para lá, se sente transportado; lá, existe portanto, alguma coisa dele e esta alguma coisa, não sendo o seu corpo, só pode ser a sua alma ou seu Espírito. Enquanto o homem se perde nas sutilezas de uma metafísica abstrata e ininteligível, para correr em busca das causas de nossa existência moral, Deus coloca, diariamente, sob seus olhos e ao alcance de sua mão, os meios mais simples e mais patentes para o estudo da psicologia experimental.

O êxtase é o estado em que a independência da alma, em relação ao corpo, se manifesta da maneira mais sensível e se torna, de certo modo, palpável.

No sonho e no sonambulismo, a alma vaga nos mundos terrestres; no êxtase, ela penetra num mundo desconhecido, no dos Espíritos etéreos, com os quais entra em comunicação, sem, todavia, poder ultrapassar certos limites, que ela não transporia, sem partir, totalmente, os elos que a prendem ao corpo. Um estado resplendente e inteiramente novo a rodeia, harmonias desconhecidas na Terra a encantam, um bem-estar indefinível a invade: ela goza, antecipadamente, da beatitude celeste e, *pode-se dizer, põe um pé no limiar da eternidade*.

No estado de êxtase, o aniquilamento do corpo é quase completo; ele apenas possui, por assim dizer, a vida orgânica e sente-se que a alma a ele se mantém ligada apenas por um fio, que um esforço a mais faria romper irreversivelmente.

Nesse estado, todos os pensamentos terrestres desaparecem, para dar lugar ao sentimento apurado que é a própria essência de nosso ser imaterial. Inteiramente entregue a essa contemplação sublime, o extático encara a vida somente como uma parada momentânea; para ele, os bens e os males, as alegrias grosseiras e as misérias deste mundo são apenas os incidentes fúteis de uma viagem, cujo final fica feliz de ver.

Acontece com os extáticos o mesmo que com os sonâmbulos: sua lucidez pode ser mais ou menos perfeita e seu próprio Espírito, conforme seja mais ou menos elevado, é, também, mais ou menos apto a conhecer e a compreender as coisas. Há neles, algumas vezes, mais exaltação do que verdadeira lucidez, ou, melhor dizendo, sua exaltação prejudica a lucidez; é por isso que suas revelações são, freqüentemente, uma mistura de verdades e erros, de coisas sublimes e de coisas absurdas, ou, até ridículas. Espíritos inferiores aproveitam-se, com freqüência, dessa exaltação, que é sempre uma causa de fraqueza, quando não se sabe controlá-la, para dominar o extático e, com esse fim, revestem, aos seus olhos, *aparências* que o mantêm preso a idéias ou preconceitos do estado de vigília. Há aí um perigo, mas nem todos são iguais; cabe a nós julgar friamente e pesar suas revelações, na balança da razão.

A emancipação da alma manifesta-se, algumas vezes, no estado de vigília e produz o fenômeno conhecido sob o nome de *segunda vista*, que dá, àqueles que dela são dotados, a faculdade de ver, de ouvir e de sentir *além dos limites de nossos sentidos*. Percebem as coisas ausentes, onde quer que a alma estenda a sua ação; vêem-nas, por assim dizer, através da visão comum e como por uma espécie de miragem.

No momento em que o fenômeno da segunda vista se produz, o estado físico encontra-se sensivelmente modificado; o olhar tem qualquer coisa de vago: ele olha sem ver; toda a fisionomia reflete uma espécie de exaltação. Constata-se que os órgãos da visão estão alheios ao fenômeno, pelo fato de a visão persistir, apesar da oclusão dos olhos.

Esta faculdade parece, àqueles que dela são dotados, natural como a de ver; é para eles um atributo de seu ser e não lhes parece constituir exceção. O esquecimento, com muita freqüência, segue-se a esta lucidez passageira, cuja lembrança, cada vez mais vaga, acaba por desaparecer, como a de um sonho.

O poder da segunda vista varia, desde a sensação confusa até a percepção clara e nítida das coisas presentes ou ausentes. No estado rudimentar, confere a certas pessoas o tato, a perspicácia, uma espécie de segurança nos seus atos, a que se pode chamar de *precisão do golpe de vista moral*. Mais desenvolvida, ela desperta os pressentimentos; mais desenvolvida ainda, ela mostra os acontecimentos passados, ou a ponto de ocorrer.

O sonambulismo natural e artificial, o êxtase e a segunda vista são apenas variações ou modificações de uma mesma causa; esses fenômenos, assim como os sonhos, estão na Natureza; é por isso que têm existido em todos os tempos; a História nos mostra que eles foram conhecidos e até explorados, desde a mais remota Antigüidade; neles encontra-se a explicação de uma imensidade de fatos que os preconceitos fizeram ver como sobrenaturais.



Capítulo IX

Intervenção dos Espíritos no Mundo Corporal

1. Penetração dos Espíritos no Nosso Pensamento.
2. Influência Oculta dos Espíritos nos Nossos Pensamentos e nas Nossas Ações.
3. Possessos.
4. Convulsionários.
5. Afeição dos Espíritos por Certas Pessoas.
6. Anjos Guardiães, Espíritos Protetores, Familiares ou Simpáticos.
7. Influência dos Espíritos nos Acontecimentos da Vida.
8. Ação dos Espíritos nos Fenômenos da Natureza.
9. Os Espíritos Durante os Combates.
10. Pactos.
11. Poder Oculto. Talismãs. Feiticeiros.
12. Bênção e Maldição.

Penetração dos Espíritos no Nosso Pensamento

456. Os Espíritos vêem tudo o que fazemos?

“Podem vê-lo, já que estais constantemente rodeado por eles; cada um, porém, só vê as coisas para as quais dirige sua atenção, pois as que lhe são indiferentes, com estas não se ocupa.”

457. Os Espíritos podem conhecer nossos mais secretos pensamentos?

“Freqüentemente, conhecem o que desejaríeis esconder de vós mesmos; nem atos, nem pensamentos lhes podem ser dissimulados.”

a) Dessa forma, seria mais fácil esconder algo de uma pessoa viva, do que fazê-lo a esta mesma pessoa, depois de morta?

“Certamente; quando vos julgais bem ocultos, tendes, freqüentemente, uma multidão de Espíritos, ao vosso lado, que vos vê.”

458. O que pensam de nós os Espíritos que nos cercam e que nos observam?

“Depende. Os Espíritos brincalhões riem dos pequenos aborrecimentos que vos causam e zombam das vossas impaciências. Os Espíritos sérios deploram vossos defeitos e tentam ajudar-vos.”

Influência Oculta dos Espíritos nos Nossos Pensamentos e nas Nossas Ações

459. Os Espíritos influem nos nossos pensamentos e nas nossas ações?

“Sob este aspecto, a influência deles é maior do que imaginais, pois, com muita freqüência, são eles que vos dirigem.”

460. Temos pensamentos que nos são próprios e outros que nos são sugeridos?

“Vossa alma é um Espírito que pensa; não ignorais que vários pensamentos vos chegam, ao mesmo tempo, sobre um mesmo assunto e, com freqüência, muito contrários uns aos outros; pois bem! Há sempre pensamentos vossos e nossos; é o que vos deixa na incerteza, porque tendes, em vós, duas idéias que se combatem.”

461. Como distinguir os pensamentos que nos são próprios daqueles que nos são sugeridos?

“Quando um pensamento é sugerido, é como uma voz que vos fala. Os pensamentos próprios são, em geral, os do primeiro impulso. De resto, não há, para vós, grande interesse em estabelecer essa distinção e, freqüentemente, é útil não saber fazê-la: o homem age mais livremente; se se decide pelo bem, ele o faz voluntariamente; se toma o mau caminho, só terá mais responsabilidade.”

462. Os homens inteligentes e de gênio haurem sempre suas idéias de dentro de si mesmos?

“Algumas vezes, as idéias vêm do seu próprio Espírito; porém, freqüentemente, elas lhes são sugeridas por outros Espíritos, que os julgam capazes de compreendê-las e dignos de transmiti-las. Quando não as encontram em si mesmos, apelam para a inspiração; é uma evocação que fazem, sem disso suspeitarem.”

Se fosse útil que pudéssemos distinguir claramente nossos próprios pensamentos daqueles que nos são sugeridos, Deus nos teria dado o meio, como nos dá o de distinguir o dia da noite. Quando uma coisa permanece vaga, é que é melhor que assim seja.

463. Dizem, algumas vezes, que o primeiro impulso é sempre bom; isto é exato?

“Ele pode ser bom ou mau, conforme a natureza do Espírito encarnado. É sempre bom, naquele que escuta as boas inspirações.”

464. Como distinguir se um pensamento sugerido vem de um bom ou de um mau Espírito?

“Estudai a coisa; os bons Espíritos só aconselham o bem; cabe a vós distinguir.”

465. Com que objetivo os Espíritos imperfeitos nos impulsionam para o mal?

“Para vos fazer sofrer, como eles.”

a) Isto diminui seus sofrimentos?

“Não, mas eles o fazem por inveja de ver seres mais felizes.”

b) De que natureza é o sofrimento que querem infligir?

“Os que resultam de estar em uma ordem inferior e afastado de Deus.”

466. Por que Deus permite que Espíritos nos excitem ao mal?

“Os Espíritos imperfeitos são os instrumentos destinados a experimentar a fé e a constância dos homens no bem. Tu, como Espírito, deves progredir na ciência do infinito, é por isso que passas pelas provas do mal, para chegares ao bem. Nossa missão é colocar-te no bom caminho e, quando más influências agem sobre ti, é que tu as atraís, pelo desejo do mal, pois os Espíritos inferiores vêm ajudar-te no mal, quando tens a vontade de cometê-lo; eles só podem te auxiliar no mal, quando desejas o mal. Pois bem! Se fores inclinado ao assassinio, terás uma nuvem de Espíritos que manterão este pensamento em ti; mas terás, também, outros que tentarão te influenciar para o bem, o que faz com que a balança se reequilibre e te deixe senhor dos teus atos.”

É assim que Deus deixa à nossa consciência a escolha do caminho que devemos seguir e a liberdade de ceder a uma ou a outra das influências contrárias, que se exercem sobre nós.

467. Podemos nos libertar da influência dos Espíritos que nos induzem ao mal?

“Sim, pois eles só se apegam àqueles que os chamam, através dos seus desejos, ou os atraem, pelos seus pensamentos.”

468. Os Espíritos cuja influência é repelida pela vontade do homem renunciam às suas tentativas?

“Que queres que façam? Quando nada há a fazer, recuam; todavia, aguardam o momento favorável, como o gato espreita o rato.”

469. Através de que meio podemos neutralizar a influência dos maus Espíritos?

“Fazendo o bem e colocando toda a vossa confiança em Deus, repelis a influência dos Espíritos inferiores e destróis o império que queiram ter sobre vós. Desconfiai das sugestões dos Espíritos que suscitam em vós maus pensamentos, que sopram a discórdia entre vós e que vos excitam todas as más paixões. Desconfiai, principalmente, daqueles que vos exaltam o orgulho, pois vos pegam pelo vosso ponto fraco. Eis por que Jesus vos ensina a dizer, na oração dominical: Senhor! Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.”

470. Os Espíritos que procuram nos induzir ao mal e que, assim, colocam em prova nossa firmeza no bem, receberam a missão de fazê-lo e, se é uma missão que cumprem, têm responsabilidade por isso?

“Nenhum Espírito recebe a missão de fazer o mal; quando o faz, é por sua própria vontade e, por conseguinte, sofre as conseqüências disto. Deus pode permitir-lhe fazer isto, para vos experimentar, mas não lhe ordena que o faça, cabendo a vós repeli-lo.”

471. Quando experimentamos um sentimento de angústia, de ansiedade indefinível ou de satisfação interior, sem causa conhecida, isto se deve unicamente a uma disposição física?

“É quase sempre um efeito das comunicações que estabeleces, inconscientemente, com os Espíritos, ou que estabeleceste com eles, durante o sono.”

472. Os Espíritos que querem nos excitar ao mal apenas se aproveitam das circunstâncias em que nos achamos, ou podem criar essas circunstâncias?

“Aproveitam-se da circunstância, mas freqüentemente a provocam, impedindo-vos, inconscientemente, em direção ao objeto de vossa cobiça. Assim, por exemplo, um homem encontra, no seu caminho, uma soma de dinheiro: não pense que foram os Espíritos que levaram o dinheiro àquele lugar, mas eles podem dar ao homem a idéia de ir naquela direção e, então, sugerem-lhe o pensamento de se apoderar dele, enquanto outros lhe sugerem o de restituir esse dinheiro à pessoa a quem pertence. Acontece o mesmo com todas as outras tentações.”

Possessos

473. Um Espírito pode, momentaneamente, usar o envoltório de uma pessoa viva, isto é, introduzir-se num corpo animado e agir em lugar daquele que nele se acha encarnado?

“O Espírito não entra num corpo como entras numa casa; identifica-se com um Espírito encarnado que possui os mesmos defeitos e as mesmas qualidades, para agirem conjuntamente; porém, é sempre o Espírito encarnado que age, como quer, sobre a matéria de que está revestido. Um Espírito não pode se substituir àquele que está encarnado, pois o Espírito e o corpo ficam ligados até o tempo fixado para o termo da existência material.”

474. Se não há possessão propriamente dita, isto é, coabitação de dois Espíritos no mesmo corpo, a alma pode achar-se na dependência de um outro Espírito, de maneira a ser *subjugada* ou *obsidiada* por ele, ao ponto de sua vontade vir a estar, de certa forma, paralisada?

“Sim, e são esses os verdadeiros possessos; mas fica sabendo que essa dominação nunca se efetua sem a participação daquele que a sofre, *quer por sua fraqueza*, quer pelo seu desejo. Freqüentemente, têm sido tomados por possessos, epilépticos, ou loucos, que mais necessitavam de médico do que de exorcismo.”

A palavra *posse*, na sua acepção vulgar, supõe a existência de demônios, isto é, de uma categoria de seres de natureza má, e a coabitação de um desses seres com a alma de um indivíduo, no corpo deste. Visto que, *nesse sentido*, não há demônios e que dois Espíritos não podem habitar, simultaneamente, o mesmo corpo, não há possessos, conforme a idéia associada a esta palavra. A palavra *posse* deve ser entendida apenas como a dependência absoluta, em que a alma pode achar-se com relação a Espíritos imperfeitos que a subjuguem.

475. Pode-se, por si mesmo, afastar os maus Espíritos e libertar-se da dominação deles?

“Pode-se sempre subtrair-se a um jugo, quando se tem a vontade firme.”

476. Não pode acontecer que a fascinação exercida por um mau Espírito seja tamanha que a pessoa subjugada disso não se aperceba? Então, uma terceira pessoa poderia fazer cessar a sujeição e, nesse caso, que condição ela deveria preencher?

“Se for um homem de bem, sua vontade pode auxiliar, apelando para o concurso dos bons Espíritos, pois, quanto mais se for um *homem de bem*, mais poder se ter-se-á sobre os Espíritos imperfeitos, para afastá-los e, sobre os bons, para atraí-los. Contudo, ele seria impotente, se aquele que está *subjugado* não participasse disso; há pessoas a quem agrada uma dependência que lisonjeia seus gostos e seus desejos. Em todos os casos, aquele cujo coração não for puro, não poderá ter influência alguma; os bons Espíritos o desprezam e os maus não o temem.”

477. As fórmulas de exorcismo têm alguma eficácia sobre os maus Espíritos?

“Não; quando estes Espíritos vêem alguém levar a coisa a sério, riem dele e se obstinam.”

478. Há pessoas animadas de boas intenções e que não deixam de ser obsidiadas; qual o melhor meio de se livrar dos Espíritos obsessores?

“Cansar-lhes a paciência, não levar em conta suas sugestões, mostrar-lhes que perdem seu tempo; então, quando vêem que nada conseguem, eles se vão.”

479. A prece é um meio eficaz para a cura da obsessão?

“A prece é, em tudo, um poderoso auxílio; mas, acreditai, que não basta murmurar algumas palavras, para obter o que se deseja. Deus assiste os que agem e, não, os que se limitam a pedir. Portanto, é preciso que o obsidiado faça, de sua parte, o que for necessário para destruir, em si mesmo, a causa que atrai os maus Espíritos.”

480. O que se deve pensar da expulsão dos demônios de que se falou no Evangelho?

“Isto depende da interpretação. Se chamais *demônio* um mau Espírito que subjuga um indivíduo, quando sua influência for destruída, ele será verdadeiramente expulso. Se atribuíis uma doença ao demônio, quando tiverdes curado a enfermidade, direis, também, que expulsastes o demônio. Uma coisa pode ser verdadeira ou falsa, conforme o sentido que se dê às palavras. As maiores verdades podem parecer absurdas, quando apenas se vê a forma e quando se toma a alegoria pela realidade. Compreendi-o bem e gravai isto; trata-se de uma aplicação geral.”

Convulsionários

481. Os Espíritos desempenham algum papel nos fenômenos que se produzem nos indivíduos designados sob o nome de convulsionários?

“Sim e muito grande, assim como o magnetismo, do qual se originam, em primeira instância; porém, o charlatanismo tem, com freqüência, explorado e exagerado estes efeitos, o que os fez cair no ridículo.”

a) De que natureza são, geralmente, os Espíritos que concorrem para esta espécie de fenômenos?

“Pouco elevada; acreditais que Espíritos superiores se divirtam com coisas semelhantes?”

482. Como o estado anormal dos convulsionários e dos crisiacos¹² pode se estender, subitamente, a toda uma população?

“Efeito simpático; as disposições morais se comunicam muito facilmente, em alguns casos; não sois alheios o bastante aos efeitos magnéticos, para não compreenderdes isto e a parte que certos Espíritos devem aí tomar, devido à simpatia por aqueles que os provocam.”

Dentre as faculdades estranhas que se observam nos convulsionários, sem dificuldade, reconhecem-se algumas, das quais o sonambulismo e o magnetismo oferecem numerosos exemplos: tais são, entre outras, a insensibilidade física, a leitura do pensamento, a transmissão das dores, por simpatia, etc. Não se pode, portanto, duvidar de que aqueles crisiacos não estejam numa espécie de estado de sonambulismo desperto, provocado pela influência que exercem uns sobre os outros. Eles são, ao mesmo tempo, magnetizadores e magnetizados, inconscientemente.

483. Qual a causa da insensibilidade física que se observa, quer em alguns convulsionários, quer em outros indivíduos submetidos às mais atrozes torturas?

“Em alguns é, exclusivamente, um efeito magnético que age sobre o sistema nervoso, da mesma maneira que certas substâncias. Em outros, a exaltação do pensamento embota a sensibilidade, porque a vida parece ter-se retirado do corpo para se concentrar no Espírito. Não sabeis que, quando o Espírito está fortemente preocupado com alguma coisa, o corpo não sente, não vê e nada ouve?”

A exaltação fanática e o entusiasmo oferecem, frequentemente, nos suplicios, o exemplo de uma calma e de um sangue frio que não poderiam superar uma dor aguda, se não se admitisse que a sensibilidade acha-se neutralizada por uma espécie de efeito anestésico. Sabe-se que, no calor do combate, muitas vezes, não se percebe um ferimento grave, enquanto que, em circunstâncias comuns, um arranhão faria tremer.

Visto que esses fenômenos dependem de uma causa física e da ação de certos Espíritos, pode-se perguntar como foi possível, em alguns casos, a intervenção de uma autoridade fazê-los cessar. A razão é simples. A ação dos Espíritos, aqui, é apenas secundária; eles somente se aproveitam de uma disposição natural. A autoridade não suprimiu esta disposição, mas a causa que a entretinha e exaltava; de ativa, ela se tornou latente, e a autoridade teve razão de agir dessa forma, porque dela resultava abuso e escândalo. Sabe-se, afinal, que esta intervenção é impotente, quando a ação dos Espíritos é direta e espontânea.

Afeição dos Espíritos por Certas Pessoas

484. Os Espíritos se afeiçoam preferentemente a certas pessoas?

“Os bons Espíritos simpatizam com os homens de bem, ou suscetíveis de se melhorar; os Espíritos inferiores, com os homens viciosos, ou que podem tornar-se assim; daí, suas afeições, como conseqüência da semelhança das sensações.”

¹² **Crisiacos:** A palavra usada pelo autor, para definir este estado, foi *crisiaques*. Esta palavra, não dicionarizada (nem em francês, nem em português), foi traduzida por “crisiacos”, em analogia com “maníaco” – maníaco.

A origem do termo é latina (crise) e, neste caso, refere-se à manifestação patente de uma ruptura do equilíbrio do sistema nervoso: crise nervosa.

Traduzi-la assim objetiva manter a integridade do texto original, já que, apesar de a expressão da crise assemelhar-se à dos histéricos, que pode mesmo propagar-se em histeria coletiva, o autor não fez uso da palavra *hystériques*. (N.T.)

485. A afeição dos Espíritos por certas pessoas é exclusivamente moral?

“A verdadeira afeição nada tem de carnal; mas, quando um Espírito se apega a uma pessoa, nem sempre é por afeição e ele pode, a esta, misturar uma reminiscência das paixões humanas.”

486. Os Espíritos se interessam pelas nossas desgraças e pela nossa prosperidade? Aqueles que nos querem bem afligem-se com os males que experimentamos durante a vida?

“Os bons Espíritos fazem todo bem que lhes é possível e ficam felizes com todas as vossas alegrias. Afligem-se com os vossos males, quando não os suportais com resignação, porque estes males nenhum proveito têm para vós e porque, neste caso, sois como o doente que rejeita o remédio amargo que deve curá-lo.”

487. Qual a natureza do mal que faz os espíritos mais se afligirem por nós? O mal físico, ou o mal moral?

“Vosso egoísmo e vossa dureza de coração: tudo deriva daí; eles se riem de todos os males imaginários que nascem do orgulho e da ambição; regozijam-se, com os que têm por efeito abreviar vosso tempo de provação.”

Sabendo que a vida corporal é transitória e que as tribulações que a acompanham são meios de alcançar um estado melhor, os Espíritos se afligem mais pelos nossos males morais, que nos afastam deles, do que pelos males físicos que são passageiros.

Os Espíritos pouco se incomodam com as desgraças que atingem apenas nossas idéias mundanas, como fazemos com as mágoas pueris das crianças.

O Espírito que vê nas aflições da vida um meio de progresso para nós, considera-as como a crise momentânea que deve salvar o doente. Compadece-se dos nossos sofrimentos como nos compadecemos dos de um amigo; porém, vendo as coisas de um ponto de vista mais justo, ele os aprecia de maneira diversa da nossa e, enquanto os bons reerguem nossa coragem, no interesse do nosso futuro, os outros nos levam ao desespero, visando comprometê-lo.

488. Nossos parentes e nossos amigos que nos precederam na outra vida têm por nós maior simpatia do que os Espíritos que nos são estranhos?

“Sem dúvida e freqüentemente vos protegem como Espíritos, conforme seu poder.”

a) São sensíveis à afeição que lhes conservamos?

“Muito sensíveis, mas esquecem-se daqueles que os esquecem.”

Anjos Guardiães. Espíritos Protetores, Familiares ou Simpáticos

489. Há Espíritos que se apegam a um indivíduo, em particular, para protegê-lo?

“Sim, o *irmão espiritual*; é o que chamais o *bom espírito* ou o *bom gênio*.”

490. O que se deve entender por anjo guardião?

“O Espírito protetor de uma ordem elevada.”

491. Qual a missão do Espírito protetor?

“A de um pai com relação aos filhos; a de conduzir seu protegido ao bom caminho, ajudá-lo com seus conselhos, consolá-lo nas suas aflições, sustentar sua coragem nas provas da vida.”

492. O Espírito protetor está ligado ao indivíduo, desde o seu nascimento?

“Desde o nascimento até a morte e, freqüentemente, acompanha-o, depois da morte, na vida espiritual, e até em várias existências corporais, pois estas existências são apenas fases bem curtas, com relação à vida do Espírito.”

493. A missão do Espírito protetor é voluntária ou obrigatória?

“O Espírito é obrigado a velar por vós, porque aceitou essa tarefa; mas, tem o direito de escolher seres que lhe são simpáticos. Para uns, é um prazer, para outros, uma missão, ou um dever.”

a) Apegando-se a uma pessoa, o Espírito renuncia a proteger outros indivíduos?

“Não, mas ele o faz menos exclusivamente.”

494. O Espírito protetor fica fatalmente preso ao ser confiado à sua guarda?

“Freqüentemente, acontece de alguns Espíritos deixarem sua posição para desempenhar diversas missões; mas, nesse caso, a substituição é feita.”

495. Algumas vezes, o Espírito protetor abandona o seu protegido, quando este é rebelde aos seus conselhos?

“Ele se afasta, quando vê que seus conselhos são inúteis e que a vontade de submeter-se à influência dos Espíritos inferiores é mais forte; mas, não o abandona completamente e sempre se faz ouvir; é, então, o homem quem tapa os ouvidos. Ele retorna, desde que seja chamado.”

“Há uma doutrina que deveria converter os mais incrédulos pelo seu encanto e pela sua doçura: a dos anjos guardiães. Não será uma idéia muito consoladora pensar em ter, sempre, junto de vós, seres que vos são superiores, que estão sempre, prontos a vos aconselhar, vos sustentar, vos ajudar a subir a montanha áspera do bem; que são amigos mais confiáveis e devotados do que as mais íntimas ligações que se façam, nesta Terra? Estes seres aí estão por ordem de Deus; foi Ele quem os colocou perto de vós; eles aí estão por amor a Ele; e cumprem, junto de vós, uma bela, porém, penosa missão. Sim, onde quer que estejais, ele estará convosco: os cárceres, os hospitais, os lugares de devassidão, a solidão, nada vos separa desse amigo que não podeis ver, mas de quem vossa alma sente os mais suaves impulsos e ouve os sábios conselhos.”

“Se conhecesseis melhor essa verdade! Quantas vezes ela vos ajudaria nos momentos de crise; quantas vezes vos salvaria dos maus Espíritos! Mas, com freqüência, este anjo do bem terá que dizer-vos abertamente: “Não te recomendei isto? E não o fizeste; não te mostrei o abismo? E nele te precipitaste; não te fiz ouvir, na tua consciência, a voz da verdade e não seguiste os conselhos da mentira?” Ah! Interrogai vossos anjos guardiães; estabelecei entre eles e vós essa terna

intimidade que reina entre os melhores amigos. Não penseis em lhes ocultar nada, pois eles têm o olhar de Deus e não podeis enganá-los. Pensai no futuro; procurai progredir nesta vida; vossas provas serão mais curtas, vossas existências mais felizes. Vamos! Homens, coragem! De uma vez por todas, lançai para longe de vós preconceitos e segundas intenções; entrai no novo caminho que se abre diante de vós. Caminhai! Caminhai! Tendes guias, segui-os: Não percais de vista o objetivo, pois esse objetivo é o próprio Deus.

“Aos que pensarem ser impossível que Espíritos verdadeiramente elevados se consagrem a uma tarefa tão laboriosa e de todos os instantes, diremos que influenciemos vossas almas, mesmo estando a vários milhões de léguas de vós: para nós, o espaço nada é e, mesmo vivendo num outro mundo, nossos Espíritos conservam sua ligação com o vosso. Gozamos de qualidades que não podeis compreender, mas ficai certos de que Deus não nos impôs uma tarefa acima de nossas forças e não vos deixou sozinhos na Terra, sem amigos e amparo. Cada anjo guardião tem seu protegido, pelo qual vela, como um pai vela por seu filho; fica feliz, quando o vê no bom caminho; sofre, quando seus conselhos são menos-prezados.”

“Não temais fatigar-nos com vossas perguntas; ao contrário, entrai sempre em relação conosco: sereis mais fortes e mais felizes. São essas comunicações de cada homem com seu Espírito familiar que fazem de todos os homens médiuns, médiuns ignorados, hoje, mas que se manifestarão mais tarde e se espalharão, como um oceano sem limites, para repudiar a incredulidade e a ignorância. Homens instruídos, instruí; homens de talento, educai vossos irmãos. Não sabeis que obra fazeis desse modo: é a do Cristo, a que Deus vos impõe. Por que Deus vos teria dado a inteligência e o saber, se não fosse para compartilhá-los com vossos irmãos, para fazê-los avançar no caminho da ventura e da felicidade eterna?”

São Luís, Santo Agostinho.

A doutrina dos anjos guardiães, velando pelos seus protegidos, apesar da distância que separa os mundos, nada tem de surpreendente; é, ao contrário, grande e sublime. Não vemos, na Terra, um pai velar pelo seu filho, embora dele esteja afastado, ajudá-lo com seus conselhos, através da correspondência? Portanto, o que haveria de espantoso em que os Espíritos pudessem guiar aqueles que eles tomam sob sua proteção, de um mundo a outro, visto que, para eles, a distância que separa os mundos é menor do que a que, na Terra, separa os continentes? Não dispõem, além disso, do fluido universal, que religa todos os mundos e os torna solidários, veículo imenso da transmissão dos pensamentos, como o ar é, para nós, o veículo da transmissão do som?

496. O Espírito que abandona seu protegido, não lhe fazendo mais o bem, pode fazer-lhe o mal?

“Os bons Espíritos nunca fazem o mal; deixam que o façam aqueles que lhes tomam o lugar; então, acusais a sorte pelas desgraças que vos afligem, enquanto a culpa é vossa.”

497. O Espírito protetor pode deixar seu protegido à mercê de um Espírito que lhe deseja o mal?

“Para neutralizar a ação dos bons, há a união dos maus Espíritos; porém, se o protegido o quiser, dará toda a força ao seu bom Espírito. O bom Espírito talvez encontre, em outra parte, uma boa-vontade a auxiliar; aproveita para fazê-lo, enquanto aguarda seu retorno para junto de seu protegido.”

498. Quando o Espírito protetor deixa seu protegido extraviar-se na vida, será por impotência de sua parte, para lutar contra outros Espíritos malévolos?

“Não é porque não possa, mas porque não quer: seu protegido sai das provas mais perfeito e mais instruído; ele o assiste com seus conselhos, através dos bons pensamentos que lhe sugere, mas que, infelizmente, nem sempre são ouvidos. Só a fraqueza, o descuido ou o orgulho do homem é que dão força aos maus Espíritos; o poder deles sobre vós advém apenas do fato de não lhes opordes resistência.”

499. O Espírito protetor está, constantemente, com seu protegido? Não haverá alguma circunstância em que, sem abandoná-lo, ele o perca de vista?

“Há circunstâncias em que a presença do Espírito protetor junto de seu protegido não é necessária.”

500. Haverá um momento em que o Espírito não precise mais de anjo guardião?

“Sim, quando tiver chegado ao grau de poder conduzir-se por si mesmo, como há um momento em que o estudante não precisa mais de mestre; mas isto não acontece na Terra.”

501. Por que a ação dos Espíritos sobre nossa existência é oculta e por que, quando nos protegem, não o fazem de uma forma ostensiva?

“Se contásseis com o apoio deles, não agiríeis por vós mesmos e vosso Espírito não progrediria. Para que ele possa se adiantar, precisa de experiência, e, freqüentemente, tem de adquiri-la à sua custa; é preciso que exercite suas forças, sem o que, seria como uma criança que não deixassem caminhar sozinha. A ação dos Espíritos que vos querem bem é sempre regulada de maneira a vos deixar vosso livre-arbítrio, pois, se não tivésseis responsabilidade, não avançaríeis no caminho que deve conduzir-vos a Deus. O homem, não vendo seu protetor, entrega-se às suas próprias forças; todavia, seu guia vela por ele e, de tempos em tempos, chama-lhe a atenção para que se previna do perigo.”

502. O Espírito protetor que consegue conduzir seu protegido ao bom caminho, experimenta um bem qualquer para si mesmo?

“É um mérito que lhe é levado em conta, seja para seu próprio adiantamento, seja para sua felicidade. Sente-se feliz, quando vê seus desvelos coroados de êxito; felicita-se como um preceptor se felicita com o sucesso de seu aluno.”

a) É responsável, se não tem êxito?

“Não, já que fez o que dele dependia.”

503. O Espírito protetor que vê seu protegido seguir um mau caminho, apesar dos seus conselhos, experimenta desgosto? Isto não será, para ele, uma causa de perturbação de sua felicidade?

“Ele lamenta seus erros e o deplora; mas esta aflição não se parece com as angústias da paternidade terrestre, porque ele sabe que há remédio para o mal e que o que não se faz hoje, amanhã se fará.”

504. Podemos sempre saber o nome do nosso Espírito protetor, ou anjo guardião?

“Como quereis saber nomes que para vós não existem? Acreditais, então, que, dentre os Espíritos, só há os que conheceis?”

a) Como, então, invocá-lo, se não o conhecemos?

“Dai-lhe o nome que quiserdes, o de um Espírito superior pelo qual tendes simpatia ou veneração; vosso Espírito protetor responderá a esse apelo, pois todos os bons Espíritos são irmãos e se assistem mutuamente.”

505. Os Espíritos protetores que dão nomes conhecidos são sempre, realmente, aqueles das pessoas que usavam esses nomes?

“Não, mas Espíritos que lhes são simpáticos e que, com freqüência, vêm por ordem deles. Precisais de nomes; então, eles tomam um que vos inspire confiança. Quando não podeis cumprir uma missão, pessoalmente, vós mesmos enviais um outro, que age em vosso nome.”

506. Quando estivermos na vida espiritual, reconheceremos nosso Espírito protetor?

“Sim, pois, freqüentemente, o conheceis antes de estar encarnados.”

507. Os Espíritos protetores pertencem todos à classe dos Espíritos superiores? Dentre eles, podem encontrar-se os medianos? Um pai, por exemplo, pode se tornar o Espírito protetor de seu filho?

“Ele o pode, porém, a proteção pressupõe um certo grau de elevação e um poder ou uma virtude a mais, concedida por Deus. O pai que protege seu filho pode, ele próprio, ser assistido por um Espírito mais elevado.”

508. Os Espíritos que deixaram a Terra, em boas condições, sempre podem proteger aqueles que eles amam e que sobrevivem a eles?

“O poder deles é mais ou menos restrito; a posição em que se encontram sempre lhes permite inteira liberdade de agir.”

509. Os homens, no estado selvagem ou de inferioridade moral, têm, igualmente, seus Espíritos protetores? E, nesse caso, esses Espíritos são de uma ordem tão elevada quanto os dos homens muito adiantados?

“Cada homem tem um Espírito que vela por ele, mas as missões são relativas aos seus objetivos. Não dais a uma criança que está aprendendo a ler, um professor de filosofia. O progresso do Espírito familiar é proporcional ao do Espírito protegido. Mesmo tendo vós mesmos um Espírito superior que vela por vós, podeis, por vossa vez, tornar-vos o protetor de um Espírito que vos seja inferior e os progressos que o ajudardes a fazer, contribuirão para o vosso adiantamento. Deus

não pede ao Espírito mais do que comportem sua natureza e o grau de elevação a que chegou.”

510. Quando o pai que vela por seu filho reencarna, ainda continua velando por ele?

“É mais difícil, mas ele pede, num momento de desligamento, a um Espírito simpático para assisti-lo nessa missão. Além disso, os Espíritos só aceitam missões que possam cumprir até o fim.

O Espírito encarnado, principalmente nos mundos onde a existência é material, está muito subordinado ao seu corpo, para devotar-se inteiramente, isto é, para assisti-lo pessoalmente; é por isso que os que não são bastante elevados são, eles próprios, assistidos por Espíritos que lhes são superiores, de tal forma que, se um faltar, por um motivo qualquer, um outro lhe supre a falta.”

511. Além do Espírito protetor, um mau Espírito também está ligado a cada indivíduo, com o fim de impeli-lo ao mal e de lhe proporcionar uma oportunidade de lutar entre o bem e o mal?

“Ligado não é o termo. É bem verdade que os maus Espíritos procuram desviar do bom caminho, quando encontram ocasião de fazê-lo; porém, quando um deles se liga a um indivíduo, ele o faz por si mesmo, porque espera ser ouvido; então, há luta entre o bom e o mau e vence aquele a cuja influência o homem cede.”

512. Podemos ter vários Espíritos protetores?

“Cada homem sempre tem Espíritos simpáticos mais ou menos elevados que a ele se afeiçoam e por ele se interessam, como há também os que o assistem no mal.”

513. Os Espíritos simpáticos agem em virtude de uma missão?

“Algumas vezes podem ter uma missão temporária, porém, com mais frequência, são atraídos somente pela semelhança de pensamentos e de sentimentos, tanto para o bem quanto para o mal.”

a) Parece daí resultar que os Espíritos simpáticos podem ser bons ou maus?

“Sim, o homem sempre encontra Espíritos que simpatizam com ele, qualquer que seja seu caráter.”

514. Os Espíritos familiares são os mesmos que os Espíritos simpáticos ou os Espíritos protetores?

“Há muitas gradações na proteção e na simpatia; dai-lhes os nomes que quiserdes. O Espírito familiar é, antes, o amigo da casa.”

Das explicações acima e das observações feitas sobre a natureza dos Espíritos que se ligam ao homem, pode-se deduzir o seguinte:

O Espírito protetor, anjo guardião, ou bom gênio é aquele que tem por missão acompanhar o homem na vida e ajudá-lo a progredir. É sempre de natureza superior, relativamente à do protegido.

Os Espíritos familiares se afeiçoam a certas pessoas por laços mais ou menos duráveis, com o fim de lhes ser úteis, no limite de seu poder, freqüentemente, bastante limitado;

são bons, porém, algumas vezes, pouco adiantados e, até, um pouco levianos; ocupam-se de boa-vontade com detalhes da vida íntima e só agem por ordem ou com a permissão dos Espíritos protetores.

Os Espíritos simpáticos são aqueles que são atraídos por nós, por afeições particulares e uma certa semelhança de gostos e de sentimentos, tanto para o bem quanto para o mal. A duração de suas relações está, quase sempre, subordinada às circunstâncias.

O mau gênio é um Espírito imperfeito ou perverso que se liga ao homem, com o fim de desviá-lo do bem; mas age por seu próprio impulso e, não, em virtude de uma missão. Sua tenacidade é proporcional ao acesso mais ou menos fácil que encontra. O homem é sempre livre para escutar sua voz ou para repeli-lo.

515. Que se deve pensar dessas pessoas que parecem ligar-se a certos indivíduos para levá-los, fatalmente, à sua perda, ou para guiá-los ao bom caminho?

“Certas pessoas exercem, efetivamente, uma espécie de fascinação sobre outras que parece irresistível. Quando isto se dá para o mal, são maus Espíritos de que se servem outros Espíritos maus, para melhor subjugar. Deus pode permiti-lo, para vos experimentar.”

516. Nosso bom e nosso mau gênio poderiam encarnar, para nos acompanhar na vida, de uma forma mais direta?

“Isto acontece algumas vezes; porém, freqüentemente também, encarregam desta missão outros Espíritos encarnados que lhes são simpáticos.”

517. Haverá Espíritos que se liguem a uma família inteira para protegê-la?

“Alguns Espíritos se ligam aos membros de uma mesma família, que vivem juntos e estão unidos pela afeição, mas não acrediteis em Espíritos protetores do orgulho das raças.”

518. Os Espíritos, sendo atraídos para os indivíduos pelas suas simpatias, igualmente o são para as reuniões de indivíduos, por motivos particulares?

“Os Espíritos vão, preferentemente, onde estão seus semelhantes; aí ficam mais à vontade e mais certos de serem ouvidos. O homem atrai para si os Espíritos em razão de suas tendências, quer esteja sozinho, quer forme um todo coletivo, como uma sociedade, uma cidade, ou um povo. Portanto, há sociedades, cidades e povos que são assistidos por Espíritos mais ou menos elevados, conforme o caráter e as paixões neles dominantes. Os Espíritos imperfeitos se afastam daqueles que os repelem; daí resulta que o aperfeiçoamento moral das *coletividades*, como o dos indivíduos, tende a afastar os maus Espíritos e a atrair os bons, que estimulam e entretêm o sentimento do bem nas massas, como outros podem neles insuflar as más paixões.”

519. As aglomerações de indivíduos, como as sociedades, as cidades, as nações têm seus Espíritos protetores especiais?

“Sim, porque essas reuniões são individualidades coletivas que caminham para um objetivo comum e que precisam de uma direção superior.”

* Vide nota explicativa no final do livro (N.E.)

520. Os Espíritos protetores das massas são de uma natureza mais elevada do que os que se ligam aos indivíduos?

“Tudo é relativo ao grau de adiantamento das massas, como dos indivíduos.”

521. Certos Espíritos podem auxiliar o progresso das artes, protegendo os que delas se ocupam?

“Há Espíritos protetores especiais que assistem os que os invocam, quando os julgam dignos disso; porém, o que quereis que façam com aqueles que acreditam ser o que não são? Eles não fazem com que os cegos vejam, nem com que os surdos ouçam.”

Os antigos fizeram deles divindades especiais; as Musas não eram senão a personificação alegórica dos Espíritos protetores das ciências e das artes, como designavam sob o nome de Lares e Penates os Espíritos protetores da família. Entre os modernos, as artes, as diferentes indústrias, as cidades, os países também têm seus patronos protetores, que são apenas Espíritos superiores, sob outros nomes.

Tendo cada homem seus Espíritos simpáticos, daí resulta que, nas coletividades, a generalidade dos Espíritos simpáticos é proporcional à da generalidade dos indivíduos; que os Espíritos estranhos para elas são atraídos pela identidade dos gostos e dos pensamentos; numa palavra, que esses agrupamentos, tanto quanto os indivíduos, são mais ou menos envolvidos, assistidos, influenciados, conforme a natureza dos pensamentos da multidão.

Nos povos, os motivos de atração dos Espíritos são os costumes, os hábitos, o caráter dominante, e as leis, principalmente, porque o caráter da nação se reflete nas suas leis. Os homens que fazem reinar a justiça entre si, combatem a influência dos maus Espíritos. Onde quer que as leis consagrem práticas injustas, contrárias à Humanidade, os bons Espíritos ficam em minoria, e a massa dos maus, que afluem, entretém a nação nas suas idéias e paralisa as boas influências parciais, perdidas na multidão, como uma espiga se perde no meio dos espinheiros. Portanto estudando os costumes dos povos ou de qualquer grupo de homens, é fácil fazer uma idéia da população oculta que se imiscui nos seus pensamentos e nas suas ações.

Pressentimentos

522. O pressentimento é sempre um aviso do Espírito protetor?

“O pressentimento é o conselho íntimo e oculto de um Espírito que vos quer bem. Ele também está na intuição da escolha que se fez; é a voz do instinto. O Espírito, antes de encarnar, tem conhecimento das fases principais de sua existência, isto é, do gênero de provas com que se compromete; quando estas têm um caráter marcante, delas conserva uma espécie de impressão, no seu foro íntimo, e esta impressão, que é a voz do instinto, despertando, quando se aproxima o momento, torna-se pressentimento.”

523. Os pressentimentos e a voz do instinto sempre têm qualquer coisa de vago; na incerteza, o que devemos fazer?

“Quando estiveres na dúvida, invoca teu bom Espírito, ou *ora a Deus, senhor de todos nós, que ele te enviará um de seus mensageiros, um de nós.*”

524. Os avisos de nossos Espíritos protetores têm como único objetivo a conduta moral, ou também a conduta a adotar nos assuntos da vida particular?

“Tudo; eles tentam vos fazer viver o melhor possível; porém, freqüentemente, tapais os ouvidos aos bons avisos e vos tornais infelizes por vossa culpa.”

Os Espíritos protetores nos ajudam com seus conselhos, através da voz da consciência que fazem soar em nós; porém, como nem sempre damos a isso a importância necessária, dão-nos conselhos mais diretos, servindo-se das pessoas que nos cercam. Que cada um examine as diversas circunstâncias felizes ou infelizes de sua vida e verá que, em várias ocasiões, recebeu conselhos que nem sempre aproveitou e que o teriam poupado de muitos desgostos, se os tivesse escutado.

Influência dos Espíritos nos Acontecimentos da Vida

525. Os Espíritos exercem uma influência nos acontecimentos da vida?

“Certamente, visto que te aconselham.”

a) Exercem essa influência de outra forma que não seja através dos pensamentos que sugerem, isto é, têm uma ação direta sobre o cumprimento das coisas?

“Sim, mas nunca agem fora das leis da Natureza.”

Imaginamos, erradamente, que a ação dos Espíritos só deva se manifestar através dos fenômenos extraordinários; gostaríamos de que viessem em nosso auxílio, por meio de milagres e os idealizamos sempre armados de uma varinha mágica. Não é absolutamente dessa forma; eis por que a intervenção deles nos parece oculta e o que se faz com o concurso deles nos parece muito natural. Assim, por exemplo, provocarão o encontro de duas pessoas que suporão encontrar-se por acaso; inspirarão a alguém a idéia de passar por determinado lugar; chamarão sua atenção para certo ponto, se isso levar ao resultado que desejam obter; de tal maneira que o homem, acreditando seguir apenas seu próprio impulso, conserva sempre seu livre-arbítrio.

526. Tendo uma ação sobre a matéria, os Espíritos podem provocar certos efeitos, visando fazer com que se cumpra um acontecimento? Por exemplo, um homem deve morrer: sobe numa escada, a escada se quebra e o homem morre; foram os Espíritos que fizeram a escada quebrar-se, para que o destino desse homem se cumprisse?

“É bem verdade que os Espíritos têm uma ação sobre a matéria, mas para o cumprimento das leis da Natureza e, não, para as derogar, fazendo surgir, em dado momento, um acontecimento inesperado e contrário a essas leis. No exemplo que citas, a escada se partiu porque estava podre, ou não era bastante forte para suportar o peso do homem; se estivesse no destino de tal homem perecer daquela maneira, eles lhe inspirariam a idéia de subir naquela escada, que deveria quebrar-se sob o seu peso, e sua morte aconteceria por um efeito natural e sem que fosse necessário fazer um milagre para isso.”

527. Tomemos um outro exemplo em que o estado natural da matéria não apareça. Um homem deve perecer fulminado por um raio; refugia-se debaixo de uma árvore, o raio cai e o mata. Coube aos Espíritos provocar o raio e dirigi-lo para ele?

“Ainda é a mesma coisa. O raio caiu, sobre aquela árvore, naquele momento, porque estava nas leis da Natureza que assim fosse; ele não foi dirigido para aquela

árvore porque o homem se achasse debaixo dela, mas ao homem foi inspirada a idéia de se refugiar sob uma árvore, sobre a qual o raio deveria cair, pois a árvore não deixaria de ser atingida, estivesse ou não o homem debaixo dela.”

528. Um homem mal intencionado dispara contra alguém um projétil que passa de raspão e não o atinge. Um Espírito bondoso pode tê-lo desviado?

“Se o indivíduo não deve ser atingido, o Espírito bondoso lhe inspirará a idéia de se desviar, ou então, poderá ofuscar seu inimigo, de maneira a fazê-lo errar a portaria, pois, uma vez disparado, o projétil segue a trajetória que deve percorrer.”

529. Que se deve pensar das balas encantadas de que tratam algumas lendas e que, fatalmente, atingem um objetivo?

“Pura imaginação; o homem gosta do maravilhoso e não se contenta com as maravilhas da Natureza.”

a) Os espíritos que dirigem os acontecimentos da vida podem ser contrariados por Espíritos que desejem o contrário?

“O que Deus quer deve ser feito; se houver demora ou impedimento, é pela sua vontade que acontece.”

530. Os Espíritos levianos e zombeteiros não podem criar pequenos embaraços que venham a contrariar nossos projetos e desviar nossas previsões? Numa palavra, serão eles os autores do que vulgarmente chamamos as pequenas misérias da vida humana?

“Eles se comprazem nesses aborrecimentos que representam para vós provas, a fim de exercitar vossa paciência; cansam-se, porém, quando vêem que não têm êxito. Todavia, não seria justo, nem certo, culpá-los por todas as vossas decepções, de que sois, vós mesmos, os primeiros artesãos, pela vossa irreflexão, pois, acredite que, se a tua louça se quebra, é muito mais por inabilidade tua, do que por culpa dos Espíritos.”

a) Os Espíritos que provocam contrariedades agem em conseqüência de uma animosidade pessoal, ou atacam o primeiro que chega, sem motivo determinado, unicamente por malícia?

“Por uma e outra coisa; algumas vezes são inimigos feitos durante esta vida ou numa outra, que vos perseguem; de outras vezes, não há motivos.”

531. A malquerença dos seres que nos fizeram mal na Terra extingue-se com a vida corporal deles?

“Reconhecem, com freqüência, sua injustiça e o mal que fizeram; mas, freqüentemente, também, vos perseguem com sua animosidade, se Deus o permitir, para continuar a vos experimentar.”

a) Pode-se pôr um fim a isso? E através de que meio?

“Sim, pode-se orar por eles e, retribuindo-lhes o mal com o bem, eles acabam por compreender seus enganos; de resto, se se souber pôr-se acima de suas maquinações, eles param, vendo que nada ganham com isso.”

A experiência prova que alguns Espíritos prosseguem na sua vingança; de uma existência a outra, e que, assim, se expiam, cedo ou tarde, os erros que tiverem sido cometidos para com alguém.

532. Os Espíritos têm o poder de desviar os males de certas pessoas e atrair para elas a prosperidade?

“Não inteiramente, pois há males que estão nos decretos da Providência; eles, porém, amenizam vossas dores, dando-vos a paciência e a resignação.

“Ficai sabendo, também, que, freqüentemente, depende de vós desviar esses males, ou, pelo menos, atenuá-los; Deus vos deu a inteligência para dela vos servirdes e é, principalmente através dela, que os Espíritos vêm em vosso auxílio, sugerindo-vos idéias propícias; mas não assistem senão aqueles que sabem assistir-se a si mesmos; este é o sentido destas palavras: Buscai e achareis, batei e se vos abrirá.

Sabei ainda que o que vos parece um mal, nem sempre o é; freqüentemente, de um mal deve sair um bem muito maior. É o que não compreendeis, porque só pensais no momento presente ou na vossa própria pessoa.”

533. Os Espíritos podem fazer que se obtenham os dons da riqueza, se isto lhes for solicitado?

“Algumas vezes, como prova, mas freqüentemente se recusam, como se recusa a uma criança o atendimento de um pedido inconsiderado.”

a) São os bons ou os maus Espíritos que concedem esses favores?

“Uns e outros; isso depende da intenção; porém, na maioria das vezes, são os Espíritos que querem vos arrastar para o mal e que, para isso, encontram um meio fácil nos gozos que a riqueza proporciona.”

534. Quando obstáculos parecem vir, fatalmente, a se opor aos nossos projetos, isto se daria por influência de algum Espírito?

“Algumas vezes por influência dos Espíritos, de outras vezes e mais freqüentemente, é porque procedeis mal. A posição e o caráter influem muito. Se vos obstinais num caminho que não é o vosso, os Espíritos não são responsáveis por isso; vós é que sois vosso próprio mau gênio.”

535. Quando nos acontece alguma coisa venturosa, é ao nosso Espírito protetor que devemos agradecer?

“Agradecei, sobretudo, a Deus, sem cuja permissão nada se faz; depois, aos bons Espíritos que foram os seus agentes.”

a) O que aconteceria se esquecêssemos de agradecer?

“O que acontece aos ingratos.”

b) Todavia, há pessoas que não pedem nem agradecem e para as quais tudo dá certo...

“Sim, mas é preciso ver o fim; pagarão bem caro essa felicidade passageira que não merecem, pois quanto mais tiverem recebido, mais terão que devolver.”

Ação dos Espíritos nos Fenômenos da Natureza

536. Os grandes fenômenos da Natureza, aqueles que são considerados como uma perturbação dos elementos, são devidos a causas fortuitas, ou têm todos um objetivo providencial?

“Tudo tem uma razão de ser e nada acontece sem a permissão de Deus.”

a) Esses fenômenos sempre têm o homem por objeto?

“Algumas vezes têm para o homem uma razão de ser direta, mas, freqüentemente, também, só têm por objetivo o restabelecimento do equilíbrio e da harmonia das forças físicas da Natureza.”

b) Concebemos, perfeitamente, que a vontade de Deus seja a causa primeira, nisto como em todas as coisas; porém, como sabemos que os Espíritos têm uma ação sobre a matéria e que são os agentes da vontade de Deus, perguntamos se alguns dentre eles não exerceriam uma influência sobre os elementos para agitá-los, acalmá-los ou dirigi-los.

“Mas, é evidente; nem poderia ser de outra maneira; Deus não exerce uma ação direta sobre a matéria; ele tem seus agentes devotados, em todos os graus da escala dos mundos.”

537. A mitologia dos antigos está inteiramente fundada nas idéias espíritas, com a diferença de que consideravam os Espíritos como divindades; ora, eles nos representavam esses deuses ou esses Espíritos com atribuições especiais; assim, uns eram encarregados dos ventos, outros do raio, outros de presidir à vegetação, etc.; esta crença é destituída de fundamento?

“Ela é tão pouco destituída de fundamento, quanto ainda está muito aquém da verdade.”

a) Pela mesma razão, poderia, então, haver Espíritos que habitassem o interior da Terra e presidissem aos fenômenos geológicos?

“Esses Espíritos positivamente não habitam a Terra, mas presidem e dirigem, segundo suas atribuições. Um dia, tereis a explicação de todos esses fenômenos e os compreenderéis melhor.”

538. Os Espíritos que presidem aos fenômenos da Natureza formam uma categoria especial, no mundo espiritual? São seres à parte, ou Espíritos que foram encarnados, como nós?

“Que o serão ou que o foram.”

a) Esses Espíritos pertencem às ordens superiores ou inferiores da hierarquia espiritual?

“Isso depende de seu papel ser mais ou menos material ou inteligente; uns comandam, os outros executam; os que executam as coisas materiais são sempre de uma ordem inferior, entre os Espíritos, como entre os homens.”

539. Na produção de certos fenômenos, das tempestades, por exemplo, é um único Espírito que age, ou se reúnem em massa?

“Em massas inumeráveis.”

540. Os Espíritos que exercem uma ação sobre os fenômenos da Natureza agem com conhecimento de causa, em virtude de seu livre-arbítrio, ou por um impulso instintivo e irrefletido?

“Uns, sim, outros, não. Faço uma comparação: imagina essas miríades de animais que, pouco a pouco, fazem emergir do mar ilhas e arquipélagos; julgas que não haja, aí, um fim providencial e que essa transformação da superfície do globo não seja necessária à harmonia geral? Entretanto, são apenas animais do último grau que executam essas coisas, provendo às suas necessidades e sem suspeitarem de que são os instrumentos de Deus. Pois bem! Do mesmo modo, os Espíritos mais atrasados são úteis ao conjunto; enquanto *se ensaiam para a vida* e antes de terem plena consciência de seus atos e de seu livre-arbítrio, atuam em certos fenômenos de que são os agentes inconscientes; primeiramente, executam; mais tarde, quando sua inteligência estiver mais desenvolvida, comandarão e dirigirão as coisas do mundo material; mais tarde ainda, poderão dirigir as coisas do mundo moral. É assim que tudo serve, tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que começou, ele próprio, pelo átomo; admirável lei de harmonia de que vosso Espírito limitado ainda não pode apreender o conjunto.”

Os Espíritos durante os Combates

541. Numa batalha, há Espíritos que assistem e sustentam cada lado?

“Sim, e que lhes estimulam a coragem.”

Assim, outrora, os antigos representavam os deuses tomando partido deste ou daquele povo. Esses deuses eram apenas Espíritos representados alegoricamente.

542. Na guerra, a justiça está sempre de um lado; como é que Espíritos tomam partido daquele que não tem razão?

“Bem sabeis que há Espíritos que apenas buscam a discórdia e a destruição; para eles, a guerra é a guerra: a justiça da causa pouco os toca.”

543. Alguns Espíritos podem influenciar o general na concepção de seus planos de campanha?

“Sem dúvida alguma, os Espíritos podem influenciar para esse objetivo, como para todas as concepções.”

544. Maus Espíritos poderiam sugerir-lhe estratégias errôneas com o objetivo de levá-lo à derrota?

“Sim; mas, ele não tem seu livre-arbítrio? Se seu discernimento não lhe permite distinguir uma idéia justa de uma falsa, sofre as conseqüências disso e faria melhor se obedecesse, em vez de comandar.”

545. O general pode, algumas vezes, ser guiado por uma espécie de segunda vista, uma visão intuitiva que lhe mostre, antecipadamente, o resultado de suas estratégias?

“Isso acontece, freqüentemente, com o homem de gênio; é o que ele chama de inspiração e faz com que aja com uma espécie de certeza; essa inspiração lhe vem dos Espíritos que o dirigem e aproveitam ao máximo as faculdades de que é dotado.”

546. No tumulto do combate, o que acontece com os Espíritos que sucumbem? Interessam-se ainda pelo combate, após a morte?

“Alguns se interessam por ele, outros dele se afastam.”

Nos combates, acontece o que se dá em todos os casos de morte violenta: no primeiro momento, o Espírito fica surpreso e como que atordoado. Não acredita estar morto; parece-lhe ainda tomar parte na ação; só pouco a pouco é que a realidade lhe surge.

547. Os Espíritos que se combatiam enquanto vivos, uma vez estando mortos, reconhecem-se como inimigos e se conservam encarniçados uns contra os outros?

“Nessas horas, o Espírito nunca está impassível; no primeiro momento, ele pode ainda querer mal ao seu inimigo e até persegui-lo; porém, quando as idéias lhe retornam, vê que sua animosidade não tem mais sentido; todavia, pode ainda dela conservar traços mais ou menos fortes, conforme o seu caráter.”

a) Ainda percebe o ruído das armas?

“Sim, perfeitamente.”

548. O Espírito que assiste, impassível, a um combate, como espectador, é testemunha da separação da alma e do corpo? Como esse fenômeno se apresenta para ele?

“Há poucas mortes verdadeiramente instantâneas. A maior parte do tempo, o Espírito, cujo corpo acaba de ser mortalmente golpeado, não tem consciência desse fato, a princípio; quando começa a se reconhecer, só então é que pode distinguir o Espírito que se move ao lado do cadáver; isso parece tão natural que a visão do corpo morto nenhum efeito desagradável produz; tendo toda a vida se concentrado no Espírito, só ele atrai a atenção; é com ele que conversam ou a ele que comandam.”

Pactos

549. Haverá algo de verdadeiro nos pactos com os maus Espíritos?

“Não, não há pactos, porém uma natureza má que simpatiza com maus Espíritos. Por exemplo: queres atormentar o teu vizinho e não sabes como fazê-lo; então, chamas por Espíritos inferiores que, como tu, só querem o mal e, para te ajudar, querem que tu os sirvas em seus maus desígnios; porém, daí não se segue que teu vizinho não possa deles se livrar, por meio de uma conjuração contrária e por sua vontade. Aquele que quer cometer uma ação má chama, por isso mesmo, em seu auxílio, maus Espíritos; é, então, obrigado a servi-los, como estes também

o fazem com relação a ele, pois também precisam dele para o mal que querem fazer. O pacto consiste apenas nisto.”

A dependência em que o homem se encontra, algumas vezes, em relação aos espíritos inferiores, provém de sua entrega aos maus pensamentos que estes lhe sugerem e, não, de quaisquer estipulações existentes entre eles. O pacto, no sentido vulgar atribuído a esta palavra, é uma alegoria representando uma natureza má que simpatiza com Espíritos malfazejos.

550. Qual o sentido das lendas fantásticas, segundo as quais, indivíduos teriam vendido sua alma a Satã, para obterem certos favores?

“Todas as fábulas encerram um ensinamento e um sentido moral; vosso erro está em tomá-las ao pé da letra. Esta é uma alegoria que pode ser explicada assim: aquele que chama, em seu auxílio, os Espíritos, para deles obter os dons da riqueza, ou qualquer outro favor, reclama contra a Providência; renuncia à missão que recebeu e às provas que deve suportar neste mundo e sofrerá as consequências disso, na vida futura. Isto não quer dizer que sua alma esteja para sempre condenada à desgraça; mas, já que, em vez de se desligar da matéria, cada vez mais nela se enterra, o que houver tido de alegria na Terra, não o terá no mundo dos Espíritos, até que o tenha resgatado, através de novas provas, talvez maiores e mais penosas. Pelo seu amor aos gozos materiais, coloca-se na dependência dos Espíritos impuros; há, entre estes e ele, um pacto tácito que o conduz à sua perda, mas que lhe será sempre fácil romper, com a assistência dos bons Espíritos, se tiver a vontade firme.”

Poder Oculto. Talismãs. Feiticeiros.

551. Um homem mau pode, com o auxílio de um mau Espírito que lhe seja devotado, fazer mal ao seu próximo?

“Não; Deus não o permitiria.”

552. O que se deve pensar da crença no poder, que certas pessoas teriam, de fazer feitiçarias?

“Algumas pessoas dispõem de um poder magnético muito grande, poder de que podem fazer mau uso, se seus próprios Espíritos forem maus e, neste caso, podem ser secundadas por outros maus Espíritos; mas, não creiais nesse pretenso poder mágico, que só existe na imaginação das pessoas supersticiosas, ignorantes das verdadeiras leis da Natureza. Os fatos que citam são fatos naturais, mal observados e, principalmente, mal compreendidos.”

553. Qual pode ser o efeito das fórmulas e práticas com o auxílio das quais certas pessoas pretendem dispor da vontade dos Espíritos?

“Esse efeito é o de torná-las ridículas, se têm boa-fé; no caso contrário, são malandros que merecem um castigo. Todas as fórmulas são charlatanice; não há palavra sacramental alguma, nenhum sinal cabalístico, nenhum talismã que tenha qualquer ação sobre os Espíritos, pois estes só são atraídos pelo pensamento e não pelas coisas materiais.”

a) Certos Espíritos não têm, eles próprios, ditado fórmulas cabalísticas, algumas vezes?

“Sim, tendes Espíritos que vos indicam sinais, palavras estranhas, ou que vos prescrevem certos atos, com o auxílio dos quais fazeis o que chamais conjuros; mas, ficai bem certos de que são Espíritos que zombam de vós e abusam da vossa credulidade.”

554. Aquele que, com ou sem razão, confia no que chama a virtude de um talismã, não pode, por efeito dessa mesma confiança, atrair um Espírito, visto que é o pensamento que atua, sendo o talismã apenas um sinal que ajuda a dirigir o pensamento?

“É verdade; porém, a natureza do Espírito atraído depende da pureza da intenção e da elevação dos sentimentos; ora, é raro que, aquele que seja bastante simplório para crer na virtude de um talismã, não tenha um objetivo mais material que moral; em todo o caso, isso denuncia uma pequenez e uma fraqueza de idéias que favorecem aos Espíritos imperfeitos e zombeteiros.”

555. Que sentido se deve atribuir ao qualificativo de feiticeiro?

“Aqueles a quem chamais feiticeiros são pessoas que, quando de boa-fé, são dotadas de certas faculdades, como o poder magnético ou a segunda vista; e, então, como eles fazem coisas que não compreendeis, vós os julgais dotados de um poder sobrenatural. Vossos sábios não têm, muitas vezes, passado por feiticeiros aos olhos das pessoas ignorantes?”

O Espiritismo e o magnetismo nos dão a chave de uma imensidade de fenômenos sobre os quais a ignorância teceu uma infinidade de fábulas. em que os fatos são exagerados pela imaginação. O conhecimento esclarecido destas duas ciências. que por assim dizer. formam uma só, mostrando a realidade das coisas e sua verdadeira causa, é o melhor preservativo contra as idéias supersticiosas, porque mostra o que é possível e o que é impossível, o que está nas leis da Natureza e o que não passa de uma crença ridícula.

556. Algumas pessoas têm, verdadeiramente, o dom de curar pelo simples toque?

“O poder magnético pode chegar até aí, quando é secundado pela pureza dos sentimentos e um ardente desejo de fazer o bem, porque, então, os bons Espíritos vêm em auxílio; porém, é preciso desconfiar da maneira pela qual as coisas são contadas por pessoas muito crédulas ou muito entusiastas, sempre dispostas a ver o maravilhoso, nas coisas mais simples e mais naturais. É preciso desconfiar também das narrativas interesseiras, da parte de pessoas que exploram a credulidade, em seu próprio proveito.”

Bênção e Maldição

557. A bênção e a maldição podem atrair o bem e o mal para aqueles que delas são o objeto?

“Deus não escuta uma maldição injusta e aquele que a pronuncia é culpado aos seus olhos. Como temos os dois gênios opostos, o bem e o mal, pode haver

uma influência momentânea, mesmo sobre a matéria; esta influência, porém, só acontece pela vontade de Deus e como acréscimo de prova para aquele que dela é objeto. Aliás, geralmente, os maus são amaldiçoados e os bons abençoados. A bênção e a maldição nunca podem desviar a Providência do caminho da justiça; ela só atinge o maldito, se ele for mau, e sua proteção só envolve aquele que a merece.”



Capítulo X

Ocupações e Missões dos Espíritos

558. Os Espíritos têm outra coisa a fazer a não ser melhorarem-se, pessoalmente?

“Eles concorrem para a harmonia do Universo, executando as vontades de Deus, de quem são os ministros. A vida espiritual é uma ocupação contínua, mas nada tem de penosa, como na Terra, porque não há fadiga corporal, nem as angústias das necessidades.”

559. Os Espíritos inferiores e imperfeitos também desempenham um papel útil no Universo?

“Todos têm deveres a cumprir. Será que o último pedreiro não concorre, para construir o edifício, tanto quanto o arquiteto?” (540)

560. Os Espíritos possuem, todos, atribuições especiais?

“Digamos que todos nós devemos habitar em toda a parte e adquirir o conhecimento de todas as coisas, presidindo, sucessivamente, a todas as partes do Universo. Porém, como é dito no Eclesiastes, há um tempo para tudo; assim, este cumpre, hoje, o seu destino neste mundo, um outro o cumpriu, ou cumprirá, numa outra época, na terra, na água, no ar, etc.”

561. As funções que os Espíritos desempenham, na ordem das coisas, são permanentes para cada um e estão nas atribuições exclusivas de algumas classes?

“Todos devem percorrer os diferentes graus da escala, para se aperfeiçoarem. Deus, que é justo, não poderia ter querido dar a uns a ciência sem trabalho, enquanto outros só a adquirem penosamente.”

Também, entre os homens, ninguém chega ao grau supremo de habilidade numa arte qualquer, sem ter haurido os conhecimentos necessários na prática das etapas básicas dessa arte.

562. Os Espíritos da ordem mais elevada, nada mais tendo que adquirir, encontram-se num repouso absoluto, ou também têm ocupações?

“Que querias que fizessem durante a eternidade? A ociosidade eterna seria um suplício eterno.”

a) Qual a natureza de suas ocupações?

“Receber, diretamente, as ordens de Deus, transmiti-las a todo o Universo e velar por sua execução.”

563. As ocupações dos Espíritos são incessantes?

“Incessantes, sim, se entendemos que o pensamento deles está sempre ativo, visto que vivem pelo pensamento. Porém, é importante não comparar as ocupações dos Espíritos com as ocupações materiais dos homens; essa mesma atividade constitui um prazer, pela consciência que têm de ser úteis.”

a) Isto se concebe com relação aos bons Espíritos; mas, acontecerá o mesmo com os Espíritos inferiores?

“Os Espíritos inferiores têm ocupações apropriadas à sua natureza. Confiais ao trabalhador braçal e ao ignorante os trabalhos do homem de inteligência?”

564. Dentre os Espíritos, haverá os que são ociosos, ou que não se ocupam com coisa alguma de útil?

“Sim, este estado, porém, é temporário e subordinado ao desenvolvimento de sua inteligência. Certamente, há, como há entre os homens, os que só vivem para si mesmos; mas, esta ociosidade lhes pesa e, cedo ou tarde, o desejo de progredir os fará experimentar a necessidade da atividade e ficarão felizes por poderem tornar-se úteis. Falamos dos Espíritos que chegaram ao ponto de ter a consciência de si mesmos e do seu livre-arbítrio, já que, em sua origem, são como crianças que acabam de nascer e que agem mais por instinto do que por uma vontade determinada.”

565. Os Espíritos examinam nossos trabalhos de arte e se interessam por eles?

“Examinam o que pode demonstrar a elevação dos Espíritos e seu progresso.”

566. Um Espírito que teve uma especialidade na Terra, um pintor, um arquiteto, por exemplo, interessa-se, preferencialmente, pelos trabalhos que constituíram o objeto de sua predileção, durante sua vida?

“Tudo se confunde num objetivo geral. Se ele for bom, interessa-se por eles, na medida em que isso lhe permita auxiliar as almas a se elevarem para Deus. Além disso, esqueceis que um Espírito que cultivou uma arte numa existência em que o conhecestes, pode ter cultivado uma outra, em outra existência, pois é preciso que saiba tudo, para ser perfeito; assim, conforme o seu grau de adiantamento, pode não haver, para ele, uma especialidade; foi o que eu quis dizer, afirmando que tudo isso se confunde num objetivo geral. Notai, ainda, o seguinte: o que é sublime para vós, no vosso mundo atrasado, não passa de infantilidade, comparado aos mundos mais adiantados. Como quereis que os Espíritos que habitam esses mundos, onde existem artes desconhecidas para vós, admirem o que, para eles, é apenas uma obra de colegial? Eu já disse: eles examinam o que pode demonstrar o progresso.”

a) Concebemos que deva ser assim, para Espíritos muito adiantados; mas falamos dos Espíritos mais comuns e que ainda não se elevaram acima das idéias terrestres...

“Para esses, é diferente; o ponto de vista deles é mais limitado e podem admirar o que vós mesmos admirais.”

567. Os Espíritos se imiscuem, algumas vezes, em nossas ocupações e prazeres?

“Os Espíritos comuns, como tu o dizes, sim; esses estão, incessantemente, em torno de vós e tomam parte, algumas vezes, muito ativa, no que fazeis, conforme sua natureza; e é preciso que seja assim, para impelir os homens nos diversos caminhos da vida, para excitar ou moderar suas paixões.”

Os Espíritos se ocupam com as coisas deste mundo, em razão da elevação ou da inferioridade deles. Os Espíritos superiores possuem, sem dúvida, a faculdade de examiná-las nos mínimos detalhes, mas só o fazem na medida em que isso seja útil ao progresso; somente os Espíritos inferiores dão a elas uma importância relativa às lembranças que ainda estejam presentes em sua memória e às idéias materiais que neles ainda não se tenham extinguido.

568. Os Espíritos, que têm missões a cumprir, as cumprem no estado errante, ou no estado de encarnação?

“Podem tê-las num e noutro estado; para certos Espíritos errantes, é uma grande ocupação.”

569. Em que consistem as missões de que podem ser encarregados os Espíritos errantes?

“Elas são tão variadas que seria impossível descrevê-las; aliás, há algumas que não podeis compreender. Os Espíritos executam as vontades de Deus e não podeis penetrar em todos os seus desígnios.”

As missões dos Espíritos têm sempre o bem por objeto. Quer como Espíritos, quer como homens, são encarregados de auxiliar o progresso da Humanidade, dos povos, ou dos indivíduos, num círculo de idéias mais ou menos amplas, mais ou menos especiais, de preparar os caminhos para determinados acontecimentos, de velar para o cumprimento de certas coisas. Alguns têm missões mais restritas e, de alguma forma, pessoais, ou inteiramente locais, como assistir os enfermos, os agonizantes, os aflitos; velar por aqueles de quem se tornaram os guias e os protetores, dirigi-los, através dos seus conselhos, ou através dos bons pensamentos que lhes sugerem. Pode-se dizer que há tantos gêneros de missões, quantas espécies de interesses a assegurar, tanto no mundo físico, quanto no mundo moral. O Espírito se adianta, segundo a maneira pela qual cumpre sua tarefa.

570. Os Espíritos sempre percebem os desígnios que estão encarregados de executar?

“Não; há aqueles que são instrumentos cegos, outros, porém, sabem muito bem com que objetivo agem.”

571. Apenas os Espíritos elevados desempenham missões?

“A importância das missões corresponde às capacidades e à elevação do Espírito. O estafeta que leva um telegrama também cumpre uma missão, mas que não é como a do general.”

572. A missão de um Espírito lhe é imposta, ou depende de sua vontade?

“Ele a pede e fica feliz por obtê-la.”

a) A mesma missão pode ser pedida por vários Espíritos?

“Sim; há, freqüentemente, vários candidatos, mas nem todos são aceitos.”

573. Em que consiste a missão dos Espíritos encarnados?

“Instruir os homens; auxiliar-lhes o progresso; melhorar suas instituições, através de meios diretos e materiais; as missões, porém, são mais ou menos gerais e importantes; aquele que cultiva a terra cumpre uma missão, como aquele que governa ou o que instrui. Tudo se encadeia na Natureza; ao mesmo tempo que o Espírito se depura pela encarnação, concorre, dessa forma, para a execução dos desígnios da Providência. Cada um tem sua missão neste mundo, porque cada qual pode ser útil em alguma coisa.”

574. Qual pode ser a missão das pessoas voluntariamente inúteis, na Terra?

“Há, efetivamente, pessoas que vivem apenas para si mesmas e não sabem se tornar úteis em coisa alguma. São pobres seres que devem ser olhados com piedade, pois expiarão, cruelmente, sua inutilidade voluntária e seu castigo começa, com freqüência, já neste mundo, pelo tédio e o desgosto da vida.”

a) Visto que tinham a escolha, por que preferiram uma vida que não podia lhes trazer proveito algum?

“Entre os Espíritos há também preguiçosos que recuam diante de uma vida de trabalho. Deus os deixa agir assim; eles compreenderão, mais tarde e às suas custas, os inconvenientes de sua inutilidade e serão os primeiros a pedir para recuperar o tempo perdido. Pode ser também que tenham escolhido uma vida mais útil, mas, uma vez diante da obra, recuam e se deixam arrastar pelas sugestões dos Espíritos que os encorajam na sua ociosidade.”

575. As ocupações comuns nos parecem muito mais deveres do que missões propriamente ditas. A missão, conforme o sentido dado a esta palavra, tem um caráter de importância menos exclusivo e, principalmente, menos pessoal. Deste ponto de vista, como se pode reconhecer que um homem tem uma missão real, na Terra?

“Pelas grandes coisas que executa, pelos progressos que possibilita aos seus semelhantes.”

576. Os homens que têm uma missão importante a ela estão predestinados, antes de seu nascimento, e dela têm conhecimento?

“Algumas vezes, sim; porém, geralmente o ignoram. Vindo à Terra, apenas divisam um vago objetivo; sua missão se delinea após o nascimento e de acordo com as circunstâncias. Deus os conduz ao caminho onde devem cumprir seus desígnios.”

577. Quando um homem faz uma coisa útil, será sempre em virtude de uma missão anterior e predestinada, ou pode receber uma missão não prevista?

“Nem tudo o que um homem faz é o resultado de uma missão predestinada; freqüentemente, ele é o instrumento de que um Espírito se serve para fazer que se execute algo que ele considera útil. Por exemplo, um Espírito julga que seria bom

escrever um livro, que ele próprio escreveria, se estivesse encarnado; procura o escritor mais apto a compreender e executar seu pensamento; dá-lhe a idéia e o dirige na execução. Dessa forma, esse homem não veio absolutamente à Terra com a missão de realizar essa obra. Acontece o mesmo com algumas obras de arte, ou com descobertas. É preciso dizer, ainda, que, durante o sono de seu corpo, o Espírito encarnado comunica-se diretamente com o Espírito errante e que se entendem com relação à execução.”

578. O Espírito pode falir na sua missão, por sua própria culpa?

“Sim, se não for um Espírito superior.”

a) Quais são para ele as conseqüências disso?

“Terá que recomeçar sua tarefa: aí está sua punição; além disso, sofrerá as conseqüências do mal que tiver causado.”

579. Visto que o Espírito recebe sua missão de Deus, como Deus pode confiar uma missão importante e de interesse geral a um Espírito que nela poderia falir?

“Deus não sabe se seu general obterá a vitória ou se será vencido? Ele o sabe, ficai certos disso, e seus planos, *quando são importantes*, não repousam, absolutamente, sobre aqueles que devam abandonar sua obra pela metade. Toda a questão está, para vós, no conhecimento que Deus possui do futuro, mas que a vós não é dado.”

580. O Espírito que encarna para cumprir uma missão experimenta apreensão idêntica à daquele que o faz como prova?

“Não; ele tem a experiência.”

581. Os homens que são a luz do gênero humano, que o iluminam com seu gênio, têm, certamente, uma missão; dentre eles, porém, há aqueles que se enganam e que, ao lado de grandes verdades, difundem grandes erros. Como se deve considerar a missão deles?

“Como falseada por eles próprios. Estão abaixo da tarefa que empreenderam. Entretanto, é preciso levar em conta as circunstâncias; os homens de gênio têm que falar de acordo com os tempos; um ensinamento que parece errôneo ou pueril numa época adiantada, pode ter sido adequado para o seu século.”

582. Pode-se considerar a paternidade como uma missão?

“É, sem contestação, uma missão; é, ao mesmo tempo, um dever muito grande e que compromete o homem, mais do que ele pensa, com relação à sua responsabilidade quanto ao futuro. Deus colocou a criança sob a tutela de seus pais, para que estes o dirijam no caminho do bem, e facilitou-lhes a tarefa, dando-lhe uma organização débil e delicada que o torna acessível a todas as impressões; entretanto, há os que se preocupam mais em aprumar as árvores de seu jardim e de fazê-las dar muitos bons frutos, do que em endireitar o caráter de seu filho. Se este sucumbir, por culpa deles, suportarão a dor, e os sofrimentos do filho na vida

futura recairão sobre eles, pois não terão feito o que deles dependia para o seu adiantamento no caminho do bem.”

583. Se um filho se desvia para o mal, apesar dos cuidados de seus pais, são estes responsáveis por isso?

“Não; porém, quanto maiores as disposições do filho para o mal, mais pesada é a tarefa e maior será o mérito, se eles conseguirem desviá-lo do mau caminho.”

a) Se um filho se torna um homem de bem, apesar da negligência ou dos maus exemplos de seus pais, estes retiram daí algum proveito?

“Deus é justo.”

584. De que natureza pode ser a missão do conquistador que apenas visa satisfazer sua ambição e que, para atingir esse objetivo, não recua diante de nenhuma das calamidades que arrasta atrás de si?

“Em geral, ele não passa de um instrumento de que Deus se serve, para o cumprimento de seus desígnios, e essas calamidades são, algumas vezes, um meio de fazer um povo progredir mais rápido.”

a) Aquele que é o instrumento dessas calamidades passageiras é estranho ao bem que delas pode resultar, visto que apenas se propusera um fim pessoal; entretanto, desse bem tirará ele algum proveito?

“Cada um é recompensado de acordo com suas obras, com o bem que *quis* fazer e com a retidão de suas intenções.”

Os Espíritos encarnados têm ocupações inerentes à sua existência corporal. No estado de erraticidade, ou de desmaterialização, essas ocupações são proporcionais ao grau de adiantamento deles.

Uns percorrem os mundos, se instruem e se preparam para uma nova encarnação.

Outros, mais adiantados, se ocupam com o progresso, dirigindo os acontecimentos e sugerindo idéias propícias; assistem os homens de gênio que concorrem para o adiantamento da Humanidade.

Outros encarnam com uma missão de progresso.

Outros tomam sob sua tutela os indivíduos, as famílias, as reuniões, as cidades e os povos, dos quais se constituem os anjos guardiães, os gênios protetores e os Espíritos familiares.

Outros, finalmente, presidem aos fenômenos da Natureza, de que se constituem os agentes diretos.

Os Espíritos comuns se imiscuem em nossas ocupações e em nossas diversões.

Os Espíritos impuros ou imperfeitos aguardam, nos sofrimentos e nas angústias, o momento em que praza a Deus proporcionar-lhes os meios de se adiantarem. Se fazem o mal, é pelo despeito do bem de que ainda não podem gozar.



Capítulo XI

Os Três Reinos

1. Os Minerais e as Plantas.

2. Os Animais e o Homem.

3. Metempsicose.

Os Minerais e as Plantas

585. Que pensais da divisão da Natureza em três reinos, ou melhor, em duas classes: os seres orgânicos e os seres inorgânicos? Para alguns, a espécie humana constitui uma quarta classe. Qual dessas divisões é preferível?

“Todas elas são boas, dependendo do ponto de vista. Do ponto de vista material, só há seres orgânicos e inorgânicos; do ponto de vista moral, há, evidentemente, quatro graus.”

Esses quatro graus têm, efetivamente, caracteres determinados, embora seus limites pareçam confundir-se: a matéria inerte, que constitui o reino mineral, só tem em si uma força mecânica; as plantas, compostas de matéria inerte, são dotadas de vitalidade; os animais, compostos de matéria inerte, dotados de vitalidade, possuem, além disso, uma espécie de inteligência instintiva, limitada, com a consciência de sua existência e de sua individualidade; o homem, tendo tudo o que há nas plantas e nos animais, domina todas as outras classes, através de uma inteligência especial, indefinida, que lhe dá a consciência de seu futuro, a percepção das coisas extramateriais e o conhecimento de Deus.

586. As plantas têm consciência de suas existências?

“Não; elas não pensam; só têm vida orgânica.”

587. As plantas experimentam sensações? Sofrem quando as mutilam?

“As plantas recebem impressões físicas que agem sobre a matéria, porém não têm percepções, por conseguinte, não têm a da dor.”

588. A força que atrai as plantas umas para as outras independe da vontade delas?

“Sim, já que não pensam. É uma força mecânica da matéria, que age sobre a matéria: elas não poderiam opor-se a isso.”

589. Algumas plantas, como a dormideira e a dionéia, por exemplo, possuem movimentos que denotam uma grande sensibilidade e, em certos casos, uma espécie de vontade, como a última, cujos lóbulos apanham a mosca que pousa sobre

ela, para sugá-la, parecendo urdir-lhe uma armadilha, para, em seguida, matá-la. Essas plantas são dotadas da faculdade de pensar? Têm uma vontade e formam uma classe intermediária, entre a natureza vegetal e a natureza animal? Constituem uma transição de uma para a outra?

“Na Natureza, tudo é transição, pelo próprio fato de que nada é semelhante e, entretanto, tudo se interliga. As plantas não pensam e, por conseguinte, não têm vontade. Nem a ostra que se abre, nem os zoófitos pensam: têm apenas um instinto cego e natural.”

O organismo humano nos fornece exemplos de movimentos análogos. sem a participação da vontade, como nas funções digestivas e circulatórias; o piloro se contrai, ao contato de certos corpos, para impedir-lhes a passagem. Deve dar-se o mesmo com a dormideira, cujos movimentos, de forma alguma, implicam a necessidade de uma percepção e, menos ainda, de uma vontade.

590. Não haverá nas plantas, como nos animais, um instinto de conservação que os leve a procurar o que lhes possa ser útil e a evitar o que lhes possa ser nocivo?

“Há, se o quiserdes, uma espécie de instinto dependendo da extensão que se dê a esta palavra; mas ele é puramente mecânico. Quando, nas operações da química, vedes dois corpos se reunirem, é que eles se convêm, isto é, é que há, entre eles, afinidade; não chamais isso de instinto.”

591. Nos mundos superiores, as plantas são de uma natureza mais perfeita, como os outros seres?

“Tudo é mais perfeito; as plantas, porém, são sempre plantas, como os animais são sempre animais e os homens sempre homens.”

Os Animais e o Homem

592. Se comparamos o homem e os animais, sob o ponto de vista da inteligência, parece difícil estabelecer a linha de demarcação entre eles, pois certos animais têm, sob este aspecto, uma superioridade notória sobre alguns homens. Esta linha de demarcação pode ser estabelecida de maneira precisa?

“Sobre este ponto, vossos filósofos não estão absolutamente de acordo; uns querem que o homem seja um animal e outros, que o animal seja um homem; estão todos enganados; o homem é um ser à parte, que, algumas vezes, desce muito baixo, ou que pode elevar-se muito alto. Pelo físico, o homem é como os animais e bem menos dotado do que muitos deles; a Natureza lhes deu tudo o que o homem é obrigado a *inventar com a sua inteligência*, para atender suas necessidades e sua conservação; seu corpo se destrói, como o dos animais, é verdade, mas seu Espírito tem um destino que só ele pode compreender, porque só ele é completamente livre. Pobres homens que vos colocais abaixo do animal! Não sabeis vos distinguir dele? Reconheci o homem pela idéia de Deus.”

593. Pode-se dizer que os animais só agem por instinto?

“Há ainda aí um sistema. É bem verdade que o instinto domina, na maioria dos animais; mas, não vêes que muitos deles agem com uma vontade determinada? Isto é inteligência, porém, limitada.”

Além do instinto, não se poderia negar, a certos animais, atos combinados, que denotam uma vontade de agir, num sentido determinado e de acordo com as circunstâncias. Há neles, portanto, uma espécie de inteligência, cujo exercício está, entretanto, mais exclusivamente concentrado nos meios de satisfazer suas necessidades físicas e de prover à própria conservação. Nenhuma criação, nenhum melhoramento há neles; qualquer que seja a arte que admiremos nos seus trabalhos, o que faziam outrora, eles o fazem hoje, nem melhor, nem pior, segundo formas e proporções constantes e invariáveis. O filhote, isolado dos de sua espécie, nem por isso deixa de construir seu ninho de acordo com o mesmo modelo, sem ter recebido nenhum ensino para isto. Se alguns são suscetíveis de uma certa educação, o desenvolvimento intelectual deles, sempre encerrado em limites estreitos, é devido à ação do homem sobre uma natureza flexível, pois nenhum progresso há que lhes seja próprio; este progresso, porém, é efêmero e puramente individual, pois o animal, entregue a si mesmo, não tarda a retornar aos limites traçados pela Natureza.

594. Os animais têm uma linguagem?

“Se imaginais uma linguagem formada de palavras e de sílabas, não; mas um meio de se comunicar entre si, sim; dizem entre si muito mais coisas do que supondes; a linguagem deles, porém, é limitada, como suas idéias, às suas necessidades.”

a) Há animais que não têm voz; esses parecem não ter linguagem...

“Eles se compreendem, através de outros meios. Vós outros, homens, só tendes a palavra para vos comunicar? E os mudos, que dizeis deles? Os animais, sendo dotados da vida de relação, possuem meios de se prevenir e de exprimir as sensações que experimentam. Imaginais que os peixes não se entendem entre si? O homem não tem, portanto, o privilégio exclusivo da linguagem; mas a dos animais é instintiva e limitada ao círculo de suas necessidades e de suas idéias, enquanto que a do homem é perfectível e se presta a todas as concepções de sua inteligência.”

Os peixes que, com efeito, emigram em massa, como as andorinhas que obedecem ao guia que as conduz, devem ter meios de se advertir, de se entender e organizar. Talvez disponham de uma vista mais penetrante que lhes permita distinguir os sinais que fazem; talvez, ainda, encontrem na água um veículo que lhes transmita certas vibrações. Como quer que seja, é incontestável que possuem um meio de se entenderem, assim como todos os animais privados da voz e que realizam trabalhos em comum. Diante disso, devemos nos espantar de que os Espíritos possam se comunicar entre si, sem o auxílio da palavra articulada? (282)

595. Os animais possuem o livre-arbítrio de seus atos?

“Eles não são simples máquinas, como o imaginais; a liberdade de ação deles, porém, é limitada às suas necessidades e não pode se comparar à do homem. Sendo muitíssimo inferiores a ele, não têm os mesmos deveres. A liberdade deles está restrita aos atos da vida material.”

596. De onde se origina a aptidão de certos animais para imitar a linguagem do homem e por que essa aptidão se encontra muito mais nos pássaros do que no macaco, por exemplo, cuja conformação tem mais analogia com a dele?

“Conformação particular dos órgãos vocais, auxiliada pelo instinto de imitação; o macaco imita os gestos; alguns pássaros imitam a voz.”

597. Visto que os animais possuem uma inteligência que lhes dá uma certa liberdade de ação, haverá neles um princípio independente da matéria?

“Sim, e que sobrevive ao corpo.”

a) Este princípio é uma alma semelhante à do homem?

“É também uma alma, se o quiserdes, *dependendo do sentido que se dê a esta palavra*; ela é, porém, inferior à do homem. Há entre a alma dos animais e a do homem distância igual àquela existente entre a alma do homem e Deus.”

598. A alma dos animais conserva, depois da morte, sua individualidade e a consciência de si mesma?

“Sua individualidade, sim; não, porém, a consciência do seu *eu*. A vida inteligente permanece em estado latente.”

599. A alma dos animais tem a escolha de encarnar num animal de preferência a num outro?

“Não; ela não tem o livre-arbítrio.”

600. A alma do animal, sobrevivendo ao corpo, depois da morte, fica num estado errante, como a do homem?

“Fica numa espécie de erraticidade, já que não está unida a um corpo; não é, porém, um *Espírito errante*. O Espírito errante é um ser que pensa e age por sua livre vontade; o dos animais não dispõe da mesma faculdade; a consciência de si mesmo é o atributo principal do Espírito. O Espírito do animal é classificado, depois da morte, pelos Espíritos incumbidos disso e, quase imediatamente, utilizado; ele não tem tempo de se relacionar com outras criaturas.”

601. Os animais seguem uma lei progressiva, como os homens?

“Sim, e é por isso que, nos mundos superiores, onde os homens são mais adiantados, os animais também o são, dispondo dos meios de comunicação mais desenvolvidos; eles, porém, são sempre inferiores e submissos ao homem; são, para ele, servidores inteligentes.”

Nada de extraordinário há nisso; suponhamos nossos animais mais inteligentes, o cão, o elefante, o cavalo, com uma conformação apropriada para os trabalhos manuais; o que não poderiam fazer sob a direção do homem?

602. Os animais progridem, como o homem, por efeito da própria vontade ou pela força das coisas?

“Pela força das coisas; é por isso que não há para eles a expiação.”

603. Nos mundos superiores, os animais conhecem Deus?

“Não; para eles, o homem é um deus, como outrora os Espíritos foram deuses, para os homens.”

604. Os animais, mesmo os aperfeiçoados, nos mundos superiores, sendo sempre inferiores ao homem, daí resulta que Deus teria criado seres intelectuais

perpetuamente destinados à inferioridade, o que parece em desacordo com a unidade de vistas e de progresso que se observa em todas as suas obras?

“Tudo se encadeia na Natureza, por elos que não podeis ainda apreender e as coisas mais díspares, aparentemente, têm pontos de contato que o homem nunca chegará a compreender, no seu estado atual. Ele pode entrevê-los, por um esforço de sua inteligência, mas, somente quando essa inteligência tiver adquirido todo o seu desenvolvimento e estiver liberada dos preconceitos do orgulho e da ignorância, é que ela poderá ver claramente na obra de Deus; até lá, suas idéias limitadas fazem-no ver as coisas de um ponto de vista mesquinho e acanhado. Sabei bem que Deus não pode se contradizer, e que tudo, na Natureza, se harmoniza, através das leis gerais que nunca se afastam da sublime sabedoria do Criador.”

a) A inteligência é, então, uma propriedade comum, um ponto de contato, entre a alma dos animais e a do homem?

“Sim, mas os animais apenas possuem a inteligência da vida material; no homem, a inteligência proporciona a vida moral.”

605. Se considerarmos todos os pontos de contato que existem entre o homem e os animais, não se poderia pensar que o homem possui duas almas: a alma animal e a alma espiritual, e que, se não tivesse esta última, ele poderia viver, mas como o animal; ou melhor, que o animal é um ser semelhante ao homem, tendo a menos a alma espiritual? Daí resultaria que os bons e os maus instintos do homem seriam o efeito da predominância de uma dessas duas almas?

“Não, o homem não tem duas almas; o corpo, porém, tem seus instintos, que são o resultado da sensação dos órgãos. Há nele apenas uma dupla natureza: a natureza animal e a natureza espiritual; pelo seu corpo, ele participa da natureza dos animais e de seus instintos; pela sua alma, ele participa da natureza dos Espíritos.”

a) Assim, além de suas próprias imperfeições das quais o Espírito deve se despojar, tem ainda que lutar contra a influência da matéria?

“Sim, quanto mais inferior ele for, mais apertados serão os elos entre o Espírito e a matéria; não o vedes? Não, o homem não tem duas almas; a alma é sempre única em cada ser. A alma do animal e a do homem são distintas uma da outra, de tal forma que a alma de um, não pode animar o corpo criado para o outro. Mas, se o homem não possui alma animal que o coloque, pelas suas paixões, no nível dos animais, ele tem seu corpo que o rebaixa, freqüentemente, até o nível deles, pois seu corpo é um ser dotado de vitalidade que possui instintos, porém, ininteligentes e limitados ao cuidado de sua conservação.”

O Espírito, ao encarnar no corpo do homem, traz-lhe o princípio intelectual e moral que o torna superior aos animais. As duas naturezas que no homem existem dão às suas paixões duas origens diferentes: umas provenientes dos instintos da natureza animal, as outras, das impurezas do Espírito de que ele é a encarnação e que simpatiza mais ou menos com a grosseria dos apetites animais. O Espírito, purificando-se, liberta-se, pouco a pouco, da influência da matéria; sob esta influência, ele se aproxima do animal; desembaraçado dela, eleva-se à sua verdadeira destinação.

606. De onde retiram os animais o princípio inteligente que constitui a espécie particular de alma de que eles são dotados?

“Do elemento inteligente universal.”

a) A inteligência do homem e a dos animais emanam, portanto, de um princípio único?

“Sem dúvida alguma, mas, no homem, ele recebeu uma elaboração que o eleva acima daquele que anima o animal.”

607. Foi dito que a alma do homem, em sua origem, está no estado correspondente ao da infância, na vida corporal; que sua inteligência apenas desabrocha e que se ensaia para a vida (190); onde o Espírito efetua esta primeira fase?

“Numa série de existências que precedem o período a que chamais Humanidade.”

a) Então, parece ter sido a alma o princípio inteligente dos seres inferiores da criação?

“Já não dissemos que tudo se encadeia na Natureza e tende para a unidade? É nesses seres, cuja totalidade estais longe de conhecer, que o princípio inteligente se elabora, se individualiza, pouco a pouco, e se ensaia para a vida, como já vos dissemos. É, de alguma forma, um trabalho preparatório, como o da germinação, em consequência do qual o princípio inteligente experimenta uma transformação e se torna *Espírito*. É, então, que começa para ele o período da humanidade e com ela a consciência de seu futuro, a distinção do bem e do mal e a responsabilidade de seus atos; assim como, depois do período da infância, vem o da adolescência, depois a juventude e, finalmente, a idade madura. Aliás, nada há, nesta origem, que deva humilhar o homem. Os grandes gênios sentem-se humilhados por terem sido fetos informes nas entranhas de sua mãe? Se alguma coisa deve humilhá-lo, é sua inferioridade diante de Deus e sua impotência para sondar a profundidade de seus desígnios e a sabedoria das leis que regulam a harmonia do Universo. Reconheci a grandeza de Deus nessa admirável harmonia que faz com que tudo seja solidário na Natureza. Acreditar que Deus tivesse podido fazer alguma coisa sem objetivo e criar seres inteligentes sem futuro, seria blasfemar contra sua bondade, que se estende sobre todas as suas criaturas.”

b) Esse período de humanização começa na nossa Terra?

“A Terra não é o ponto de partida da primeira encarnação humana; o período da humanização começa, em geral, em mundos ainda mais inferiores; isto, todavia, não é uma regra absoluta e poderia acontecer que um Espírito, desde o seu início humano, estivesse apto a viver na Terra. Este caso não é freqüente e seria, antes, uma exceção.”

608. O Espírito do homem, depois da morte, tem consciência das existências que precederam, para ele, o período de humanidade?

“Não, pois não é senão deste período que começa para ele a sua vida de Espírito e é até com dificuldade que se lembra de suas primeiras existências como homem, absolutamente como o homem não se lembra mais dos primeiros tempos de sua infância e menos ainda do tempo que passou no seio de sua mãe. É por isso que os Espíritos vos dizem que não sabem como começaram.” (78)

609. O Espírito, uma vez tendo entrado no período de humanidade, conserva traços do que era precedentemente, isto é, do estado em que se achava, no período a que se poderia chamar de ante-humano?

“Conforme a distância que separa os dois períodos e o progresso efetuado. Durante algumas gerações, pode nele haver um reflexo mais ou menos pronunciado do estado primitivo, pois nada na Natureza se faz por brusca transição; há sempre anéis que ligam as extremidades da cadeia dos seres e dos acontecimentos; porém, esses traços se apagam com o desenvolvimento do livre-arbítrio. Os primeiros progressos lentamente se realizam, porque ainda não foram secundados pela vontade; seguem uma progressão mais rápida, à medida que o Espírito adquire uma consciência mais perfeita de si mesmo.”

610. Então, os Espíritos que disseram que o homem é um ser à parte na ordem da criação enganaram-se?

“Não, mas a questão não tinha sido desenvolvida e há, aliás, coisas que não podem vir senão a seu tempo. O homem é, com efeito, um ser à parte, pois possui faculdades que o distinguem de todos os outros e tem um outro destino. A espécie humana é a que Deus escolheu para a encarnação dos seres *que podem conhecê-lo.*”

Metempsicose

611. A origem comum dos seres vivos no princípio inteligente não é a consagração da doutrina da metempsicose?

“Duas coisas podem ter uma mesma origem e não se assemelharem de maneira alguma, mais tarde. Quem reconheceria a árvore, suas folhas, suas flores e seus frutos, no gérmen informe contido na semente donde ela saiu? A partir do momento em que o princípio inteligente atinge o grau necessário para ser Espírito e entrar no período de humanidade, ele não guarda mais relação com seu estado primitivo e não é a alma dos animais, assim como a árvore não é a semente. De animal, só há no homem o corpo e as paixões que nascem da influência do corpo e do instinto de conservação inerente à matéria. Não se pode, portanto, dizer que tal homem é a encarnação do Espírito de tal animal e, por conseguinte, a metempsicose, tal como a entendem, não é verdadeira.”

612. O Espírito que animou o corpo de um homem poderia encarnar num animal?

“Isto seria retrogradar e o Espírito não retrograda. O rio não retorna à sua nascente.” (118)

613. Por mais errônea que seja a idéia ligada à metempsicose, não seria ela o resultado do sentimento intuitivo das diferentes existências do homem?

“Este sentimento intuitivo encontra-se nesta crença, como em muitas outras; porém, como à maioria de suas idéias intuitivas, o homem o desnaturou.”

A metempsicose seria verdadeira, se se entendesse por esta palavra a progressão da alma de um estado inferior a um estado superior, onde adquirisse desenvolvimentos que transformassem sua natureza; mas ela é falsa, no sentido de transmigração direta do animal para o homem e reciprocamente, o que implicaria a idéia de uma retrogradação, ou de fusão; ora, como esta fusão não pode dar-se entre os seres corporais das duas espécies, isto é um indício de que elas estão em graus inassimiláveis e que deve acontecer o mesmo com os Espíritos que as animam. Se o mesmo Espírito pudesse animá-las, alternadamente, haveria, por conseguinte, uma identidade de natureza que se traduziria pela possibilidade da reprodução material. A reencarnação ensinada pelos Espíritos se funda, ao contrário, na marcha ascendente da Natureza e na progressão do homem, dentro da sua própria espécie, o que nada lhe tira de sua dignidade. O que o rebaixa é o mau uso que faz das faculdades que Deus lhe deu, para o seu adiantamento. Seja como for, a ancianidade e a universalidade da doutrina da metempsicose e os homens eminentes que a professaram, provam que o princípio da reencarnação tem suas raízes na própria Natureza; são, pois, argumentos muito mais a seu favor, do que contrários a ele.

O ponto de partida do Espírito é uma dessas questões que se prendem ao princípio das coisas e que estão nos segredos de Deus. Não é dado ao homem conhecê-las de maneira absoluta e, a esse respeito, só pode fazer suposições, construir sistemas mais ou menos prováveis. Os próprios Espíritos estão longe de tudo conhecer; e, acerca do que não sabem, eles também podem ter opiniões pessoais, mais ou menos sensatas.

É assim, por exemplo, que nem todos pensam da mesma forma quanto às relações existentes entre o homem e os animais. Segundo alguns, o Espírito não chega ao período humano senão depois de se ter elaborado e individualizado, nos diferentes graus dos seres inferiores da criação. Segundo outros, o Espírito do homem teria sempre pertencido à raça humana, sem passar pela fiera animal. O primeiro desses sistemas tem a vantagem de dar um objetivo ao futuro dos animais, que formariam, assim, os primeiros anéis da corrente dos seres pensantes; o segundo é mais conforme à dignidade do homem e pode se resumir da seguinte maneira:

As diferentes espécies de animais não procedem intelectualmente umas das outras pela via da progressão; assim, o espírito da ostra não se torna, sucessivamente, o do peixe, do pássaro, do quadrúpede e do quadrúmano; cada espécie é um tipo absoluto, física e moralmente, cujos indivíduos haurem, na fonte universal, a quantidade do princípio inteligente que lhes seja necessário, de acordo com a perfeição de seus órgãos e com a obra que devam executar nos fenômenos da Natureza e que, por ocasião de sua morte, restituem à massa. Os dos mundos mais adiantados que o nosso (ver nº 188), constituem igualmente raças distintas, apropriadas às necessidades desses mundos e ao grau de adiantamento dos homens, dos quais são os auxiliares, mas que, de modo algum, procedem dos da Terra, espiritualmente falando. Não acontece o mesmo com o homem. Do ponto de vista físico, ele forma, evidentemente, um elo da cadeia dos seres vivos; porém, do ponto de vista moral, há, entre o animal e o homem, solução de continuidade; o homem possui, como propriedade, a alma ou Espírito, centelha divina que lhe dá o senso moral e um alcance intelectual que faltam aos animais; nele é o ser principal, que preexiste e sobrevive ao corpo, conservando sua individualidade.

* Vide nota explicativa no final do livro (N.E.)

Qual a origem do Espírito? Onde está seu ponto de partida? Forma-se do princípio inteligente individualizado? Aí está um mistério que seria inútil procurar devassar e sobre o qual, como dissemos, só é possível construir sistemas. O que é constante, o que ressalta do raciocínio e da experiência, é a sobrevivência do Espírito, a conservação de sua individualidade depois da morte, sua faculdade progressiva, seu estado feliz ou infeliz, proporcionais ao seu adiantamento no caminho do bem, e todas as verdades morais que são a consequência deste princípio. Quanto às relações misteriosas que existem entre o homem e os animais, aí está, repetimos, o segredo de Deus, como muitas outras coisas, cujo conhecimento atual não importa para o nosso progresso e sobre as quais seria inútil insistir.



TERCEIRA PARTE

LEIS MORAIS

Capítulo I

Lei Divina ou Natural

1. Caracteres da Lei Natural.
2. Origem e Conhecimento da Lei Natural.
3. O Bem e o Mal.
4. Divisão da Lei Natural.

Caracteres da Lei Natural

614. O que se deve entender por lei natural?

“A lei natural é a lei de Deus; é a única verdadeira para a felicidade do homem; indica-lhe o que deve fazer ou não fazer e ele só é infeliz, porque dela se afasta.”

615. A lei de Deus é eterna?

“Ela é eterna e imutável, como o próprio Deus.”

616. Poderia Deus, numa certa época, prescrever aos homens algo que lhes proibisse numa outra?

“Deus não pode se enganar; os homens é que são obrigados a modificar suas leis, porque são imperfeitas; mas, as leis de Deus são perfeitas. A harmonia que regula o universo material e o universo moral é fundamentada nas leis que Deus estabeleceu para toda a eternidade.”

617. Qual é a abrangência das leis divinas? Concernem a outra coisa, que não apenas a conduta moral?

“Todas as leis da Natureza são leis divinas, visto que Deus é o autor de todas as coisas. O sábio estuda as leis da matéria, o homem de bem estuda as da alma e as pratica.”

a) É dado ao homem aprofundar umas e outras?

“Sim, *mas uma única existência não é suficiente para isso.*”

Efetivamente, o que são alguns anos para adquirir tudo o que constitui o ser perfeito, se apenas se considerar a distância que separa o selvagem do homem civilizado? A existência mais longa possível seria insuficiente e, com mais forte razão o será, quando for abreviada, como acontece a um grande número de homens.

Dentre as leis divinas, umas regulam o movimento e as relações da matéria bruta: são as leis físicas; o estudo delas pertence ao domínio da Ciência.

As outras se referem especialmente ao homem em si mesmo, suas relações com Deus e com seus semelhantes. Elas compreendem as regras da vida do corpo, bem como as da vida da alma: são as leis morais.

618. As leis divinas são as mesmas para todos os mundos?

“A razão diz que elas devem ser apropriadas à natureza de cada mundo e proporcionais ao grau de adiantamento dos seres que os habitam.”

Origem e Conhecimento da Lei Natural

619. Deus deu a todos os homens os meios de conhecer sua lei?

“Todos podem conhecê-la, mas nem todos a compreendem; os que melhor a compreendem são os homens de bem e os que querem investigá-la; todavia, todos a compreenderão um dia, pois é preciso que o progresso se efetue.”

A justiça das diversas encarnações do homem é uma consequência deste princípio, visto que, a cada nova existência, sua inteligência encontra-se mais desenvolvida e ele compreende melhor o que é bem e o que é mal. Se tudo devesse cumprir-se para ele, numa única existência, qual seria a sorte de tantos milhões de seres que morrem, todos os dias, no embrutecimento da selvageria, ou nas trevas da ignorância, sem que tenha dependido deles o se esclarecerem? (171-222)

620. Antes de sua união ao corpo, a alma compreende melhor a lei de Deus do que depois de sua encarnação?

“Ela a compreende, segundo o grau de perfeição a que chegou e dela conserva a lembrança intuitiva, depois de sua união ao corpo; mas, os maus instintos do homem fazem-na esquecer-la, com freqüência.

621. Onde está escrita a lei de Deus?

“Na consciência.”

Se já está na pessoa, para a revelação.

a) Visto que o homem traz na sua consciência a lei de Deus, que necessidade havia de lhe ser ela revelada?

“Ele a tinha esquecido e desprezado: Deus quis que ela lhe fosse lembrada.”

622. Deus deu a certos homens a missão de revelar sua lei?

“Sim, certamente: em todos os tempos houve homens que receberam essa missão. São Espíritos superiores, que encarnam com o objetivo de fazer a Humanidade progredir.”

623. Os que pretenderam instruir os homens na lei de Deus não se têm enganado, algumas vezes, e não os têm, freqüentemente, desviado, através de falsos princípios?

“Aqueles que não eram inspirados por Deus e que, por ambição, se atribuíram uma missão que não tinham, certamente, conseguiram desviá-los; entretanto, como eram, definitivamente, homens de gênio, mesmo entre os erros que ensinaram, encontram-se, muitas vezes, grandes verdades.”

624. Qual o caráter do verdadeiro profeta?

“O verdadeiro profeta é um homem de bem, inspirado por Deus. Pode-se reconhecê-lo pelas suas palavras e suas ações. Deus não pode servir-se da boca do mentiroso para ensinar a verdade.”

625. Qual é o tipo mais perfeito que Deus tenha oferecido ao homem, para lhe servir de guia e de modelo?

“Vede Jesus.”

Jesus é para o homem o tipo da perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ensinou é a mais pura expressão de sua lei, porque ele era animado pelo espírito divino e o ser mais puro de todos os que apareceram na Terra.

Se alguns daqueles que pretenderam instruir o homem na lei de Deus, algumas vezes, o têm desviado, através de falsos princípios, foi por se terem deixado dominar, eles próprios, por sentimentos muito terrestres e por terem confundido as leis que regem as condições da vida da alma com as que regem a vida do corpo. Muitos têm apresentado como leis divinas o que eram apenas leis humanas, criadas para servir às paixões e dominar os homens.

626. As leis divinas e naturais só foram reveladas aos homens por Jesus? E, antes dele, só se teve conhecimento delas por intuição?

“Não dissemos que elas estão escritas por toda a parte? Todos os homens que meditaram sobre a sabedoria puderam, portanto, compreendê-las e ensiná-las, desde os séculos mais remotos. Através dos seus ensinamentos, mesmo incompletos, eles prepararam o terreno para receber a semente. Estando as leis divinas inscritas no livro da Natureza, o homem pôde conhecê-las, quando quis investigá-las; é por isso que os preceitos que elas consagram foram proclamados, em todos os tempos, por homens de bem, e é também por isso que delas se encontram elementos, na doutrina moral de todos os povos saídos da barbárie, embora incompletos ou alterados pela ignorância e a superstição.”

627. Visto que Jesus ensinou as verdadeiras leis de Deus, qual é a utilidade do ensino dado pelos Espíritos? Têm eles alguma coisa a mais a nos ensinar?

“A linguagem de Jesus era, freqüentemente, alegórica e em parábolas, porque falava de acordo com os tempos e os lugares. Agora, é preciso que a verdade seja inteligível para todo mundo. É preciso explicar bem e desenvolver estas leis, porque há muito poucos que as compreendem e menos ainda que as praticam. Nossa missão é impactar os olhos e os ouvidos, para confundir os orgulhosos e desmascarar os hipócritas: aqueles que simulam a virtude e a religião só nas aparências, para esconder suas torpezas. O ensino dos Espíritos deve ser claro e sem equívocos, a fim de que ninguém possa pretextar ignorância e cada um possa julgá-lo e apreciá-lo com a sua razão. Estamos encarregados de preparar o reino do bem anunciado por Jesus; por isso é necessário evitar que cada qual possa interpretar a lei de Deus ao sabor de suas paixões e falsear o sentido de uma lei toda de amor e de caridade.”

628. Por que a verdade nem sempre foi posta ao alcance de todo mundo?

“É preciso que cada coisa venha a seu tempo. A verdade é como a luz: é necessário habituar-se a ela, pouco a pouco, do contrário, ela cega.”

“Nunca Deus permitiu que o homem recebesse comunicações tão completas e tão instrutivas, como as que hoje recebe. Havia, como o sabeis, na Antigüidade, alguns indivíduos que tinham posse daquilo que consideravam como uma ciência sagrada e da qual faziam mistério para os que, segundo eles, eram profanos. Deveis compreender, com o que conheceis das leis que regem esses fenômenos, que eles recebiam apenas algumas verdades esparsas no meio de um conjunto equívoco e, na maior parte do tempo, emblemático. Entretanto, para o homem estudioso, nenhum sistema filosófico antigo, nenhuma tradição, nenhuma religião há que se deva negligenciar, pois em tudo há germens de grandes verdades que, embora pareçam contraditórias entre si, esparsas que estão em meio de acessórios sem fundamento, são muito fáceis de coordenar, graças à chave que o Espiritismo vos dá de uma imensidade de coisas que, até agora, puderam vos parecer sem razão e cuja realidade, hoje, vos é demonstrada de maneira irrecusável. Não deixeis, portanto, de haurir, nesses materiais, temas de estudo; eles são ricos e podem contribuir, eficazmente, para vossa instrução.”

O Bem e o Mal

629. Que definição se pode dar da moral?

“A moral é a regra para bem se conduzir, isto é, para a distinção entre o bem e o mal. Ela está fundamentada na observância da lei de Deus. O homem procede bem, quando faz tudo intencionalmente para o bem de todos, porque, então, cumpre a lei de Deus.”

630. Como se pode distinguir o bem do mal?

“O bem é tudo o que é conforme à lei de Deus e o mal, tudo o que dela se afasta. Assim, fazer o bem é proceder de acordo com a lei de Deus; fazer o mal, é infringir esta lei.”

631. O homem tem meios de distinguir, por si mesmo, o que é bem do que é mal?

“Sim, quando crê em Deus e o quer saber. Deus lhe deu a inteligência para discernir um do outro.”

632. O homem, estando sujeito ao erro, não pode enganar-se na apreciação do bem e do mal e acreditar que faz o bem quando, na realidade, faz o mal?

“Jesus vos disse: vede o que quereis que vos fizessem, ou não vos fizessem: tudo se resume nisso. Não vos enganareis.”

633. A regra do bem e do mal, que se poderia chamar de *reciprocidade* ou de *solidariedade*, não pode se aplicar à conduta pessoal do homem para consigo mesmo. Ele encontra, na lei natural, a regra desta conduta e um guia seguro?

“Quando comeis demais, isto vos faz mal. Pois bem! É Deus quem vos dá a medida daquilo de que necessitais. Quando a ultrapassais, sois punidos. É assim com tudo. A lei natural traça para o homem o limite de suas necessidades; quando ele o ultrapassa, é punido pelo sofrimento. Se o homem escutasse, em todas as

coisas, essa voz que lhe diz — *basta*, evitaria a maior parte dos males pelos quais acusa a Natureza.”

634. Por que o mal está na natureza das coisas? Falo do mal moral. Deus não podia ter criado a Humanidade em condições melhores?

“Já te dissemos: os Espíritos foram criados simples e ignorantes (115). Deus deixa ao homem a escolha do caminho; pior para ele, se toma o mau caminho: sua peregrinação será mais longa. Se não houvesse montanhas, o homem não poderia compreender que se pode subir e descer e, se não houvesse rochas, não compreenderia que há corpos duros. É preciso que o Espírito adquira experiência e, para isso, é preciso que conheça o bem e o mal; é por isso que há a união do Espírito e do corpo.”(119)

635. As diferentes posições sociais criam necessidades novas que não são as mesmas para todos os homens. A lei natural, dessa forma, pareceria não constituir uma regra uniforme?

“Essas diferentes posições estão na Natureza e de acordo com a lei do progresso. Isto não impede a unidade da lei natural, que a tudo se aplica.”

As condições da existência do homem mudam, de acordo com os tempos e os lugares, daí resultando, para ele, necessidades diferentes e posições sociais apropriadas a essas necessidades. Visto que essa diversidade está na ordem das coisas, ela está de acordo com a lei de Deus e esta lei não deixa de ser una, no seu princípio. Cabe à razão distinguir as necessidades factícias ou convencionais.

636. O bem e o mal são absolutos para todos os homens?

“A lei de Deus é a mesma para todos; o mal, porém, depende principalmente da vontade que se tenha de fazê-lo. O bem é sempre o bem e o mal é sempre o mal, qual-quer que seja a posição do homem; a diferença está no grau de responsabilidade.”

637. O selvagem que cede ao seu instinto, nutrindo-se de carne humana, é culpado?

“Eu disse que o mal depende da vontade; pois bem! O homem é tanto mais culpado, quanto melhor sabe o que faz.”

As circunstâncias dão ao bem e ao mal uma gravidade relativa. O homem comete, freqüentemente, faltas que, mesmo sendo conseqüência da posição em que a sociedade o colocou, não são menos repreensíveis, por isso; porém, a responsabilidade é proporcional aos meios de que dispõe para compreender o bem e o mal. É assim que o homem esclarecido que comete uma simples injustiça é mais culpado, aos olhos de Deus, do que o selvagem ignorante que se entrega aos seus instintos.

638. O mal parece, algumas vezes, ser uma conseqüência da força das coisas. Tal é, por exemplo, em certos casos, a necessidade de destruição, até do seu semelhante. Pode-se dizer, então, que haja prevaricação à lei de Deus?

“Embora necessário, o mal não deixa de ser o mal; essa necessidade desaparece, porém, à medida que a alma se depura, passando de uma existência a outra; e, então, mais culpado por isso é o homem, quando o comete, porque melhor o compreende.”

639. O mal que se comete não é, com freqüência, o resultado da posição em que nos colocam os outros homens e, nesse caso, quem são os mais culpados?

“O mal recai sobre aquele que foi seu causador. Assim, o homem que é levado a praticar o mal pela posição em que seus semelhantes o colocam é menos culpado do que aqueles que o causaram; pois cada um suportará a dor, não apenas do mal que tiver feito, mas daquele que houver provocado.”

640. Aquele que não faz o mal, mas que se aproveita do mal praticado por um outro, é tão culpado quanto este?

“É como se o tivesse cometido; tirar proveito do mal é participar dele. Talvez tivesse recuado diante da ação; mas se, encontrando-a feita, dela se utiliza, é porque a aprova e que ele próprio a teria feito, se tivesse podido *ou se tivesse ousado*.”

641. O desejo do mal é tão repreensível quanto o próprio mal?

“Depende; há virtude em resistir, voluntariamente, ao mal que se deseja fazer, sobretudo, quando se tem a possibilidade de satisfazer esse desejo; se o que falta é apenas a ocasião, é culpado.”

642. Basta não fazer o mal para ser agradável a Deus e assegurar sua posição futura?

“Não; é preciso fazer o bem no limite de suas forças, pois cada um responderá por todo o mal que tiver sido feito *em consequência do bem que não tiver sido praticado*.”

643. Há pessoas que, pela sua posição, não tenham a possibilidade de fazer o bem?

“Não há quem não possa fazer o bem: somente o egoísta jamais encontra oportunidade para isto. Basta estar em relação com outros homens, para encontrar ocasião de fazer o bem, e todos os dias da vida oferecem a possibilidade a todo aquele que não esteja cego pelo egoísmo; porque fazer o bem não é apenas ser caridoso, é ser útil, na medida do possível, todas as vezes que vosso auxílio puder ser necessário.”

644. O meio no qual algumas pessoas encontram-se colocadas não será para elas a origem de muitos vícios e crimes?

“Sim, mas há, ainda aí, uma prova escolhida pelo Espírito no estado de liberdade; ele quis expor-se à tentação para ter o mérito da resistência.”

645. Quando o homem se encontra, de certa forma, mergulhado na atmosfera do vício, o mal não se torna, para ele, um arrastamento quase irresistível?

“Arrastamento, sim; irresistível, não; porque, no meio dessa atmosfera do vício, encontras, algumas vezes, grandes virtudes. São Espíritos que tiveram a força de resistir e que, ao mesmo tempo, tiveram por missão exercer uma boa influência sobre seus semelhantes.”

646. O mérito do bem que se pratica está subordinado a certas condições? Ou melhor: há diferentes graus no mérito do bem?

“O mérito do bem está na dificuldade; nenhum mérito há em fazê-lo sem esforço e quando nada lhe custa. Deus leva mais em conta o pobre que divide seu único pedaço de pão, do que o rico que apenas dá do seu supérfluo. Disse-o Jesus, a propósito da moeda da viúva.”

Divisão da Lei Natural

647. Toda a lei de Deus está contida na máxima do amor ao próximo, ensinada por Jesus?

“Certamente, esta máxima encerra todos os deveres dos homens entre si; porém, é necessário mostrar-lhes a aplicação, do contrário, eles a negligenciarão, como o fazem hoje; além disso, a lei natural compreende todas as circunstâncias da vida e esta máxima é apenas uma parte dela. Aos homens são necessárias regras precisas; os preceitos gerais e muito vagos deixam muitas portas abertas à interpretação.”

648. Que pensais da divisão da lei natural em dez partes, compreendendo as leis de *adoração, de trabalho, de reprodução, de conservação, de destruição, de sociedade, de progresso, de igualdade, de liberdade e, finalmente, a de justiça, de amor e de caridade?*

“Esta divisão da lei de Deus em dez partes é a de Moisés e pode abarcar todas as circunstâncias da vida, o que é essencial; podes, portanto, adotá-la, sem que, nem por isso, ela tenha algo de absoluto, exatamente como todos os outros sistemas de classificação, que dependem do ponto de vista sob o qual se considera alguma coisa. A última lei é a mais importante; é através dela que o homem pode adiantar-se mais na vida espiritual, pois ela resume todas as outras.”



Capítulo II

Lei de Adoração

1. **Objetivo da Adoração.**
2. **Adoração Exterior.**
3. **Vida Contemplativa.**
4. **A Prece.**
5. **Politeísmo.**
6. **Sacrifícios**

Objetivo da Adoração

649. Em que consiste a adoração?

“Na elevação do pensamento a Deus. Pela adoração, aproximamos dele nossa alma.”

650. A adoração é o resultado de um sentimento inato ou o resultado de um ensino?

“Sentimento inato, como o da Divindade. A consciência de sua fraqueza leva o homem a se curvar diante daquele que pode protegê-lo.”

651. Terá havido povos destituídos de qualquer sentimento de adoração?

“Não, pois nunca houve povos ateus. Todos compreendem que, acima deles, há um ser supremo.”

652. Pode-se considerar a adoração como tendo sua origem na lei natural?

“Ela está na lei natural, já que é o resultado de um sentimento inato no homem; é por isso que a encontramos em todos os povos, embora sob formas diferentes.”

Adoração Exterior

653. A adoração necessita de manifestações exteriores?

“A verdadeira adoração está no coração. Em todas as vossas ações, lembrai sempre de que o Senhor vos observa.”

a) A adoração exterior é útil?

“Sim, se não for um vão simulacro. É sempre útil dar um bom exemplo; mas os que o fazem apenas por afetação e amor-próprio e cuja conduta desmente a

sua piedade aparente, dão, antes, um mau exemplo e causam mais mal do que pensam.”

654. Deus tem preferência por aqueles que o adoram desta ou daquela maneira?

“Deus prefere os que o adoram do fundo do coração, com sinceridade, fazendo o bem e evitando o mal, aos que acreditam honrá-lo, através de cerimônias que não os tornam melhores para seus semelhantes.”

“Todos os homens são irmãos e filhos de Deus; ele chama para si todos os que seguem suas leis, qualquer que seja a forma sob a qual as exprimam.”

“Aquele que apenas possui as exterioridades da piedade é um hipócrita; aquele cuja adoração é afetada e está em contradição com sua conduta dá um mau exemplo.”

“Aquele que professa adorar o Cristo e é orgulhoso, invejoso e ciumento, que é duro e implacável para com outrem, ou ambicioso dos bens deste mundo, digo-vos que a religião está nos seus lábios e não no seu coração; Deus, que tudo vê, dirá: aquele que conhece a verdade é cem vezes mais culpado do mal que faz, do que o ignorante selvagem do deserto e, como tal, será tratado no dia da justiça. Se um cego, ao passar, vos derruba, vós o desculpais; se for um homem que enxerga perfeitamente, reclamais, e com razão.”

“Portanto, não pergunteis se há uma forma de adoração mais conveniente, pois isto seria perguntar se é mais agradável a Deus ser adorado numa língua do que em outra. Digo-vos, ainda uma vez: os cânticos só chegam até ele, pela porta do coração.”

655. Será repreensível praticar uma religião em que não se crê do fundo da alma, fazendo-se isto, pelo respeito humano e para não escandalizar aqueles que pensam de maneira diferente?

“A intenção, nisto como em muitas outras coisas, constitui a regra. Aquele que só tem em vista respeitar as crenças de outrem não age mal; procede melhor do que outro que as ridicularizasse, pois faltaria com a caridade; porém, o que a pratica por interesse e por ambição é desprezível aos olhos de Deus e dos homens. A Deus não podem ser agradáveis aqueles que fingem humilhar-se diante dele, apenas para conseguir a aprovação dos homens.”

656. A adoração em comum é preferível à adoração individual?

“Os homens, reunidos por uma comunhão de pensamentos e de sentimentos, têm mais força para atrair para si os bons Espíritos. O mesmo acontece, quando se reúnem para adorar a Deus. Mas não creiais, por isso, que a adoração particular tenha menos valor, pois cada um pode adorar a Deus pensando nele.”

Vida Contemplativa

657. Os homens que se consagram à vida contemplativa, não fazendo mal algum e só pensando em Deus, têm mérito aos seus olhos?

“Não, pois se não fazem o mal, também não fazem o bem e são inúteis; além disso, não fazer o bem já é um mal. Deus quer que se pense nele, mas não quer que só nele se pense, já que deu ao homem deveres a cumprir na Terra. Aquele que se consome na meditação e na contemplação nada faz de meritório aos olhos de Deus, porque sua vida é toda pessoal e inútil à Humanidade e Deus lhe pedirá contas do bem que não houver feito.”(640)

A Prece

658. A prece é agradável a Deus?

“A prece é sempre agradável a Deus, quando ditada pelo coração, pois a intenção é tudo para ele; a prece feita de coração é preferível àquela que podes ler, por mais bela que seja, se a lês mais com os lábios do que com o pensamento. A prece é agradável a Deus, quando dita com fé, fervor e sinceridade; mas não creias que ele seja tocado pela do homem vão, orgulhoso e egoísta, a menos que represente, de sua parte, um ato de sincero arrependimento e de verdadeira humildade.”

659. Qual o caráter geral da prece?

“A prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar nele; é aproximar-se dele; é colocar-se em comunicação com ele. Através da prece, podemos propor-nos a três coisas: louvar, pedir, agradecer.”

660. A prece torna o homem melhor?

“Sim, pois aquele que ora com fervor e confiança torna-se mais forte contra as tentações do mal e Deus lhe envia bons Espíritos para assisti-lo. É um socorro que jamais é recusado, quando é pedido com sinceridade.”

a) Como é que certas pessoas que oram muito são, apesar disso, de péssimo caráter, ciumentas, invejosas, ranzinzas, carentes de benevolência e de indulgência e até, algumas vezes, viciosas?

“O essencial não é orar muito, mas orar bem. Essas pessoas acreditam que todo o mérito está no comprimento da prece e fecham os olhos para seus próprios defeitos. A prece é, para elas, uma ocupação, um emprego do tempo, não, porém, *um estudo de si mesmas*. Não é o remédio que é ineficaz, mas a maneira como é utilizado.”

661. Podemos pedir a Deus, utilmente, que perdoe nossas faltas?

“Deus sabe discernir o bem do mal: a prece não esconde as faltas. Aquele que pede a Deus o perdão de suas faltas só o obtém mudando de conduta. As boas ações são a melhor das preces, pois os atos valem mais do que as palavras.”

662. Podemos orar, utilmente, por outrem?

“O Espírito daquele que ora age pela sua vontade de fazer o bem. Através da prece, atrai para si os bons Espíritos, que se associam ao bem que ele deseja fazer.”

Possuímos, em nós mesmos, através do pensamento e da vontade, um poder de ação que se estende muito além dos limites da nossa esfera corporal. A prece por outrem é um ato dessa vontade. Se for ardente e sincera, pode chamar, em seu socorro, os bons Espíritos, a fim de sugerir bons pensamentos e lhe dar a força do corpo e da alma de que ele necessite. Mas, ainda aqui, a prece do coração é tudo, a dos lábios nada representa.

663. As preces que façamos por nós mesmos podem mudar a natureza de nossas provas e desviar-lhes o curso?

“Vossas provas estão nas mãos de Deus e há algumas que devem ser suportadas até o fim; mas, então, Deus leva sempre em consideração a resignação. A prece chama para junto de vós os bons Espíritos, que vos dão a força para suportá-las com coragem e elas vos parecem menos rudes. Já o dissemos, a prece nunca é inútil, quando bem feita, porque ela fortalece e isto já representa um grande resultado. Ajuda-te a ti mesmo e o céu te ajudará, sabes disso. Além disso, Deus não pode mudar a ordem da Natureza, à vontade de cada um, pois o que representa um grande mal, do vosso ponto de vista mesquinho e do da vossa vida efêmera, é, freqüentemente, um grande bem na ordem geral do Universo; e depois, quantos males não existem de que o homem é o próprio autor pela sua imprevidência ou pelas suas faltas! Ele é punido por aquilo em que pecou. Entretanto, os apelos justos são atendidos, mais freqüentemente do que pensais; acreditais que Deus não vos escutou, porque não fez um milagre por vós, ao passo que ele vos assiste por meios tão naturais que vos parecem o efeito do acaso, ou da força das coisas; geralmente, também, freqüentemente mesmo, ele vos sugere o pensamento preciso para sairdes, por vós mesmos, da dificuldade.”

664. Será útil orar pelos mortos e pelos Espíritos sofredores? E, neste caso, como nossas preces podem lhes proporcionar alívio e abreviar seus sofrimentos? Elas têm o poder de dobrar a justiça de Deus?

“A prece não pode ter por efeito mudar os desígnios de Deus, mas a alma por quem se ora experimenta alívio, porque é um testemunho de interesse que se lhe dá e porque o infeliz sempre fica aliviado, quando encontra almas caridosas que se compadecem de suas dores. Por outro lado, através da prece, ele é incentivado ao arrependimento e ao desejo de fazer o que é necessário para ser feliz; é, neste sentido, que se pode abreviar sua pena, se, de sua parte, ele auxilia com sua boa-vontade. Esse desejo de melhorar-se, despertado pela prece, atrai, para junto do Espírito sofredor, Espíritos melhores que vêm esclarecê-lo, consolá-lo e dar-lhe esperança. Jesus orava pelas ovelhas desgarradas; ele vos mostra, desse modo, que seríeis culpados, se não fizésseis o mesmo pelos que mais necessitam.”

665. O que se deve pensar da opinião que rejeita a prece pelos mortos, pelo fato de não estar prescrita no Evangelho?

“O Cristo disse aos homens: Amai-vos uns aos outros. Esta recomendação encerra a de empregar todos os meios possíveis para lhes testemunhar afeição, sem por esse motivo, entrar em detalhes, quanto à maneira de atingir esse objetivo. Se é certo que nada pode desviar o Criador da aplicação da justiça, da qual

ele é o modelo, a todas as ações do Espírito, não menos verdadeiro é que a prece que lhe endereçais por aquele que vos inspira afeição, representa, para este, um testemunho de lembrança que só pode contribuir para aliviar seus sofrimentos e consolá-lo. Desde que manifeste o menor arrependimento, e só *então*, é socorrido; porém, nunca se lhe permite ignorar que uma alma simpática dele se ocupou e deixa-se-lhe o doce pensamento de que sua intercessão lhe foi útil. Daí resulta, necessariamente, de sua parte, um sentimento de reconhecimento e de afeto por aquele que lhe deu esta prova de amizade ou de piedade; por conseguinte, o amor que o Cristo recomendava aos homens só fez fortalecer-se entre eles; ambos obedeceram, portanto, à lei de amor e de união de todos os seres, lei divina, que deve conduzir à unidade, objetivo e finalidade do Espírito.”¹³

666. Pode-se orar aos Espíritos?

“Pode-se orar aos bons Espíritos, como sendo os mensageiros de Deus e os executores de suas vontades; o poder deles, porém, é proporcional à sua superioridade e depende sempre do Senhor de todas as coisas, sem cuja permissão nada se faz; é por isso que as preces que lhes endereçamos só são eficazes, se forem aceitas por Deus.”

Politeísmo

667. Por que o politeísmo é uma das crenças mais antigas e mais difundidas, já que é falsa?

“A concepção de um Deus único só poderia existir no homem como resultado do desenvolvimento de suas idéias. Incapaz, por sua ignorância, de conceber um ser imaterial, sem forma determinada, agindo sobre a matéria, deu-lhe os atributos da natureza corporal, isto é, uma forma e uma imagem, e desde então, tudo o que lhe parecia ultrapassar os limites da inteligência comum era, para ele, uma divindade. Tudo o que não compreendia devia ser a obra de uma potência sobrenatural e, daí a crer em tantas potências distintas quanto os efeitos que observava, era só um passo. Porém, em todos os tempos, houve homens esclarecidos que compreenderam a impossibilidade dessa multiplicidade de poderes para governar o mundo, sem uma direção superior, e se elevaram à idéia de um Deus único.”

668. Os fenômenos espíritas, tendo sido produzidos em todos os tempos e sendo conhecidos, desde as primeiras idades do mundo, não terão induzido à crença na pluralidade dos deuses?

“Sem dúvida, pois, com os homens chamando de *deus* tudo o que era sobre-humano, os Espíritos eram para eles deuses. É por isso que, quando um homem se distinguia, entre todos os outros, pelas suas ações, seu gênio, ou por um poder oculto que o vulgo não compreendia, faziam dele um deus e, após sua morte, prestavam-lhe culto.”(603)

¹³ Resposta dada pelo Espírito Sr. Monod, pastor protestante de Paris, morto em abril de 1856. A resposta anterior, nº 664, é do Espírito São Luís.

A palavra *deus* possuía, entre os antigos, uma acepção muito ampla; não era, como atualmente, uma personificação do Senhor da Natureza. Era uma qualificação genérica, dada a qualquer ser existente fora das condições da Humanidade; ora, as manifestações espíritas tendo-lhes revelado a existência de seres incorpóreos que agiam como potência da Natureza, chamaram-nos *deuses*, como os chamamos *Espíritos*. É uma simples questão de palavras, com a diferença de que, na sua ignorância, intencionalmente mantida por aqueles que nisso tinham interesse, eles lhes ergueram templos e altares muito lucrativos. Entretanto, para nós, trata-se de simples criaturas como nós, mais ou menos perfeitas e despojadas dos seus envoltórios terrestres. Se estudarmos atentamente os diversos atributos das divindades pagãs, aí reconheceremos, sem dificuldade, todos aqueles de nossos Espíritos, em todos os graus da escala espírita, seu estado físico nos mundos superiores, todas as propriedades do perispírito e o papel que desempenham nas coisas da Terra.

O Cristianismo, vindo clarear o mundo com sua luz divina, não destruiu uma coisa que está na Natureza, mas dirigiu a adoração para aquele que é digno dela. Quanto aos Espíritos, a lembrança deles perpetuou-se, sob diversos nomes, conforme os povos, e suas manifestações, que nunca cessaram, têm sido diversamente interpretadas e freqüentemente exploradas, sob o domínio do mistério; enquanto a religião neles viu fenômenos miraculosos, os incrédulos neles viram impostura. Hoje, graças a um estudo mais sério, feito às claras, o Espiritismo, liberto das idéias supersticiosas que o obscureceram durante séculos, nos revela um dos maiores e mais sublimes princípios da Natureza.

Sacrifícios

669. O uso dos sacrifícios humanos remonta à mais remota antigüidade. Como o homem pôde ser levado a crer que coisas semelhantes pudessem ser agradáveis a Deus?

“Primeiramente, porque ele não compreendia Deus como sendo a fonte da bondade; nos povos primitivos, a matéria supera o espírito; eles se entregam aos instintos do animal; é por isso que são, geralmente, cruéis: o senso moral neles ainda não está desenvolvido. Em seguida, os homens primitivos deviam crer, naturalmente, que uma criatura animada tivesse muito mais valor, aos olhos de Deus, do que um corpo material. Foi o que os levou a imolar, primeiramente, animais e, mais tarde, homens, já que, segundo a falsa crença que possuíam, pensavam que o valor do sacrifício fosse proporcional à importância da vítima. Na vida material, tal como a maioria de vós a praticais, se oferecerdes um presente a alguém, vós o escolhereis sempre de tanto maior valor quanto maior afeto e consideração quiserdes testemunhar. O mesmo deve ter ocorrido com homens ignorantes, em relação a Deus.”

a) Desse modo, os sacrifícios dos animais teriam precedido os sacrifícios humanos?

“Quanto a isso, não há dúvida.”

b) De acordo com esta explicação, os sacrifícios humanos não se teriam originado de um sentimento de crueldade?

“Não, mas de uma idéia falsa de ser agradável a Deus. Vede Abraão. Mais tarde, os homens abusaram disso, imolando seus inimigos até mesmo os particulares. Além disso, Deus nunca exigiu sacrifícios, nem de animais, muito menos de homens; ele não pode ser honrado, através da destruição inútil de sua própria criatura.”

670. Será que os sacrifícios humanos, efetuados com uma intenção piedosa, puderam, alguma vez, ter sido agradáveis a Deus?

“Não, nunca; Deus, porém, julga a intenção. Sendo os homens ignorantes, podiam acreditar que praticassem um ato louvável, ao imolar um de seus semelhantes; neste caso, Deus se ligava apenas à idéia e não ao fato. Os homens, melhorando-se, deviam reconhecer seus erros e reprovar esses sacrifícios que não condiziam com o pensamento de espíritos esclarecidos; digo — esclarecidos, porque os espíritos achavam-se, então, envolvidos pelo véu material; mas, através do livre-arbítrio, podiam ter uma leve idéia de sua origem e de seu fim. Muitos já compreendiam, por intuição, o mal que praticavam, porém não deixavam de praticá-lo, para satisfazer suas paixões.”

671. O que devemos pensar das guerras chamadas santas? O sentimento que leva os povos fanáticos a exterminar o maior número possível, daqueles que não comungam de suas crenças, tendo em vista ser agradáveis a Deus, poderia ter a mesma origem daquele que os incitava, outrora, aos sacrifícios de seus semelhantes?

“Eles são impelidos pelos maus Espíritos e, fazendo a guerra aos seus semelhantes, vão contra a vontade de Deus, que diz que se deve amar seu irmão, como a si mesmo. Com todas as religiões, ou melhor, todos os povos, adorando um mesmo Deus, qualquer que seja o nome que lhe atribuam, por que empreender, entre si, guerra de extermínio, apenas porque suas religiões são diferentes ou por não ter ainda atingido o progresso da dos povos esclarecidos? Os povos são desculpáveis por não acreditarem na palavra daquele que o espírito de Deus animava e que foi enviado por ele, principalmente, se não o viram e se não lhe testemunharam os atos; e como quereríeis que acreditassem nessa palavra de paz, quando a ides levar empunhando a espada? Eles devem se esclarecer e devemos procurar fazê-los conhecer sua doutrina, através da persuasão e da brandura e, não, pela força e pelo sangue. A maioria de vós não acredita nas comunicações que temos com certos mortais; por que quereríeis que estranhos acreditassem na vossa palavra, quando vossos atos desmentem a doutrina que pregais?”

672. A oferenda dos frutos da terra, feita a Deus, tinha mais mérito aos seus olhos do que o sacrifício dos animais?

“Já vos respondi, dizendo-vos que Deus julga a intenção e que o fato tinha pouca importância para ele. Evidentemente, era mais agradável a Deus ver que lhe ofereciam os frutos da terra, do que o sangue das vítimas. Como vos temos dito e sempre o repetiremos, a prece dita do fundo do coração é cem vezes mais agradável a Deus, do que todas as oferendas que lhe possais fazer. Repito que a intenção é tudo e o fato é nada.”

673. Não haveria um meio de tornar essas oferendas mais agradáveis a Deus consagrando-as ao alívio daqueles a quem falta o necessário e, neste caso, o sacrifício dos animais, praticado com um fim útil, não seria meritório, já que era abusivo, quando para nada servia, ou só era proveitoso para aqueles que de nada precisavam?

Não haveria algo de verdadeiramente piedoso em consagrar aos pobres as primícias dos bens que Deus nos concede na Terra?

“Deus abençoa sempre aqueles que fazem o bem; aliviar os pobres e os aflitos é o melhor meio de honrá-lo. Não digo com isto que Deus desaprove as cerimônias que realizais para orar a ele, porém, há muito dinheiro que poderia ser empregado mais utilmente do que o é. Deus ama a simplicidade em todas as coisas. O homem que se prende às exterioridades e, não, ao coração, é um espírito de visão estreita; considerai se Deus deve se prender mais à forma do que ao fundo.”



Capítulo III

Lei do Trabalho

1. Necessidade do Trabalho.

2. Limite do Trabalho. Repouso.

Necessidade do Trabalho

674. A necessidade do trabalho é uma lei da Natureza?

“O trabalho é uma lei da Natureza, por isso mesmo, constitui uma necessidade e a civilização obriga o homem a trabalhar mais, porque ela aumenta suas necessidades e seus gozos.”

675. Só se devem entender por trabalho as ocupações materiais?

“Não; o Espírito trabalha, assim como o corpo. Toda ocupação útil é um trabalho.”

676. Por que o trabalho é imposto ao homem?

“É uma conseqüência de sua natureza corporal; uma expiação e, ao mesmo tempo, um meio de aperfeiçoar sua inteligência. Sem o trabalho, o homem permaneceria na infância da inteligência; é por isso que deve seu alimento, sua segurança e seu bem-estar apenas ao seu trabalho e à sua atividade. Àquele que é extremamente fraco de corpo Deus deu a inteligência, como compensação; porém, é sempre um trabalho.”

677. Por que a Natureza provê, por si mesma, a todas as necessidades dos animais?

“Tudo trabalha na Natureza; os animais trabalham, como tu; o trabalho deles, porém, como sua inteligência, limita-se ao cuidado com a própria conservação; eis por que, neles, ele não conduz ao progresso, enquanto que, no homem, tem um duplo objetivo: a conservação do corpo e o desenvolvimento do pensamento, que também é uma necessidade e o eleva acima de si mesmo. Quando digo que o trabalho dos animais está limitado ao cuidado com a própria conservação, refiro-me ao objetivo a que eles se propõem, trabalhando; porém, provendo às suas necessidades materiais, eles se constituem, inconscientemente, em agentes que auxiliam os desígnios do Criador e seu trabalho também concorre para o objetivo final da Natureza, embora, muito freqüentemente, não lhe descubrais o resultado imediato.”

678. Nos mundos mais aperfeiçoados, encontra-se o homem submetido à mesma necessidade do trabalho?

“A natureza do trabalho é relativa à natureza das necessidades; quanto menos materiais são as necessidades, menos material é o trabalho; mas não creias, por isso, que o homem permaneça inativo e inútil: a ociosidade seria um suplício, em vez de ser um benefício.”

679. O homem que possui bens suficientes para assegurar sua existência encontra-se isento da lei do trabalho?

“Do trabalho material, talvez; não, porém, da obrigação de se tornar útil, conforme os seus meios, de aperfeiçoar sua inteligência ou a dos outros, o que também constitui um trabalho. Se o homem a quem Deus atribuiu bens suficientes, para assegurar sua existência, não está constringido a se alimentar com o suor do seu rosto, a obrigação de ser útil aos seus semelhantes é tanto maior, para ele, quanto mais tempo livre possui para fazer o bem, em consequência da parte que lhe foi previamente concedida.”

680. Não há homens que se encontram na impossibilidade de trabalhar no que quer que seja e cuja existência é inútil?

“Deus é justo; ele só condena aquele cuja existência é voluntariamente inútil, pois este vive às custas do trabalho dos outros. Ele quer que cada um se torne útil, conforme suas faculdades.”(643)

681. A lei da Natureza impõe aos filhos a obrigação de trabalhar para seus pais?

“Certamente, como os pais devem trabalhar para os seus filhos; é por isso que Deus fez do amor filial e do amor paterno um sentimento natural, a fim de que, através dessa afeição recíproca, os membros de uma mesma família fossem impedidos a se ajudarem mutuamente; é o que, muito freqüentemente, é desprezado, na vossa sociedade atual.”(205)

Limite do Trabalho. Repouso.

682. Sendo o repouso uma necessidade, após o trabalho, não constitui uma lei da Natureza?

“Sem dúvida, o repouso serve para reparar as forças do corpo e é, também, necessário, a fim de dar um pouco mais de liberdade à inteligência, para elevar-se acima da matéria.”

683. Qual é o limite do trabalho?

“O limite das forças; além disso, Deus deixa o homem livre.”

684. O que pensar daqueles que abusam de sua autoridade, impondo aos seus inferiores um excesso de trabalho?

“É uma das piores ações. Todo homem que tem o poder de comandar é responsável pelo excesso de trabalho que impõe aos seus inferiores, porquanto transgride a lei de Deus.”(273)

685. O homem tem direito ao repouso, na sua velhice?

“Sim, sua obrigação vai apenas até o limite de suas forças.”

a) Mas de que recurso disporá o velho que precisa trabalhar para viver e não pode?

“O forte deve trabalhar para o fraco; não tendo ele família, a sociedade deve fazer as vezes desta: é a lei de caridade.”

Não basta dizer ao homem que ele tem que trabalhar; é preciso também que aquele cuja existência depende do seu trabalho encontre ocupação, e isto é o que nem sempre, acontece. Quando a falta de emprego se generaliza, toma as proporções de um flagelo, como a miséria. A ciência econômica procura o remédio, no equilíbrio entre a produção e o consumo; este equilíbrio, porém, supondo que ele seja possível, apresentará sempre intermitências e, durante esses intervalos, o trabalhador não pode deixar de viver. Há um elemento que quase não se faz pesar na balança e sem o qual a ciência econômica não passa de uma teoria: é a *educação*; não, a educação intelectual, mas a educação moral; tampouco a educação moral, através dos livros, mas a que consiste na *arte de formar os caracteres*, a que *incute hábitos*, pois a *educação é o conjunto dos hábitos adquiridos*. Quando se considera a massa de indivíduos, lançados, todos os dias, na torrente da população, sem princípios, sem freio e entregues aos seus próprios instintos, devemos nos espantar com as conseqüências desastrosas que daí resultam? Quando esta arte for conhecida, compreendida e praticada, o homem terá, no mundo, hábitos de *ordem* e de *previdência*, para si mesmo e para os seus, de *respeito pelo que é respeitável*, hábitos que lhe permitirão atravessar menos penosamente os inevitáveis maus dias. A desordem e a imprevidência são duas chagas que só uma educação *bem compreendida* pode curar; aí está o ponto de partida, o elemento real do bem-estar, a garantia da segurança de todos.



Capítulo IV

Lei de Reprodução

1. População do Globo.
2. Sucessão e Aperfeiçoamento das Raças.
3. Obstáculos à Reprodução.
4. Casamento e Celibato.
5. Poligamia.

População do Globo

686. A reprodução dos seres vivos é uma lei da Natureza?

“Isto é evidente; sem a reprodução, o mundo corporal pereceria.”

687. Se a população segue sempre a progressão crescente que vemos, chegará um momento em que será excessiva na Terra?

“Não; Deus a isso provê e mantém sempre o equilíbrio; ele nada faz de inútil; o homem, que só vê um canto do quadro da Natureza, não pode julgar da harmonia do conjunto.”

Sucessão e Aperfeiçoamento das Raças

688. Há, neste momento, raças humanas* que, evidentemente, diminuem; chegará um tempo em que terão desaparecido da Terra?

“É verdade; mas é que outras tomaram o seu lugar, como outras tomarão o vosso, um dia.”

689. Os homens atuais constituem uma nova criação, ou são os descendentes aperfeiçoados dos seres primitivos?

“São os mesmos Espíritos que *retornaram*, para se aperfeiçoar em novos corpos, mas que ainda estão longe da perfeição. Assim, a raça humana* atual que, pelo seu crescimento, tende a ocupar toda a Terra e a substituir as raças que se extinguem, terá seu período de declínio e de desaparecimento. Outras raças* mais aperfeiçoadas que a substituirão, descenderão da raça atual, como os homens civilizados de hoje descendem dos seres brutos e selvagens dos tempos primitivos.”

690. Do ponto de vista puramente físico, os corpos da raça atual* constituem uma criação especial, ou procedem dos corpos primitivos, por meio da reprodução?

* Vide nota explicativa no final do livro (N.E.)

“A origem das raças” se perde na noite dos tempos; mas, como elas pertencem todas à grande família humana, qualquer que seja a origem primitiva de cada uma, elas puderam unir-se entre si e produzir novos tipos.”

691. Qual é, do ponto de vista físico, o caráter distintivo e dominante das raças primitivas?

“Desenvolvimento da força bruta em detrimento da força intelectual; agora, dá-se o contrário: o homem realiza mais pela inteligência do que pela força do corpo e, todavia, faz cem vezes mais, porque soube tirar proveito das forças da Natureza, o que não fazem os animais.”

692. O aperfeiçoamento das raças animais e vegetais pela Ciência é contrário à lei da Natureza? Seria mais conforme a esta lei deixar que as coisas seguissem seu curso normal?

“Deve-se fazer tudo para chegar à perfeição e o próprio homem é um instrumento de que Deus se serve para atingir seus fins. Sendo a perfeição o objetivo para o qual tende a Natureza, favorecer esta perfeição é corresponder aos seus desígnios.”

a) Mas, geralmente, o homem é movido, nos seus esforços para a melhoria das raças, apenas por um sentimento pessoal, sem outro objetivo senão o aumento de seus prazeres; isto não diminui o seu mérito?

“Que importa que seu mérito seja nulo, desde que o progresso se realize? Cabe a ele tornar seu trabalho meritório, pela intenção. Além disso, através desse trabalho, ele exerce e desenvolve sua inteligência e é, sob este aspecto, que tira maior proveito.”

Obstáculos à Reprodução

693. As leis e os costumes humanos que têm como objetivo ou efeito criar obstáculos à reprodução são contrários à lei da Natureza?

“Tudo o que entrava a Natureza em sua marcha é contrário à lei geral.”

a) Todavia, há espécies de seres vivos, animais e plantas, cuja reprodução indefinida seria nociva a outras espécies e das quais o próprio homem seria logo vítima; comete ele um ato repreensível, impedindo esta reprodução?

“Deus concedeu ao homem, sobre todos os seres vivos, um poder de que ele deve usar para o bem, mas não abusar. Ele pode regular a reprodução, de acordo com as necessidades; não deve entravá-la sem necessidade. A ação inteligente do homem é um contrapeso estabelecido por Deus, para restaurar o equilíbrio entre as forças da Natureza e isto é ainda o que o distingue dos animais, porque ele o faz com conhecimento de causa; mas os próprios animais também concorrem para este equilíbrio, pois o instinto de destruição que lhes foi dado faz com que, sempre provendo à sua própria conservação, detenham o desenvolvimento excessivo, e talvez perigoso, das espécies animais e vegetais de que se alimentam.”

* Vide nota explicativa no final do livro (N.E.)

694. Que se deve pensar dos usos que têm por efeito impedir a reprodução, tendo em vista a satisfação da sensualidade?

“Isto prova a predominância do corpo sobre a alma e quanto o homem está ligado à matéria.”

Casamento e Celibato

695. O casamento, isto é, a união permanente de dois seres, é contrário à lei da Natureza?

“É um progresso na marcha da Humanidade.”

696. Qual seria o efeito da abolição do casamento sobre a sociedade humana?

“O retorno à vida dos animais.”

A união livre e fortuita dos sexos é o estado de natureza. O casamento constitui um dos primeiros atos de progresso nas sociedades humanas, porque estabelece a solidariedade fraterna e se encontra em todos os povos, embora em condições diversas. A abolição do casamento seria, portanto, o retorno à infância da Humanidade e colocaria o homem abaixo até de certos animais, que lhe dão o exemplo de uniões constantes.

697. A indissolubilidade absoluta do casamento está na lei da Natureza, ou apenas na lei humana?

“É uma lei humana muito contrária à lei da Natureza. Mas os homens podem mudar suas leis: só as da Natureza são imutáveis.”

698. O celibato voluntário representa um estado de perfeição meritório aos olhos de Deus?

“Não, e os que vivem assim, por egoísmo, desgostam a Deus e enganam todo o mundo.”

699. O celibato não representa, da parte de algumas pessoas, um sacrifício, com o objetivo de se votarem, mais inteiramente, ao serviço da Humanidade?

“Isto é bem diferente; eu disse: por egoísmo. Qualquer sacrifício pessoal é meritório, quando é para o bem; quanto maior o sacrifício, maior é o mérito.”

Deus não pode se contradizer, nem achar ruim o que ele próprio fez: não pode haver, portanto, mérito algum, na violação de sua lei; mas, se o celibato, por si mesmo, não constitui um estado meritório, o mesmo não se dá, quando constitui, pela renúncia às alegrias da família, um sacrifício feito em prol da Humanidade. Qualquer sacrifício pessoal, tendo em vista o bem e *sem pensamento egoísta dissimulado*, eleva o homem acima de sua condição material.

Poligamia

700. A igualdade numérica, que, mais ou menos, existe entre os sexos, constitui um indício da proporção segundo a qual devem se unir?

“Sim, pois tudo tem um objetivo, na Natureza.”

701. Qual das duas, a poligamia ou a monogamia está mais de acordo com a lei da Natureza?

“A poligamia é uma lei humana cuja abolição marca um progresso social. O casamento, segundo as vistas de Deus, deve estar fundamentado na afeição dos seres que se unem. Com a poligamia, não há afeição real: há apenas sensualidade.”

Se a poligamia estivesse de acordo com a lei da Natureza, deveria poder tornar-se universal, o que seria, materialmente, impossível, em vista da igualdade numérica dos sexos.

A poligamia deve ser considerada como um uso, ou uma legislação particular, apropriada a certos costumes e que o aperfeiçoamento social faz desaparecer pouco a pouco.



Capítulo V

Lei de Conservação

- 1. Instinto de Conservação.**
- 2. Meios de Conservação.**
- 3. Gozo dos Bens Terrestres.**
- 4. Necessário e Supérfluo.**
- 5. Privações Voluntárias. Mortificações.**

Instinto de Conservação

702. O instinto de conservação é uma lei da Natureza?

“Sem dúvida; é dado a todos os seres vivos, qualquer que seja o grau de sua inteligência; em uns, ele é puramente maquinal, em outros, ele é raciocinado.”

703. Com que objetivo Deus deu a todos os seres vivos o instinto de sua conservação?

“Todos devem concorrer para os desígnios da Providência; foi por isso que Deus lhes deu a necessidade de viver. E, ademais, a vida é necessária ao aperfeiçoamento dos seres; eles o sentem, instintivamente, sem disso se aperceberem.”

Meios de Conservação

704. Dando ao homem a necessidade de viver, Deus ter-lhe-á fornecido sempre os meios de consegui-lo?

“Sim, e, se ele não os encontra, é que não os compreende. Deus não daria ao homem a necessidade de viver, sem lhe dar os meios de consegui-lo; é por isso que fez a Terra produzir o necessário a todos os seus habitantes, pois apenas o necessário é útil: o supérfluo nunca o é.”

705. Por que nem sempre a Terra produz o bastante para fornecer o necessário ao homem?

“É que o homem, ingrato, a negligencia! Ela é, entretanto, uma excelente mãe. Frequentemente, também, ele acusa a Natureza do que é resultado da sua imperícia ou de sua imprevidência. A Terra produziria sempre o necessário, se o homem soubesse contentar-se com isso. Se o que ela produz não é suficiente para todas as necessidades, é porque o homem emprega no supérfluo o que poderia ser utilizado no necessário. Olha o árabe no deserto; ele encontra sempre do que viver, porque

não cria para si necessidades factícias; porém, quando a metade dos produtos é desperdiçada, para satisfazer a fantasias, deve o homem se espantar, por nada ter, no dia seguinte? Tem razão de se queixar, por estar desprovido, quando chega o tempo da penúria? Em verdade, vos digo, não é a Natureza que é imprevidente, é o homem, que não sabe se controlar.”

706. Por bens da Terra só se devem entender os produtos do solo?

“O solo é a fonte primeira, de onde decorrem todos os outros recursos, pois, definitivamente, esses recursos são apenas uma transformação dos produtos do solo; é por isso que se deve entender, por bens da terra, tudo o de que o homem pode gozar neste mundo.”

707. Frequentemente, os meios de existência faltam a certos indivíduos, mesmo quando a abundância os cerca; a que se deve atribuir isto?

“Ao egoísmo dos homens, que nem sempre fazem o que devem; em seguida, e mais frequentemente, a si mesmos. Buscai e achareis: estas palavras não querem dizer que basta olhar para o chão, para encontrar o que se deseja, mas que é preciso procurá-lo, com ardor e perseverança e, não, com indolência, sem se deixar desencorajar pelos obstáculos que, com muita freqüência, são apenas meios de pôr à prova vossa constância, vossa paciência e vossa firmeza.” (534)

Se a civilização multiplica as necessidades, multiplica também as fontes do trabalho e os meios de viver; porém, é preciso convir em que, a esse respeito, resta-lhe ainda muito a fazer; quando ela tiver cumprido sua obra, ninguém poderá dizer que lhe falta o necessário, a não ser por sua culpa. A desgraça, para muitos, é que enveredam por um caminho que não é o que a Natureza lhes traçou; é então que lhes falta a inteligência para obter êxito. Há um lugar ao sol para todo o mundo, mas com a condição de que cada um tome o seu lugar e, não, o dos outros. A Natureza não poderia ser responsável pelos vícios da organização social e nem pelas conseqüências da ambição e do amor-próprio.

Entretanto, seria preciso ser cego para não reconhecer o progresso que, a esse respeito, têm feito os povos mais adiantados. Graças aos louváveis esforços que a Filantropia e a Ciência reunidas não cessam de fazer, para a melhoria da condição material dos homens e, apesar do crescimento incessante das populações, a insuficiência da produção encontra-se atenuada, pelo menos em grande parte, e os anos mais calamitosos não podem ser comparados aos de outrora; a higiene pública, este elemento tão essencial da força e da saúde, desconhecido de nossos pais, é objeto de uma solicitude esclarecida; o infortúnio e o sofrimento encontram abrigo; por toda a parte, a Ciência contribui para aumentar o bem-estar. Isto quer dizer que já tenhamos atingido a perfeição? Oh! Certamente, não; mas o que já foi feito dá a medida do que se pode fazer com perseverança, se o homem for bastante sensato para procurar a sua felicidade nas coisas positivas e sérias e, não, nas utopias que o fazem recuar, em vez de fazê-lo avançar.

708. Não há situações em que os meios de existência independem da vontade do homem e em que a privação do estritamente necessário é uma conseqüência da força das coisas?

“Isto é uma prova, frequentemente, cruel que ele deve experimentar e à qual sabia que seria exposto; seu mérito consiste na submissão à vontade de Deus, se sua inteligência nenhum meio lhe proporciona para sair da dificuldade. Se a morte

o atingir, deve recebê-la sem murmurar, pensando que é chegada a hora da verdadeira libertação e que *o desespero do último momento pode fazê-lo perder o fruto de sua resignação.*”

709. Aqueles, que, em certas condições críticas, se viram constrangidos a sacrificar seus semelhantes para se alimentar, cometeram um crime? Se houve crime, não terá sido atenuado pela necessidade de viver, que lhes dá o instinto de conservação?

“Já respondi, dizendo que há mais mérito em experimentar todas as provas da vida com coragem e abnegação. Há homicídio e crime de lesa-natureza, falta que deve ser duplamente punida.”

710. Nos mundos em que a organização é mais apurada, os seres vivos têm necessidade de se alimentar?

“Sim, mas seus alimentos correspondem à sua natureza. Esses alimentos não seriam bastante substanciosos para vossos estômagos grosseiros; assim como eles não poderiam digerir os vossos.”

Gozo dos Bens Terrestres

711. O uso dos bens da Terra é um direito de todos os homens?

“Esse direito é conseqüência da necessidade de viver. Deus não poderia ter imposto um dever, sem ter dado o meio de cumpri-lo.”

712. Com que objetivo Deus pôs um atrativo nos gozos dos bens materiais?

“Para incitar o homem ao cumprimento de sua missão e, também, para experimentá-lo, através da tentação.”

a) Qual o objetivo dessa tentação?

“Desenvolver sua razão, que deve preservá-lo dos excessos.”

Se o homem só fosse instigado ao uso dos bens da Terra, tendo em vista a utilidade, sua indiferença talvez pudesse comprometer a harmonia do Universo: Deus lhe deu o atrativo do prazer, que o impele ao cumprimento dos desígnios da Providência. Mas, através desse mesmo atrativo, Deus quis, além disso, experimentá-lo, por meio da tentação, que o arrasta para o abuso, de que sua razão deve defendê-lo.

713. Os gozos possuem limites traçados pela Natureza?

“Sim, para vos indicar o limite do necessário; porém, pelos vossos excessos, chegais à saciedade e vos punis a vós mesmos.”

714. O que pensar do homem que procura, nos excessos de todos os gêneros, um refinamento para seus gozos?

“Pobre coitado! Compadeçamo-nos dele e não o invejemos, pois está bem perto da morte!”

a) Será da morte física, ou da morte moral que ele está próximo?

“De ambas.”

O homem que procura, nos excessos de todos os gêneros, um refinamento de gozos coloca-se abaixo do animal, pois este sabe parar, quando satisfeita a sua necessidade. Abdica

da razão que Deus lhe deu como guia e, quanto maiores forem os seus excessos, maior preponderância ele dá à sua natureza animal sobre sua natureza espiritual. As doenças, as enfermidades, a própria morte, que são conseqüência do abuso, são, ao mesmo tempo, a punição à transgressão da lei de Deus.

Necessário e Supérfluo

715. Como o homem pode conhecer o limite do necessário?

“O homem prudente o conhece por intuição; muitos o conhecem por experiência e às suas próprias custas.”

716. A Natureza, através da nossa organização, não traçou o limite das nossas necessidades?

“Sim, mas o homem é insaciável. A Natureza traçou o limite de suas necessidades por meio de sua organização; os vícios, porém, alteraram sua constituição e criaram para ele necessidades que não são reais.”

717. Que pensar daqueles que açambarcam os bens da terra para se proporcionarem o supérfluo, em prejuízo daqueles a quem falta o necessário?

“Eles desprezam a lei de Deus e terão que responder pelas privações que tiverem causado aos outros.”

O limite do necessário e do supérfluo nada tem de absoluto. A civilização criou necessidades que o selvagem não possui e os Espíritos que ditaram estes preceitos não pretendem que o homem civilizado deva viver como o selvagem. Tudo é relativo, e cabe à razão levar em conta cada coisa. A civilização desenvolve o senso moral e, ao mesmo tempo, o sentimento de caridade, que leva os homens a se prestar um apoio mútuo. Aqueles que vivem às custas das privações dos outros exploram, em seu proveito, os benefícios da Civilização; apenas possuem, da Civilização, o verniz, como há pessoas que, da religião, só têm a máscara.

Privações Voluntárias. Mortificações.

718. A lei de conservação nos obriga a prover às necessidades do corpo?

“Sim, sem a força e a saúde, o trabalho é impossível.”

719. O homem merece censura por procurar o bem-estar?

“O bem-estar é um desejo natural; Deus só proíbe o abuso, porque este é contrário à conservação; ele não condena a procura do bem-estar, se este bem-estar não tiver sido conseguido às custas de alguém e se não vier a enfraquecer vossas forças morais, nem vossas forças físicas.”

720. As privações voluntárias, tendo em vista uma expiação igualmente voluntária, têm mérito aos olhos de Deus?

“Fazei o bem aos outros e merecereis ainda mais.”

a) Há privações voluntárias que sejam meritórias?

“Sim, a privação dos gozos inúteis, porque desliga o homem da matéria e eleva sua alma. O que é meritório é resistir à tentação que o impele aos excessos ou ao gozo das coisas inúteis; é retirar do seu necessário, para dar àqueles que não possuem o bastante. Se a privação não passar de um vão fingimento, é desprezível.”

721. A vida de mortificações ascéticas foi praticada desde a Antigüidade remota e por diferentes povos; ela é meritória, sob algum ponto de vista?

“Perguntai a *quem* ela serve e tereis a resposta. Se serve apenas àquele que a pratica e o impede de fazer o bem, é egoísmo, seja qual for o pretexto com que a pntem. Privar-se e trabalhar para os outros é a verdadeira mortificação, conforme a caridade cristã.”

722. A abstenção de certos alimentos, prescrita em diversos povos, está fundamentada na razão?

“Tudo o de que o homem pode se alimentar sem prejuízo para sua saúde é permitido; porém, com um fim útil, alguns legisladores resolveram proibir certos alimentos e, para dar mais crédito às suas leis, apresentaram-nas como emanadas de Deus.”

723. A alimentação animal é, com relação ao homem, contrária à lei da Natureza?

“Na vossa constituição física, a carne alimenta a carne, do contrário, o homem deperece. A lei de conservação impõe ao homem o dever de manter suas forças e sua saúde, para cumprir a lei do trabalho. Ele deve, portanto, alimentar-se conforme o exige a sua organização.”

724. A abstenção de alimentação animal, ou de outra qualquer, como expiação, será meritória?

“Sim, se nos privamos em benefício dos outros; Deus, porém, não pode ver uma mortificação, quando não há uma privação *séria e útil*; é por isso que dizemos que só aqueles que aparentemente se privam são hipócritas.” (720)

725. Que se deve pensar das mutilações operadas no corpo do homem ou dos animais?

“Com que propósito, semelhante pergunta? Estais perguntando, novamente, se uma coisa é útil. O que é inútil não pode ser agradável a Deus e o que é nocivo sempre lhe é desagradável; pois ficai sabendo que Deus só é sensível aos sentimentos que elevam a alma para ele; é praticando sua lei que podereis livrar-vos da vossa matéria terrestre e, não, a violando.”

726. Se os sofrimentos deste mundo nos elevam, conforme a maneira de os suportarmos, aqueles que voluntariamente criamos também nos elevam?

“Os únicos sofrimentos que elevam são os naturais, porque vêm de Deus; os sofrimentos voluntários para nada servem, quando nada fazem pelo bem de outrem. Acreditas que aqueles que abreviam sua vida em rigores sobre-humanos, como o fazem os bonzos, os faquires e alguns fanáticos de várias seitas, se adiantam no seu caminho? Por que, ao invés, não trabalham pelo bem de seus semelhantes? Que vistam o indigente; que consolem aquele que chora; que trabalhem por aquele que está enfermo; que suportem privações para o alívio dos infelizes, então, sua vida será útil e agradável a Deus. Quando, nos sofrimentos voluntários

que se suportam, tem-se em vista apenas a si mesmo, é egoísmo; quando se sofre pelos outros, é caridade: estes são os preceitos do Cristo.”

727. Se não devemos criar, para nós, sofrimentos voluntários que nenhuma utilidade tenham para outrem, devemos procurar nos preservar daqueles que preparamos ou que nos ameaçam?

“O instinto de conservação foi dado a todos os seres contra os perigos e os sofrimentos. Fustigai o vosso espírito e não o vosso corpo, mortificai o vosso orgulho, sufocai o vosso egoísmo, que se assemelha a uma serpente que vos rói o coração, e fareis mais pelo vosso adiantamento, do que através dos rigores que não são mais deste século.”



Capítulo VI

Lei de Destruição

- 1. Destruição Necessária e Destruição Abusiva.**
- 2. Flagelos Destruidores.**
- 3. Guerras.**
- 4. Assassínio.**
- 5. Crueldade.**
- 6. Duelo.**
- 7. Pena de Morte.**

Destruição Necessária e Destruição Abusiva

728. A destruição é uma lei da Natureza?

“É preciso que tudo se destrua para renascer e se regenerar; pois o que chamais destruição é apenas uma transformação, que tem como objetivo a renovação e a melhoria dos seres vivos.”

a) Desse modo, o instinto de destruição teria sido dado aos seres vivos por desígnios providenciais?

“As criaturas de Deus são os instrumentos de que ele se serve para chegar aos seus fins. Para se alimentar, os seres vivos se destroem entre si, e isto com duplo objetivo: manter o equilíbrio na reprodução, que poderia tornar-se excessiva e utilizar os despojos do envoltório exterior, que sempre é destruído e constitui apenas o acessório, não a parte essencial do ser pensante. A parte essencial, é o princípio inteligente, que é indestrutível e se elabora, nas diferentes metamorfoses que experimenta.”

729. Se a destruição é necessária para a regeneração dos seres, por que a Natureza os cerca de meios de preservação e de conservação?

“A fim de que a destruição não se dê antes do tempo necessário. Qualquer destruição antecipada entrava o desenvolvimento do princípio inteligente; é por isso que Deus deu a cada ser a necessidade de viver e de se reproduzir.”

730. Já que a morte deve conduzir-nos a uma vida melhor, que nos livra dos males desta, sendo, assim, mais de se desejar do que de temer, por que o homem lhe tem um horror instintivo, que a faz, para ele, motivo de apreensão?

“Já dissemos que o homem deve procurar prolongar sua vida, para cumprir sua tarefa; é por isso que Deus lhe deu o instinto de conservação e este instinto o sustenta

nas provas; sem isto, ele se deixaria, com muita freqüência, levar pelo desencorajamento. A voz íntima que o faz repelir a morte lhe diz que ele ainda pode fazer alguma coisa pelo seu adiantamento. Quando um perigo o ameaça, é um aviso para que tire proveito do tempo de sossego que Deus lhe concede; mas, ingrato! Geralmente, ele rende mais graças à sua estrela do que ao seu Criador.”

731. Por que, ao lado dos meios de conservação, a Natureza colocou, ao mesmo tempo, os agentes destruidores?

“É o remédio ao lado do mal. Já o dissemos: é para manter o equilíbrio e servir de contrapeso.”

732. A necessidade de destruição é a mesma, em todos os mundos?

“Ela é proporcional ao estado mais ou menos material dos mundos; cessa com um estado físico e moral mais depurado. Nos mundos mais adiantados que o vosso, as condições de existência são completamente diferentes.”

733. A necessidade da destruição sempre existirá entre os homens da Terra?

“A necessidade de destruição se enfraquece, no homem, à medida que o Espírito sobrepuja a matéria; é por isso que observais o horror à destruição acompanhar o desenvolvimento intelectual e moral.”

734. Em seu estado atual, o homem tem um direito ilimitado de destruição sobre os animais?

“Esse direito é regulado pela necessidade de prover à sua alimentação e à sua segurança; o abuso nunca constituiu um direito.”

735. Que se deve pensar da destruição que ultrapassa os limites das necessidades e da segurança; da caça, por exemplo, quando só tem por objetivo o prazer de destruir sem utilidade?

“Predominância da bestialidade sobre a natureza espiritual. Qualquer destruição que ultrapasse os limites da necessidade é uma violação da lei de Deus. Os animais só destroem para a satisfação de suas necessidades; o homem, porém, que possui o livre-arbítrio, destrói sem necessidade: terá que prestar contas do abuso da liberdade que lhe foi concedida, pois, então, cede aos maus instintos.”

736. Os povos que levam ao excesso o escrúpulo relativo à destruição dos animais têm um mérito especial?

“É excesso de um sentimento louvável, em si mesmo, mas que se torna abusivo e cujo mérito é neutralizado por abusos de muitos outros tipos. Há, entre eles, mais temor supersticioso do que verdadeira bondade.”

Flagelos Destruidores

737. Com que objetivo Deus golpeia a Humanidade, através de flagelos destruidores?

“Para fazê-la progredir mais rápido. Já não dissemos que a destruição é necessária, para a regeneração moral dos Espíritos, que, em cada nova existência,

sobem um novo degrau na escala do aperfeiçoamento? É preciso ver o objetivo para apreciar-lhes os resultados. Apenas do vosso ponto de vista pessoal é que vós os avaliais e, por causa do prejuízo que vos causam, vós os chamais de flagelos; mas essas perturbações são, freqüentemente, necessárias, para que uma melhor ordem de coisas possa, mais prontamente, acontecer e, em alguns anos, realizar-se o que teria exigido muitos séculos.” (744)

738. Deus não poderia empregar, para a melhoria da Humanidade, outros meios que não os flagelos destruidores?

“Sim, e ele os emprega todos os dias, já que deu a cada um os meios de progredir, através do conhecimento do bem e do mal. É o homem que deles não se aproveita; é preciso castigá-lo no seu orgulho e fazê-lo sentir sua fraqueza.”

a) Mas, nesses flagelos, o homem de bem sucumbe, tanto quanto o perverso; isto é justo?

“Durante a vida, o homem relaciona tudo ao seu corpo; mas, depois da morte, pensa de outra maneira. Como já dissemos: a vida do corpo é pouca coisa; um século do vosso mundo representa *um relâmpago na eternidade*; portanto, os sofrimentos daquilo que chamais de alguns meses, ou de alguns dias, nada significam. Constituem um ensinamento para vós e que vos servirá no futuro. Os Espíritos, que preexistem e sobrevivem a tudo, eis o mundo real (85); esses são os filhos de Deus e o objeto de toda sua solicitude; os corpos são apenas disfarces, sob os quais eles aparecem no mundo. Nas grandes calamidades que dizem os homens, é como, durante a guerra, um exército, que vê seus uniformes gastos, rasgados ou perdidos. O general se preocupa mais com seus soldados, do que com as suas fardas.”

b) Mas, as vítimas desses flagelos não deixam de ser vítimas...

“Se se considerasse a vida como ela é e quão pouca coisa representa, com relação ao infinito, menos importância a ela se daria. Essas vítimas encontrarão, numa outra existência, uma ampla compensação aos seus sofrimentos, se souberem suportá-los sem reclamar.”

Quer a morte aconteça por meio de um flagelo, quer ela se dê por uma causa comum, ninguém escapa à morte. quando a hora da partida soa; a única diferença é que, naqueles casos. um maior número parte. ao mesmo tempo.

Se pudéssemos nos elevar. pelo pensamento. de maneira a dominar a Humanidade e abrangê-la completamente. esses flagelos tão terríveis nos pareceriam apenas tempestades passageiras. no destino do mundo.

739. Os flagelos destruidores têm uma utilidade, do ponto de vista físico, apesar dos males que ocasionam?

“Sim, algumas vezes, eles mudam as condições de uma região; mas o bem que deles resulta, freqüentemente, só as gerações futuras o sentem.”

740. Os flagelos não seriam, igualmente, para o homem, provas morais que o colocam diante das mais duras necessidades?

“Os flagelos são provas que dão ao homem a oportunidade de exercitar sua inteligência, de mostrar sua paciência e sua resignação à vontade de Deus, e o

inclinam a manifestar seus sentimentos de abnegação, de desinteresse e de amor ao próximo, se não estiver dominado pelo egoísmo.”

741. É dado ao homem afastar os flagelos que o afligem?

“Sim, em parte; mas, não, como, geralmente, o entendem. Muitos flagelos são a consequência de sua imprevidência; à medida que ele adquire conhecimentos e experiência, pode evitá-los, isto é, preveni-los, se souber pesquisar-lhes as causas. Porém, entre os males que afligem a Humanidade, há os de caráter geral, que estão nos decretos da Providência e dos quais cada indivíduo recebe, mais ou menos, o contragolpe; a esses o homem só pode opor a resignação à vontade de Deus; esses mesmos males ainda são, freqüentemente, agravados pela sua negligência.”

Dentre os flagelos destruidores, naturais e independentes do homem, é preciso colocar, em primeiro lugar, a peste, a fome, as inundações, as intempéries fatais às produções da terra. O homem, porém, não tem encontrado na Ciência, nas obras de arte, no aperfeiçoamento da agricultura, nos afolhamentos e nas irrigações, no estudo das condições higiênicas, os meios de neutralizar, ou, pelo menos, de atenuar muitos desastres? Algumas regiões, outrora assoladas por terríveis flagelos não se encontram, atualmente, deles preservadas? O que não fará, portanto, o homem pelo seu bem-estar material, quando souber tirar proveito de todos os recursos de sua inteligência e quando, aos cuidados de sua conservação pessoal, ele souber aliar o sentimento de uma caridade verdadeira pelos seus semelhantes? (707).

Guerras

742. O que leva o homem à guerra?

“Predominância da natureza animal sobre a natureza espiritual e saciedade das paixões. No estado de barbárie, os povos só conhecem o direito do mais forte; é por isso que a guerra constitui para eles um estado normal. À medida que o homem progride, ela se torna menos freqüente, porque ele lhe evita as causas; e quando ela é necessária, ele sabe fazê-la com humanidade.”

743. A guerra desaparecerá, algum dia, da face da Terra?

“Sim, quando os homens compreenderem a justiça e praticarem a lei de Deus; então, todos os povos serão irmãos.”

744. Qual foi o objetivo da Providência, tornando a guerra necessária?

“A liberdade e o progresso.”

a) Se a guerra deve ter por efeito alcançar a liberdade, como é que, freqüentemente, ela tem por objetivo e resultado a escravidão?

“Escravidão momentânea para *cansar* os povos, a fim de fazê-los progredir mais rápido.”

745. Que se deve pensar daquele que provoca a guerra em seu proveito?

“Esse é o verdadeiro culpado e *muitas existências* lhe serão necessárias, para expiar todos os assassinios de que tenha sido a causa, pois responderá por todo homem cuja morte tiver causado, para satisfazer sua ambição.”

Assassínio

746. O assassinio é um crime aos olhos de Deus?

“Sim, um grande crime, pois aquele que tira a vida de seu semelhante corta *uma vida de expiação* ou *de missão* e aí é que está o mal.”

747. O assassinio sempre tem o mesmo grau de culpabilidade?

“Já o dissemos: Deus é justo; ele julga mais a intenção do que o fato.”

748. Deus desculpa o assassinio, em caso de legítima defesa?

“Só a necessidade pode desculpá-lo, mas, se se pode preservar a vida, sem atentar contra a do seu agressor, deve-se fazê-lo.”

749. O homem é culpado pelos assassinios que comete durante a guerra?

“Não, quando ele é estrangido pela força; mas é culpado pelas crueldades que cometa, e ser-lhe-á levado em conta o sentimento de humanidade.”

750. O que é o mais condenável aos olhos de Deus, o parricídio ou o infanticídio?

“Ambos o são igualmente, pois todo crime é um crime.”

751. Por que motivo, entre alguns povos, já adiantados do ponto de vista intelectual, o infanticídio faz parte dos costumes e está consagrado pela legislação?

“O desenvolvimento intelectual não implica a necessidade do bem; o Espírito superior em inteligência pode ser mau; isto acontece com aquele que viveu muito, sem se melhorar: ele sabe.”

Crueldade

752. Pode-se vincular o sentimento de crueldade ao instinto de destruição?

“É o instinto de destruição no que ele tem de pior, pois, se a destruição, algumas vezes, constituiu uma necessidade, a crueldade nunca o é; ela é sempre o resultado de uma natureza má.”

753. Como se explica que a crueldade seja o caráter dominante dos povos primitivos?

“Nos povos primitivos, como tu os chamas, a matéria sobrepuja o Espírito; eles se entregam aos instintos animais, e, como não têm outras necessidades além das da vida do corpo, só pensam na conservação pessoal; é isto o que os torna, geralmente, cruéis. E, além disso, os povos cujo desenvolvimento é imperfeito ficam sob o domínio de Espíritos igualmente imperfeitos, que lhes são simpáticos, até que povos mais adiantados venham destruir, ou enfraquecer esta influência.”

754. A crueldade não provém da ausência do senso moral?

“Diz que o senso moral não se acha desenvolvido, mas não digas que está ausente, pois ele existe, como princípio, em todos os homens; é este senso moral que, mais tarde, fará deles seres bons e humanos. Ele existe, portanto, no selvagem, mas ali está, como o princípio do perfume no germen da flor, antes que ela desabroche.”

Todas as faculdades existem no homem, em estado rudimentar ou latente; desenvolvem-se, conforme as circunstâncias lhes sejam mais ou menos favoráveis. O desenvolvimento excessivo de umas detém ou neutraliza o das outras. A sobreexcitação dos instintos materiais sufoca, por assim dizer, o senso moral, como o desenvolvimento do senso moral enfraquece, pouco a pouco, as faculdades puramente animais.

755. Como se explica que, no seio da civilização mais adiantada, se encontrem seres, algumas vezes, tão cruéis quanto os selvagens?

“Da mesma maneira que numa árvore carregada de bons frutos, encontram-se alguns defeituosos. São, se quiseres, selvagens, que da civilização apenas possuem os trajes; são lobos desgarrados, no meio de cordeiros. Espíritos de uma ordem inferior e muito atrasados podem encarnar, entre os homens adiantados, na esperança de eles próprios progredirem; porém, se a prova for muito pesada, a natureza primitiva predominará.”

756. A sociedade dos homens de bem será, um dia, expurgada dos seres malfazejos?

“A Humanidade progride; esses homens dominados pelo instinto do mal e que se encontram deslocados, entre as pessoas de bem, desaparecerão, pouco a pouco, como o mau grão se separa do bom, quando este é joeirado, mas, para renascer, com um outro envoltório; e, como terão mais experiência, compreenderão melhor o bem e o mal. Tens disso um exemplo nas plantas e nos animais, cuja arte de aperfeiçoar o homem tem encontrado, neles desenvolvendo qualidades novas. Pois bem! Só após várias gerações, é que o aperfeiçoamento se torna completo. É a imagem das diferentes existências do homem.”

Duelo

757. O duelo pode ser considerado como um caso de legítima defesa?

“Não, é um assassinio e um costume absurdo, digno dos bárbaros. Com uma civilização mais adiantada e *mais moral*, o homem compreenderá que o duelo é tão ridículo, quanto os combates que outrora eram vistos como o juízo de Deus.”

758. O duelo pode ser considerado como um assassinio por parte daquele que, conhecendo sua própria fraqueza, está quase certo de que sucumbirá?

“É um suicídio.”

a) E, quando as probabilidades são iguais, trata-se de um assassinio ou de um suicídio?

“De ambos.”

Em todos os casos, mesmo naquele em que as chances são iguais, o duelista é culpado, primeiramente, porque atenta, fria, e deliberadamente, contra a vida de seu semelhante; em segundo lugar, porque expõe sua própria vida, inutilmente e sem proveito para ninguém.

759. Qual o valor daquilo que se chama o *ponto de honra*, em matéria de duelo?

“Orgulho e vaidade: duas chagas da Humanidade.”

a) Mas não há casos em que a honra encontra-se verdadeiramente empenhada e em que uma recusa seria uma covardia?

“Isso depende dos usos e costumes; cada país e cada século tem, a esse respeito, uma forma de ver diferente; quando os homens forem melhores e mais adiantados em moral, compreenderão que o verdadeiro ponto de honra está acima das paixões terrestres e que não é matando, ou se deixando matar, que se repara um erro.”

Há mais grandeza e verdadeira honra em nos confessar culpados, se cometermos um erro, ou em perdoar, se estivermos com a razão; e, qualquer que seja o caso, em desprezar os insultos que não nos podem atingir.

Pena de Morte

760. A pena de morte desaparecerá, um dia, da legislação humana?

“Incontestavelmente, a pena de morte desaparecerá e sua supressão marcará um progresso na Humanidade. Quando os homens forem mais esclarecidos, a pena de morte será completamente abolida da Terra; os homens não precisarão mais ser julgados pelos homens. Falo de uma época que ainda está bastante afastada de vós.”

Sem dúvida, o progresso social ainda deixa muito a desejar, mas seria injusto para com a sociedade moderna se não vissemos, entre os povos mais adiantados, um progresso nas restrições feitas à pena de morte e à natureza dos crimes aos quais se limita sua aplicação. Se compararmos as garantias com as quais a justiça, entre esses mesmos povos, se esforça para cercar o acusado, a humanidade de que se utiliza para com ele, mesmo quando o reconhece culpado, com o que se praticava em tempos que ainda não estão muito distantes, não poderemos ignorar a senda progressiva pela qual caminha a Humanidade.

761. A lei de conservação dá ao homem o direito de preservar sua própria vida; não se utiliza ele deste direito, quando elimina da sociedade um membro perigoso?

“Há outros meios de se preservar do perigo, ao invés de matá-lo. É preciso, aliás, abrir e, não, fechar a porta do arrependimento ao criminoso.”

762. Se a pena de morte pode ser banida das sociedades civilizadas, não terá sido uma necessidade em épocas menos adiantadas?

“Necessidade não é o termo; o homem sempre crê que uma coisa é necessária quando nada de melhor encontra; à medida que se esclarece, compreende melhor o que é justo ou injusto e repudia os excessos cometidos, nos tempos de ignorância, em nome da justiça.”

763. A restrição dos casos em que se aplica a pena de morte será um indício de progresso da civilização?

“Podes duvidar disso? Teu espírito não se revolta ao leres a narrativa das carnicifinas humanas que, outrora, se faziam em nome da justiça e, freqüentemente, em honra à Divindade; das torturas que se infligiam ao condenado e até ao acusado para arrancar dele, pelo excesso dos sofrimentos, a confissão de um crime que muitas vezes não havia cometido? Pois bem! Se tivesses vivido naqueles tempos,

terias achado tudo isso natural e, talvez, tu, como juiz, tivesses feito o mesmo. É assim que o que parecia justo numa época, parece bárbaro numa outra. Só as leis divinas são eternas; as leis humanas mudam com o progresso; continuarão mudando até que se harmonizem com as leis divinas.”

764. Jesus disse: *Quem matou com a espada, perecerá pela espada*. Estas palavras não são a consagração da pena de talião, e a morte imposta ao assassino não será a aplicação desta pena?

“Tomai cuidado! Vós vos tendes enganado a respeito destas palavras *como a respeito de muitas outras*. A pena de talião é a justiça de Deus; é ele quem a aplica. Todos vós sofreis esta pena a cada instante, pois sois punidos por aquilo em que pecastes, nesta vida *ou numa outra*; aquele que fez seus semelhantes sofrerem, estará numa posição em que ele próprio sofrerá o que tiver feito o outro suportar; este é o sentido destas palavras de Jesus; mas ele também não vos disse: Perdoai aos vossos inimigos? E não vos ensinou a pedir a Deus para vos perdoar as ofensas, como vós mesmos tiverdes perdoado, isto é, *na mesma proporção* que tiverdes perdoado? Compreendei bem isto.”

765. O que se deve pensar da morte imposta em nome de Deus?

“É tomar o lugar de Deus na justiça. Aqueles que agem dessa maneira mostram quão distantes estão de compreender Deus e que ainda têm muitas coisas a expiar. A pena de morte é um crime, quando aplicada em nome de Deus e, aqueles que a impõem são responsáveis por isto, como por quaisquer outros assassinios.”



Capítulo VII

Lei de Sociedade

1. **Necessidade da Vida Social.**
2. **Vida de Isolamento. Voto de Silêncio.**
3. **Laços de Família.**

Necessidade da Vida Social

766. A vida social está na Natureza?

“Certamente; Deus fez o homem para viver em sociedade. Deus não deu ao homem, inutilmente, a palavra e todas as outras faculdades necessárias à vida de relação.”

767. O isolamento absoluto é contrário à lei da Natureza?

“Sim, visto que os homens buscam a sociedade por instinto e que todos devem concorrer para o progresso, auxiliando-se mutuamente.”

768. O homem, ao procurar a sociedade, apenas obedece a um sentimento pessoal, ou há, neste sentimento, um objetivo providencial, de caráter mais geral?

“O homem deve progredir; sozinho, ele não o pode, porque não possui todas as faculdades; é-lhe necessário o contato com os outros homens. No isolamento, ele se embrutece e se estiola.”

Nenhum homem possui faculdades completas; através da união social, eles se completam uns aos outros. para assegurar seu bem-estar e progredir: é por isso que, necessitando uns dos outros, foram feitos para viver em sociedade e, não, isolados.

Vida de Isolamento. Voto de Silêncio

769. Concebe-se que, como princípio geral, a vida social esteja na Natureza, mas, como todos os gostos também estão na Natureza, por que o do isolamento absoluto seria condenável, se o homem nele encontra sua satisfação?

“Satisfação egoísta. Também há homens que encontram satisfação em se embriagar; tu os aprovas? A Deus não pode ser agradável uma vida pela qual condenamo-nos a não ser úteis a ninguém.”

770. Que se deve pensar dos homens que vivem em absoluta reclusão, para fugir do contato pernicioso do mundo?

“Duplo egoísmo.”

a) Mas, se esse retiro tem por objetivo uma expiação, impondo-se uma privação penosa, não será ele meritório?

“Fazer mais bem do que mal se fez, é a melhor expiação. Evitando um mal, ele cai num outro, já que esquece a lei de amor e de caridade.”

771. Que pensar daqueles que fogem do mundo, para se votarem ao alívio dos infelizes?

“Esses se elevam, rebaixando-se. Têm o duplo mérito de se colocarem acima dos gozos materiais e de fazerem o bem, através do cumprimento da lei do trabalho.”

a) E daqueles que procuram, no retiro, a tranqüilidade que certos trabalhos reclamam?

“Isto não constitui o retiro absoluto do egoísta; eles não se isolam da sociedade, já que trabalham para ela.”

772. Que se deve pensar do voto de silêncio prescrito por algumas seitas, desde a mais remota Antigüidade?

“Perguntai-vos, antes, se a palavra está na Natureza e por que Deus a concedeu. Deus condena o abuso e não o uso das faculdades concedidas por ele. Todavia, o silêncio é útil, pois, no silêncio, tu te recolhes; teu espírito se torna mais livre e pode, então, entrar em comunicação conosco; o voto de silêncio, porém, é uma bobagem. Certamente, aqueles que vêem essas privações voluntárias como atos de virtude têm uma boa intenção; mas eles se enganam, porque não compreendem, suficientemente, as verdadeiras leis de Deus.”

O voto de silêncio absoluto, assim como o voto de isolamento, priva o homem das relações sociais que podem oferecer-lhe as oportunidades de fazer o bem e de cumprir a lei de progresso.

Laços de Família

773. Por que, entre os animais, os pais e os filhos não se reconhecem mais, quando estes não necessitam mais de cuidados?

“Os animais vivem a vida material e, não, a vida moral. A ternura da mãe, para com seus filhotes, tem por princípio o instinto de conservação dos seres que ela deu à luz; quando esses seres podem cuidar de si mesmos, sua tarefa está concluída; a Natureza nada mais lhe exige. É por isso que ela os abandona, para se ocupar com os recém-chegados.”

774. Há pessoas que deduzem do fato de os filhotes serem abandonados pelos seus pais que, entre os homens, os laços de família são apenas o resultado dos costumes sociais e, não, uma lei da Natureza; que devemos pensar sobre isso?

“O homem tem um destino diferente do dos animais; por que, então, quererem sempre identificá-lo com eles? Há nele algo, além das necessidades físicas: há a necessidade do progresso; os laços sociais são necessários ao progresso e os laços de família tornam mais apertados os laços sociais; eis por que os laços de família constituem uma lei da Natureza. Deus quis que os homens aprendessem, desse modo, a se amar como irmãos.”(205)

775. Qual seria, para a sociedade, o resultado do relaxamento dos laços de família?

“Uma recrudescência do egoísmo.”



Capítulo VIII

Lei do Progresso

- 1. Estado de Natureza.**
- 2. Marcha do Progresso.**
- 3. Povos Degenerados.**
- 4. Civilização.**
- 5. Progresso da Legislação Humana.**
- 6. Influência do Espiritismo no Progresso.**

Estado de Natureza

776. O estado de natureza e a lei natural são a mesma coisa?

“Não, o estado de natureza é o estado primitivo. A civilização é incompatível com o estado de natureza, enquanto a lei natural contribui para o progresso da Humanidade.”

O estado de natureza é a infância da Humanidade e o ponto de partida de seu desenvolvimento intelectual e moral. Sendo o homem perfectível e trazendo em si o gérmen de seu aperfeiçoamento, não está destinado a viver perpetuamente no estado de natureza, assim como não está destinado a viver perpetuamente na infância; o estado de natureza é transitório; o homem dele sai, através do progresso e da civilização. A lei natural, ao contrário, rege a Humanidade inteira e o homem se melhora. à medida que melhor compreende e pratica esta lei.

777. No estado de natureza, o homem, tendo menos necessidades, não tem todas as tribulações que cria para si mesmo, num estado mais adiantado; o que pensar da opinião daqueles que vêem esse estado como o da mais perfeita felicidade na Terra?

“Que queres! É a felicidade do animal; há pessoas que não compreendem outra. É ser feliz à maneira dos animais. As crianças também são mais felizes do que os homens feitos.”

778. O homem pode retrogradar para o estado de natureza?

“Não, o homem deve progredir incessantemente e não pode retornar ao estado de infância. Se ele progride, é porque Deus assim o quer; pensar que ele possa retrogradar à sua condição primitiva seria negar a lei do progresso.”

Marcha do Progresso

779. O homem haure, em si mesmo, a força progressiva, ou o progresso é apenas o produto de um ensinamento?

“O homem se desenvolve por si mesmo, naturalmente; nem todos, porém, progredem ao mesmo tempo e da mesma maneira; é, então, que os mais adiantados auxiliam o progresso dos outros, através do contato social.”

780. O progresso moral acompanha sempre o progresso intelectual?

“É a consequência deste, mas nem sempre o acompanha *imediatamente*.” (192-365)

a) Como o progresso intelectual pode conduzir ao progresso moral?

“Tornando compreensíveis o bem e o mal: o homem pode, então, escolher. O desenvolvimento do livre-arbítrio acompanha o da inteligência e aumenta a responsabilidade pelos atos.”

b) Como é, então, que acontece de os povos mais esclarecidos serem, frequentemente, os mais perversos?

“O progresso completo constitui o objetivo; os povos, porém, como os indivíduos, só o atingem passo a passo. Até que o senso moral neles esteja desenvolvido, eles podem mesmo se servir de sua inteligência, para fazer o mal. O moral e a inteligência são duas forças que só se equilibram com o tempo.” (365-751)

781. É dado ao homem o poder de deter a marcha do progresso?

“Não, mas, algumas vezes, o de entravá-la.”

a) Que pensar dos homens que tentam deter a marcha do progresso e fazer com que a Humanidade retrograde?

“Pobres seres que Deus castigará; serão levados pela torrente que querem deter.”

Sendo o progresso uma condição da natureza humana, a ninguém é dado o poder de a ele se opor. É uma *força viva* que as más leis podem retardar, mas não sufocar. Quando essas leis se tornam incompatíveis com ele, despedaça-as, juntamente com todos aqueles que tentam mantê-las; e assim será, até que o homem tenha colocado suas leis de acordo com a justiça divina, que quer o bem para todos e, não, leis feitas para o forte, em prejuízo do fraco.

782. Não há homens que entram o progresso de boa-fé, acreditando favorecer-lo, porque o vêem do seu ponto de vista e, frequentemente, lá, onde ele não existe?

“Uma pedrinha colocada sob a roda de uma grande viatura e que não a impede de avançar.”

783. O aperfeiçoamento da Humanidade segue sempre uma progressiva e lenta marcha?

“Há o progresso regular e lento, que resulta da força das coisas; porém, quando um povo não progride rápido o suficiente, Deus lhe suscita, de tempos em tempos, um abalo físico ou moral que o transforma.”

O homem não pode permanecer perpetuamente na ignorância, porque deve atingir o objetivo estabelecido pela Providência: ele se esclarece pela força das coisas. As revoluções morais, como as revoluções sociais, se infiltram, pouco a pouco, nas idéias; estas germinam durante séculos; depois, de repente, irrompem e fazem desmoronar o edifício corroído do passado, que não está mais em harmonia com as necessidades novas nem com as novas aspirações.

Freqüentemente, o homem não percebe, nessas comoções, senão a desordem e a confusão momentâneas que o atingem nos interesses materiais; aquele que eleva seu pensamento acima da personalidade, admira os desígnios da Providência, que, do mal, faz sair o bem. São a tempestade e a tormenta que saneiam a atmosfera, depois de tê-la perturbado.

784. A perversidade do homem é muito grande e, pelo menos do ponto de vista moral, ele não parece recuar em vez de avançar?

“Tu te enganas; observa bem o conjunto e verás que ele avança, já que melhor compreende o que é o mal e todos os dias ele se reforma dos abusos. É preciso que o mal atinja o excesso, para fazer compreensível a necessidade do bem e das reformas.”

785. Qual o maior obstáculo ao progresso?

“O orgulho e o egoísmo; falo do progresso moral, pois o progresso intelectual sempre se realiza; à primeira vista, ele parece mesmo dar a esses vícios uma duplicação de atividade, desenvolvendo a ambição e o apego às riquezas, que, a seu turno, incitam o homem às pesquisas que esclarecem seu Espírito. É assim que tudo se encadeia, no mundo moral, como no mundo físico, e que do próprio mal pode sair o bem; esse estado de coisas, porém, durará pouco tempo; à medida que o homem melhor compreender que há, além do gozo dos bens terrestres, uma felicidade infinitamente maior e mais durável, ele mudará.” (Vide: *Egoísmo*, cap. XII)

Há duas espécies de progresso que se prestam mútuo apoio e, entretanto, não caminham lado a lado: são o progresso intelectual e o progresso moral. Entre os povos civilizados, o primeiro recebe, no decorrer deste século, todos os incentivos desejáveis; por isso atingiu, na época atual, um grau até então desconhecido. Falta muito para que o segundo esteja no mesmo nível e, entretanto, se compararmos os costumes sociais de hoje com os de alguns séculos atrás, precisaríamos ser cegos para negar o progresso. Por que, então, a marcha ascendente se deteria, preferentemente para o moral do que para a inteligência? Por que não haveria tanta diferença entre os séculos dezanove e o vigésimo quarto, quanto entre os séculos quatorze e o dezanove? Duvidar disso seria supor que a Humanidade estivesse no apogeu da perfeição, o que seria absurdo, ou que ela não fosse, moralmente, perfectível, o que é desmentido pela experiência.

Povos Degenerados

786. A História nos mostra uma multidão de povos que, após os abalos que os perturbaram, recaíram na barbárie; onde, neste caso, está o progresso?

“Quando tua casa ameaça cair, tu a derrubas para construir uma outra mais sólida e mais cômoda; mas, até que ela esteja construída, há perturbação e confusão na tua morada.”

“Compreende mais isto: eras pobre e moravas num casebre; enriquecendo, tu o deixas para morar num palácio. Então, um pobre diabo como eras, vem tomar

o teu lugar no casebre e ainda fica muito contente, pois, antes, não tinha abrigo. Pois bem! Aprende, portanto, que os Espíritos que encarnaram nesse povo degenerado não são aqueles que o compunham, na época do seu esplendor; aqueles de então, que eram adiantados, mudaram para habitações mais perfeitas e progrediram, enquanto outros, menos adiantados, tomaram o seu lugar que, a seu turno, deixarão, um dia.”

787. Não há raças, por sua natureza, rebeldes ao progresso?

“Sim, mas estas se aniquilam, *corporalmente*, todos os dias.”

a) Qual será a sorte futura das almas que animam essas raças?

“Elas chegarão, como todas as outras, à perfeição, passando por outras existências; a ninguém Deus deserda.”

b) Então, os homens mais civilizados podem ter sido selvagens e antropófagos?

“Tu mesmo o foste, mais de uma vez, antes de seres o que és.”

788. Os povos são individualidades coletivas que, como os indivíduos, passam pela infância, pela idade madura e pela decrepitude; esta verdade, constatada pela História, não poderá fazer supor que os povos mais adiantados deste século terão seu declínio e seu fim, como os da Antigüidade?

“Os povos que apenas vivem a vida do corpo, aqueles cuja grandeza unicamente está fundamentada na força e na extensão territorial, nascem, crescem e morrem, porque a força de um povo se esgota, como a de um homem; aqueles cujas leis egoístas destoam do progresso das luzes e da caridade morrem, porque a luz mata as trevas e a caridade mata o egoísmo; mas há, para os povos, como para os indivíduos, a vida da alma; aqueles cujas leis se harmonizam com as leis eternas do Criador viverão e serão o farol para os outros povos.”

789. O progresso reunirá, um dia, todos os povos da Terra numa única nação?

“Não; numa única nação, não; isto é impossível, pois da diversidade dos climas nascem costumes e necessidades diferentes que constituem as nacionalidades; é por isso que sempre lhes serão necessárias leis apropriadas a esses costumes e a essas necessidades; mas a caridade desconhece latitudes e não faz distinção entre a cor dos homens. Quando a lei de Deus constituir, por toda a parte, a base da lei humana, os povos praticarão a caridade de um para com o outro, como os indivíduos, de homem para homem; então, viverão felizes e em paz, porque ninguém procurará causar prejuízo ao seu vizinho, nem viver às suas custas.”

A Humanidade progride através dos indivíduos que, pouco a pouco, se melhoram e se esclarecem; então, quando estes se tornam a maioria, tomam a frente e arrastam os outros. De tempos em tempos, surgem, entre eles, homens de gênio que dão um impulso; depois, homens dispostos de autoridade, como instrumentos de Deus, que, em alguns anos, fazem-na avançar vários séculos.

O progresso dos povos faz sobressair mais ainda a justiça da reencarnação. Os homens de bem fazem louváveis esforços para fazer com que uma nação se adiante moral e intelectualmente; a nação, transformada, será mais feliz, quer neste mundo, quer no outro; porém, durante

sua lenta marcha através dos séculos, milhares de indivíduos morrem a cada dia; qual a sorte de todos aqueles que sucumbem no trajeto? Sua relativa inferioridade os priva da felicidade reservada aos que chegaram por último? Ou a felicidade deles é relativa? A justiça divina não poderia consagrar tamanha injustiça. Através da pluralidade das existências, o direito à felicidade é o mesmo para todos, pois ninguém está deserdado do progresso; aqueles que viveram no tempo da barbárie podem voltar, na época da civilização, no mesmo povo ou em outro, daí resultando que todos tiram proveito da marcha ascendente.

Mas o sistema da unicidade das existências apresenta, aqui, uma outra dificuldade. De acordo com este sistema, a alma é criada no momento do nascimento; portanto, se um homem é mais adiantado do que um outro, é que Deus criou para ele uma alma mais adiantada. Por que este favor? Que mérito ele tem, ele que não viveu mais do que outro, que, talvez, tenha vivido menos, para ser dotado de uma alma superior? Mas aí não está a principal dificuldade. Uma nação passa, no período de mil anos, da barbárie à civilização. Se os homens vivessem mil anos, conceber-se-ia que, neste intervalo, tivessem tempo de progredir; mas todos os dias morrem pessoas de todas as idades; incessantemente, elas se renovam, de tal forma que, a cada dia, vemos-as aparecer e desaparecer. Ao final de mil anos, não há mais vestígio dos antigos habitantes; a nação, de bárbara que era, tornou-se civilizada; o que foi que progrediu? Foram os indivíduos, outrora bárbaros? Mas eles morreram há muito tempo. Foram os recém-chegados? Mas, se a alma deles é criada no momento do seu nascimento, essas almas não existiam, no tempo da barbárie e é preciso, então, admitir que *os esforços que se fazem para civilizar um povo têm o poder, não de melhorar almas imperfeitas, mas de fazer Deus criar almas mais perfeitas.*

Comparemos esta teoria do progresso com a que é apresentada pelos Espíritos. As almas que vieram na época da civilização tiveram sua infância, como todas as outras; elas, porém, já tinham vivido e vieram, adiantadas, por um progresso anterior; elas vêm, atraídas por um meio que lhes é simpático e que está de acordo com seu estado atual; de maneira que os cuidados dispensados à civilização de um povo não têm por efeito fazer com que se criem almas mais perfeitas para o futuro, mas atrair aquelas que já progrediram, quer tenham vivido no seio deste mesmo povo, no tempo de sua barbárie, quer tenham vindo de outra parte. Aí está também a chave do progresso da Humanidade inteira; quando todos os povos estiverem no mesmo nível, relativamente ao sentimento do bem, a Terra será o ponto de encontro apenas de bons Espíritos que viverão, entre si, numa união fraterna e os maus, achando-se dali repelidos e deslocados, irão procurar, nos mundos inferiores, o meio que lhes convém, até que sejam dignos de vir até o nosso, então transformado. A teoria vulgar tem ainda esta consequência: os trabalhos de melhoria social só são proveitosos para as gerações presentes e futuras, sendo o resultado deles nulo para as gerações passadas que cometeram o erro de vir muito cedo e que se tornam o que podem ser, sobrecarregadas que estão de seus atos de barbárie. Segundo a doutrina dos Espíritos, os progressos ulteriores são igualmente proveitosos para essas gerações, que revivem em condições melhores e podem, assim, aperfeiçoar-se à luz da civilização. (222)

Civilização

790. A civilização é um progresso ou, conforme alguns filósofos, uma decadência da Humanidade?

“Progresso incompleto; o homem não passa, subitamente, da infância à idade madura.”

a) É racional condenar a civilização?

“Condenai, antes, os que dela abusam e, não, a obra de Deus.”

791. A civilização se depurará, um dia, de maneira a fazer desaparecer os males que tenha produzido?

“Sim, quando o moral estiver tão desenvolvido quanto a inteligência. O fruto não pode vir antes da flor.”

792. Por que a civilização não realiza, imediatamente, todo o bem que poderia produzir?

“Porque os homens ainda não estão prontos, nem dispostos a alcançar esse bem.”

a) Não seria também porque, ao criar novas necessidades, ela sobreexcita paixões novas?

“Sim; e porque nem todas as faculdades do Espírito progredem simultaneamente; é preciso tempo para tudo. Não podeis esperar frutos perfeitos de uma civilização incompleta.” (751-780)

793. Através de que sinais pode-se reconhecer uma civilização completa?

“Vós a reconheceréis pelo desenvolvimento moral. Credes que estais muito adiantados, porque fizestes grandes descobertas e invenções maravilhosas; porque vos alojais e vos vestis melhor do que os selvagens; mas só tereis verdadeiramente o direito de vos considerar civilizados, quando tiverdes banido de vossa sociedade os vícios que a desonram e quando viverdes, entre vós, como irmãos, praticando a caridade cristã; até lá, sereis apenas povos instruídos, tendo percorrido somente a primeira fase da civilização.”

A civilização, como todas as coisas, tem suas graduações. Uma civilização incompleta é um estado de transição que gera males específicos, desconhecidos no estado primitivo; mas, nem por isso, ela deixa de constituir um progresso natural, necessário, que traz consigo o remédio para o mal que causa. À medida que a civilização se aperfeiçoa, faz cessar alguns dos males que gerou e esses males desaparecerão com o progresso moral.

De dois povos que tenham chegado ao topo da escala social, só pode considerar-se o mais civilizado, na verdadeira acepção da palavra, aquele em que se encontre menos egoísmo, cobiça e orgulho; onde os hábitos sejam mais intelectuais e morais do que materiais; onde a inteligência possa desenvolver-se com maior liberdade; onde haja mais bondade, boa-fé, benevolência e generosidade recíprocas; onde os preconceitos de casta e de nascimento estejam menos enraizados, pois esses preconceitos são incompatíveis com o verdadeiro amor do próximo; onde as leis nenhum privilégio consagrem e sejam as mesmas, para o último, como para o primeiro; onde a justiça se exerça com menos parcialidade; onde o fraco sempre encontre apoio contra o forte; onde a vida do homem, suas crenças e suas opiniões sejam melhor respeitadas; onde existam menos desgraçados e, finalmente, onde todo homem de boa-vontade esteja sempre seguro de não lhe faltar o necessário.

Progresso da Legislação Humana

794. A sociedade poderia ser regida apenas pelas leis naturais, sem a cooperação das leis humanas?

“Poderia, se as compreendessem bem e se tivessem vontade de praticá-las, elas bastariam; a sociedade, porém, tem suas exigências e são-lhe necessárias leis específicas.”

795. Qual a causa da instabilidade das leis humanas?

“Nos tempos de barbárie, foram os mais fortes que fizeram as leis e fizeram-nas para si. À medida que os homens foram compreendendo melhor a justiça, tornou-se necessário modificá-las. As leis humanas são mais estáveis, à medida que se aproximam da verdadeira justiça, que são feitas para todos e que se identificam com a lei natural.”

A civilização criou, para o homem, necessidades novas e essas necessidades são relativas à posição social que ele ocupe. Ele teve que regular os direitos e os deveres dessa posição, através de leis humanas; porém, sob a influência de suas paixões, freqüentemente, tem criado direitos e deveres imaginários, que a lei natural condena, e que os povos apagam de seus códigos, à proporção que progredem. A lei natural é imutável e a mesma para todos; a lei humana é variável e progressiva e só ela pôde ter consagrado, na infância das sociedades, o direito do mais forte.

796. A severidade das leis penais não constitui uma necessidade, no estado atual da sociedade?

“Uma sociedade depravada certamente precisa de leis mais severas; infelizmente, essas leis se destinam mais a punir o mal, quando este está feito, do que a secar sua fonte. Somente a educação poderá reformar os homens; então, eles não necessitarão mais de leis tão rigorosas.”

797. Como o homem poderá ser levado a reformar suas leis?

“Isto acontece, naturalmente, pela força das coisas e a influência das pessoas de bem que o conduzem no caminho do progresso. Ele já reformou muitas e reformará muitas outras. Espere!”

Influência do Espiritismo no Progresso

798. O Espiritismo se tornará uma crença comum ou permanecerá sendo partilhado por algumas pessoas?

“Certamente ele se tornará uma crença comum e marcará uma nova era na História da Humanidade, porque está na Natureza e chegou o tempo em que deverá ocupar seu lugar entre os conhecimentos humanos; todavia, terá que sustentar grandes lutas, muito mais contra o interesse, do que contra a convicção, pois não há como dissimular que existem pessoas interessadas em combatê-lo, umas, por amor-próprio, outras, por causas inteiramente materiais; mas os contraditores, encontrando-se cada vez mais isolados, serão forçados a pensar como todo o mundo, sob pena de se tornarem ridículos.”

As idéias só se transformam com o tempo e nunca subitamente; elas se enfraquecem, de geração em geração, e terminam por desaparecer, pouco a pouco, com aqueles que as professavam e que são substituídos por outros indivíduos imbuídos de novos princípios, como acontece com as idéias políticas. Vede o paganismo: certamente não existe, atualmente, quem professe as idéias religiosas daqueles tempos; entretanto, vários séculos depois do advento do Cristianismo, elas deixaram marcas, que somente a completa renovação das raças conseguiu

* Vide nota explicativa no final do livro (N.E.)

apagar. Assim será com o Espiritismo; ele progride muito, mas haverá ainda, durante duas ou três gerações, um fermento de incredulidade que só o tempo dissipará. No entanto, sua marcha será mais rápida do que a do Cristianismo, porque é o próprio Cristianismo, sobre o qual ele se apóia, que lhe abre os caminhos. O Cristianismo tinha que destruir; o Espiritismo só tem que edificar.

799. De que maneira o Espiritismo pode contribuir para o progresso?

“Destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, ele faz com que os homens compreendam onde se encontra o seu verdadeiro interesse. Não estando mais a vida futura velada pela dúvida, o homem compreende melhor que poderá assegurar o seu futuro através do presente. Destruindo os preconceitos de seitas, de castas e de cores, ele ensina aos homens a grande solidariedade que deve uni-los como irmãos.”

800. Deveremos temer que o Espiritismo não consiga triunfar da negligência dos homens e do seu apego às coisas materiais?

“Seria conhecer bem pouco os homens, para pensar que uma causa qualquer pudesse transformá-los como que por encanto. As idéias se modificam, pouco a pouco, conforme os indivíduos e são necessárias gerações, para apagar completamente os traços dos velhos hábitos. A transformação, portanto, só pode efetuar-se com o tempo, gradual e progressivamente; a cada geração, uma parte do véu se dissipa; o Espiritismo vem rasgá-lo completamente; porém, mesmo que tivesse por efeito corrigir um único defeito de um homem, seria um passo que ele o teria levado a dar e, por isso mesmo, teria feito um grande bem, pois este primeiro passo tornar-lhe-á os outros mais fáceis.”

801. Por que os Espíritos não ensinaram, em todos os tempos, o que hoje ensinam?

“Não ensinai às crianças o que ensinai aos adultos e não dais ao recém-nascido um alimento que ele não possa digerir; cada coisa a seu tempo. Eles ensinaram muitas coisas que os homens não compreenderam, ou desnaturaram, mas que, agora, podem compreender. Através dos seus ensinamentos, mesmo incompletos, eles prepararam o terreno para receber a semente que, hoje, vai frutificar.”

802. Visto que o Espiritismo deve marcar um progresso na Humanidade, por que os Espíritos não apressam este progresso, através de manifestações tão generalizadas e tão patentes, que a convicção atinja até os mais incrédulos?

“Desejaríeis milagres; mas Deus os espalha a mancheias, em vosso caminho, e ainda há homens que o negam. O próprio Cristo convenceu seus contemporâneos, através dos prodígios que fez? Não vedes, atualmente, homens negarem os fatos mais patentes que se passam diante de seus olhos? Não há aqueles que dizem que não acreditariam, ainda que tivessem visto? Não; não é por meio dos prodígios que Deus quer conduzir os homens; na sua bondade, ele quer deixar-lhes o mérito de se convencerem pela razão.”



Capítulo IX

Lei de Igualdade

1. Igualdade Natural.
2. Desigualdade das Aptidões.
3. Desigualdades Sociais.
4. Desigualdade das Riquezas.
5. Provas da Riqueza e da Miséria.
6. Igualdade dos Direitos do Homem e da Mulher.
7. Igualdade Diante do Túmulo.

Igualdade Natural

803. Todos os homens são iguais, diante de Deus?

“Sim, todos tendem para o mesmo objetivo e Deus fez suas leis para todo o mundo. Frequentemente dizeis: O Sol brilha para todos; e aí está uma verdade maior e mais geral do que pensais.”

Todos os homens estão submetidos às mesmas leis da Natureza; todos nascem igualmente fracos, estão sujeitos às mesmas dores e o corpo do rico se destrói como o do pobre. Portanto, Deus a nenhum homem concedeu superioridade natural, nem pelo nascimento, nem pela morte: diante dele, todos são iguais.

Desigualdade das Aptidões

804. Por que Deus não concedeu as mesmas aptidões a todos os homens?

“Deus criou iguais todos os Espíritos, mas cada um deles vive há mais ou menos tempo e, por conseguinte, possui mais ou menos aquisições; a diferença está no grau de sua experiência e da vontade que lhes constitui o livre-arbítrio: daí, uns se aperfeiçoarem mais rapidamente, o que lhes dá aptidões diversas. A interação das aptidões é necessária, a fim de que cada um possa concorrer para os desígnios da Providência, no limite do desenvolvimento de suas forças físicas e intelectuais: o que um não faz, o outro o faz; é assim que cada um tem seu papel útil. Além disso, sendo *solidários entre si* todos os mundos, é necessário que os habitantes dos mundos superiores que, na sua maioria, foram criados antes do vosso, venham aqui habitar para vos dar o exemplo.” (361)

805. Ao passar de um mundo superior para um mundo inferior, o Espírito conserva, integralmente, as faculdades adquiridas?

“Sim, já o dissemos: o Espírito que progrediu não retrocede; ele pode escolher, no seu estado de Espírito, um envoltório mais embotado, ou uma posição mais precária do que a que teve, mas tudo isso sempre para servir-lhe de ensinamento e ajudá-lo a progredir.” (180)

Assim, a diversidade das aptidões do homem não depende da natureza íntima de sua criação, mas do grau de aperfeiçoamento a que chegaram os Espíritos nele encarnados. Deus, portanto, não criou a desigualdade das faculdades, mas permitiu que os diferentes graus de desenvolvimento estivessem em contato, a fim de que os mais adiantados pudessem auxiliar no progresso dos mais atrasados e, também, para que os homens, necessitando uns dos outros, compreendessem a lei de caridade que os deve unir.

Desigualdades Sociais

806. A desigualdade das condições sociais é uma lei da Natureza?

“Não, ela é obra do homem e, não, de Deus.”

a) Essa desigualdade desaparecerá um dia?

“Só as leis de Deus são eternas. Não a vês apagar-se, pouco a pouco, todos os dias? Essa desigualdade desaparecerá ao mesmo tempo que a predominância do orgulho e do egoísmo; só restará a desigualdade do mérito. Chegará um dia em que os membros da grande família dos filhos de Deus não se verão mais como de sangue mais ou menos puro; só o Espírito é mais ou menos puro e isso não depende da posição social.”

807. Que pensar daqueles que abusam da superioridade de sua posição, para oprimir o fraco em seu próprio proveito?

“Aqueles merecem o anátema; pobres coitados! Serão, a seu turno, oprimidos e *renascerão* numa existência em que suportarão tudo o que tiverem feito os outros suportarem.” (684)

Desigualdade das Riquezas

808. A desigualdade das riquezas não se origina da desigualdade das faculdades, que dá a uns mais meios de adquirir bens do que a outros?

“Sim e não; e da astúcia e do roubo, o que dizes disto?”

a) Entretanto, a riqueza hereditária não é fruto de más paixões...

“Que sabes sobre isto? Remonta à fonte e verás se ela é sempre pura. Sabes se, no início, ela não se originou de uma espoliação ou de uma injustiça? Porém, sem falar da origem, que pode ser má, acreditas que a cobiça do bem material, mesmo quando bem adquirido, os desejos secretos de possuí-lo o mais cedo possível, sejam sentimentos louváveis? É isto o que Deus julga e eu te asseguro que seu julgamento é mais severo do que o dos homens.”

809. Se uma fortuna foi mal adquirida, na sua origem, aqueles que, mais tarde, a herdam são responsáveis por isso?

“Certamente não são responsáveis pelo mal que outros tenham feito, principalmente, se o ignoram; mas, fica sabendo que, freqüentemente, uma fortuna só

cabe a um homem, para lhe proporcionar a oportunidade de reparar uma injustiça. Feliz dele, se assim o compreende! Se o faz em nome daquele que cometeu a injustiça, a reparação será levada em conta para ambos, pois, muitas vezes, é este último quem a provoca.”

810. Sem se afastar da legalidade, qualquer um pode dispor de seus bens, de modo mais ou menos eqüitativo. Quem o faz é responsável, depois da morte, pelas disposições que tomou?

“Toda ação produz seus frutos; os frutos das boas ações são doces; os das outras são sempre amargos. Sempre, entendei-o bem.”

811. É possível a igualdade absoluta das riquezas e, algum dia, terá ela existido?

“Não, ela não é possível. A diversidade das faculdades e dos caracteres a isso se opõe.”

a) Há, entretanto, homens que acreditam que nela está o remédio para os males da sociedade; o que pensais sobre isso?

“São sistemáticos, ou ambiciosos e invejosos; não compreendem que a igualdade com que sonham seria logo rompida pela força das coisas. Combatei o egoísmo, aí está a vossa chaga social, e não procureis quimeras.”

812. Se a igualdade das riquezas não é possível, acontecerá o mesmo com o bem-estar?

“Não, mas o bem-estar é relativo e todos poderiam dele desfrutar, se se entendessem bem, pois o verdadeiro bem-estar consiste no emprego do seu tempo à sua vontade, e não em trabalhos nos quais não sente prazer algum; e como cada um possui aptidões diferentes, nenhum trabalho útil ficaria por fazer. O equilíbrio existe em tudo, é o homem quem quer perturbá-lo.”

a) Será possível que se entendam?

“Os homens se entenderão, quando praticarem a lei de justiça.”

813. Há pessoas que, por sua culpa, caem na indigência e na miséria; a sociedade não pode ser responsabilizada por isso?

“Certamente; já dissemos que ela é, muitas vezes, a causa principal dessas situações; e, além disso, não cabe a ela velar pela sua educação moral? Frequentemente, é a má educação que falseia-lhes o discernimento, em vez de sufocar-lhes as tendências perniciosas.” (685)

Provas da Riqueza e da Miséria

814. Por que Deus concedeu a uns as riquezas e o poder e a outros a miséria?

“Para experimentá-los de maneiras diferentes. Além disso, como sabeis, essas provas, foram os próprios Espíritos que as escolheram e, frequentemente, a elas sucumbem.”

815. Qual das duas provas é mais terrível para o homem, a da desgraça ou a da fortuna?

“Tanto uma quanto outra o são. A miséria provoca a *queixa* contra a Providência, a riqueza incita a todos os excessos.”

816. Se o rico está mais sujeito a tentações, não possui também mais meios para fazer o bem?

“É justamente o que nem sempre faz; torna-se egoísta, orgulhoso e insaciável; suas necessidades aumentam com sua fortuna e ele crê nunca possuir o bastante para si unicamente.”

A alta posição neste mundo e a autoridade sobre seus semelhantes são provas tão grandes e tão escorregadias quanto a desgraça; pois, quanto mais rico e poderoso, tanto *mais obrigações a cumprir* e tanto maiores os meios de fazer o bem e o mal. Deus experimenta o pobre pela resignação e o rico pelo uso que faz de seus bens e de seu poder.

A riqueza e o poder fazem nascer todas as paixões que nos prendem à matéria e nos afastam da perfeição espiritual; foi por isso que Jesus disse: “Em verdade, vos digo que é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha, do que um rico entrar no reino dos céus.”(266)

Igualdade dos Direitos do Homem e da Mulher

817. O homem e a mulher são iguais diante de Deus e possuem os mesmos direitos?

“Deus não concedeu a ambos a inteligência do bem e do mal e a faculdade de progredir?”

818. De onde provém a inferioridade moral da mulher em alguns países?

“É do domínio injusto e cruel que o homem adotou para com ela. É resultado das instituições sociais e do abuso da força sobre a fraqueza. Entre os homens pouco adiantados, do ponto de vista moral, a força faz o direito.”

819. Com que objetivo a mulher é fisicamente mais fraca do que o homem?

“Para lhe indicar funções especiais. O homem, sendo o mais forte, a ele cabem os trabalhos rudes; à mulher cabem os trabalhos leves e a ambos o dever de se ajudarem mutuamente a passar pelas provas de uma vida cheia de amargor.”

820. A fraqueza física da mulher não a coloca, naturalmente, sob a dependência do homem?

“Deus deu a uns a força, para proteger o fraco e, não, para escravizá-lo.”

Deus apropriou a organização de cada ser às funções que deve desempenhar. Se deu à mulher menor força física, deu-lhe, ao mesmo tempo, maior sensibilidade, em relação à delicadeza das funções maternas e à fraqueza dos seres confiados aos seus cuidados.

821. As funções a que a mulher está destinada pela Natureza têm uma importância tão grande quanto as que são atribuídas ao homem?

“Sim, e maior ainda; é ela quem lhe dá as primeiras noções da vida.”

822. Sendo os homens iguais diante da lei de Deus, devem sê-lo também diante da lei dos homens?

“É este o primeiro princípio de justiça: Não façais aos outros o que não quereis que vos fizessem.”

a) Assim sendo, uma legislação, para ser perfeitamente justa, deve consagrar a igualdade dos direitos entre o homem e a mulher?

“Dos direitos, sim; das funções, não; é preciso que cada um ocupe um lugar específico; que o homem se ocupe com o exterior e a mulher com o interior, cada um de acordo com sua aptidão. A lei humana, para ser equitativa, deve consagrar a igualdade dos direitos entre o homem e a mulher; qualquer privilégio concedido a um ou a outro é contrário à justiça. *A emancipação da mulher acompanha o progresso da civilização*; sua servidão marcha com a barbárie. Os sexos, aliás, só existem na organização física; já que os Espíritos podem tomar um ou outro, não há, sob esse aspecto, diferença entre eles e, por conseguinte, devem gozar dos mesmos direitos.”

Igualdade Diante do Túmulo

823. De onde se origina o desejo de o homem perpetuar sua memória, através dos monumentos fúnebres?

“Último ato de orgulho.”

a) Mas, em geral, a suntuosidade dos monumentos fúnebres não se deve mais ao fato de os parentes quererem honrar a memória do defunto, do que à vontade do próprio defunto?

“Orgulho dos parentes que querem glorificar a si mesmos. Oh! Sim, nem sempre é pelo morto que se fazem todas essas demonstrações: é pelo amor-próprio e para o mundo e, também, para fazer ostentação de sua riqueza. Acreditas que a lembrança de um ser querido seja menos durável no coração do pobre, porque este apenas pode colocar uma flor, sobre seu túmulo? Crês que o mármore salve do esquecimento aquele que foi inútil na Terra?”

824. Reprovais, de modo absoluto, a pompa dos funerais?

“Não; quando ela honra a memória de um homem de bem, é justa e de bom exemplo.”

O túmulo é o ponto de encontro de todos os homens; ali terminam, impiedosamente, todas as distinções humanas. É em vão que o rico quer perpetuar sua memória, através de fastuosos monumentos: o tempo os destruirá, do mesmo modo que ao corpo; assim o quer a Natureza. A lembrança de suas boas e más ações será menos perecível do que seu túmulo; a pompa dos funerais não o lavará de suas torpezas e não o fará subir um degrau sequer na hierarquia espiritual. (320 e seguintes)



Capítulo X

Lei de Liberdade

1. Liberdade Natural.
2. Escravidão.
3. Liberdade de Pensar.
4. Liberdade de Consciência.
5. Livre-arbítrio.
6. Fatalidade.
7. Conhecimento do Futuro.
8. Resumo Teórico do Móvel das Ações do Homem.

Liberdade Natural

825. Existem posições no mundo em que o homem possa se vangloriar de gozar de uma liberdade absoluta?

“Não, porque todos vós tendes necessidade uns dos outros, tanto os pequenos, quanto os grandes.”

826. Qual seria a condição na qual o homem poderia gozar de uma liberdade absoluta?

“A do eremita no deserto. *Desde que haja dois homens juntos, têm eles direitos a respeitar e, por conseguinte, não gozam mais de liberdade absoluta.*”

827. A obrigação de respeitar os direitos alheios tira do homem o direito de pertencer-se a si mesmo?

“De modo algum, pois este é um direito que lhe provém da Natureza.”

828. Como conciliar as opiniões liberais de certos homens com o despotismo que, freqüentemente, eles próprios exercem, na intimidade e sobre seus subordinados?

“Eles têm a compreensão da lei natural, mas ela é contrabalançada pelo orgulho e o egoísmo. Compreendem o que deve ser feito, mas não o fazem; é quando seus princípios não passam de uma comédia representada calculadamente.”

a) Os princípios que professaram, neste mundo, ser-lhes-ão serão levados em conta, na outra vida?

“Quanto mais inteligência para compreender um princípio, menos se é desculpável por não aplicá-lo a si mesmo. Em verdade, vos digo que o homem simples,

porém sincero, está mais adiantado no caminho de Deus, do que aquele que quer parecer o que não é.”

Escravidão

829. Existem homens que estejam, por Natureza, destinados a ser propriedade de outros homens?

“Toda sujeição absoluta de um homem a um outro homem é contrária à lei de Deus. A escravidão é um abuso da força; desaparece com o progresso, como desaparecerão, pouco a pouco, todos os abusos.”

A lei humana que consagra a escravidão é contrária à Natureza, visto que assemelha o homem ao animal e o degrada moral e fisicamente.

830. Quando a escravidão faz parte dos costumes de um povo, aqueles que dela se aproveitam são censuráveis, já que apenas se conformam com um uso que lhes parece natural?

“O mal é sempre o mal e nenhum de vossos sofismas fará com que uma ação má se torne boa; mas a responsabilidade do mal é relativa aos meios de que se dispõe para compreendê-lo. Aquele que tira proveito da lei da escravidão é sempre culpado de uma violação da lei da Natureza; mas nisto, como em todas as coisas, a culpabilidade é relativa. Tendo a escravidão passado aos costumes de alguns povos, o homem dela se aproveitou de boa-fé e como de uma coisa que lhe parecia natural; porém, desde que sua razão, mais desenvolvida e, principalmente, esclarecida pelas luzes do Cristianismo, lhe mostrou, no escravo, um seu igual diante de Deus, ele não tem mais desculpa.”

831. A desigualdade natural das aptidões não coloca algumas raças humanas* sob a dependência das raças mais inteligentes?

“Sim, para elevá-las e, não, para as embrutecer ainda mais, pela servidão. Os homens, durante longo tempo, viram certas raças humanas como animais de trabalho, munidos de braços e de mãos, que eles se julgaram com o direito de vender como bestas de carga. Consideravam-se de sangue mais puro; insensatos os que só vêem a matéria! Não é o sangue que é mais ou menos puro, mas o Espírito.” (361-803)

832. Há homens que tratam seus escravos com humanidade; que não deixam que nada lhes falte e acham que a liberdade os exporia a maiores privações; que dizeis disto?

“Digo que esses compreendem melhor os seus interesses; dispensam, igualmente, grande cuidado a seus bois e cavalos, a fim de com eles conseguir mais lucro no mercado. Não são tão culpados quanto aqueles que os maltratam, mas, nem por isso, deixam de dispor deles como de uma mercadoria, privando-os do direito de se pertencerem a si mesmos.”

* Vide nota explicativa no final do livro (N.E.)

Liberdade de Pensar

833. Há, no homem, algo que escape a qualquer constrangimento e, através do qual, ele goze de uma liberdade absoluta?

“É no pensamento que o homem goza de uma liberdade sem limite, pois ele não conhece entraves. Pode-se deter-lhe o impulso, mas não anulá-lo.”

834. O homem é responsável pelo seu pensamento?

“Diante de Deus, ele é responsável; somente Deus pode conhecer-lhe as idéias e as condena ou absolve, segundo sua justiça.”

Liberdade de Consciência

835. A liberdade de consciência é uma consequência da liberdade de pensar?

“A consciência é um pensamento íntimo, que pertence ao homem, como todos os outros pensamentos.”

836. O homem tem o direito de pôr entraves à liberdade de consciência?

“Nem a esta, nem à liberdade de pensar, pois só Deus tem o direito de julgar a consciência. Se o homem regula, através de suas leis, as relações de homem para homem, Deus, através das leis da Natureza, regula as relações entre ele e o homem.”

837. Qual é o resultado dos entraves postos à liberdade de consciência?

“Constranger os homens a agir diferentemente do seu modo de pensar é fazê-los hipócritas. A liberdade de consciência é um dos caracteres da verdadeira civilização e do progresso.”

838. Qualquer crença é respeitável ainda que seja notoriamente falsa?

“Qualquer crença é respeitável, quando é sincera e conduz à prática do bem. As crenças condenáveis são as que conduzem ao mal.”

839. Será repreensível escandalizar com nossa crença aquele que não pensa como nós?

“É faltar com a caridade e atentar contra a liberdade de pensar.”

840. Será atentar contra a liberdade de consciência entrar as crenças capazes de perturbar a sociedade?

“Os atos podem ser reprimidos, mas a crença íntima é inacessível.”

Reprimir os atos exteriores de uma crença, quando estes atos trazem um prejuízo qualquer ao próximo, não significa atentar contra a liberdade de consciência, pois esta repressão deixa à crença sua inteira liberdade.

841. Deve-se, por respeito à liberdade de consciência, deixar que se propaguem doutrinas perniciosas, ou pode-se, sem atentar contra esta liberdade, procurar reconduzir, ao caminho da verdade, aqueles que se transviaram, através de falsos princípios?

“Certamente, pode-se e até se deve; mas ensinai, a exemplo de Jesus, *através da brandura e da persuasão* e, não, pela força, o que seria pior do que a crença

daquele a quem se desejasse convencer. Se há alguma coisa que se possa impor são o bem e a fraternidade; mas não acreditamos que o meio de torná-los aceitos seja agir com violência: a convicção não se impõe.”

842. Tendo todas as doutrinas a pretensão de ser a única expressão da verdade, através de que sinais pode-se reconhecer a que tem o direito de se apresentar como tal?

“Será aquela que fizer mais homens de bem e menos hipócritas, isto é, pela prática da lei de amor e de caridade, na sua maior pureza e na sua mais ampla aplicação. Por este sinal, reconheceréis que uma doutrina é boa, pois qualquer doutrina que tenha como consequência semear a desunião e estabelecer uma linha divisória, entre os filhos de Deus, só pode ser falsa e perniciosa.”

Livre-arbítrio

843. O homem tem o livre-arbítrio de seus atos?

“Visto que tem a liberdade de pensar, tem a de agir. Sem o livre-arbítrio, o homem seria uma máquina.”

844. O homem goza do livre-arbítrio desde o seu nascimento?

“Há liberdade de agir, desde que haja vontade de fazê-lo. Nas primeiras fases da vida, a liberdade é quase nula; ela se desenvolve e muda de alvo, com o desenvolvimento das faculdades. Estando os pensamentos de acordo com as necessidades de sua idade, a criança aplica seu livre-arbítrio às coisas que lhe são necessárias.”

845. As predisposições instintivas que o homem traz, ao nascer, não constituem um obstáculo ao exercício do livre-arbítrio?

“As predisposições instintivas são as do Espírito, antes da sua encarnação; conforme ele seja mais ou menos adiantado, elas podem instigá-lo à prática de atos repreensíveis e nisso será secundado por Espíritos que simpatizam com essas disposições; não há, porém, arrastamento irresistível, quando se tem a vontade de resistir. Lembrai-vos de que querer é poder.”(361)

846. O organismo não terá influência sobre os atos da vida? E, se tiver influência, não será em detrimento do livre-arbítrio?

“O Espírito é certamente influenciado pela matéria que pode entravá-lo nas suas manifestações; eis por que, nos mundos onde os corpos são menos materiais do que na Terra, as faculdades se desdobram mais livremente, mas o instrumento não dá a faculdade. Além disso, é preciso distinguir, aqui, as faculdades morais das faculdades intelectuais; se um homem tem o instinto do assassinio, é, com certeza, seu próprio Espírito que o possui e quem lho dá, não, os seus órgãos. Aquele que anula seu pensamento, para somente se ocupar com a matéria, torna-se semelhante ao animal, ou pior ainda, pois nem pensa em se prevenir contra o mal e é isto que incide em erro, já que assim age, por sua vontade. (Ver 367 e seguintes, *Influência do organismo*)

847. A aberração das faculdades tira do homem o livre-arbítrio?

“Aquele cuja inteligência se acha perturbada por uma causa qualquer não é mais senhor do seu pensamento e, desde então, não goza mais de liberdade. Essa aberração é, freqüentemente, uma punição para o Espírito que, numa outra existência, pode ter sido fútil e orgulhoso e ter feito um mau uso de suas faculdades. Pode renascer no corpo de um idiota, como o déspota, no corpo de um escravo e o mau rico, no de um mendigo; o Espírito, porém, sofre por esse constrangimento do qual tem perfeita consciência; aí é que está a ação da matéria.” (371 e seguintes)

848. A aberração das faculdades intelectuais provocada pela embriaguez desculpa os atos reprováveis?

“Não, pois o bêbedo privou-se, voluntariamente, de sua razão, para satisfazer paixões brutais: em vez de uma falta, comete duas.”

849. Qual a faculdade predominante no homem em estado de selvageria: o instinto ou o livre-arbítrio?

“O instinto; o que não o impede de agir com inteira liberdade, para certas coisas; porém, como a criança, ele aplica esta liberdade às suas necessidades e ela se desenvolve com a inteligência; por conseguinte, tu, que és mais esclarecido do que um selvagem, és também mais responsável pelo que fazes do que um selvagem.”

850. A posição social não constitui, algumas vezes, um obstáculo à inteira liberdade dos atos?

“Sem dúvida, o mundo tem suas exigências; Deus é justo: tudo leva em conta, mas vos deixa a responsabilidade dos poucos esforços que fazeis para superar os obstáculos.”

Fatalidade

851. Haverá uma fatalidade nos acontecimentos da vida, conforme o sentido dado a esta palavra, isto é, todos os acontecimentos achar-se-ão fixados antecipadamente? E, neste caso, o que vem a ser do livre-arbítrio?

“A fatalidade existe apenas pela escolha que o Espírito fez, ao reencarnar, de experimentar esta ou aquela prova; escolhendo-a, constrói para si uma espécie de destino, que é a própria conseqüência da posição em que se acha colocado; falo das provas físicas, pois, no que diz respeito às provas morais e às tentações, o Espírito, conservando seu livre-arbítrio sobre o bem e o mal, é sempre senhor de ceder ou de resistir. Um bom Espírito, vendo-o fraquejar, pode vir em seu auxílio, mas não pode influir sobre ele, de maneira a dominar sua vontade. Um mau Espírito, isto é, inferior, mostrando-lhe, exagerando-lhe um perigo físico, pode abalá-lo e apavorá-lo; mas, nem por isso, a vontade do Espírito encarnado deixa de continuar livre de qualquer entrave.”

852. Há pessoas que parecem perseguidas por uma fatalidade que independe da sua maneira de agir; a desgraça não estaria no destino delas?

“Talvez sejam provas que devam suportar e que elas escolheram; mas, ainda uma vez, lançais à conta do destino o que, em geral, é apenas conseqüência de vossa própria falta. Em meio aos males que te afligem, tenta manter tua consciência pura, e já obterás metade da consolação.”

As idéias justas ou falsas que fazemos das coisas nos fazem vencer ou fracassar, conforme nosso caráter e nossa posição social. Achamos mais simples e menos humilhante, para o nosso amor-próprio, atribuir nossos fracassos à sorte ou ao destino, do que à nossa própria falta. Se, algumas vezes, a influência dos espíritos contribui para isso, podemos sempre nos livrar dessa influência, repelindo as idéias que eles nos sugerem, quando são más.

853. Algumas pessoas só escapam de um perigo mortal, para cair num outro; parece que elas não podiam escapar da morte. Não há nisso fatalidade?

“No verdadeiro sentido da palavra, apenas o instante da morte é fatal; quando este momento chega, seja de uma forma ou de outra, não podeis a eles vos subtrair.”

a) Assim, qualquer que seja o perigo que nos ameace, não morreremos, se não tiver chegado a hora?

“Não, não perecerás e disso tens milhares de exemplos; porém, quando chegar tua hora de partir, nada poderá impedi-lo. Deus sabe, antecipadamente, por que gênero de morte partirás daqui e, com freqüência, teu Espírito também o sabe, pois isto lhe foi revelado, quando fez a escolha dessa ou daquela existência.”

854. Do fato de ser infalível a hora da morte, pode-se concluir que as precauções que se tomam para evitá-la são inúteis?

“Não, pois as precauções que tomais vos são sugeridas com vistas a evitar a morte que vos ameaça; constituem um dos meios para que ela não ocorra.”

855. Qual o objetivo da Providência fazendo-nos correr perigos que não devem ter conseqüência?

“Quando tua vida é posta em perigo, trata-se de um aviso que tu mesmo desejas, a fim de te desviares do mal e te tornares melhor. Ao escapares deste perigo, ainda sob a influência do risco que correste, pensas mais ou menos seriamente em te tornares melhor, segundo a ação mais ou menos forte dos bons Espíritos. O mau Espírito sobrevivendo, (digo mau, subentendendo o mal que nele ainda existe) pensas que escaparás também de outros perigos e deixas tuas paixões se desencadearem de novo. Através dos perigos que correis, Deus vos lembra vossa fraqueza e a fragilidade da vossa existência. Se examinarmos a causa e a natureza do perigo, veremos que, em geral, as conseqüências terão sido a punição de uma falta cometida ou de *um dever negligenciado*. Deus vos adverte, dessa forma, para cairdes em vós e vos emendardes.” (526-532)

856. O Espírito sabe, antecipadamente, através de que gênero de morte deverá sucumbir?

“Sabe que o gênero de vida que escolheu o expõe a morrer antes dessa maneira, que daquela; mas sabe, igualmente, que lutas terá que sustentar para evitá-lo e que, se Deus o permitir, ele não sucumbirá.”

857. Há homens que afrontam os perigos dos combates, persuadidos de que a hora deles não chegou; há algum fundamento nessa confiança?

“Com muita freqüência, o homem tem o pressentimento do seu fim, como pode ter o de que ainda não morrerá. Este pressentimento lhe vem dos seus Espíritos protetores, que querem adverti-lo para que esteja pronto para partir, ou que fortalecem sua coragem nos momentos em que dela mais necessita. Pode vir-lhe, ainda, da intuição que tem da existência que escolheu, ou da missão que aceitou e que sabe que tem de cumprir.” (411-522)

858. Por que será que aqueles que pressentem sua morte, geralmente, a temem menos do que outros?

“É o homem quem teme a morte e, não, o Espírito; aquele que a pressente pensa mais como Espírito do que como homem: compreende sua libertação e aguarda.”

859. Se a morte, quando tem que acontecer, não pode ser evitada, o mesmo se dá com todos os acidentes que nos sobrevêm, no decorrer da vida?

“Freqüentemente, são coisas bastante insignificantes para delas vos prevenir e, algumas vezes, fazer-vos evitá-las, dirigindo vosso pensamento, pois não nos agrada o sofrimento material; mas isto é de pouca importância para a vida que escolhestes. A fatalidade, verdadeiramente, consiste apenas no momento em que deveis aparecer e desaparecer deste mundo.”

a) Haverá fatos que devam forçosamente acontecer, e que a vontade dos Espíritos não possa conjurar?

“Sim, mas que tu, no estado de Espírito, viste e pressentiste, quando fizeste tua escolha. Entretanto, não creias que tudo o que acontece esteja escrito, como se diz; um acontecimento é, com freqüência, a conseqüência de alguma coisa que fizeste por tua livre vontade, de tal maneira que, se não tivesses praticado este ato, o fato não teria ocorrido. Se queimares o dedo, isto não é nada; é apenas o resultado da tua imprudência e o efeito da matéria; somente as grandes dores, os acontecimentos importantes e que podem influir no moral é que estão previstos por Deus, porque são úteis à tua depuração e à tua instrução.”

860. O homem pode, pela sua vontade e pelos seus atos, fazer com que acontecimentos que deveriam ocorrer não se verifiquem e reciprocamente?

“Ele o pode, se esse desvio aparente tiver cabimento, na vida que escolheu. Além disso, para fazer o bem, como deve ser, e por constituir o único objetivo da vida, ele pode impedir o mal, principalmente, aquele que possa contribuir para um mal maior.”

861. O homem que comete um assassinato sabia, ao escolher sua existência, que se tornaria um assassino?

“Não; ele sabe que, escolhendo uma vida de luta, haverá para ele a *possibilidade* de matar um dos seus semelhantes, ignora, porém, se o fará, pois haverá nele, quase sempre, a deliberação de cometer o crime; ora, aquele que delibera

sobre uma coisa é sempre livre para fazê-la, ou não. Se o Espírito soubesse, antecipadamente, que, como homem, deveria cometer um assassinio, é que a isso estaria predestinado. Ficaí sabendo, portanto, que ninguém está predestinado ao crime e que qualquer crime, ou qualquer outro ato, é sempre o resultado da vontade e do livre-arbítrio.

Além disso, sempre confundis duas coisas bem distintas: os acontecimentos materiais da vida e os atos da vida moral. Se, algumas vezes, há fatalidade, é nos acontecimentos materiais, cuja causa está fora de vós e são independentes da vossa vontade. Quanto aos atos da vida moral, eles emanam sempre do próprio homem que, por conseguinte, sempre tem a liberdade de escolha; portanto, com relação a esses atos, nunca há fatalidade.”

862. Há pessoas para as quais nada dá certo e que parecem ser perseguidas por um mau gênio em todos os seus empreendimentos; não estaria aí o que se pode chamar de fatalidade?

“É mesmo uma fatalidade, se quiseres chamá-la assim; mas ela depende da escolha do gênero de existência, porque essas pessoas quiseram ser experimentadas, através de uma vida de decepção, a fim de exercer sua paciência e sua resignação. Entretanto, não creias que essa fatalidade seja absoluta; freqüentemente, ela é o resultado do falso caminho que tomaram e que não está de acordo com suas inteligências e suas aptidões. Aquele que deseja atravessar um rio a nado, sem saber nadar, tem grande probabilidade de se afogar; dá-se o mesmo, na maioria dos acontecimentos da vida. Se o homem apenas empreendesse coisas que estivessem de acordo com suas faculdades, quase sempre obteria êxito; o que o perde são seu amor-próprio e sua ambição, que o fazem desviar-se do seu caminho e tomar por uma vocação o desejo de satisfazer certas paixões. Fracassa e por sua culpa; porém, em vez de culpar a si mesmo, prefere acusar sua estrela. Alguém que daria um bom operário e ganharia honestamente sua vida, tornando-se um mau poeta, morrerá de fome. Haveria lugar para todos, se cada um soubesse colocar-se no seu lugar.”

863. Os costumes sociais não obrigam, freqüentemente, um homem a seguir tal caminho de preferência a um outro e não está ele submetido ao controle da opinião geral, na escolha de suas ocupações? O que se chama respeito humano não constitui um obstáculo ao exercício do livre-arbítrio?

“São os homens que fazem os costumes sociais e, não, Deus; se a eles se submetem, é porque isso lhes convém e, ainda aí, é um ato de seu livre-arbítrio, visto que, se o quisessem, poderiam deles se libertar; então, por que se queixar? Não são os costumes sociais que eles devem acusar, mas seu tolo amor-próprio que os faz preferir morrer de fome a infringi-los. Ninguém lhes leva em conta esse sacrifício feito à opinião pública, enquanto que Deus lhes levará em conta o sacrifício de sua vaidade. Isto não quer dizer que ele deva afrontar essa opinião sem necessidade, como certas pessoas que têm mais originalidade do que verdadeira filosofia; há tanta insensatez em se fazer apontar com o dedo, ou ser visto como um animal curioso,

quanto há sabedoria em descer, voluntariamente e sem murmurar, quando não for possível permanecer no alto da escala.”

864. Se há pessoas a quem a sorte é contrária, outras parecem ser favorecidas, pois em tudo obtêm sucesso; a que se deve atribuir isto?

“Freqüentemente, é porque elas sabem lidar melhor com essas coisas; mas isto também, pode ser um gênero de prova; o êxito as embriaga; fiam-se no seu destino e, com freqüência, pagam, mais tarde, esses mesmos êxitos, através de reveses cruéis, que teriam podido evitar com a prudência.”

865. Como explicar a sorte que favorece certas pessoas, em circunstâncias em que nem a vontade nem a inteligência contam: no jogo, por exemplo?

“Alguns Espíritos escolheram, antecipadamente, certas espécies de prazer; a sorte que os favorece é uma tentação. Aquele que ganha como homem, perde como Espírito: é uma prova para seu orgulho e sua cupidez.”

866. Então, a fatalidade que parece presidir aos destinos materiais de nossa vida seria, ainda, efeito de nosso livre-arbítrio?

“Tu mesmo escolheste a tua prova: quanto mais rude ela for e melhor a suportares, mais tu te elevarás. Aqueles que passam sua vida na abundância e na felicidade humana são Espíritos covardes, que permanecem estacionários. Assim, o número dos desafortunados é muito superior ao dos felizes deste mundo, visto que os Espíritos, em sua maioria, procuram a prova que lhes seja mais proveitosa. Eles vêm, perfeitamente, a futilidade das vossas grandezas e dos vossos gozos. Além disso, a vida mais ditosa é sempre agitada, sempre perturbada: apenas pela ausência da dor.” (525 e seguintes)

867. Donde vem a expressão: Nascer sob uma boa estrela?

“Antiga superstição, que ligava as estrelas ao destino de cada homem; alegoria, que algumas pessoas tolamente tomam ao pé da letra.”

Conhecimento do Futuro

868. O futuro pode ser revelado ao homem?

“Em princípio, o futuro lhe é oculto e apenas em casos raros e excepcionais é que Deus permite sua revelação.”

869. Com que objetivo o futuro se acha oculto ao homem?

“Se o homem conhecesse o futuro, negligenciaria o presente e não agiria com a mesma liberdade, porque seria dominado pelo pensamento de que, se uma coisa deve acontecer, ele não precisa se preocupar com ela, ou então, procuraria entravá-la. Deus não quis que assim fosse, a fim de que cada um concorresse para a realização das coisas, *até mesmo daquelas a que desejaria opor-se*; assim, tu mesmo preparas, freqüentemente, sem o suspeitares, os acontecimentos que sobrevirão no decorrer da tua vida.”

870. Se é útil que o futuro esteja oculto, por que é que, algumas vezes, Deus permite sua revelação?

“Assim é, quando este conhecimento prévio deve facilitar a realização de uma coisa, em vez de entravá-la, obrigando a agir diferentemente do que se faria sem ele. É ainda, freqüentemente, uma prova. A perspectiva de um acontecimento pode despertar idéias mais ou menos boas; se um homem ficar sabendo, por exemplo, que receberá uma herança com a qual não conta, poderá ser instigado pelo sentimento de cobiça, pelo prazer de aumentar seus gozos terrenos, pelo desejo de possuir mais depressa, desejando, talvez, a morte daquele que lhe deve deixar sua fortuna; ou, então, essa perspectiva nele despertará bons sentimentos e pensamentos generosos. Se a predição não se realizar, é uma outra prova: a da maneira pela qual suportará a decepção; mas, nem por isso, terá menos mérito ou demérito pelos pensamentos bons ou maus que a crença no acontecimento tenha feito nascer em si.”

871. Visto que Deus tudo sabe, sabe igualmente se um homem vai ou não sucumbir a uma prova. Assim sendo, qual a necessidade dessa prova, já que nada pode acrescentar ao que Deus já sabe a respeito desse homem?

“Isso equivaleria a perguntar por que Deus não criou o homem perfeito e acabado (119); por que o homem passa pela infância antes de chegar à idade adulta (379). A prova não tem por objetivo esclarecer Deus sobre o mérito desse homem, pois Deus sabe, perfeitamente, o que ele vale, mas deixar a esse homem toda a responsabilidade de sua ação, já que é livre para fazer ou não fazer. Tendo o homem a escolha entre o bem e o mal, a prova tem por efeito colocá-lo às voltas com a tentação do mal e atribuir-lhe todo o mérito da resistência; ora, embora Deus saiba muito bem, antecipadamente, se ele terá êxito ou não, não pode, na sua justiça, puni-lo, nem recompensá-lo, por um ato que não foi praticado.” (258)

Também acontece assim, entre os homens. Por mais capaz que seja um aspirante, por maior certeza que se tenha de vê-lo triunfar, ninguém lhe confere grau algum sem exame, isto é, sem prova; assim como o juiz só condena o acusado por um ato consumado e, não, pela previsão de que ele possa ou deva consumir este ato.

Quanto mais se reflete sobre as conseqüências que resultariam para o homem do conhecimento do futuro, melhor se vê como a Providência foi sábia em ocultá-lo. A certeza de um acontecimento feliz o mergulharia na inação; a de um acontecimento infeliz, no desencorajamento; tanto num como noutro caso, suas forças ficariam paralisadas. É por isso que o futuro não é mostrado ao homem senão como *um objetivo* que ele deve atingir, através de seus esforços, mas sem conhecer as circunstâncias que deverá enfrentar para atingi-lo. O conhecimento de todos os incidentes da estrada tiraria dele a iniciativa e o uso do livre-arbítrio; ele se deixaria resvalar pelo declive fatal dos acontecimentos, sem exercer suas faculdades. Quando o êxito de uma coisa está assegurado, não há mais quem se preocupe com ela.

Resumo Teórico do Móvel das Ações do Homem

872. A questão do livre-arbítrio pode resumir-se assim: o homem não é fatalmente conduzido ao mal; os atos que pratica não foram, em absoluto, determinados previamente; os crimes que comete não são o resultado de uma sentença do destino. Ele pode, como prova e como expiação, escolher uma existência em que sofra arrastamentos ao crime, quer pelo meio onde se ache colocado, quer pelas circunstâncias que sobrevenham, mas é sempre livre para agir, ou não agir. Assim,

o livre-arbítrio existe, no estado de Espírito, na escolha da existência e das provas e, no estado corporal, na faculdade de ceder ou de resistir aos arrastamentos a que voluntariamente nos submetemos. Cabe à educação combater essas más tendências; ela o fará, eficazmente, quando estiver baseada no estudo aprofundado da natureza moral do homem. Pelo conhecimento das leis que regem esta natureza moral, chegar-se-á a modificá-la, como se modifica a inteligência, pela instrução, e o temperamento, pela higiene.

O Espírito desligado da matéria, no estado errante, faz a escolha de suas existências corporais futuras, conforme o grau de perfeição a que tenha chegado e, como temos dito, é nisto, sobretudo, que consiste seu livre-arbítrio. Essa liberdade não é absolutamente anulada pela encarnação; se ele cede à influência da matéria, é porque sucumbe às próprias provas que escolheu e, para ajudá-lo a vencê-las, pode invocar a assistência de Deus e dos bons Espíritos. (337)

Sem o livre-arbítrio o homem não tem culpa pelo mal, nem mérito pelo bem; e isto é tão reconhecido, que, no mundo, a censura e o elogio são sempre proporcionais à intenção, isto é, à vontade; ora, quem diz vontade diz liberdade. O homem não poderia, portanto, procurar, para os seus delitos, uma desculpa, na sua organização física, sem abdicar da sua razão e da sua condição de ser humano, para se assemelhar ao animal. Se fosse assim quanto ao mal, assim também seria relativamente ao bem. Mas, quando o homem faz o bem, tem grande cuidado em atribuir-se um mérito pelo fato, e nem pensa em gratificar seus órgãos por isso, o que prova que, instintivamente, ele não renuncia, apesar da opinião de alguns sistemáticos, ao mais belo privilégio de sua espécie: a liberdade de pensar.

A fatalidade, assim como vulgarmente é entendida, supõe a decisão prévia e irrevogável de todos os acontecimentos da vida, qualquer que seja a importância destes. Se essa fosse a ordem das coisas, o homem seria uma máquina sem vontade. De que lhe serviria sua inteligência, já que seria invariavelmente dominado, em todos os seus atos, pelo poder do destino? Semelhante doutrina, se fosse verdadeira, traria a destruição de toda liberdade moral; não haveria mais responsabilidade para o homem e, por conseguinte, nem bem, nem mal, nem crimes, nem virtudes. Deus, soberanamente justo, não poderia castigar sua criatura por faltas cuja concretização não tivesse dependido dela, nem recompensá-la por virtudes das quais não tivesse o mérito. Uma lei semelhante seria, aliás, a negação da lei do progresso, pois o homem, que tudo esperaria da sorte, nada tentaria para melhorar sua posição, visto que ele não conseguiria ser mais nem menos.

Todavia, a fatalidade não é uma palavra vã; ela existe na posição que o homem ocupa na Terra e nas funções que aí desempenha, em consequência do gênero de existência que seu Espírito escolheu, como *prova*, *expiação* ou *missão*; ele experimenta, fatalmente, todas as vicissitudes dessa existência e todas as *tendências* boas ou más que lhe são inerentes; aí, porém, acaba a fatalidade, pois depende de sua vontade ceder ou não a essas tendências. *O pormenor dos acontecimentos está subordinado às circunstâncias que ele próprio provoca com seus atos; sobre estas podem influir os Espíritos, através dos pensamentos que lhe sugerem.* (459)

A fatalidade está, portanto, nos acontecimentos que se apresentam, já que são a conseqüência da escolha da existência feita pelo Espírito; ela pode não estar no resultado desses acontecimentos, visto que pode depender do homem modificá-los o curso, pela sua prudência; *ela nunca está nos atos da vida moral.*

É na morte que o homem se acha submetido, de maneira absoluta, à inexecrável lei da fatalidade, pois ele não pode escapar à sentença que fixa o fim de sua existência, nem ao gênero de morte que deve interromper-lhe o curso.

Segundo a doutrina vulgar, o homem tiraria de si mesmo todos os seus instintos; eles proviriam, quer da sua organização física, pela qual não poderia ser responsável, quer de sua própria natureza, na qual ele pode buscar desculpar-se a si mesmo, dizendo que não tem culpa de ser como é. A Doutrina Espírita é, evidentemente, mais moral: ela admite no homem o livre-arbítrio em toda a sua plenitude e, dizendo-lhe que, se praticar o mal, ele cede a uma sugestão estranha e má, atribui-lhe toda a responsabilidade, por isso, já que nele reconhece o poder de resistir, coisa obviamente mais fácil do que se ele tivesse que lutar contra sua própria natureza. Assim, segundo a Doutrina Espírita, não há arrastamento irresistível: o homem sempre pode tapar os ouvidos à voz oculta que o incita ao mal, em seu foro íntimo, como pode tapá-los à voz material daquele que lhe fale; ele o pode por sua vontade, pedindo a Deus a força necessária e suplicando, para este fim, a assistência dos bons Espíritos. Foi o que Jesus nos ensinou na sublime prece, a *Oração dominical*, quando nos manda dizer: “Não nos deixeis sucumbir à tentação, mas livrai-nos do mal.”

Essa teoria da causa motivadora de nossos atos ressalta, evidentemente, de todo o ensino dado pelos Espíritos; ela não é apenas sublime em moralidade, mas acrescentaremos que eleva o homem aos seus próprios olhos. Mostra-o livre para isentar-se de um jugo obsessivo, como é livre para fechar sua casa aos importunos; não é mais uma máquina que age por um impulso independente de sua vontade, é um ser racional, que escuta, que julga e que escolhe livremente entre dois conselhos. Acresça-se que, apesar disto, o homem não está privado de sua iniciativa; ele não deixa de agir por impulso próprio, visto que, definitivamente, ele é apenas um Espírito encarnado que conserva, sob o envoltório corporal, as qualidades e os defeitos que tinha como Espírito. As faltas que cometemos têm, portanto, sua fonte primeira na imperfeição de nosso próprio Espírito, que ainda não atingiu a superioridade moral que um dia alcançará, mas que, nem por isso, deixa de ter livre-arbítrio; a vida corporal lhe é dada para se expurgar de suas imperfeições, pelas provas por que passa, e são precisamente essas imperfeições que o tornam mais fraco e mais acessível às sugestões dos outros Espíritos imperfeitos, que delas se aproveitam para tentar fazê-lo sucumbir à luta que empreende. Se sai vencedor desta luta, ele se eleva; se fracassa, permanece o que era, nem pior, nem melhor: será uma prova que terá que recomençar e isto poderá durar muito tempo. Quanto mais se depura, mais diminuem os seus pontos fracos e menos acesso oferece àqueles que o instigam ao mal; sua força moral aumenta, por causa de sua elevação e os maus Espíritos dele se afastam.

Todos os Espíritos, mais ou menos bons, quando estão encarnados, constituem a espécie humana; e, como a nossa Terra é um dos mundos menos adiantados, nele se encontram mais Espíritos maus do que bons. Eis por que aqui vemos tanta perversidade. Façamos, portanto, todos os nossos esforços para não retornarmos a ele, após esta estada, e para merecermos repousar num mundo melhor, num desses mundos privilegiados, onde reina o bem sem limites e onde não nos lembramos de nossa passagem por este mundo, senão como de um exílio temporário.



Capítulo XI

Lei de Justiça, de Amor e de Caridade

- 1. Justiça e Direitos Naturais.**
- 2. Direito de Propriedade. Roubo.**
- 3. Caridade e Amor ao Próximo.**
- 4. Amor Materno e Filial.**

Justiça e Direitos Naturais

873. O sentimento da justiça está na Natureza, ou é o resultado de idéias adquiridas?

“Ele está de tal modo na Natureza, que vos revoltais à simples idéia de uma injustiça. O progresso moral desenvolve, sem dúvida, este sentimento, mas não o dá: Deus o pôs no coração do homem; eis por que encontráis, com freqüência, em homens simples e primitivos, noções mais exatas da justiça, do que naqueles que possuem grande saber.”

874. Se a justiça é uma lei da Natureza, como se explica que os homens a entendam de uma forma tão diferente e que um considere justo o que parece injusto a outro?

“É porque a ela se misturam, freqüentemente, paixões que alteram este sentimento, como a maioria dos outros sentimentos naturais, e fazem ver as coisas sob um ponto de vista falso.”

875. Como se pode definir a justiça?

“A justiça consiste no respeito aos direitos de cada um.”

a) O que determina esses direitos?

“Duas coisas: a lei humana e a lei natural. Tendo os homens feito leis apropriadas a seus costumes e a seu caráter, essas leis estabeleceram direitos variáveis com o progresso das luzes. Vede se vossas leis atuais, apesar de imperfeitas, consagram os mesmos direitos que na Idade Média; esses direitos antiquados, que vos parecem monstruosos, pareciam justos e naturais, naquela época. O direito estabelecido pelos homens nem sempre, portanto, está de acordo com a justiça; aliás, ele apenas regula algumas relações sociais, enquanto que, na vida privada, há uma imensidade de atos que são unicamente da alçada do tribunal da consciência.”

876. Fora do direito consagrado pela lei humana, qual é a base da justiça fundamentada na lei natural?

“O Cristo vos disse: *Querei para os outros o que querieis para vós mesmos.* Deus colocou no coração do homem a regra de toda a verdadeira justiça, pelo desejo de cada um ver respeitados os seus direitos. Na incerteza do que deva fazer com relação ao seu semelhante, em dada circunstância, que o homem se pergunte como quieria que procedessem para com ele, em igual circunstância: Deus não podia dar-lhe um guia mais seguro do que a sua própria consciência.”

O critério da verdadeira justiça está, com efeito, em querer-se para os outros o que se quieria para si mesmo e, não, em querer-se para si o que se quieria para os outros, o que não é, em absoluto, a mesma coisa. Como não é natural que se queira o mal para si, tomando o seu desejo pessoal como modelo ou ponto de partida, é certo que só se quiererá o bem para o próximo. Em todos os tempos e em todas as crenças, o homem sempre procurou fazer prevalecer o seu direito pessoal; *a sublimidade da religião cristã foi a de tomar o direito pessoal como base do direito do próximo.*”

877. A necessidade que o homem tem de viver em sociedade acarreta para ele obrigações particulares?

“Sim, e a primeira de todas é a de respeitar os direitos de seus semelhantes; aquele que respeitar esses direitos sempre será justo. No vosso mundo, onde tantos homens não praticam a lei de justiça, cada um usa de represálias e aí está o que causa a perturbação e a confusão da vossa sociedade. A vida social dá direitos e impõe deveres recíprocos.”

878. Podendo o homem se enganar sobre a extensão do seu direito, o que é que pode fazê-lo conhecer o seu limite?

“O limite do direito que ele reconhece ao seu semelhante com relação a ele, na mesma circunstância e reciprocamente.”

a) Mas, se cada um atribui a si mesmo os direitos de seu semelhante, o que acontecerá com a subordinação relativamente aos superiores? Não seria a anarquia de todos os poderes?

“Os direitos naturais são os mesmos para todos os homens, desde o menor até o maior; Deus não fez uns de um limo mais puro do que os outros e, diante dele, todos são iguais. Esses direitos são eternos; os que o homem estabeleceu perecem com suas instituições. Além disso, cada um sente bem sua força ou sua fraqueza e sempre saberá ter uma espécie de deferência para com aquele que o merecer, por sua virtude e sua sabedoria. É importante colocar isto, a fim de que aqueles que se julgam superiores conheçam seus deveres, para merecer essas deferências. A subordinação não estará absolutamente comprometida, quando a autoridade for conferida à sabedoria.”

879. Qual seria o caráter do homem que praticasse a justiça em toda a sua pureza?

“O verdadeiro justo, a exemplo de Jesus, pois praticaria também o amor ao próximo e a caridade, sem os quais não há verdadeira justiça.”

Direito de Propriedade. Roubo.

880. Qual o primeiro de todos os direitos naturais do homem?

“É o de viver; é por isso que ninguém tem o direito de atentar contra a vida de seu semelhante, nem de fazer o que quer que possa comprometer sua existência corporal.”

881. O direito de viver dá ao homem o direito de acumular o de que viver, para repousar, quando não puder mais trabalhar?

“Sim, mas ele deve fazê-lo em família, como a abelha, através de um trabalho honesto e, não, acumular como um egoísta. Até alguns animais lhe dão o exemplo de previdência.”

882. O homem tem o direito de defender o que acumulou, através do trabalho?

“Não disse Deus: Não roubarás? E Jesus: Dê-se a César o que é de César?”

O que o homem junta, através de um trabalho *honesto*, constitui uma propriedade legítima, que ele tem o direito de defender, pois a propriedade que resulta do trabalho é um direito natural, tão sagrado quanto o de trabalhar e o de viver.

883. O desejo de possuir está na Natureza?

“Sim, mas, quando é só para si e para sua satisfação pessoal, é egoísmo.”

a) Entretanto, o desejo de possuir não será legítimo, visto que aquele que tem o de que viver não é pesado para ninguém?

“Há homens insaciáveis e que acumulam sem proveito para ninguém, ou para saciar suas paixões. Acreditas que Deus veja isso com bons olhos? Ao contrário, aquele que acumula pelo seu trabalho, tendo em vista o auxílio aos seus semelhantes, pratica a lei de amor e de caridade e seu trabalho é abençoado por Deus.”

884. Qual o caráter da propriedade legítima?

“Só é propriedade legítima a que tenha sido adquirida sem prejuízo para outrem.”(808)

A lei de amor e de justiça, proibindo-nos de fazer a outrem o que não quereríamos que nos fizessem, condena, por isso mesmo, qualquer meio de aquisição que lhe seja contrário.

885. O direito de propriedade é ilimitado?

“Certamente, tudo o que é adquirido legitimamente é uma propriedade; mas, como já dissemos, sendo a legislação dos homens imperfeita, freqüentemente, consagra direitos convencionais, que a justiça natural reprova. É por isso que reformam suas leis, à medida que o progresso se realiza e que compreendem melhor a justiça. O que parece perfeito, num século, parece bárbaro, no século seguinte.”(795)

Caridade e Amor ao Próximo

886. Qual o verdadeiro sentido da palavra *caridade*, assim como a entendia Jesus?

“Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas.”

O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, pois amar o próximo é fazer-lhe todo o bem que nos seja possível e que desejaríamos que nos fizessem. Esse é o sentido das palavras de Jesus: *Amai-vos uns aos outros, como irmãos.*

A caridade, segundo Jesus, não se restringe à esmola; ela abarca todas as relações que temos com nossos semelhantes, sejam eles nossos inferiores, nossos iguais, ou nossos superiores. Recomenda-nos a indulgência, porque nós mesmos necessitamos dela; proíbe-nos de humilhar o desafortunado, contrariamente ao que comumente se pratica. Se uma pessoa rica se apresenta, temos para com ela mil atenções, mil deferências; se ela for pobre, parece-nos que não necessitamos nos incomodar com ela. Quanto mais lamentável for a sua posição, ao contrário, mais devemos hesitar em aumentar sua desgraça pela humilhação. O homem verdadeiramente bom procura elevar o inferior aos seus próprios olhos, diminuindo a distância entre eles.

887. Jesus também disse: *Amai mesmo os vossos inimigos.* Ora, o amor pelos nossos inimigos não será contrário às nossas tendências naturais e a inimizade não provirá da falta de simpatia entre os Espíritos?

“Certamente, não se pode ter pelos inimigos um amor terno e apaixonado; não foi isso o que ele quis dizer; amar seus inimigos é perdoar-lhes e retribuir-lhes o mal com o bem; quem age assim torna-se superior a eles; quem busca vingança coloca-se abaixo deles.”

888. O que se deve pensar da esmola?

“Reduzido a pedir esmola, o homem se degrada moral e fisicamente: embrutece-se. Uma sociedade baseada na lei de Deus e na justiça deve prover à vida do *fraco*, sem que haja humilhação para ele. Deve assegurar a existência daqueles que não podem trabalhar, sem lhes deixar a vida *por conta do acaso* e da *boavontade*.”

a) Condenais a esmola?

“Não; não é a esmola que é condenável; é a maneira pela qual, freqüentemente, é dada. O homem de bem, que compreende a caridade segundo Jesus, vai ao encontro do desgraçado, sem esperar que este lhe estenda a mão.

A verdadeira caridade é sempre boa e benévola; ela está tanto na forma, quanto no fato de praticá-la. Um serviço prestado com delicadeza tem duplo valor; se o for com altivez, a necessidade pode fazer com que seja aceito, mas o coração não se comove.

Lembrai-vos também de que a ostentação retira, aos olhos de Deus, o mérito do benefício. Jesus disse: “Que vossa mão esquerda ignore o que dá vossa mão direita”; ele vos ensina, desta forma, a não macular a caridade com o orgulho.

É preciso distinguir a esmola, propriamente dita, da beneficência. O mais necessitado nem sempre é o que pede; o temor de uma humilhação detém o verdadeiro pobre, que, freqüentemente, sofre sem se queixar; é este que o homem verdadeiramente humano sabe ir procurar, sem ostentação.

Amai-vos uns aos outros, eis toda a lei; lei divina, através da qual Deus governa os mundos. O amor é a lei de atração para os seres vivos e organizados; a atração é a lei de amor para a matéria inorgânica.

Nunca vos esqueçais de que o Espírito, sejam quais forem seu grau de adiantamento e sua situação como reencarnado ou errante, está *sempre* colocado entre um superior, que o guia e o aperfeiçoa, e um inferior, com relação ao qual ele tem estes mesmos deveres a cumprir. Sede, pois, caridosos, não apenas com esse tipo de caridade que vos leva a tirar da bolsa o óbolo que, friamente, dais àquele que vo-lo ousa pedir, mas ide ao encontro das misérias ocultas. Sede indulgentes para com os defeitos dos vossos semelhantes; em vez de desprezar a ignorância e o vício, instruí-os e moralizai-os; sede brandos e benevolentes para com tudo o que vos seja inferior; sede-o para com os seres mais ínfimos da criação e tereis obedecido à lei de Deus.”

São Vicente de Paulo

889. Não há homens reduzidos à mendicância por sua própria culpa?

“Certamente; mas, se uma boa educação moral lhes ensinasse a praticar a lei de Deus, eles não cairiam nos excessos que causam suas perdas; é disso, principalmente, que depende a melhoria do vosso planeta.”(707)

Amor Materno e Filial

890. O amor materno é uma virtude, ou um sentimento instintivo, comum aos homens e aos animais?

“Ambos. A Natureza deu à mãe o amor pelos seus filhos, no interesse da conservação deles; mas, no animal, este amor está limitado às necessidades materiais; cessa, quando os cuidados se tornam dispensáveis; no homem, ele persiste durante toda a vida e comporta um devotamento e uma abnegação que são virtudes; sobrevive mesmo à morte e acompanha o filho além do túmulo; bem vedes que há nele algo diferente do que o que existe no animal.” (205-385)

891. Visto que o amor materno está na Natureza, por que há mães que odeiam seus filhos e, freqüentemente, desde o nascimento deles?

“É, algumas vezes, uma prova escolhida pelo Espírito da criança, ou uma expiação, se ele próprio tiver sido mau pai, ou mãe ruim, ou mau filho, numa outra existência (392). Em todos os casos, a mãe má só pode ser animada por um mau Espírito, que tenta atrapalhar o Espírito do filho, a fim de que sucumba ante as provas que escolheu; porém, essa violação das leis da Natureza não ficará impune e o Espírito do filho será recompensado pelos obstáculos que conseguir superar.”

892. Quando os pais têm filhos que lhes causam desgostos, não serão desculpáveis por não sentirem por eles a ternura que sentiriam, em caso contrário?

“Não, porque é um encargo que lhes foi confiado e a missão deles é fazer todos os esforços para conduzi-los ao bem (582-583). Mas esses desgostos são, muitas vezes, a conseqüência do mau costume a que se habituaram, desde o berço; colhem, então, o que semearam.”



Capítulo XII

Perfeição Moral

- 1. As Virtudes e os Vícios.**
- 2. Paixões.**
- 3. O Egoísmo.**
- 4. Caracteres do Homem de Bem.**
- 5. Conhecimento de si Mesmo.**

As Virtudes e os Vícios

893. Qual é a mais meritória de todas as virtudes?

“Todas as virtudes têm seu mérito, porque todas são sinais de progresso no caminho do bem. Há virtude todas as vezes que há resistência voluntária ao arrastamento dos maus pendores; mas a sublimidade da virtude consiste no sacrifício do interesse pessoal pelo bem do seu próximo, sem segunda intenção; a mais meritória é a que está baseada na caridade mais desinteressada.”

894. Há pessoas que fazem o bem espontaneamente, sem que tenham que vencer qualquer sentimento contrário; terão tanto mérito quanto aquelas que precisam lutar contra sua própria natureza e a vencem?

“Aqueles que não precisam, absolutamente, lutar, já realizaram em si o progresso: outrora lutaram e triunfaram. É por isso que os bons sentimentos não lhes custam esforço algum e suas ações lhes parecem muito simples: o bem tornou-se para eles um hábito. Deve-se, portanto, honrá-los como velhos guerreiros que conquistaram seus postos.

Como ainda estais distante da perfeição, estes exemplos vos espantam, pelo contraste, e vos admirais tanto mais, quanto mais raros eles são; mas ficai sabendo que, nos mundos mais adiantados que o vosso, o que entre vós é uma exceção, constitui a regra. Neles o sentimento do bem é, por toda a parte, espontâneo, porque são habitados somente por bons Espíritos, e uma única má intenção seria uma exceção monstruosa. Eis por que, neles, os homens são felizes; o mesmo acontecerá na Terra, quando a Humanidade estiver transformada e quando compreender e praticar a caridade, na sua verdadeira aceção.”

895. Postos de lado os defeitos e os vícios sobre os quais ninguém poderia enganar-se, qual o sinal mais característico da imperfeição?

“É o interesse pessoal. As qualidades morais são, freqüentemente, como a douradura colocada num objeto de cobre e que não resiste à pedra de toque. Um

homem pode possuir qualidades reais que fazem dele um homem de bem, segundo o mundo; essas qualidades, porém, embora constituam um progresso, nem sempre suportam certas provas e, algumas vezes, basta que se toque a corda do interesse pessoal para colocar o fundo a descoberto. O verdadeiro desinteresse é mesmo uma coisa tão rara na Terra que, quando ele se apresenta, admiram-no como se fosse um fenômeno.

O apego às coisas materiais é um sinal notório de inferioridade, porque, quanto mais o homem se prende aos bens deste mundo, menos compreende o seu destino; pelo desinteresse, ao contrário, ele prova que vê o futuro de um ponto de vista mais elevado.”

896. Há pessoas desinteressadas, mas sem discernimento, que prodigalizam seus bens sem proveito real, por não fazerem deles um emprego racional; têm elas algum mérito?

“Têm o mérito do desinteresse, mas não o do bem que poderiam fazer. Se o desinteresse é uma virtude, a prodigalidade irrefletida é sempre, pelo menos, uma falta de juízo. A fortuna não é dada de preferência a alguns para ser lançada ao vento, nem a outros para ser encerrada num cofre forte; é um depósito de que terão que prestar contas, pois terão que responder por todo o bem que poderiam ter feito e não fizeram; por todas as lágrimas que poderiam ter secado, com o dinheiro que deram àqueles que dele não precisavam.”

897. Será repreensível aquele que faz o bem, sem visar uma recompensa na Terra, mas com a esperança de que lhe seja levado em conta na outra vida e de que lá sua posição seja tanto melhor por isso? E esse pensamento lhe prejudica o progresso?

“É preciso fazer o bem por caridade, isto é, desinteressadamente.”

a) Entretanto, cada um tem o desejo muito natural de progredir para sair do estado penoso desta vida; os próprios Espíritos nos ensinam a praticar o bem com esse objetivo; será, então, um mal pensar que, fazendo o bem, pode-se esperar coisa melhor do que na Terra?

“Não, certamente; mas aquele que faz o bem, sem segunda intenção e só pelo prazer de ser agradável a Deus e ao seu próximo que sofre, já se encontra num certo grau de adiantamento que lhe permitirá chegar bem mais depressa à felicidade do que seu irmão que, mais positivo, faz o bem por cálculo e não é impelido pela caridade natural do seu coração.” (894)

b) Não haverá aqui uma distinção entre o bem que se pode fazer ao seu próximo e o cuidado que se tem para corrigir-se dos seus defeitos? Concebemos que fazer o bem com a idéia de que ele nos será levado em conta na outra vida é pouco meritório; mas emendar-se, vencer suas paixões, corrigir seu caráter, tendo em vista aproximar-se dos bons Espíritos e se elevar, é igualmente um sinal de inferioridade?

“Não, não; por fazer o bem, nós queremos dizer, ser caridoso. Aquele que calcula o que cada boa ação pode render-lhe na vida futura, tanto quanto na vida terrena,

age como egoísta; porém não há egoísmo algum em melhorar-se, tendo em vista aproximar-se de Deus, visto que é o objetivo para o qual todos devem tender.”

898. Já que a vida corpórea é apenas uma estada temporária neste mundo e que nosso futuro deve ser nossa principal preocupação, será útil esforçar-se para adquirir conhecimentos científicos que só digam respeito às coisas e às necessidades materiais?

“Sem dúvida; primeiramente, isso vos coloca em condições de aliviar vossos irmãos; depois, vosso Espírito subirá mais depressa, se já tiver progredido em inteligência; no intervalo das encarnações, aprendereis, em uma hora, o que vos exigiria anos na vossa Terra. Nenhum conhecimento é inútil; todos contribuem mais ou menos para o progresso, porque o Espírito perfeito deve saber tudo e porque, se o progresso deve cumprir-se em todos os sentidos, todas as idéias adquiridas auxiliam o desenvolvimento do Espírito.”

899. De dois homens ricos, um nasceu na opulência e nunca conheceu a necessidade; o outro deve sua fortuna ao seu trabalho; ambos a empregam exclusivamente em sua satisfação pessoal; qual é o mais culpado?

“Aquele que conheceu os sofrimentos; ele sabe o que é sofrer; conhece a dor que não alivia e, muito freqüentemente, nem se lembra mais dela.”

900. Aquele que acumula, incessantemente, e sem fazer o bem a pessoa alguma, encontra uma desculpa válida na idéia de que acumula para deixar maior soma aos seus herdeiros?

“É um compromisso com a consciência má.”

901. De dois avarentos, o primeiro se priva do necessário e morre à míngua, sobre seu tesouro; o segundo, só é avarento para com os outros: é pródigo para consigo mesmo; enquanto recua diante do mais leve sacrifício para prestar um serviço ou fazer algo útil, nada é bastante para satisfazer seus gostos e suas paixões. Caso se peça a ele uma ajuda, está sempre impossibilitado; se quer realizar uma fantasia, tem sempre o bastante. Qual o mais culpado e qual deles terá o pior lugar no mundo dos Espíritos?

“O que goza: ele é mais egoísta do que avarento; o outro já encontrou uma parte de sua punição.”

902. Seremos repreensíveis por cobiçar a riqueza, quando é pelo desejo de fazer o bem?

“O sentimento é louvável, sem dúvida, quando é puro; esse desejo, porém, será sempre bastante desinteressado e não esconderá nenhuma segunda intenção pessoal? Não será a si mesmo que, com freqüência, se deseja fazer o bem, em primeiro lugar?”

903. Somos culpados por estudar os defeitos dos outros?

“Se for para criticá-los e divulgá-los, bem grande é a culpa, porque isto é faltar com a caridade; se for para tirar daí um proveito pessoal e evitá-los para si mesmo, algumas vezes, pode ser útil; mas é preciso não esquecer que a indulgência

para com os defeitos dos outros é uma das virtudes contidas na caridade. Antes de censurar-lhes as imperfeições, vede se não podem dizer de vós a mesma coisa. Tentai, pois, ter as qualidades opostas aos defeitos que criticais no próximo: é o meio de vos tornardes superior; se o censurais por ser avarento, sede generoso; por ser orgulhoso, sede humilde e modesto; por ser rude, sede brando; por agir com pequenez, sede grande em todas as vossas ações; numa palavra, fazei de maneira que não possam ser-vos aplicadas estas palavras de Jesus: Ele vê o argueiro no olho do seu vizinho e não vê uma trave no seu.”

904. Seremos culpados por sondar as chagas da sociedade e desvendá-las?

“Isso depende do sentimento que o leva a fazê-lo; se o escritor só tem como objetivo produzir escândalo, é um gozo pessoal que ele se proporciona, apresentando quadros que são, freqüentemente, antes um mau do que um bom exemplo. O Espírito aprecia isso, mas pode ser punido por essa espécie de prazer que encontra em revelar o mal.”

a) Como, neste caso, julgar da pureza das intenções e da sinceridade do escritor?

“Isto nem sempre é útil; se ele escreve coisas boas, aproveitai-as; se produz coisas ruins, é uma questão de consciência que diz respeito a ele próprio. Além disso, se ele se empenha em provar sua sinceridade, cabe-lhe apoiar o preceito com seu próprio exemplo.”

905. Alguns autores têm publicado obras belíssimas e de grande moral, que auxiliam o progresso da Humanidade, mas de que eles próprios não tiraram proveito; ser-lhes-á levado em conta, como Espíritos, o bem que suas obras proporcionaram?

“A moral sem as ações é como a semente sem o trabalho. De que vos serve a semente, se não a fazeis frutificar para vos alimentar? Esses homens são mais culpados, porque tinham a inteligência para compreender; não praticando as máximas que ofereciam aos outros, renunciaram a colher-lhes os frutos.”

906. Aquele que faz o bem será repreensível por ter consciência disso e por confessá-lo a si mesmo?

“Visto que pode ter a consciência do mal que faz, deve também ter a do bem, a fim de saber se age bem ou mal. É pesando todas as suas ações na balança da lei de Deus e, sobretudo, na da lei de justiça, de amor e de caridade, que ele poderá dizer se elas são boas ou más, aprová-las ou desaprová-las. Ele não pode, portanto, ser censurado por reconhecer que triunfou das más tendências, e ficar satisfeito com isso, desde que não se envaideça, pois, então, cairia numa outra falta.” (919).

Paixões

907. Já que o princípio das paixões está na Natureza, será ele mau em si mesmo?

“Não; a paixão está no excesso acrescentado à vontade, pois o princípio foi dado ao homem para o bem, e as paixões podem levá-lo a realizar grandes coisas; é o abuso que delas se faz que causa o mal.”

908. Como definir o limite onde as paixões deixam de ser boas ou más?

“As paixões são como um cavalo que é útil, quando é dirigido, mas se torna perigoso, quando é ele quem dirige. Reconhecei, portanto, que uma paixão se torna pernicioso, desde o momento em que deixais de poder governá-la e quando tem como resultado um prejuízo qualquer, para vós ou para os outros.”

As paixões são alavancas que decuplicam as forças do homem, e o ajudam na realização dos desígnios da Providência; mas, se em vez de dirigi-las, o homem se deixa dirigir por elas, cai nos excessos e, a mesma força que, em sua mão, poderia fazer o bem, recai sobre ele e o esmaga.

Todas as paixões têm seu princípio num sentimento, ou numa necessidade natural. O princípio das paixões não é, portanto, um mal, visto que repousa numa das condições providenciais da nossa existência. A paixão, propriamente dita, é a exageração de uma necessidade ou de um sentimento; ela está no excesso, não, na causa; e este excesso se torna um mal, quando tem como consequência um mal qualquer.

Toda paixão que aproxima o homem da natureza animal afasta-o da natureza espiritual.

Todo sentimento que eleva o homem acima da natureza animal denota a predominância do Espírito sobre a matéria e o aproxima da perfeição.

909. O homem poderia sempre vencer seus maus pendores através dos seus esforços?

“Sim, e, algumas vezes, através de pequenos esforços; é a vontade que lhe falta. Que pena! Quão poucos dentre vós esforçam-se para isto!”

910. O homem pode encontrar nos Espíritos uma assistência eficaz para superar suas paixões?

“Se ele reza a Deus e a seu bom gênio, com sinceridade, certamente, os bons Espíritos, virão em seu auxílio, pois essa é a missão deles.” (459)

911. Não existem paixões tão vivas e irresistíveis que a vontade seja impotente para dominá-las?

“Há muitas pessoas que dizem: *Eu quero*, mas a vontade está apenas nos lábios; querem, mas ficam muito contentes de que tal não aconteça. Quando se acredita que não se pode vencer suas paixões, é o Espírito que nisso se compraz, em consequência de sua inferioridade. Aquele que procura reprimi-las compreende sua natureza espiritual; vencê-las é, para ele, um triunfo do Espírito sobre a matéria.”

912. Qual o meio mais eficaz de combater a predominância da natureza corporal?

“Praticar a abnegação.”

O Egoísmo

913. Dentre os vícios, qual é o que se pode considerar como radical?

“Já o temos dito muitas vezes: é o *egoísmo*; daí deriva todo o mal. Estudai todos os vícios e vereis que, no fundo de todos, há o egoísmo; de nada adiantará combatê-los, não chegareis a extirpá-los, enquanto não tiverdes atacado o mal pela raiz, enquanto não tiverdes destruído a causa. Que todos os vossos esforços tendam, portanto, para este objetivo, pois aí está a verdadeira chaga da sociedade. Todo aquele que quiser aproximar-se, desde esta vida, da perfeição moral, deve extirpar de

seu coração qualquer sentimento de egoísmo, pois o egoísmo é incompatível com a justiça, o amor e a caridade: ele neutraliza todas as outras qualidades.”

914. Estando o egoísmo baseado no sentimento do interesse pessoal, parece bem difícil extirpá-lo inteiramente do coração do homem; chegaremos a consegui-lo?

“À medida que os homens se esclarecem sobre as coisas espirituais, menos valor dão às coisas materiais; e, além disso, é preciso reformar as instituições humanas que o entretêm e o excitam. Isso depende da educação.”

915. Sendo o egoísmo inerente à espécie humana, não será sempre um obstáculo ao reinado do bem absoluto na Terra?

“É certo que o egoísmo é vosso maior mal, mas ele se deve à inferioridade dos Espíritos encarnados na Terra e, não, à Humanidade em si mesma; ora, depurando-se, através de encarnações sucessivas, os espíritos perdem o egoísmo, como perdem suas outras impurezas. Não tendes na Terra nenhum homem isento de egoísmo e que pratique a caridade? Eles existem em muito maior número do que imaginais, mas conheceis poucos deles, porque a virtude não procura a claridade do dia; se há um, por que não haveria dez? Se há dez, por que não haveria mil? E assim por diante...”

916. O egoísmo, longe de diminuir, aumenta com a civilização, que parece excitá-lo e mantê-lo; como a causa poderá destruir o efeito?

“Quanto maior é o mal, mais hediondo se torna; seria preciso que o egoísmo produzisse muito mal, para que se compreendesse a necessidade de extirpá-lo. Quando os homens se tiverem despojado do egoísmo que os domina, viverão como irmãos, sem se fazerem mal algum, auxiliando-se reciprocamente, através do sentimento mútuo da *solidariedade*; então, o forte será o apoio e, não, o opressor do fraco, e não se verão mais homens a quem falte o necessário, porque todos praticarão a lei de justiça. Esse é o reino do bem, que os Espíritos estão encarregados de preparar.” (784)

917. Qual o meio de destruir o egoísmo?

“De todas as imperfeições humanas, a mais difícil de desenraizar-se é o egoísmo, porque se origina da influência da matéria de que o homem, *ainda muito próximo de sua origem*, não pôde libertar-se e para cuja manutenção, tudo concorre: suas leis, sua organização social, sua educação. O egoísmo se enfraquecerá com o predomínio da vida moral sobre a vida material e, principalmente, com a compreensão que o Espiritismo vos dá sobre vosso estado futuro *real* e, não, desfigurado pelas ficções alegóricas; o Espiritismo, bem compreendido, quando estiver identificado com os costumes e as crenças, transformará os hábitos, os usos, as relações sociais. O egoísmo baseia-se na importância da personalidade; ora, o Espiritismo, bem compreendido, repito, faz com que as coisas sejam vistas de tão alto, que o sentimento da personalidade desaparece, de alguma forma, diante da imensidão. Destruindo essa importância, ou, pelo menos, mostrando o que realmente ela é, ele necessariamente combate o egoísmo.

É o atrito do egoísmo dos outros que o homem experimenta que o torna, freqüentemente, egoísta ele próprio, porque sente a necessidade de manter-se na defensiva. Vendo que os outros pensam em si próprios e, não, nele, é levado a ocupar-se mais consigo, do que com os outros. Que o princípio da caridade e da fraternidade seja a base das instituições sociais, das relações *legais* de povo para povo e de homem para homem e ele pensará menos na sua pessoa, quando vir que outros nele pensaram; sofrerá a influência moralizadora do exemplo e do contato. Em presença desse transbordamento de egoísmo, é necessária uma virtude verdadeira, para renunciar-se à sua personalidade em proveito dos outros que, muitas vezes, não lhe agradecem por isso; é principalmente para os que possuem essa virtude que o reino dos céus se encontra aberto; para esses, sobretudo, é que está reservada a felicidade dos eleitos, pois em verdade vos digo que, no dia da justiça, quem quer que só em si tenha pensado, será posto de lado e sofrerá seu abandono.”(785)

Fénelon

Sem dúvida, fazem-se louváveis esforços para fazer com que a Humanidade progrida; encorajam-se, estimulam-se, honram-se os bons sentimentos, mais do que em qualquer outra época e, entretanto, o verme roedor do egoísmo continua sendo sempre a chaga social. É um mal real que recai sobre todo o mundo e do qual cada um é mais ou menos vítima; é preciso, portanto, combatê-lo como se combate uma enfermidade epidêmica. Para isso, deve-se proceder como os médicos: procurar a causa. Que se procurem, portanto, em todas as partes da organização social, desde a família até os povos, desde a choupana até o palácio, todas as causas, todas as influências patentes ou ocultas que excitam, entretêm e desenvolvem o sentimento do egoísmo; uma vez conhecidas as causas, o remédio se apresentará por si mesmo; só restará, então, combatê-las, senão todas de uma só vez, pelo menos parcialmente, e, pouco a pouco, o veneno será extirpado. A cura poderá ser demorada, porque as causas são numerosas, mas não é impossível. Além disso, a ela só se chegará, cortando o mal pela raiz, isto é, pela educação; não essa educação que tende a fazer homens instruídos, mas a que tende a fazer homens de bem. A educação, se for bem compreendida, é a chave do progresso moral; quando se conhecer a arte de manejar os caracteres, como se conhece a de manejar as inteligências, poder-se-á corrigi-los, como se orienta o crescimento de plantas novas; esta arte, porém, requer muito tato, muita experiência e uma profunda observação; é um grave erro acreditar que baste ter conhecimento, para exercê-la com proveito. Quem quer que acompanhe o filho do rico, assim como o do pobre, desde o instante de seu nascimento, observe todas as influências perniciosas que reagem sobre ele, em consequência da fraqueza, da incúria e da ignorância daqueles que o dirigem, e não freqüentemente falham os meios que se empregam para moralizá-lo, não pode espantar-se de encontrar no mundo tantos equívocos. Que se faça pelo moral tanto quanto se faz pela inteligência e ver-se-á que, se há naturezas refratárias, há, muito mais do que se imagina, daquelas outras que apenas pedem bom cultivo para dar bons frutos.(872)

O homem quer ser feliz e este sentimento está na Natureza; é por isso que ele trabalha, incessantemente, para melhorar sua posição na Terra e procura as causas de seus males para remediá-los. Quando compreender bem que o egoísmo é uma dessas causas, aquela que gera o orgulho, a ambição, a cupidez, a inveja, o ódio, o ciúme, com que ele se atrita a cada instante, aquela que leva a perturbação a todas as relações sociais, provoca as dissensões, destrói a confiança, obriga a se manter constantemente na defensiva contra o seu vizinho, aquela que, finalmente, do amigo faz um inimigo, então, ele compreenderá também que esse

vício é incompatível com sua própria felicidade; podemos mesmo acrescentar, com sua própria segurança; quanto mais tiver sofrido por isso, mais sentirá a necessidade de combatê-lo, como combate a peste, os animais nocivos e todos os outros flagelos; seu próprio interesse o induzirá a isso. (784)

O egoísmo é a fonte de todos os vícios, como a caridade é a fonte de todas as virtudes; destruir um, desenvolver o outro, esse deve ser o objetivo de todos os esforços do homem, se ele quiser assegurar sua felicidade, tanto neste mundo, quanto no futuro.

Caracteres do Homem de Bem

918. Através de que sinais, pode-se reconhecer, no homem, o progresso real que deve elevar seu Espírito, na hierarquia espírita?

“O Espírito prova sua elevação, quando todos os atos de sua vida corporal representam a prática da lei de Deus e quando compreende, antecipadamente, a vida espiritual.”

O verdadeiro homem de bem é o que pratica a lei de justiça, de amor e de caridade em sua maior pureza. Se interroga sua consciência sobre os atos praticados, ele se perguntará se não violou esta lei; se não fez o mal; se fez todo o bem *que pôde*; se ninguém tem motivos para dele se queixar, enfim, se fez aos outros tudo o que desejaria que fizessem a ele.

O homem compenetrado do sentimento de caridade e de amor ao próximo faz o bem pelo bem, sem esperar retorno, e sacrifica seu interesse à justiça.

É bom, humano e benevolente para com todos, porque vê irmãos em todos os homens, sem distinção de raças* nem de crenças.

Se Deus lhe concedeu o poder e a riqueza, considera essas coisas como UM DEPÓSITO de que deve fazer uso para o bem; delas não se enviaidece, pois sabe que Deus, que lhas deu, pode lhas retirar:

Se a ordem social colocou homens sob sua dependência, trata-os com bondade e benevolência, porque são seus iguais diante de Deus; usa de sua autoridade para elevar-lhes o moral e, não, para esmagá-los com o seu orgulho.

É indulgente para com as fraquezas dos outros, porque sabe que ele próprio necessita de indulgência e se lembra destas palavras do Cristo: *Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado.*

Não é vingativo: a exemplo de Jesus, perdoo as ofensas, para só se lembrar dos benefícios, pois sabe que *lhe será perdoado, conforme ele próprio houver perdoado.*

Respeita, enfim, nos seus semelhantes todos os direitos que as leis da Natureza concedem, como deseja que os respeitem, com relação a ele.

Conhecimento de si Mesmo

919. Qual o meio prático mais eficaz para se melhorar nesta vida e resistir ao arrastamento do mal?

“Um sábio da Antigüidade vo-lo disse: *Conhece-te a ti mesmo.*”

a) Concebemos toda a sabedoria desta máxima; porém, a dificuldade é, precisamente, a de conhecer-se a si mesmo; qual o meio de consegui-lo?

* Vide nota explicativa no final do livro (N.E.)

“Fazei o que eu mesmo fazia, quando vivi na Terra: no final do dia, interrogava minha consciência, passava em revista o que tinha feito e me perguntava se não havia faltado a algum dever, se ninguém tivera motivo de se queixar de mim. Foi assim que cheguei a me conhecer e a ver, em mim, o que precisava de reforma. Aquele que, todas as noites, relembra-se todas as suas ações do dia e se perguntasse o que fez de bem ou de mal, rogando a Deus e ao seu anjo guardião que o esclarecessem, adquiriria uma grande força para se aperfeiçoar, pois, crede-me, Deus o assistiria. Perguntai, portanto, a vós mesmos e interrogai-vos sobre o que tendes feito, e com que objetivo agistes em tal circunstância; se fizestes alguma coisa que censuráveis, da parte de outrem; se praticastes uma ação que não ousáveis confessar. Perguntai ainda isto: Se aprovesse a Deus chamar-me neste momento, teria eu que temer o olhar de alguém, ao retornar ao mundo dos Espíritos, onde nada fica oculto? Examinai o que podeis ter praticado contra Deus, depois, contra o vosso próximo e, finalmente, contra vós mesmos. As respostas serão um repouso para vossa consciência ou a indicação de um mal que precisa ser curado.

O conhecimento de si mesmo é, portanto, a chave da melhoria individual; mas, direis, como julgar-se a si mesmo? Não teremos a ilusão do amor-próprio que diminui as faltas e as torna desculpáveis? O avarento se considera simplesmente econômico e providente; o orgulhoso acredita ter apenas dignidade. Isto é muito verdadeiro, mas tendes um meio de controle que não pode enganar-vos. Quando estiverdes indeciso sobre o valor de uma de vossas ações, perguntai a vós mesmos como a qualificaríeis, se ela fosse praticada por uma outra pessoa; se a censurais em outrem, ela não poderia ser legítima em vós, pois Deus não tem duas medidas de justiça. Procurai também saber o que dela pensam os outros e não desprezeis a opinião dos vossos inimigos, pois estes nenhum interesse têm em mascarar a verdade, e Deus freqüentemente os coloca ao vosso lado, como um espelho, para vos advertir, com mais franqueza, do que o faria um amigo. Que aquele que tem a vontade séria de melhorar-se, explore, portanto, a sua consciência, a fim de arrancar dela os maus pendores, como arranca as ervas daninhas do seu jardim; que faça o balanço do seu dia moral, como o comerciante faz o de suas perdas e de seus lucros, e vos asseguro que um lhe renderá mais do que o outro. Se puder dizer que o seu dia foi bom, poderá dormir em paz e aguardar sem receio o despertar de uma outra vida.

Fazei, portanto, perguntas claras e precisas e não temais multiplicá-las; pode-se muito bem gastar alguns minutos para conquistar uma felicidade eterna. Não trabalhai todos os dias visando acumular aquilo que vos proporcione o repouso na vossa velhice? Esse repouso não será o objeto de todos os vossos desejos, o fim que vos faz suportar fadigas e privações temporárias? Pois bem! O que representa esse repouso de alguns dias, perturbado pelas enfermidades do corpo, comparado àquele que aguarda o homem de bem? Para isto não valerá a pena fazer alguns esforços? Eu sei que muitos dizem que o presente é positivo e o futuro, incerto; ora, eis precisamente o pensamento que estamos encarregados de destruir em vós, pois queremos fazer-vos compreender este futuro, de maneira que não possa

deixar dúvida alguma na vossa alma; foi por isso que, primeiramente, chamamos a vossa atenção, através de fenômenos capazes de vos impressionar os sentidos; em seguida, nós vos damos instruções, que cada um de vós está encarregado de difundir. Foi com este objetivo que ditamos *O Livro dos Espíritos*.

Santo Agostinho

Muitas faltas que cometemos passam-nos despercebidas; se, efetivamente, seguindo o conselho de Santo Agostinho, interrogássemos, mais freqüentemente, nossa consciência, veríamos quantas vezes falimos sem que o percebêssemos, por falta de perscrutarmos a natureza e o móvel de nossos atos. A forma interrogativa tem algo de mais preciso do que uma máxima que, muitas vezes, não aplicamos a nós mesmos. Ela exige respostas categóricas, através de sim ou de não, que não deixam alternativa; são outros tantos argumentos pessoais e, pela soma das respostas, podemos calcular a soma do bem e do mal que há em nós.



QUARTA PARTE

ESPERANÇAS E CONSOLAÇÕES

Capítulo I

Penas e Gozos Terrestres

1. **Felicidade e Infelicidade Relativas.**
2. **Perda das Pessoas Amadas.**
3. **Decepções. Ingratidão. Afeições Destruídas.**
4. **Uniões Antipáticas.**
5. **Temor da Morte.**
6. **Desgosto da Vida. Suicídio.**

Felicidade e Infelicidade Relativas

920. O homem pode gozar, na Terra, de uma felicidade completa?

“Não, visto que a vida lhe foi dada como prova ou expiação; mas depende dele suavizar seus males e ser tão feliz quanto é possível na Terra.”

921. Concebe-se que o homem será feliz na Terra, quando a Humanidade estiver transformada; mas, enquanto isso, cada um poderá garantir para si uma felicidade relativa?

“O homem é, geralmente, o artesão da sua própria infelicidade. Praticando a lei de Deus, ele se poupa de muitos males e se proporciona uma felicidade tão grande, quanto o comporta sua existência grosseira.”

O homem que está bem compenetrado de seu destino futuro não vê na vida corporal senão uma estação temporária. Para ele, é como um parada momentânea numa hospedaria ruim; ele se consola, facilmente, de alguns aborrecimentos passageiros de uma viagem que deve conduzi-lo a uma posição tanto melhor, quanto melhor tiver feito, antecipadamente, seus preparativos.

Desde esta vida, somos punidos pela infração às leis da existência corporal, com males que são a consequência desta infração e dos nossos próprios excessos. Se remontarmos, gradativamente, à origem daquilo que chamamos de nossas desgraças terrestres, nós as veremos, na grande maioria, como a consequência de um primeiro afastamento do caminho reto. Através desse desvio, enveredamos por um outro caminho mau e, de consequência em consequência, caímos na desgraça.

922. A felicidade terrestre é relativa à posição de cada um; o que basta para a felicidade de um, constitui a infelicidade do outro. Há, entretanto, uma medida de felicidade comum a todos os homens?

“Com relação à vida material, é a posse do necessário; com relação à vida moral, a consciência tranqüila e a fé no futuro.”

923. O que é supérfluo para um não é, para outros, o necessário, e reciprocamente, de acordo com a posição?

“Sim, conforme vossas idéias materiais, vossos preconceitos, vossa ambição e todos os vossos equívocos ridículos a que o futuro fará justiça, quando compreenderdes a verdade. Sem dúvida, aquele que possuía cinqüenta mil libras de renda e se encontra reduzido a dez, julga-se muito infeliz, porque não pode mais ostentar tanto como antes, manter o que ele chama de sua posição, ter cavalos, lacaios, satisfazer todas as suas paixões, etc. Acredita que lhe falta o necessário; mas, francamente, achas que é digno de lástima, quando, ao seu lado, há aqueles que morrem de fome e de frio, e não têm um abrigo para repousar sua cabeça? O homem prudente, para ser feliz, olha abaixo de si, nunca, acima, a não ser, para elevar sua alma na direção do infinito.” (715)

924. Há males que independem da maneira de agir e que atingem o homem mais justo; terá ele algum meio de se preservar deles?

“Deve, então, resignar-se e passar por eles *sem murmurar*, se quiser progredir; porém, ele sempre haure uma consolação na sua consciência, que lhe dá a esperança de um futuro melhor, quando faz o que é preciso para obtê-lo.”

925. Por que Deus favorece, com os dons da fortuna, certos homens que não parecem tê-la merecido?

“Aos olhos daqueles que apenas vêem o presente, isto é uma concessão; mas, fica sabendo, a fortuna é uma prova freqüentemente mais perigosa do que a miséria.” (814 e seguintes)

926. A civilização, ao criar necessidades novas, não constitui uma fonte de novas aflições?

“Os males deste mundo são proporcionais às necessidades *factícias* que criais para vós. Aquele que sabe conter seus desejos e vê, sem inveja, o que está acima de si, poupa-se de muitos desenganos, nesta vida. O mais rico é aquele que tem menos necessidades.

Invejais os gozos daqueles que vos parecem os felizes do mundo; mas sabeis o que lhes está reservado? Se apenas eles desfrutam, são egoístas; o reverso, então, virá. De preferência, lamentai-os. Deus permite, algumas vezes, que o mau prospere, mas sua felicidade não é de se invejar, pois vai pagá-la com lágrimas amargas. Se o justo é infeliz, é uma prova que lhe será levada em conta, se a suportar com coragem. Lembrai-vos destas palavras de Jesus: Felizes os que sofrem, pois serão consolados.”

927. Certamente, o supérfluo não é indispensável à felicidade, mas o mesmo não se dá relativamente ao necessário; ora, não será real a infelicidade daqueles que se acham privados deste necessário?

“O homem só é verdadeiramente infeliz, quando sofre a falta do que é necessário à vida e à saúde do corpo. Talvez, esta privação seja culpa sua; então, só de si deve se queixar. Se a culpa for de outrem, a responsabilidade recai sobre aquele que a houver causado.”

928. Através da especialidade das aptidões naturais, Deus indica, evidentemente, nossa vocação neste mundo. Muitos males não advirão de não seguirmos esta vocação?

“É verdade e, freqüentemente, são os pais que, por orgulho ou por avareza, fazem com que seus filhos saiam do caminho traçado pela Natureza e comprometem, por esse desvio, a felicidade deles; serão responsáveis por isso.”

a) Dessa forma, acharíeis justo que o filho de um homem altamente situado no mundo fabricasse tamancos, por exemplo, se para isso tivesse aptidão?

“Convém não cair no absurdo, nem exagerar coisa alguma: a civilização tem suas necessidades. Por que o filho de um homem altamente situado, como o dizes, faria tamancos, se pode fazer outra coisa? Poderá sempre se tornar útil, na medida de suas faculdades, se não forem aplicadas às avessas. Assim, por exemplo, em vez de um mau advogado, talvez pudesse ser um mecânico muito bom, etc.”

O deslocamento dos homens para fora de sua esfera intelectual é, certamente, uma das causas mais freqüentes de decepção. A inaptidão para a carreira abraçada é uma fonte inesgotável de reveses; depois, o amor-próprio, vindo juntar-se a isso, impede o homem frassado de procurar um recurso numa profissão mais humilde e lhe mostra o suicídio como o remédio supremo, para escapar ao que acredita ser uma humilhação. *Se uma educação moral o tivesse elevado acima dos tolos preconceitos do orgulho, jamais se teria deixado apanhar desprevenido.*

929. Há pessoas que, desprovidas de todos os recursos, embora a abundância reine em torno delas, só têm a morte como perspectiva; que partido devem tomar? Devem deixar-se morrer de fome?

“Jamais se deve ter a idéia de deixar-se morrer de fome; sempre se acharia um meio de se alimentar, se o orgulho não se colocasse entre a necessidade e o trabalho. Costuma-se dizer: “Não há ofício desprezível; não é o estado que desonra; diz-se isto para os outros e, não, para si.”

930. É evidente que sem os preconceitos sociais pelos quais se deixa dominar, o homem acharia sempre um trabalho qualquer que pudesse ajudá-lo a viver, mesmo que devesse rebaixar-se de sua posição; mas, dentre as pessoas que não têm preconceitos, ou que os colocam de lado, não há as que estão na impossibilidade de prover às suas necessidades, em consequência de doenças, ou outras causas independentes da vontade delas?

“Numa sociedade organizada segundo a lei do Cristo, ninguém deve morrer de fome.”

Com uma organização social sábia e previdente, só poderá faltar o necessário ao homem, por culpa dele mesmo; mas suas próprias faltas são, freqüentemente, o resultado do meio em que se acha colocado. Quando o homem praticar a lei de Deus, terá uma ordem social baseada na justiça e na solidariedade e ele próprio também será melhor. (793)

931. Por que, na sociedade, as classes sofredoras são mais numerosas do que as classes felizes?

“Nenhuma é perfeitamente feliz e o que se julga ser a felicidade esconde, freqüentemente, pungentes aflições; o sofrimento está em toda a parte. Entretanto, para responder ao teu pensamento, direi que as classes que chamas sofredoras são mais numerosas, porque a Terra é um lugar de expiação. Quando o homem tiver feito dela a morada do bem e dos bons Espíritos, ele aí não será mais infeliz e ela será para ele o paraíso terrestre.”

932. Por que, no mundo, a influência dos maus supera, com tanta freqüência, a dos bons?

“É pela fraqueza dos bons; os maus são intrigantes e audaciosos, os bons são tímidos; quando estes o quiserem, tomarão a frente.”

933. Se o homem é, freqüentemente, o artesão de seus sofrimentos materiais, também o será dos sofrimentos morais?

“Mais ainda, pois os sofrimentos materiais são, algumas vezes, independentes da vontade; porém, o orgulho ferido, a ambição frustrada, a ansiedade da avareza, a inveja, o ciúme, todas as paixões, numa palavra, são torturas da alma.

A inveja e o ciúme! Felizes os que não conhecem esses dois vermes roedores! Com a inveja e o ciúme, não há calma, não há repouso possível para aquele que é atingido por esse mal: os objetos de sua cobiça, de seu ódio, de seu despeito se erguem diante dele como fantasmas que nenhuma trégua lhe dão e o perseguem até durante o seu sono. O invejoso e o ciumento vivem num estado de febre contínua. Será, portanto, esta uma situação desejável? E não compreendeis que, com suas paixões, o homem cria para si suplícios voluntários e a Terra se torna para ele um verdadeiro inferno?”

Várias expressões pintam, energicamente, os efeitos de certas paixões. Diz-se: estar cheio de orgulho, morrer de inveja, secar de ciúme ou de despeito, perder, por causa disso, a vontade de beber ou de comer, etc.; este quadro é muito verdadeiro. Algumas vezes até, o ciúme não tem objeto determinado. Há pessoas ciumentas, por natureza, de tudo o que se eleva, de tudo o que sobressai ao comum, mesmo que não tenham nisso um interesse direto, mas unicamente porque não podem atingi-lo; tudo o que aparece acima do horizonte as ofusca e, estivessem em maioria na sociedade, gostariam de reduzir tudo ao seu nível. É o ciúme que se junta à mediocridade.

O homem, freqüentemente, só é infeliz pela importância que dá às coisas deste mundo; a vaidade, a ambição e a cupidez frustradas é que fazem sua infelicidade. Se ele se coloca acima do círculo estreito da vida material; se ele eleva seus pensamentos na direção do infinito, que é o seu destino, as vicissitudes da Humanidade lhe parecem, então, mesquinhas e pueris, como a tristeza da criança que se aflige pela perda de um brinquedo que constituía sua felicidade suprema.

Aquele que só vê felicidade na satisfação do orgulho e dos apetites grosseiros é infeliz, quando não pode satisfazê-los, enquanto que aquele que nada pede ao supérfluo é feliz com o que outros consideram calamidades.

Falamos do homem civilizado, pois o selvagem, possuindo necessidades mais limitadas, não tem os mesmos motivos de cobiça e de angústias: sua maneira de ver as coisas é muito diferente. No estado de civilização, o homem raciocina sobre sua infelicidade e a analisa; por isso é mais afetado por ela; mas ele também pode raciocinar e analisar os meios de

consolação. Esta consolação, ele a encontra no *sentimento cristão, que lhe dá a esperança de um futuro melhor, e no Espiritismo que lhe dá a certeza desse futuro.*

Perda das Pessoas Amadas

934. A perda das pessoas que nos são caras não é uma daquelas que nos causam legítima tristeza, tanto mais legítima, quanto é irreparável e independente da nossa vontade esta perda?

“Essa causa de dor atinge tanto o rico, quanto o pobre: representa uma prova, ou expiação, e é a lei comum; mas é um consolo poder comunicar-vos com vossos amigos, através dos meios de que dispondes, *aguardando que tenhais outros mais diretos e mais acessíveis aos vossos sentidos.*”

935. O que pensar da opinião das pessoas que consideram as comunicações de além-túmulo como uma profanação?

“Nelas não pode haver profanação, quando há recolhimento e quando a evocação é feita com respeito e convenientemente; o que o prova é que os espíritos que vos querem bem vêm com prazer; ficam felizes pela vossa lembrança e por se comunicarem conosco; haveria profanação em fazê-lo levemente.”

A possibilidade de entrar em comunicação com os Espíritos é uma consolação muito doce, visto que nos proporciona o meio de conversarmos com nossos parentes e nossos amigos que deixaram a Terra antes de nós. Pela evocação nós os aproximamos de nós; eles estão ao nosso lado, nos ouvem e nos respondem; não há mais, por assim dizer, separação entre eles e nós. Eles nos ajudam com seus conselhos, testemunham-nos sua afeição e o contentamento que experimentam pela nossa lembrança. É uma grande satisfação, para nós, sabê-los felizes, saber, *através deles mesmos*, os detalhes de sua nova existência e, por nossa vez, adquirir a certeza de reencontrá-los.

936. Como é que as dores inconsoláveis dos que sobreviveram afetam os Espíritos que as causam?

“O Espírito é sensível à lembrança e às saudades daqueles que amou, porém, uma dor incessante e destemperada o afeta penosamente, porque ele vê, nessa dor excessiva, uma falta de fé no futuro e de confiança em Deus e, por conseguinte, um obstáculo ao progresso e, talvez, ao reencontro.”

Estando o Espírito mais feliz do que na Terra, lamentar-lhe a perda da vida é lamentar que seja feliz. Dois amigos estão presos, encarcerados na mesma prisão; ambos devem, um dia, ter sua liberdade, porém, um deles a obtém antes do outro. Será caridoso que o que permanece fique aborrecido, porque seu amigo foi libertado antes dele? Não haverá mais egoísmo do que afeição de sua parte, em querer que partilhe do seu cativeiro e de seus sofrimentos, tanto tempo quanto ele? O mesmo acontece com dois seres que se amam na Terra; aquele que parte primeiro é quem primeiro se liberta e devemos felicitá-lo por isso, aguardando, pacientemente, o momento em que, a nosso turno, sejamos libertados também.

Faremos, sobre este assunto, uma outra comparação. Tendes, junto de vós, um amigo que se encontra numa penosa situação: sua saúde ou seus interesses exigem que vá para um outro país, onde estará melhor, sob todos os aspectos. Ele não estará mais junto de vós, momentaneamente, mas, sempre estareis em correspondência com ele: a separação será apenas material. Ficaríeis aborrecido pelo seu afastamento, visto que é para o bem dele?

A Doutrina Espírita, pelas provas patentes que dá da vida futura, da presença, em torno de nós, daqueles que amamos, da continuidade de seu afeto e de sua solicitude, pelas relações que ela nos permite manter com eles, oferece-nos uma suprema consolação, para uma das causas mais legítimas de dor. Com o Espiritismo, não há mais solidão, não há mais abandono: o homem, por mais isolado, sempre tem amigos perto de si, com os quais pode se comunicar.

Suportamos, impacientemente, as tribulações da vida; elas nos parecem tão intoleráveis, que não compreendemos como poderíamos sofrê-las; e, no entanto, se as suportarmos com coragem, se soubermos impor silêncio às nossas murmurações, nós nos felicitaremos, quando estivermos fora desta prisão terrestre, como o paciente que sofre se felicita, quando curado, por se ter resignado a um tratamento doloroso.

Decepções. Ingratidão. Afeições Destruidas

937. As decepções que nos fazem experimentar a ingratidão e a fragilidade dos laços de amizade, não representam também, para o homem sensível, uma fonte de amargura?

“Sim; mas nós vos ensinamos a ter compaixão dos ingratos e dos amigos infieis: eles serão mais infelizes do que vós. A ingratidão é filha do egoísmo e o egoísta encontrará, mais tarde, corações insensíveis, como ele próprio o foi. Lembrai-vos de todos aqueles que fizeram mais bem do que vós, que valeram mais do que vós e foram pagos com a ingratidão. Lembrai-vos de que o próprio Jesus foi ridicularizado e menosprezado, enquanto vivo, tratado como hipócrita e impostor, e não vos espanteis de que o mesmo aconteça convosco. Que o bem que fizestes seja a vossa recompensa neste mundo e não vos importeis com o que dizem disto aqueles que o receberam. A ingratidão é uma prova para a vossa persistência em fazer o bem; isto vos será levado em conta e aqueles que vos desprezaram serão tanto mais punidos por isso, quanto maior lhes tenha sido a ingratidão.”

938. As decepções causadas pela ingratidão não serão motivo para o endurecimento do coração, fechando-o à sensibilidade?

“Isto seria um engano, pois o homem sensível, como o dizes, fica sempre feliz pelo bem que faz. Ele sabe que, se este bem não é lembrado nesta vida, sê-lo-á numa outra e que o ingrato terá vergonha e remorsos por isso.”

a) Este pensamento não impede seu coração de ser ferido; ora, isto não pode fazer com que nele nasça a idéia de que seria mais feliz, se fosse menos sensível?

“Sim, se ele preferir a felicidade do egoísta; que triste felicidade é essa! Que ele saiba, portanto, que os amigos ingratos que o abandonam não são dignos de sua amizade e que ele se enganou a respeito deles; assim sendo, não deve lamentá-los. Mais tarde, encontrará outros que saberão compreendê-lo melhor. Tende compaixão daqueles que procedem mal para convosco, sem o merecerdes, pois haverá para eles um triste retorno; mas não vos aflijais por isso: é o meio de vos colocardes acima deles.”

A Natureza deu ao homem a necessidade de amar e de ser amado. Uma das maiores satisfações que lhe são concedidas na Terra é a de encontrar corações que simpatizam com o

seu; ela lhe dá, dessa forma, as primícias da felicidade que lhe está reservada no mundo dos Espíritos perfeitos. onde tudo é amor e benevolência: é um gozo recusado ao egoísta.

União Antipáticas

939. Visto que os Espíritos simpáticos são levados a se unir, como é que, entre os Espíritos encarnados, freqüentemente, a afeição só existe de um lado e que o amor mais sincero é acolhido com indiferença e, até, com repulsão? Como é, além disso, que a afeição mais viva de dois seres pode se transformar em antipatia e, algumas vezes, em ódio?

“Não compreendes, então, que isso constitui uma punição, embora passageira. Além disso, quantos não crêem amar perdidamente, porque apenas julgam pelas aparências e, quando são obrigados a viver com as pessoas, não demoram a reconhecer que não passava de um encantamento material! Não basta estar apaixonado por uma pessoa que vos agrada e em quem supondes belas qualidades; é vivendo, realmente, com ela que podereis apreciá-la. Quantas dessas uniões também existem que, a princípio, parecem destinadas a nunca ser simpáticas e, após se conhecer bem e bem se estudar, ambos acabam por se amar, com um amor terno e durável, porque repousa na estima! É preciso não esquecer que é o Espírito quem ama e, não, o corpo e, quando a ilusão material se dissipa, o espírito vê a realidade.

Há duas espécies de afeição: a do corpo e a da alma e, freqüentemente, toma-se uma pela outra. A afeição da alma, quando pura e simpática, é durável; a do corpo é perecível; eis por que, muitas vezes, aqueles que acreditavam amar-se, com um amor eterno, passam a odiar-se, quando a ilusão acaba.”

940. A falta de simpatia entre os seres destinados a viver juntos não será, igualmente, uma fonte de aborrecimentos tanto mais amargos, por envenenarem toda a existência?

“Muito amargos, com efeito; mas constitui uma dessas infelicidades de que sois, na maioria das vezes, a causa principal; primeiramente, são vossas leis que estão erradas, pois julgas que Deus te constanja a permanecer com aqueles que te desagradam? E, além disso, nessas uniões, freqüentemente, procurais mais a satisfação do vosso orgulho e da vossa ambição do que a felicidade de uma afeição mútua; experimentais, então, a conseqüência dos vossos preconceitos.”

a) Mas, neste caso, não há, quase sempre, uma vítima inocente?

“Sim e representa para ela uma dura expiação; mas a responsabilidade de sua infelicidade recairá sobre aqueles que a tiverem causado. Se a luz da verdade tiver penetrado em sua alma, ela haurirá consolação na sua fé no futuro; de resto, à medida que os preconceitos se enfraquecerem, as causas dessas desgraças particulares também desaparecerão.”

Temor da Morte

941. O temor da morte é, para muitas pessoas, uma causa de perplexidade; de onde se origina esse temor, visto que elas têm diante de si o futuro?

“É sem motivo que têm esse temor; mas, que queres? Se procuram persuadi-las, quando jovens, de que há um inferno e um paraíso, mas que é mais certo irem para o inferno, porque lhes dizem que o que está na Natureza constitui um pecado mortal para a alma. Então, quando se tornam adultas, se têm um pouco de juízo, não podem admitir isso e se tornam atéias ou materialistas; é assim que são levadas a acreditar que, além da vida presente, nada mais há. Quanto às que persistiram nas suas crenças de infância, elas temem aquele fogo eterno que deve queimá-las sem as consumir.

A morte nenhum temor inspira ao justo, porque, com a *fé*, ele tem a certeza do futuro; a *esperança* faz com que aguarde uma vida melhor e a *caridade*, cuja lei praticou, dá-lhe a certeza de que não encontrará, no mundo onde vai entrar, nenhum ser cujo olhar deva temer.” (730)

O homem carnal, mais preso à vida corporal do que à vida espiritual, tem, na Terra, penas e gozos materiais; sua felicidade está na satisfação fugidia de todos os seus desejos. Sua alma, constantemente preocupada e angustiada pelas vicissitudes da vida, conserva-se numa ansiedade e numa tortura perpétuas. A morte o assusta, porque ele duvida do seu futuro e porque deixa na Terra todas as suas afeições e todas as suas esperanças.

O homem moral, que se elevou acima das necessidades factícias criadas pelas paixões, experimenta, desde este mundo, gozos desconhecidos pelo homem material. A moderação de seus desejos dá ao seu Espírito a calma e a serenidade. Feliz pelo bem que faz, não há para ele decepções e as contrariedades deslizam sobre sua alma, nenhuma impressão dolorosa deixando nela.

942. Algumas pessoas não acharão estes conselhos para ser feliz na Terra um pouco banais? Não verão neles o que chamam de lugares comuns, verdades continuamente repetidas? E não dirão elas que, definitivamente, o segredo para ser feliz consiste em saber suportar sua infelicidade?

“Há as que dirão isto, e em grande número; mas algumas delas se parecem com certos doentes a quem o médico prescreve a dieta; gostariam de ser curadas sem remédios e continuando a sofrer indigestões por si mesmas provocadas.”

Desgosto da Vida. Suicídio

943. De onde provém o desgosto da vida que se apodera de alguns indivíduos, sem motivos plausíveis?

“Efeito da ociosidade, da falta de fé e, freqüentemente, da saciedade.

Para aquele que exerce suas faculdades com um fim útil e *de acordo com suas aptidões naturais*, o trabalho nada tem de árduo e a vida passa mais rapidamente; suporta-lhe as vicissitudes com tanto mais paciência e resignação, porquanto age tendo em vista a felicidade mais sólida e mais durável que o espera.”

944. O homem tem o direito de dispor de sua própria vida?

“Não, só Deus tem este direito. O suicídio voluntário é uma transgressão desta lei.”

a) O suicídio não é sempre voluntário?

“O louco que se mata não sabe o que faz.”

945. O que pensar do suicídio que tem como causa o desgosto da vida?

“Insensatos! Por que não trabalhavam? A existência não lhes teria sido tão pesada!”

946. O que pensar do suicídio que tem como objetivo escapar das misérias e das decepções deste mundo?

“Pobres Espíritos, que não têm a coragem de suportar as misérias da existência! Deus ajuda aqueles que sofrem e, não, aqueles que não possuem força nem coragem. As tribulações da vida são provas ou expiações; felizes os que as suportam sem murmurar, pois serão recompensados por isso! Infelizes, ao contrário, aqueles que esperam sua salvação daquilo que, na sua impiedade, chamam de acaso ou fortuna! O acaso ou a fortuna, para me servir da linguagem deles, podem, com efeito, favorecê-los por um instante, mas é para lhes fazer sentir, mais tarde e mais cruelmente, o nada que representam essas palavras.”

a) Aqueles que tenham conduzido o infeliz a esse ato de desespero sofrerão as conseqüências disso?

“Oh! Esses, pobres deles, *pois responderão por isso, como por um assassinato.*”

947. O homem que luta contra a necessidade e que se deixa morrer de desespero pode ser considerado como um suicida?

“É um suicídio, mas aqueles que o causaram, ou que poderiam impedi-lo, são mais culpados do que ele e a indulgência o espera. Entretanto, não creiais que ele seja inteiramente absolvido, se lhe faltaram firmeza e perseverança e se não usou de toda a sua inteligência, para sair do atoleiro. Pobre dele, principalmente, se seu desespero nasce do orgulho; quero dizer, se ele for desses homens em quem o orgulho paralisa os recursos da inteligência, que corariam de dever sua existência ao trabalho de suas mãos e que preferem morrer de fome a descer daquilo que chamam de sua posição social! Não haverá cem vezes mais grandeza e dignidade em lutar contra a adversidade, em afrontar a crítica de um mundo fútil e egoísta, que só tem boa-vontade para com aqueles a quem nada falta e que vos vira as costas, assim que precisais dele? Sacrificar sua vida à consideração desse mundo é uma coisa estúpida, pois ele nenhuma importância dá a isso.”

948. O suicídio que tem por objetivo escapar da vergonha de uma ação má é tão reprovável quanto aquele que é causado pelo desespero?

“O suicídio não apaga a falta; ao contrário, em vez de uma, haverá duas. Quando se teve a coragem de fazer o mal, é preciso ter a de sofrer-lhe as conseqüências. Deus julga e, conforme a causa, pode, algumas vezes, diminuir os seus rigores.”

949. O suicídio será desculpável, quando tenha por objetivo impedir que a vergonha caia sobre os filhos, ou sobre a família?

“O que assim age, não faz bem, mas acredita que o faz e isso Deus lhe leva em conta, pois é uma expiação que a si mesmo impõe. Atenua a sua falta pela intenção, mas nem por isso deixa de cometer uma falta. De resto, aboli os abusos de vossa sociedade e vossos preconceitos e não haverá mais desses suicídios.”

Aquele que tira a própria vida, para escapar à vergonha de uma ação má, prova que valoriza mais a estima dos homens do que a de Deus, pois vai retornar à vida espiritual carregado das suas iniquidades e tendo-se privado dos meios de repará-las, durante a sua vida. Deus é, freqüentemente, menos inexorável do que os homens; ele perdoa ao que se arrepende sinceramente e leva em conta a reparação; o suicídio nada repara.

950. Que pensar daquele que tira a sua vida, na esperança de chegar mais depressa a uma vida melhor?

“Outra loucura! Que faça o bem e estará mais seguro de a ela chegar, pois, retardando sua entrada num mundo melhor, ele próprio pedirá para vir *concluir esta vida* que ele interrompeu, por um equívoco. Uma falta, qualquer que seja, nunca abre o santuário dos eleitos.”

951. O sacrifício da própria vida não é, algumas vezes, meritório, quando tem como objetivo salvar a de outrem, ou ser útil aos seus semelhantes?

“Isso é sublime, conforme a intenção, e o sacrifício da vida não constitui suicídio; mas Deus se opõe a um sacrifício inútil e não pode vê-lo com bons olhos, se ele é manchado pelo orgulho. Um sacrifício só é meritório pelo desinteresse e aquele que o pratica tem, algumas vezes, uma segunda intenção que lhe diminui o valor aos olhos de Deus.”

Todo sacrifício feito às custas de sua própria felicidade é um ato soberanamente meritório aos olhos de Deus, pois constitui a prática da lei de caridade. Ora, sendo a vida o bem terrestre pelo qual o homem tem maior apreço, aquele que a ela renuncia, pelo bem dos seus semelhantes, não comete um atentado: realiza um sacrifício. Mas, antes de fazê-lo, deve avaliar se sua vida não poderia ser mais útil do que sua morte.

952. O homem que perece vítima do abuso de paixões que ele sabia que deveriam apressar o seu fim, mas às quais não tinha mais o poder de resistir, porque o hábito as transformara em verdadeiras necessidades físicas, comete um suicídio?

“É um suicídio moral. Não compreendeis que, neste caso, o homem é duplamente culpado? Há nele falta de coragem e bestialidade e, além disso, o esquecimento de Deus.”

a) É mais ou menos culpado do que aquele que tira sua vida por desespero?

“Ele é mais culpado, porque tem tempo de refletir sobre seu suicídio; naquele que o faz instantaneamente, há, algumas vezes, uma espécie de desvario que se assemelha à loucura; o outro será muito mais punido, pois as penas são sempre proporcionais à consciência que se tem das faltas cometidas.”

953. Quando uma pessoa vê diante de si uma morte inevitável e terrível, é culpada por abreviar de alguns instantes seus sofrimentos, através de uma morte voluntária?

“Somos sempre culpados por não esperar o termo fixado por Deus. Além disso, estaremos bem certos de que, apesar das aparências, esse termo tenha chegado e de que não poderemos receber um socorro inesperado, no último momento?”

a) Concebe-se que, nas circunstâncias comuns, o suicídio seja condenável, mas supomos o caso em que a morte é inevitável e em que a vida só é abreviada de alguns instantes.

“É sempre uma falta de resignação e de submissão à vontade do Criador.”

b) Quais são, nesse caso, as conseqüências desta ação?

“Uma expiação proporcional à gravidade da falta, conforme as circunstâncias, como sempre.”

954. Uma imprudência que compromete a vida, sem necessidade, é condenável?

“Não há culpabilidade, quando não há intenção, ou consciência perfeita de praticar o mal.”

955. As mulheres que, em certos países, se queimam voluntariamente sobre os corpos de seus maridos, podem ser consideradas suicidas e sofrem as conseqüências deste gesto?

“Elas obedecem a um preconceito e, freqüentemente, mais à força do que pela sua própria vontade. Crêem cumprir um dever e este não é o caráter do suicídio. A desculpa delas está na nulidade moral da maioria e na sua ignorância. Esses usos bárbaros e estúpidos desaparecem com a civilização.”

956. Aqueles que, não podendo suportar a perda de pessoas que lhes são caras, matam-se na esperança de ir juntar-se a elas, atingem o seu objetivo?

“O resultado para eles é completamente diferente daquele que esperavam e, em vez de se reunirem ao objeto de suas afeições, afastam-se dele por muito mais tempo, pois Deus não pode recompensar um ato de covardia e o insulto que lhe é feito, duvidando de sua Providência. Pagarão este instante de loucura com aflições maiores do que as que acreditavam abreviar e não terão, para compensá-las, a satisfação que esperavam.” (934 e seguintes)

957. Em geral, quais são as conseqüências do suicídio, relativamente ao estado de Espírito?

“As conseqüências do suicídio são muito diversas; não há penas fixas e, em todos os casos, são sempre relativas às causas que o produziram; mas existe uma conseqüência à qual o suicida não pode escapar: é o *desapontamento*. De resto, a sorte não é a mesma para todos: depende das circunstâncias; alguns expiam suas faltas imediatamente, outros, numa nova existência, que será pior do que aquela cujo curso interromperam.”

A observação mostra, de fato, que os efeitos do suicídio nem sempre são os mesmos; porém, há alguns comuns a todos os casos de morte violenta, conseqüência da interrupção

brusca da vida. Primeiramente, há a persistência mais prolongada e mais tenaz do elo que une o Espírito ao corpo, porque esse elo está, quase sempre, na plenitude de sua força, no momento em que é partido, enquanto que, na morte natural, ele se enfraquece gradualmente e, freqüentemente, se desfaz, antes que a vida esteja completamente extinta. As conseqüências desse estado de coisas são o prolongamento da perturbação espiritual, depois da ilusão que, durante um tempo mais ou menos longo, faz com que o espírito acredite que ainda pertence ao número dos vivos. (155 e 165)

A afinidade que persiste entre o Espírito e o corpo produz, em alguns suicidas, uma espécie de repercussão do estado do corpo no Espírito, que sente, assim, contra a vontade, os efeitos da decomposição, experimentando uma sensação cheia de angústias e de horror. Este estado pode persistir, também, durante tanto tempo quanto devesse durar a vida que interromperam. Tal efeito não é geral; mas, em nenhum caso, o suicida fica isento das conseqüências da sua falta de coragem e, cedo ou tarde, expia seu erro, de um jeito ou de outro. É assim que alguns Espíritos, que tinham sido muito infelizes na Terra, disseram ter-se suicidado na existência anterior e submetido, voluntariamente, a novas provas, para tentar suportá-las com mais resignação. Em alguns, há uma espécie de ligação à matéria, de que procuram, em vão, desembaraçar-se, para voarem para mundos melhores, cujo acesso lhes está interditado; na maioria, há o pesar de ter feito uma coisa inútil, já que só decepções experimentam.

A religião, a moral, todas as filosofias condenam o suicídio como contrário à lei natural; todas nos dizem, em princípio, que ninguém tem o direito de abreviar, voluntariamente, a sua vida; mas, por que não temos esse direito? Por que não somos livres para pôr um termo aos nossos sofrimentos? Estava reservado ao Espiritismo demonstrar, pelo exemplo dos que sucumbiram, que não se trata apenas de uma falta representativa de infração a uma lei moral, consideração de pouco peso para alguns indivíduos, mas de um ato estúpido, visto que nada se ganha com ele, longe disso; não é a teoria que ele nos ensina, são os fatos que nos patenteia.



Capítulo II

Penas e Gozos Futuros

1. Nada. Vida Futura.
2. Intuição das Penas e Gozos Futuros.
3. Intervenção de Deus nas Penas e Recompensas.
4. Natureza das Penas e Gozos Futuros.
5. Penas Temporais.
6. Expição e Arrependimento.
7. Duração das Penas Futuras.
8. Paraíso, Inferno e Purgatório.

Nada. Vida Futura

958. Por que o homem tem, instintivamente, horror ao nada?

“Porque o nada não existe.”

959. De onde se origina, para o homem, o sentimento instintivo da vida futura?

“Já o dissemos: antes de reencarnar, o Espírito conhecia todas essas coisas e a alma guarda uma vaga lembrança do que ela sabe e do que viu, no seu estado espiritual.” (393)

Em todos os tempos, o homem se preocupou com seu futuro de além-túmulo e isto é muito natural. Qualquer que seja a importância que dê à vida presente, não pode deixar de considerar como ela é curta e, principalmente, precária, visto que ela pode ser interrompida a qualquer instante e que ele nunca está seguro sobre o dia seguinte. Que será dele, após o instante fatal? A questão é grave, pois não se trata de alguns anos, mas da eternidade. Aquele que tem de passar longos anos num país estrangeiro, preocupa-se com a posição que lá ocupará; como, então, não nos preocuparmos com a que teremos, ao deixar este mundo, já que é para sempre?

A idéia do nada tem alguma coisa que repugna à razão.

O homem, por mais despreocupado que seja durante a vida, ao chegar o momento supremo, pergunta a si mesmo o que vai ser dele e, involuntariamente, espera.

Crer em Deus, sem admitir a vida futura, seria um contra-senso. O sentimento de uma existência melhor está no foro íntimo de todos os homens: Deus não pode tê-lo aí colocado em vão.

A vida futura implica a conservação de nossa individualidade após a morte; com efeito, o que nos importaria sobreviver ao corpo, se nossa essência moral devesse perder-se no oceano do infinito? As conseqüências, para nós, seriam as mesmas que o nada.

Intuição das Penas e Gozos Futuros

960. Donde se origina a crença, que encontramos em todos os povos, das penas e das recompensas futuras?

“É sempre a mesma coisa: pressentimento da realidade, trazido ao homem pelo Espírito nele encarnado; pois, sabeí-o bem, não é em vão que uma voz interior vos fala; vosso erro está em não a escutardes o bastante. Se pensásseis bem nisso, e com freqüência, melhores vos tornaríeis.”

961. No momento da morte, que sentimento domina a maioria dos homens? Será a dúvida, o temor ou a esperança?

“A dúvida, nos cépticos endurecidos; o temor, nos culpados; a esperança, nos homens de bem.”

962. Por que existem cépticos, já que a alma traz ao homem o sentimento das coisas espirituais?

“Eles são menos numerosos do que se imagina; muitos se fazem de Espíritos fortes, durante sua vida, por orgulho, mas, no momento da morte, não são tão fanfarrões.”

A conseqüência da vida futura é a responsabilidade por nossos atos. A razão e a justiça nos dizem que, na repartição da felicidade a que todo homem aspira, os bons e os maus não poderiam estar confundidos. Deus não pode querer que uns gozem, sem esforço, de bens que outros só alcançam com esforço e perseverança.

A idéia que Deus nos dá de sua justiça e de sua bondade, através da sabedoria de suas leis, não nos permite acreditar que o justo e o mau estejam, aos seus olhos, na mesma categoria, nem duvidar de que recebam, algum dia, um, a recompensa, o outro, o castigo, pelo bem ou pelo mal que tenham feito; é por isso que o sentimento inato que temos da justiça nos dá a intuição das penas e das recompensas futuras.

Intervenção de Deus nas Penas e Recompensas

963. Deus se ocupa, pessoalmente, com cada homem? Não será ele muito grande e nós muito pequenos para que cada indivíduo, em particular, tenha, aos seus olhos, alguma importância?

“Deus se ocupa com todos os seres que criou, por menores que sejam; para sua bondade, nada é pequenino.”

964. Deus necessita ocupar-se com cada um dos nossos atos, para nos recompensar, ou nos punir? E, na sua maioria, esses atos não são insignificantes para ele?

“Deus tem suas leis que regulam todas as vossas ações: se as violais, a culpa é vossa. Sem dúvida, quando um homem comete um excesso, Deus não profere um julgamento contra ele, para lhe dizer, por exemplo: foste guloso, vou punir-te. Mas ele traçou um limite; as doenças e, freqüentemente, a morte são a

conseqüência dos excessos. Eis a punição: é o resultado da infração da lei. O mesmo se dá com todas as coisas.”

Todas as nossas ações estão submetidas às Leis de Deus. Nenhuma há, *por mais insignificante que nos pareça*, que possa violá-las. Se sofremos as conseqüências dessa violação, só devemos nos queixar de nós mesmos, que nos fazemos, assim, os próprios artesãos de nossa felicidade, ou de nossa infelicidade futuras.

Esta verdade se torna evidente, através do seguinte apólogo:

“Um pai deu a seu filho educação e instrução, isto é, os meios de saber conduzir-se. Cede-lhe um campo para cultivar e lhe diz: Eis a regra a seguir e todos os instrumentos necessários para tornar este campo fértil e assegurar a tua existência. Dei-te a instrução, para compreenderes esta regra; se a cumprires, teu campo produzirá muito e te proporcionará o repouso na velhice; do contrário, nada produzirá e morrerás de fome. Dito isso, ele o deixa agir livremente.”

Não é verdade que esse campo produzirá proporcionalmente aos cuidados dispensados ao cultivo e que qualquer negligência prejudicará a colheita? Portanto, o filho será, na sua velhice, feliz ou desgraçado, conforme tiver seguido ou negligenciado a regra traçada por seu pai. Deus é ainda mais providente, pois nos adverte, a cada instante, se estamos fazendo o bem ou o mal: ele nos envia os Espíritos para nos inspirar, mas não os escutam. Há ainda esta diferença: Deus sempre concede ao homem um recurso, nas suas novas existências, para reparar seus erros passados, enquanto que ao filho de quem falamos, se empregou mal o seu tempo, nada mais lhe resta.

Natureza das Penas e Gozos Futuros

965. As penas e os gozos da alma, após a morte, têm alguma coisa de material?

“O bom-senso o diz: não podem ser materiais, visto que a alma não é matéria. Essas penas e esses gozos nada têm de carnal e, entretanto, são mil vezes mais vivos do que os que experimentais na Terra, porque o Espírito, uma vez desligado, é mais impressionável; a matéria não embota mais as suas sensações.” (237 a 257)

966. Por que o homem faz uma idéia, freqüentemente, tão grosseira e tão absurda das penas e dos gozos da vida futura?

“Inteligência que ainda não se desenvolveu o bastante. A criança compreende como um adulto? Além disso, depende também do que lhe ensinaram: aí é que há necessidade de uma reforma.

Vossa linguagem é muito incompleta, para exprimir o que está fora de vós; então, teve-se que recorrer a comparações e são essas imagens e essas figuras que tomastes como realidade; porém, à medida que o homem se esclarece, seu pensamento compreende as coisas que sua linguagem não pode expressar.”

967. Em que consiste a felicidade dos bons Espíritos?

“Em conhecer todas as coisas; em não ter ódio, nem ciúme, nem inveja, nem ambição, nem qualquer das paixões que fazem a infelicidade dos homens. O amor que os une é para eles uma fonte de suprema felicidade. Não experimentam as necessidades, nem os sofrimentos, nem as angústias da vida material; são felizes

pelo bem que fazem; de resto, a felicidade dos Espíritos é sempre proporcional à elevação deles. Na verdade, somente os puros Espíritos gozam da felicidade suprema, mas nem todos os outros são infelizes; entre os maus e os perfeitos, há uma infinidade de graus, em que os gozos são relativos ao estado moral. Os que estão bastante adiantados compreendem a felicidade dos que os precederam e a ela aspiram, porém este é um tema de emulação para eles e, não, de ciúme; sabem que depende deles chegar lá e trabalham com este objetivo, mas, com a calma da consciência tranqüila, e são felizes por não terem que sofrer o que os maus suportam.”

968. Colocais a ausência das necessidades materiais, entre as condições da felicidade para os Espíritos; mas, a satisfação dessas necessidades não representa, para o homem, uma fonte de gozos?

“Sim, os gozos do animal; e, quando não podes satisfazer essas necessidades, é uma tortura.”

969. O que se deve entender quando se diz que os puros Espíritos estão reunidos no seio de Deus e ocupados em louvar-lhe a grandeza?

“É uma alegoria que simboliza a idéia que eles têm das perfeições de Deus, porque o vêem e o compreendem, mas que, como muitas outras, não se deve levar ao pé da letra. Tudo, na Natureza, desde o grão de areia, canta, isto é, proclama o poder, a sabedoria e a bondade de Deus; não creias, entretanto, que os Espíritos bem-aventurados permaneçam em contemplação, durante toda a eternidade; esta seria uma felicidade estúpida e monótona; além disso, seria a felicidade do egoísta, já que a existência deles seria uma inutilidade sem fim. Eles não têm mais as tribulações da existência corporal: isto já representa um gozo; e também, como já dissemos, conhecem e sabem todas as coisas; tiram proveito da inteligência que adquiriram, para auxiliar os progressos dos outros Espíritos: esta é a ocupação deles e, ao mesmo tempo, um prazer.”

970. Em que consistem os sofrimentos dos Espíritos inferiores?

“São tão variados quanto as causas que os produzem e proporcionais ao grau de inferioridade, como os gozos o são ao grau de superioridade; podem resumir-se assim: invejarem tudo o que lhes falta para serem felizes e não poderem obtê-lo; verem a felicidade e não poderem alcançá-la; pesar, ciúme, raiva, desespero pelo que os impede de serem felizes; remorsos, ansiedade moral indefinível. Desejam todos os gozos e não podem satisfazê-los e é isto o que os tortura.”

971. A influência que os Espíritos exercem uns sobre os outros é sempre boa?

“Sempre boa da parte dos bons Espíritos, é claro: porém, os Espíritos perversos procuram desviar do caminho do bem e do arrependimento aqueles que eles julgam suscetíveis de se deixar levar e que, com freqüência, arrastaram ao mal durante a vida.”

a) Assim, a morte não nos livra da tentação?

“Não, mas a ação dos maus Espíritos é muito menor sobre os outros Espíritos do que sobre os homens, porque eles não têm como auxiliares as paixões materiais.” (996)

972. Como procedem os maus Espíritos para tentar os outros Espíritos, já que não contam com o auxílio das paixões?

“Se, materialmente, as paixões não existem, elas ainda existem no pensamento dos Espíritos atrasados; os maus entretêm esses pensamentos, arrastando suas vítimas para os lugares onde há o espetáculo dessas paixões e tudo o que possa excitá-las.”

a) Mas, de que servem essas paixões, visto que não têm mais objeto real?

“Nisso, precisamente, é que está o suplício deles: o avaro vê ouro que não pode possuir; o devasso, orgias nas quais não pode tomar parte; o orgulhoso, honras que inveja e das quais não pode gozar.”

973. Quais são os maiores sofrimentos que os maus Espíritos devam suportar?

“Não há descrição possível das torturas morais que constituem a punição de certos crimes; mesmo aquele que as experimenta teria dificuldade em vos dar uma idéia sobre elas; certamente, porém, a mais horrível é a idéia que ele tem de estar condenado sem remissão.”

O homem faz uma idéia mais ou menos elevada das penas e gozos da alma após a morte, conforme o estado de sua inteligência. Quanto mais ele se desenvolve, mais essa idéia se depura e se desliga da matéria; compreende as coisas sob um ponto de vista mais racional, deixa de tomar ao pé da letra as imagens de uma linguagem figurada. A razão, mais esclarecida, ensinando-nos que a alma é um ser todo espiritual, nos diz, por isso mesmo, que ela não pode ser afetada pelas impressões que apenas agem sobre a matéria; mas, daí não se conclui que ela esteja isenta de sofrimentos, nem que não receba a punição de suas faltas. (237)

As comunicações espíritas têm como resultado mostrar-nos o estado futuro da alma, não mais como uma teoria, mas como uma realidade; elas colocam diante dos nossos olhos todas as peripécias da vida de além-túmulo; mas, ao mesmo tempo, no-las mostram como conseqüências perfeitamente lógicas da vida terrestre e, embora despidas da engenhosidade fantástica criada pela imaginação dos homens, não são menos penosas para aqueles que fizeram mau uso de suas faculdades. A diversidade dessas conseqüências é infinita; entretanto, em tese geral, pode-se dizer: cada um é punido por aquilo em que pecou; é assim que uns o são pela visão incessante do mal que fizeram; outros, pelos pesares, pelo temor, pela vergonha, pela dúvida, pelo isolamento, pelas trevas, pela separação dos seres que lhes são caros, etc.

974. De onde se origina a doutrina do fogo eterno?

“Imagem, como tantas outras, tomada pela realidade.”

a) Mas, esse temor não pode produzir um bom resultado?

“Vede, então, se ele serve para conter muitas pessoas, mesmo entre aqueles que o ensinam. Se ensinardes coisas que a razão, mais tarde, rejeite, dareis uma impressão que não será durável, nem salutar.”

O homem, impotente para definir, na sua linguagem, a natureza desses sofrimentos, não encontrou comparação mais enérgica do que a do fogo, pois, para ele, o fogo é o tipo do suplício mais cruel e o símbolo da ação mais vigorosa; é por isso que a crença no fogo eterno remonta à mais longínqua Antiguidade e os povos modernos herdaram-na dos povos antigos; é por isso, também, que, na sua linguagem figurada, ele diz: o fogo das paixões; arder de amor, de ciúme, etc., etc.

975. Os Espíritos inferiores compreendem a felicidade do justo?

“Sim, e é isso o que lhes causa suplício, porque compreendem que dela estão privados, por sua própria culpa: é por isso que o Espírito, desligado da matéria, aspira a uma nova existência corporal, porque cada existência pode abreviar a duração desse suplício, *se for bem empregada*. É, então, que procede à escolha das provas, através das quais poderá expiar suas faltas; pois, ficai sabendo, o Espírito sofre por todo o mal que fez ou de que foi a causa voluntária, *por todo o bem que poderia ter feito e não fez e por todo o mal que resulta do bem que não fez*.

O Espírito errante não possui mais véus; *ele se encontra como se tivesse saído de um nevoeiro* e vê o que o distancia da felicidade; então, sofre mais ainda, pois compreende quanto foi culpado. Para ele, *não há mais ilusões*: ele vê a realidade das coisas.”

O Espírito, no estado errante, divisa, de um lado, todas as suas existências passadas; do outro, vê o futuro prometido e compreende o que lhe falta para atingi-lo. É como um viajante que chega ao cume da montanha: vê o caminho percorrido e o que lhe resta percorrer, para chegar ao seu objetivo.

976. O fato de verem os Espíritos que sofrem não representa, para os bons, uma causa de aflição e, se essa felicidade é assim perturbada, o que virá a ser dela?

“Não constitui uma aflição, visto que sabem que o mal terá um fim; auxiliam os outros a se melhorarem e lhes estendem as mãos: esta é a ocupação deles e representa um gozo, quando são bem sucedidos.”

a) Isto se concebe da parte de Espíritos estranhos ou indiferentes; mas a visão dos desgostos e dos sofrimentos daqueles a quem amaram na Terra não lhes perturba a felicidade?

“Se não vissem esses sofrimentos, é que vos seriam estranhos, depois da morte; ora, a religião vos diz que as almas vos vêem; mas, consideram vossas aflições de um outro ponto de vista; sabem que esses sofrimentos são úteis ao vosso progresso, se os suportardes com resignação; afligem-se, portanto, mais pela falta de coragem que vos retarda, do que com os sofrimentos em si mesmos, que são apenas passageiros.”

977. Os Espíritos não podem ocultar reciprocamente seus pensamentos e são conhecidos todos os atos da vida; daí se concluiria que o culpado está, perpetuamente, em presença de sua vítima?

“Não pode ser de outra forma, o bom-senso o diz.”

a) Essa divulgação de todos os nossos atos reprováveis e a presença perpétua dos que deles foram vítimas representam um castigo para o culpado?

“Maior do que se pensa, mas apenas até que ele tenha expiado suas faltas, quer como Espírito, quer como homem, em novas existências corporais.”

Quando nós próprios estivermos no mundo dos Espíritos, todo o nosso passado estando a descoberto, o bem e o mal que tivermos feito serão, igualmente, conhecidos. É inútil, que aquele que fez o mal queira escapar ao olhar de suas vítimas: a presença inevitável destas será para ele um castigo e um remorso incessante, até que tenha expiado os seus erros, enquanto que o homem de bem, ao contrário, só encontrará, por toda a parte, olhares amigos e benevolentes.

Para o mau, não há tormento maior, na Terra, do que a presença de suas vítimas; é por isso que as evita incessantemente. Que acontecerá, quando dissipada a ilusão das paixões, compreender o mal que tenha feito, vir seus atos mais secretos revelados, sua hipocrisia desmascarada e não puder subtrair-se à visão delas? Enquanto a alma do homem perverso é atormentada pela vergonha, pelo pesar e pelo remorso, a do justo goza de uma serenidade perfeita.

978. A lembrança das faltas que a alma tenha cometido, quando era imperfeita, não perturba sua felicidade, mesmo depois que se tenha depurado?

“Não, porque ela resgatou suas faltas e saiu vitoriosa das provas a que se submeteu *com esse objetivo*.”

979. As provas que ainda restam a suportar, para terminar sua purificação, não constituem, para a alma, uma penosa apreensão que perturba sua felicidade?

“Para a alma que ainda está maculada, sim; é por isso que ela só poderá gozar de uma felicidade perfeita, quando estiver inteiramente pura; mas para aquela que já se elevou, o pensamento das provas que lhe restam a suportar nada tem de penoso.”

A alma que atingiu um certo grau de pureza já goza da felicidade; um sentimento de suave satisfação a penetra; é feliz por tudo o que vê, por tudo o que a cerca; o véu que cobria os mistérios e as maravilhas da criação se levanta para ela e as perfeições divinas lhe aparecem, em todo o seu esplendor.

980. O laço de simpatia que une os Espíritos da mesma ordem constitui para eles uma fonte de felicidade?

“A união dos Espíritos que se simpatizam, *para o bem*, é-lhes uma das maiores satisfações, porque não temem ver essa união perturbada pelo egoísmo. Formam, no mundo inteiramente espiritual, famílias de mesmo sentimento e nisso é que consiste a felicidade espiritual, como no vosso mundo vos agrupais por categorias e experimentais um certo prazer, quando estais reunidos. A afeição pura e sincera que sentem e de que são objeto constitui uma fonte de felicidade, pois lá não há falsos amigos, nem hipócritas.”

O homem experimenta as primícias dessa felicidade na Terra, quando encontra almas com as quais pode confundir-se numa união pura e santa. Numa vida mais purificada, esse prazer será inefável e sem limites, porque só encontrará almas simpáticas que o *egoísmo não esfriará*; pois tudo é amor na Natureza: é o egoísmo que o mata.

981. Haverá, para o estado futuro do Espírito, uma diferença entre aquele que, em vida, temia a morte e o que a via com indiferença e até com alegria?

“A diferença pode ser muito grande; todavia, freqüentemente, ela se apaga diante das causas que provocam esse temor ou esse desejo. Temendo-a, ou desejando-a, pode-se ser movido por sentimentos muito diversos e são estes sentimentos que influem no estado do Espírito. É evidente, por exemplo, que naquele que deseja a morte, unicamente porque nela vê o final de suas tribulações, há uma espécie de queixa contra a Providência e contra as provas que deve suportar.”

982. Para assegurar nossa sorte na vida futura, será necessário professarmos o Espiritismo e crermos nas manifestações?

“Se assim fosse, concluir-se-ia que todos aqueles que não crêem, ou que não tiveram oportunidade de se esclarecer, estariam deserdados, o que seria um absurdo. É o bem que assegura a sorte futura; ora, o bem é sempre o bem, qualquer que seja o caminho que a ele conduza.” (165-799)

A crença no Espiritismo ajuda a se melhorar, fixando as idéias sobre certos pontos do futuro; ela apressa o progresso dos indivíduos e das massas, porque permite compreender o que seremos, um dia; é um ponto de apoio, uma luz que nos guia. O Espiritismo ensina a suportar as provas com paciência e resignação; desvia dos atos que podem retardar a felicidade futura; é assim que contribui para essa felicidade, mas não foi dito que, sem ele, não se possa consegui-la.

Penas Temporais

983. O Espírito que expia suas faltas numa nova existência não experimenta sofrimentos materiais? Assim sendo, será exato dizer que, após a morte, a alma só tem sofrimentos morais?

“É bem verdade que, quando a alma está reencarnada, as tribulações da vida constituem para ela um sofrimento; mas somente o corpo sofre materialmente.

Dizeis, freqüentemente, que aquele que morre não sofre mais; isto nem sempre é verdadeiro. Como Espírito, ele não experimenta mais dores físicas; mas, conforme as faltas que tenha cometido, pode estar sujeito a dores morais cruciantes e, numa nova existência, pode ser ainda mais infeliz. Então, o mau rico pedirá esmola e sofrerá com todas as privações da miséria, o orgulhoso, com todas as humilhações; o que abusa de sua autoridade e trata seus subordinados com desprezo e dureza será forçado a obedecer a um senhor mais rude do que ele o foi. Todas as penas e as tribulações da vida são a expiação das faltas de uma outra existência, quando não são a consequência das faltas da vida atual. Quando tiverdes saído daqui, vós o compreenderdes. (273, 393, 399)

O homem que se considera feliz na Terra, porque pode satisfazer suas paixões, é o que menos esforços faz para se melhorar. Expia, freqüentemente, na mesma vida, essa felicidade efêmera, mas a expiará, certamente, numa outra existência tão material quanto aquela.”

984. As vicissitudes da vida são sempre a punição das faltas atuais?

“Não; já o dissemos: são provas impostas por Deus, ou escolhidas por vós mesmos, no estado de Espírito, e antes da vossa reencarnação, para expiar as faltas cometidas numa outra existência, porque, jamais, a infração às leis de Deus e, principalmente, à lei de justiça fica impune; se não for punida nesta vida, será, necessariamente, numa outra; é por isso que aquele que aos vossos olhos é justo, muitas vezes, sofre golpes conseqüentes de seu passado.” (393)

985. A reencarnação da alma num mundo menos grosseiro constitui uma recompensa para ela?

“É a conseqüência de sua purificação, pois, à medida que os Espíritos se depuram, encarnam em mundos cada vez mais perfeitos, até que se tenham despojado de toda a matéria e que se tenham lavado de todas as impurezas, para gozar, eternamente, da felicidade dos Espíritos puros, no seio de Deus.”

Nos mundos onde a existência é menos material do que neste, as necessidades são menos grosseiras e todos os sofrimentos físicos menos contundentes. Os homens desconhecem as más paixões que, nos mundos inferiores, os fazem inimigos uns dos outros. Não possuindo motivo algum de ódio, nem de ciúme, vivem em paz entre si, porque praticam a lei de justiça, de amor e de caridade; não conhecem os aborrecimentos e as contrariedades que nascem da inveja, do orgulho e do egoísmo e que causam o tormento de nossa existência terrestre. (172-182)

986. O Espírito que progrediu na sua existência terrena pode, algumas vezes, reencarnar no mesmo mundo?

“Sim, se não pôde concluir sua missão, ele mesmo pode pedir para completá-la numa nova existência; mas, então, para ele, não é mais uma expiação.” (173)

987. O que acontece com o homem que, sem fazer o mal, nada faz para libertar-se da influência da matéria?

“Já que nenhum passo dá para a perfeição, deve recomeçar uma existência da mesma natureza daquela que deixa; permanece estacionário e é desse modo que pode prolongar os sofrimentos da expiação.”

988. Há pessoas cuja vida transcorre numa calma perfeita; que, nada precisando fazer por si mesmas, conservam-se isentas de contrariedades. Esta existência feliz representa uma prova de que nada têm que expiar de uma existência anterior?

“Conheces muitas delas? Se pensas assim, estás enganado; freqüentemente, a calma é apenas aparente. Podem ter escolhido esta existência, mas quando a deixam, percebem que ela não lhes serviu para progredir. Então, como o preguiçoso, lamentam o tempo perdido. Sabei bem que o Espírito só pode adquirir conhecimentos e se elevar pela atividade; se ele adormece na indolência, não se adianta. Assemelha-se àquele que necessita trabalhar (segundo os vossos usos) e que vai passear ou deitar-se, isto com a intenção de nada fazer. *Sabei bem, também, que cada um terá que prestar contas da inutilidade voluntária de sua existência; esta inutilidade é sempre fatal para a felicidade futura.* A soma da felicidade futura

corresponde à soma do bem que se fez; a da infelicidade é proporcional ao mal e aos infelizes a que se deu origem.”

989. Há pessoas que, sem serem positivamente más, tornam infelizes todos aqueles que as rodeiam, por causa do seu caráter; qual será, para elas, a consequência disso?

“Essas pessoas, certamente, não são boas e expiarão, tendo, diante de si, aqueles que tornaram infelizes e isto será para elas uma censura; depois, numa outra existência, sofrerão o que fizeram sofrer.”

Expição e Arrependimento

990. O arrependimento acontece no estado corporal ou no estado espiritual?

“No estado espiritual; porém, pode também ocorrer no estado corporal, quando compreendeis bem a diferença entre o bem e o mal.”

991. Qual a consequência do arrependimento no estado espiritual?

“O desejo de uma nova encarnação para se purificar. O Espírito compreende as imperfeições que o privam de ser feliz; é por isso que aspira a uma nova existência na qual possa expiar suas faltas.” (332/975)

992. Qual é a consequência do arrependimento no estado corporal?

“Progredir, *desde a vida atual*, se tiver tempo de reparar suas faltas. Quando a consciência adverte e mostra uma imperfeição, pode-se sempre melhorar.”

993. Não há homens que só têm o instinto do mal e são inacessíveis ao arrependimento?

“Já te disse que se deve progredir incessantemente. Aquele que, nesta vida, só possui o instinto do mal, terá o do bem numa outra e é por isso que renasce várias vezes. É preciso que todos progridam e atinjam a meta, só que uns levam um tempo mais curto, outros, um tempo mais longo, conforme o desejo de cada um; aquele que tem apenas o instinto do bem, já está purificado, pois pode ter tido o do mal, numa existência anterior.” (894)

994. O homem perverso, que não reconheceu absolutamente suas faltas durante a vida, sempre as reconhece depois da morte?

“Sim, ele sempre as reconhece e, então, sofre ainda mais, pois *sente em si todo o mal que fez*, ou de que foi a causa voluntária. Entretanto, o arrependimento nem sempre é imediato; há Espíritos que se obstinam no mau caminho, apesar dos seus sofrimentos; mas, cedo ou tarde, reconhecerão a estrada errada que tomaram e o arrependimento virá. É para esclarecê-los que trabalham os bons Espíritos e que podeis trabalhar vós mesmos.”

995. Há Espíritos que, sem serem maus, são indiferentes à sua sorte?

“Há Espíritos que nada de útil realizam: estão na expectativa; mas sofrem, nesse caso, proporcionalmente; e, como deve haver progresso em tudo, esse progresso se manifesta pela dor.”

a) Não sentem o desejo de abreviar seus sofrimentos?

“Eles o sentem, sem dúvida, mas não possuem energia bastante para quere-rem o que poderia aliviá-los. Quantas pessoas há, entre vós, que preferem morrer de miséria a trabalhar?”

996. Já que os Espíritos vêem o mal que resulta para eles de suas imperfeições, como podem existir os que agravam sua situação e prolongam seu estado de inferioridade, fazendo o mal como Espíritos, desviando os homens do bom caminho?

“São aqueles cujo arrependimento é tardio que agem assim. O Espírito que se arrepende pode, em seguida, deixar-se arrastar novamente ao caminho do mal, por outros Espíritos ainda mais atrasados.” (971)

997. Vêem-se Espíritos, de uma inferioridade notória, acessíveis aos bons sentimentos e sensíveis às preces que se fazem por eles. Como se explica que outros Espíritos, que deveríamos supor mais esclarecidos, demonstrem um endurecimento e um cinismo que nada consegue dobrar?

“A prece só tem efeito em favor do Espírito que se arrepende; aquele que, impelido pelo orgulho, se revolta contra Deus e persiste nos seus desvarios, exagerando-os mais ainda, como o fazem alguns Espíritos infelizes, sobre esse, a prece nada pode e nada poderá, até o dia em que um clarão de arrependimento nele se manifeste.” (664)

Não se pode perder de vista que o Espírito, depois da morte do corpo, não se transforma subitamente; se sua vida foi reprovável, é porque ele era imperfeito; ora, a morte não o torna perfeito imediatamente; ele pode persistir nos seus erros, nas suas opiniões falsas, nos seus preconceitos, até que seja esclarecido pelo estudo, pela reflexão e pelo sofrimento.

998. A expiação se efetua no estado corporal ou no estado espiritual?

“A expiação se efetua durante a existência corporal, através das provas às quais o Espírito se acha submetido e, na vida espiritual, através dos sofrimentos morais inerentes ao estado de inferioridade do Espírito.”

999. O arrependimento sincero durante a vida é suficiente para apagar as faltas e receber a benevolência de Deus?

“O arrependimento auxilia na melhoria do Espírito, mas o passado tem que ser expiado.”

a) De acordo com isto, se um criminoso dissesse que não precisa se arrependar, porque, de qualquer maneira, vai ter que expiar o seu passado, o que daí resultaria para ele?

“Se ele se obstinar na idéia do mal, sua expiação será mais longa e mais penosa.”

1000. Podemos, desde esta vida, resgatar nossas faltas?

“Sim, reparando-as; mas não creiais resgatá-las através de algumas privações pueris, ou fazendo doações, depois da vossa morte, quando não tereis mais

necessidade de nada. Deus não leva em conta um arrependimento estéril, sempre fácil e que apenas custa o esforço de bater no peito. A perda de um dedo mínimo, prestando um serviço, apaga mais faltas do que o martírio do cilício suportado durante anos, sem outro objetivo senão o pessoal. (726)

O mal só é reparado pelo bem e a reparação não tem mérito algum, se não atinge o homem *nem no seu orgulho, nem nos seus interesses materiais*.

De que lhe serve, para justificar-se, restituir, depois da sua morte, o bem indevidamente adquirido, quando se lhe torna inútil e já tirou dele todo o proveito?

De que lhe serve a privação de alguns gozos fúteis e de algumas superfluídades, se o dano que causou a outrem permanece o mesmo?

De que lhe serve, finalmente, humilhar-se diante de Deus, se conserva seu orgulho diante dos homens?" (720-721)

1001. Nenhum mérito haverá em assegurar, depois da morte, um emprego útil dos bens que possuímos?

"Nenhum mérito não é a palavra; isto sempre é melhor do que nada; entretanto, a desgraça é que aquele que só doa após a sua morte é, freqüentemente, mais egoísta do que generoso; quer ter a honra do bem, sem ter trabalho. Aquele que se priva, em vida, tem duplo proveito: o mérito do sacrifício e o prazer de ver a felicidade que proporciona. Mas o egoísmo lá está e lhe diz: O que dás é o que retiras dos teus gozos; e, como o egoísmo fala mais alto do que o desinteresse e a caridade, ele guarda, sob o pretexto de suas necessidades e das exigências de sua posição. Ah! Lastimai aquele que não conhece o prazer de dar; acha-se verdadeiramente deserdado dos mais puros e dos mais suaves gozos. Deus, submetendo-o à prova da fortuna, tão escorregadia e tão perigosa para o seu futuro, quis dar-lhe, como compensação, a ventura da generosidade, de que ele pode gozar, já neste mundo." (814)

1002. O que deve fazer aquele que, no momento da morte, reconhece suas faltas, mas não tem tempo de repará-las? Neste caso, basta arrepender-se?

"O arrependimento apressa sua reabilitação, mas não o absolve. Não tem ele, diante de si, o futuro que jamais lhe é fechado?"

Duração das Penas Futuras

1003. A duração dos sofrimentos do culpado, na vida futura, é arbitrária, ou está subordinada a uma lei qualquer?

"Deus jamais age por capricho e tudo, no Universo, é regido por leis em que se revelam a sua sabedoria e a sua bondade."

1004. Em que se baseia a duração dos sofrimentos do culpado?

"No tempo necessário à sua melhoria. Sendo o estado de sofrimento e de felicidade proporcional ao grau de purificação do Espírito, a duração e a natureza dos seus sofrimentos dependem do tempo que ele leva para se melhorar. À medida

que progride e que seus sentimentos se depuram, seus sofrimentos diminuem e mudam de natureza.”

São Luís

1005. Para o Espírito sofredor, o tempo parece tão ou menos longo do que quando estava vivo?

“Parece-lhe mais longo: o sono não existe para ele. Apenas para os Espíritos que chegaram a um certo grau de depuração é que o tempo se apaga, por assim dizer, diante do infinito.” (240)

1006. A duração dos sofrimentos do Espírito pode ser eterna?

“Sem dúvida, se ele fosse eternamente mau, isto é, se jamais se arrependesse, nem se melhorasse, sofreria eternamente; mas Deus, não criou seres para que fossem votados perpetuamente ao mal; apenas os criou simples e ignorantes, e todos devem progredir, num tempo mais ou menos longo, conforme sua vontade. A vontade pode ser mais ou menos tardia, como há crianças mais ou menos precoces, mas, cedo ou tarde, ela surge, graças à irresistível necessidade que o Espírito experimenta de sair da sua inferioridade e de ser feliz. A lei que rege a duração das penas é, portanto, eminentemente sábia e benevolente, visto que subordina essa duração aos esforços do Espírito; jamais lhe retira seu livre-arbítrio: se ele faz um mau uso deste, sofre-lhe as conseqüências.”

São Luís

1007. Há Espíritos que nunca se arrependem?

“Há aqueles cujo arrependimento é muito tardio; mas, julgar que nunca se melhorarão, é negar a lei do progresso e dizer que a criança não pode se tornar adulto.”

São Luís

1008. A duração das penas sempre depende da vontade do Espírito? Não haverá algumas que lhe sejam impostas, por um tempo determinado?

“Sim, há penas que podem ser-lhe impostas por um tempo, mas Deus, que só quer o bem de suas criaturas, acolhe sempre o arrependimento e o desejo de melhorar-se nunca é estéril.”

São Luís

1009. De acordo com isto, as penas impostas jamais o seriam por toda a eternidade?

“Interrogai o vosso bom-senso, a vossa razão, e perguntai a vós mesmos se uma condenação perpétua, por alguns momentos de erro, não seria a negação da bondade de Deus? O que significa, com efeito, a duração da vida, ainda que ela fosse de cem anos, com relação à eternidade? Eternidade! Compreendeis bem esta palavra? Sofrimentos, torturas sem fim, sem esperança, por causa de algumas faltas! Vosso raciocínio não repudia semelhante idéia? Que os antigos tenham visto no Senhor do Universo um deus terrível, ciumento e vingativo, isto se

concebe; na ignorância deles, emprestaram à divindade as paixões dos homens; mas este não é o Deus dos cristãos, que coloca o amor, a caridade, a misericórdia, o esquecimento das ofensas, na fileira das primeiras virtudes: poderia ele próprio não possuir qualidades das quais faz um dever? Não haveria contradição em lhe atribuir a bondade infinita e a vingança infinita? Dizeis que, antes de tudo, ele é justo e que o homem não compreende a sua justiça; mas a justiça não exclui a bondade e ele não seria bom, se condenasse a penas horríveis, perpétuas, a maioria de suas criaturas. Poderia fazer da justiça uma obrigação para os seus filhos, se não lhes tivesse dado os meios de compreendê-la? Aliás, a sublimidade da justiça unida à bondade não estará em fazer a duração das penas depender dos esforços do culpado para melhorar-se? Aí é que se encontra a verdade destas palavras: “A cada um segundo as suas obras.”

Santo Agostinho

“Dedicaí-vos, por todos os meios ao vosso alcance, a combater, a aniquilar a idéia da eternidade das penas, pensamento blasfematório para com a justiça e a bondade de Deus, fonte mais fecunda da incredulidade, do materialismo e da indiferença que invadiram as massas, desde que sua inteligência começou a se desenvolver. O Espírito, prestes a se esclarecer, apenas civilizado, logo apreendeu-lhe a monstruosa injustiça; sua razão a repele e, então, raramente deixa de confundir, num único sentimento de repúdio, a pena que o revolta e o Deus a quem ele a atribui; daí, os males sem conta que vieram desabar sobre vós e aos quais vimos trazer-vos o remédio. A tarefa que vos apontamos ser-vos-á muito mais fácil, porque as autoridades em que se apóiam os defensores desta crença evitaram, todas, pronunciar-se, formalmente; nem os concílios, nem os Pais da Igreja resolveram esta grave questão. Se, conforme os próprios evangelistas e tomando ao pé da letra as palavras emblemáticas do Cristo, ele ameaçou os culpados com um fogo que não se apaga, com um fogo eterno, nada há, em absoluto, nas suas palavras, que prove que os tenha condenado *eternamente*.

“Pobres ovelhas desgarradas, aprendei a ver aproximar-se de vós o bom Pastor, que, longe de querer vos banir para todo o sempre de sua presença, vem, pessoalmente, ao vosso encontro, para vos reconduzir ao aprisco. Filhos pródigos, deixai o vosso exílio voluntário; voltai os vossos passos para a morada paterna: o pai vos estende os braços e está sempre pronto para festejar o vosso retorno à família.”

Lamennais

“Guerras de palavras! Guerras de palavras! Já não fizestes derramar bastante sangue! Será ainda preciso reacender as fogueiras? Discute-se sobre palavras: eternidade das penas, eternidade dos castigos; não sabeis, então, que o que entendeis, hoje, por *eternidade*, os antigos não entendiam como vós? Que o teólogo consulte as fontes e, como todos vós, aí descobrirá que o texto hebreu não atribuía a mesma significação à palavra que os gregos, os latinos e os modernos traduziram por *penas sem fim, irremissíveis*. Eternidade dos castigos corresponde

a eternidade do mal. Sim, enquanto o mal existir entre os homens, os castigos subsistirão; é no sentido relativo que se devem interpretar os textos sagrados. A eternidade das penas é, portanto, apenas relativa e não absoluta. Que chegue um dia em que todos os homens se revistam, pelo arrependimento, com a túnica da inocência e, neste dia, não haverá mais gemidos, nem ranger de dentes. Vossa razão humana é limitada, é verdade, mas, assim como ela é, é uma dádiva de Deus e, com este auxílio da razão, não haverá um único homem de boa-fé que compreenda diversamente a eternidade dos castigos. A eternidade dos castigos! O quê! Seria preciso, então, admitir que o mal fosse eterno. Só Deus é eterno e não poderia ter criado o mal eterno, do contrário, seria preciso retirar-lhe o mais magnífico dos seus atributos: o soberano poder, pois não seria soberanamente poderoso aquele que criasse um elemento destruidor de suas obras. Humanidade! Humanidade! Não mergulhes mais, portanto, teus mornos olhares nas profundezas da Terra, para aí encontrar castigos; chora, espera, expia e refugia-te na idéia de um Deus intrinsecamente bom, absolutamente poderoso, essencialmente justo.”

Platão

“Gravitar na direção da unidade divina, este é o objetivo da Humanidade; para atingi-lo, três coisas são necessárias: a justiça, o amor e a Ciência; três coisas lhe são opostas e contrárias: a ignorância, o ódio e a injustiça. Pois bem! Em verdade vos digo, que contradizeis estes princípios fundamentais, comprometendo a idéia de Deus, pelo exagero de sua severidade; vós a comprometeis duplamente, deixando penetrar, no Espírito da criatura, a idéia de que nela há mais clemência, mais mansuetude, mais amor e verdadeira justiça do que atribuíis ao ser infinito; destruí até a idéia do inferno, tornando-o ridículo e inadmissível às vossas crenças, como o é aos vossos corações o horrendo espetáculo dos carrascos, das fogueiras e das torturas da Idade Média! Pois, então! Quando a era das cegas represálias encontra-se banida para sempre das legislações humanas, é que esperais mantê-la no ideal? Oh! Crede-me, crede-me, irmãos em Deus e em Jesus Cristo, crede-me: resignai-vos a deixar perecer em vossas mãos todos os vossos dogmas, antes que ganhem outros contornos, ou, então, revivificai-os, abrindo-os aos benéficos eflúvios que os bons, neste momento, derramam sobre eles. A idéia do inferno, com suas fornalhas ardentes, com suas caldeiras ferventes, pôde ser tolerada, isto é, perdoável, num século de ferro; mas, no século dezenove, não passa de um vão fantasma, próprio, quando muito, para amedrontar criancinhas e em que estas não crêem mais, quando se tornam adultas. Persistindo nessa mitologia apavorante, engendrais a incredulidade, mãe de toda a desorganização social; tremo, portanto, vendo toda uma ordem social abalada e ruindo pela sua base, por falta de sanção penal. Homens de fé ardente e viva, vanguarda do dia da luz, mãos à obra, portanto! Não para manter fábulas envelhecidas e, daqui em diante, desacreditadas, mas para reavivar, revitalizar a verdadeira sanção penal, sob formas condizentes com os vossos costumes, vossos sentimentos e as luzes da vossa época.

“Quem é, com efeito, o culpado? Aquele que, por um desvio, por um falso movimento da alma, afasta-se do objetivo da criação, que consiste no culto harmonioso do belo, do bem, idealizados pelo arquétipo humano, pelo Homem-Deus, por Jesus Cristo.

“O que é o castigo? A consequência natural, derivada desse falso movimento; uma soma de dores necessária a fazê-lo ter aversão à sua deformidade, pela experimentação do sofrimento. O castigo é o agulhão que estimula a alma, pela amargura, a dobrar-se sobre si mesma e a retornar ao porto de salvação. O objetivo do castigo não é outro senão a reabilitação, a libertação. Querer que o castigo seja eterno, por uma falta que não é eterna, é negar-lhe toda a razão de ser.

“Oh! Em verdade vos digo, cessai, cessai de colocar em paralelo, na sua eternidade, o Bem, essência do Criador, com o mal, essência da criatura; isto seria criar uma penalidade injustificável. Afirmai, ao contrário, o abrandamento gradual dos castigos e das penas, através das transmigrações, e consagrareis a unidade divina, pela união da razão ao sentimento.”

Paulo, apóstolo

Querem estimular o homem para o bem e desviá-lo do mal, com o atrativo de recompensas e o temor de castigos. Mas, se esses castigos são apresentados de maneira que a razão se recuse a acreditar neles, não terão influência alguma sobre ele; longe disso, rejeitará tudo: a forma e o fundo. Que se lhe apresente, ao contrário, o futuro, de uma forma lógica e, então, ele não o rejeitará. O Espiritismo lhe dá essa explicação.

A doutrina da eternidade das penas, em sentido absoluto, faz do Ser Supremo um Deus implacável. Seria lógico dizer que um soberano é muito bom, muito benevolente, muito indulgente, que só quer a felicidade daqueles que o cercam, mas, que, ao mesmo tempo, é ciumento, vingativo, inflexível no seu rigor e que pune com o suplício extremo três quartos dos seus súditos, por uma ofensa, ou uma infração às suas leis, tendo aqueles falido, por não as ter conhecido? Não haveria aí uma contradição? Ora, Deus pode ser menos bom do que um homem o seria?

Uma outra contradição aqui se apresenta. Como Deus tudo sabe, sabia, pois, ao criar uma alma, que ela faliria; portanto, ela foi destinada, desde a sua formação, à infelicidade eterna: será isto possível, racional? Com a doutrina das penas relativas, tudo se justifica. Deus sabia, sem dúvida, que ela faliria, mas lhe dá os meios de se esclarecer pela sua própria experiência, pelos seus próprios erros; é necessário que ela os expie, para melhor se firmar no bem, mas a porta da esperança não lhe está fechada para todo sempre e Deus faz com que o momento da sua libertação dependa dos esforços que ela faz para aí chegar. Eis o que todos podem compreender, o que a lógica mais meticulosa pode admitir. Se as penas futuras tivessem sido apresentadas sob este ponto de vista, haveria muito menos cépticos.

A palavra *eterno* é freqüentemente empregada, na linguagem vulgar, figuradamente, para designar uma coisa de longa duração e cujo termo não se prevê, embora se saiba muito bem que esse termo existe. Dizemos, por exemplo, as neves eternas das altas montanhas, dos pólos, embora saibamos, de um lado, que o mundo físico pode ter um fim e, de outro lado, que o estado dessas regiões pode mudar pelo deslocamento normal do eixo da Terra, ou por um cataclismo. Neste caso, a palavra eterno não quer, portanto, dizer perpétuo, até o infinito. Quando sofremos de uma enfermidade de longa duração, dizemos que nosso mal é eterno; o que há, pois, de espantoso em que os Espíritos que sofrem há anos, há séculos, há milhares

de anos mesmo, assim também se exprimam? Não nos esqueçamos, principalmente, de que, como sua inferioridade não lhes permite vislumbrar o final da estrada, crêem que sofrerão sempre e, para eles, isto constitui uma punição.

Além disso, a doutrina do fogo material, das fomalhas e das torturas, tomadas emprestadas ao Tártaro do paganismo, está, hoje, completamente abandonada pela alta teologia e apenas nas escolas é que esses quadros alegóricos apavorantes ainda são apresentados como verdades positivas, por alguns homens mais zelosos do que esclarecidos, e isto é um grande equívoco, pois essas imaginações juvenis, uma vez libertas de tal terror, poderão aumentar o número dos incrédulos. A Teologia reconhece, hoje, que a palavra *fogo* é usada figuradamente e se deve entender como um fogo moral (974). Aqueles que têm acompanhado, como nós, as peripécias da vida e dos sofrimentos de além-túmulo, através das comunicações espíritas, têm podido convencer-se de que, apesar de nada terem de material, nem por isso são menos pungentes. Com relação à própria duração deles, alguns teólogos começam a admiti-la no sentido restritivo indicado acima e pensam que, efetivamente, a palavra *eterno* pode referir-se às penas em si mesmas, como conseqüências de uma lei imutável e, não, de sua aplicação a cada indivíduo. No dia em que a religião admitir esta interpretação, assim como algumas outras que são igualmente a conseqüência do progresso das luzes, ela reunirá muitas ovelhas desgarradas.

Ressurreição da Carne

1010. O dogma da ressurreição da carne será a consagração do da reencarnação ensinada pelos Espíritos?

“Como quereríeis que fosse de outra maneira? Acontece com estas palavras o mesmo que com tantas outras, que só parecem despropositadas, aos olhos de certas pessoas, porque as tomam ao pé da letra, e é por isso que elas conduzem à incredulidade; porém, dai-lhes uma interpretação lógica e aqueles a quem chamais de livres pensadores as admitirão sem dificuldade, precisamente porque eles refletem; porque, não vos enganéis, esses livres pensadores só querem é acreditar; têm, como os outros, mais do que os outros talvez, sede do futuro, mas não podem admitir o que é desmentido pela Ciência. A doutrina da pluralidade das existências é conforme à justiça de Deus; só ela pode explicar o que, sem ela, é inexplicável; como quereríeis que o princípio não estivesse na própria religião?”

1011. Assim, através do dogma da ressurreição da carne, a Igreja ensina, ela própria, a doutrina da reencarnação?

“Isto é evidente; esta doutrina é, aliás, a conseqüência de muitas coisas que passaram despercebidas e que não se tardará a compreender neste sentido; dentro em pouco, reconhecer-se-á que o Espiritismo ressalta, a cada passo, do próprio texto das Escrituras sagradas. Os Espíritos não vêm, portanto, subverter a religião, como alguns o pretendem; vêm, ao contrário, confirmá-la, sancioná-la, através de provas irrecusáveis; mas, como chegou o tempo de não mais se empregar a linguagem figurada, eles se exprimem sem alegoria e dão às coisas um sentido claro e preciso, que não possa estar sujeito a nenhuma falsa interpretação. Eis por que, daqui a algum tempo, tereis maior número de pessoas sinceramente religiosas e crentes do que tendes hoje.”

Efetivamente, a Ciência demonstra a impossibilidade da ressurreição, segundo a idéia vulgar. Se os despojos do corpo humano se conservassem homogêneos, embora fossem dispersados e reduzidos a pó, ainda se conceberia sua reunião em dado momento; mas as coisas não se passam assim. O corpo é formado de elementos diversos: oxigênio, hidrogênio, azoto, carbono, etc. Pela decomposição, esses elementos se dispersam, mas para servir à formação de novos corpos; de tal maneira que a mesma molécula, de carbono, por exemplo, terá entrado na composição de vários milhares de corpos diferentes (falamos apenas dos corpos humanos, sem contar os de todos os animais); que, talvez, tal indivíduo tenha em seu corpo, moléculas que tenham pertencido aos homens primitivos; que essas mesmas moléculas orgânicas que absorveis na vossa alimentação provêm, talvez, do corpo de um outro indivíduo que conhecestes e assim por diante. Existindo a matéria em quantidade definida, e suas transformações em quantidades indefinidas, como cada um desses corpos poderia reconstituir-se com os mesmos elementos? Há aí uma impossibilidade material. Não se pode, portanto, racionalmente, admitir a ressurreição da carne, senão como uma figura que simboliza o fenômeno da reencarnação e, então, nada mais há que choque a razão, nada que esteja em contradição com os dados da Ciência.

É verdade que, segundo o dogma, essa ressurreição só deve acontecer no final dos tempos, enquanto que, conforme a Doutrina Espírita, ela ocorre todos os dias; mas não haverá ainda aí, nesse quadro do juízo final, uma grande e bela figura que esconde, sob o véu da alegoria, uma dessas verdades imutáveis, que não encontrará mais cépticos, quando a ela for restituída sua verdadeira significação? Que se medite bem sobre a teoria espírita no que se refere ao futuro das almas e sua sorte, em conseqüência das diferentes provas que devem suportar e ver-se-á que, com exceção da simultaneidade, o julgamento que as condena, ou que as absolve, não é absolutamente uma ficção, como o pensam os incrédulos. Notemos, ainda, que ela é a conseqüência natural da pluralidade dos mundos, hoje, perfeitamente admitida, enquanto que, segundo a doutrina do juízo final, a Terra é considerada como o único mundo habitado.

Paraíso, Inferno e Purgatório

1012. Existe um lugar circunscrito no Universo destinado às penas e aos gozos dos Espíritos, de acordo com seus méritos?

“Já respondemos a esta pergunta. As penas e os gozos são inerentes ao grau de perfeição dos Espíritos; cada um haure em si mesmo o princípio de sua própria felicidade ou infelicidade; e como eles estão por toda a parte, nenhum lugar circunscrito ou fechado está destinado, especialmente, a uma ou outra coisa. Quanto aos Espíritos encarnados, esses são mais ou menos felizes ou infelizes, conforme o mundo em que habitam é mais ou menos adiantado.”

a) Assim sendo, o inferno e o paraíso não existiriam, tais como o homem os representa?

“São apenas figuras: por toda a parte, há Espíritos felizes e infelizes. Entretanto, como também já o dissemos, os Espíritos de uma mesma ordem se reúnem por simpatia; podem, porém, reunir-se onde quiserem, quando são perfeitos.”

A localização absoluta dos lugares de penas e de recompensas só existe na imaginação do homem; provém de sua tendência a *materializar* e a *circunscrever* as coisas cuja essência infinita não pode compreender.

1013. O que se deve entender por *purgatório*?

“Dores físicas e morais: é o tempo da expiação. Quase sempre, é na Terra que fazeis o vosso purgatório e que Deus vos faz expiar as vossas faltas.”

O que o homem chama de *purgatório* é, igualmente, uma figura, pela qual deve-se entender, não um lugar determinado qualquer, porém o estado dos Espíritos imperfeitos que se encontram em expiação, até atingirem a purificação completa, que deverá elevá-los à categoria dos Espíritos venturosos. Como esta purificação se opera nas diversas encarnações, o purgatório consiste nas provas da vida corporal.

1014. Como se explica que Espíritos que, pela sua linguagem, revelam sua superioridade, tenham respondido a pessoas muito sérias, a respeito do inferno e do purgatório, conforme a idéia que vulgarmente deles se faz?

“Falam uma linguagem compreensível às pessoas que os interrogam; quando estas estão muito imbuídas de certas idéias, eles não querem chocá-las muito bruscamente, para não melindrar suas convicções. Se um Espírito fosse dizer a um muçulmano, sem precauções oratórias, que Maomé não foi um profeta, seria muito mal recebido.”

a) Concebe-se que possa ser assim, da parte dos Espíritos que querem instruir-nos; mas, como se explica que Espíritos interrogados sobre sua situação tenham respondido que sofriam as torturas do inferno ou do purgatório?

“Quando eles são inferiores e não completamente desmaterializados, conservam uma parte de suas idéias terrestres e dão suas impressões, através dos termos que lhes são familiares. Encontram-se num meio que só lhes permite sondar o futuro parcialmente. É essa a causa freqüente de Espíritos errantes, ou recém-desencarnados, falarem, como o teriam feito, se estivessem vivos. *Inferno* pode se traduzir por uma vida de prova extremamente penosa, com a incerteza de uma outra melhor; *purgatório*, uma vida também de prova, mas com a consciência de um futuro melhor. Quando experimentas uma grande dor, também não dizes que sofres como um danado? São apenas palavras e sempre ditas no sentido figurado.”

1015. Que se deve entender por alma penada?

“Uma alma errante e sofredora, incerta com relação ao seu futuro e à qual podeis proporcionar um alívio que ela solicita, freqüentemente, vindo comunicar-se convosco.” (664)

1016. Em que sentido deve-se entender a palavra *céu*?

“Julgas que seja um lugar, como os Campos Elíseos dos antigos, onde todos os bons Espíritos acham-se promiscuamente amontoados, sem outra preocupação senão a de gozar de uma felicidade passiva, pela eternidade? Não; é o espaço universal; são os planetas, as estrelas e todos os mundos superiores, onde os Espíritos gozam de todas as suas faculdades, sem ter as tribulações da vida material, nem as angústias inerentes à inferioridade.”

1017. Alguns Espíritos disseram habitar o quarto, o quinto céu, etc. Que entendiam eles por isso?

“Quando lhes perguntais que céu habitam, é porque tendes a idéia de vários céus, dispostos como os andares de uma casa; então, eles vos respondem, conforme a vossa linguagem; mas, para eles, estas palavras: quarto, quinto céu, exprimem diferentes graus de purificação e, por conseguinte, de felicidade. É exatamente como quando se pergunta a um Espírito se ele está no inferno; se for infeliz, dirá que sim, porque, para ele, *inferno* é sinônimo de sofrimento; mas, sabe muito bem que não é uma fornalha. Um pagão diria estar no *Tártaro*.”

Acontece o mesmo com outras expressões análogas, assim como: cidade das flores, cidade dos eleitos, primeira, segunda ou terceira esfera, etc., que são apenas alegorias utilizadas por alguns Espíritos, quer como figuras, quer, algumas vezes, por ignorância da realidade das coisas e até das mais simples noções científicas.

Conforme a idéia restrita que outrora se fazia dos lugares das penas e recompensas e, principalmente, a opinião de que a Terra era o centro do Universo, de que o céu formava uma abóbada e de que havia uma região das estrelas, colocava-se *o céu no alto e o inferno embaixo*; daí as expressões: subir ao céu, estar no mais alto dos céus, ser precipitado nos infernos. Hoje, tendo a Ciência demonstrado que a Terra é apenas um dos menores mundos, entre tantos milhões de outros, sem importância especial; que traçou a história de sua formação e descreveu sua constituição, provou que o espaço é infinito, que não há alto, nem baixo no Universo, teve-se que renunciar a situar o céu acima das nuvens e o inferno nos lugares inferiores. Quanto ao purgatório, nenhum lugar lhe havia sido indicado. Estava reservado ao Espiritismo dar, sobre todas essas coisas, a explicação mais racional, mais grandiosa e, ao mesmo tempo, mais consoladora para a Humanidade. Pode-se dizer, assim, que trazemos, em nós mesmos, nosso inferno e nosso paraíso; nosso purgatório, nós o encontramos na nossa encarnação, nas nossas vidas corporais ou físicas.

1018. Em que sentido é preciso entender essas palavras do Cristo: Meu reino não é deste mundo?

“Respondendo assim, o Cristo falava em sentido figurado. Queria dizer que reina apenas sobre os corações puros e desinteressados. Ele está em qualquer parte onde domine o amor do bem; mas, os homens ávidos das coisas deste mundo e apegados aos bens da Terra não estão com ele.”

1019. Algum dia, o reino do bem poderá ter lugar na Terra?

“O bem reinará na Terra quando, entre os Espíritos que vêm habitá-la, os bons superarem os maus; então, eles aí farão reinar o amor e a justiça, que são a fonte do bem e da felicidade. É através do progresso moral e da prática das leis de Deus que o homem atrairá para a Terra os bons Espíritos e dela afastará os maus; os maus, porém, não a deixarão, enquanto dela não estiverem banidos o orgulho e o egoísmo.

“A transformação da Humanidade foi predita e vos aproximais desse momento, que apressam todos os homens que auxiliam o progresso; ela se cumprirá pela

encarnação de Espíritos melhores, que constituirão uma nova geração na Terra. Então, os Espíritos dos maus, que a morte ceifa todos os dias, e todos aqueles que tentam deter a marcha dos acontecimentos daí serão excluídos, pois estariam deslocados entre os homens de bem, cuja felicidade perturbariam. Eles irão para mundos novos, menos adiantados, cumprir missões *penosas*, através das quais poderão trabalhar para o próprio adiantamento, ao mesmo tempo que trabalharão para o progresso de seus irmãos ainda mais atrasados. Não vedes, nesta exclusão da Terra transformada, a sublime figura do *Paraíso perdido* e, na vinda do homem para a Terra em semelhantes condições, trazendo em si o gérmen de suas paixões e os traços de sua inferioridade primitiva, figura não menos sublime do *pecado original*? O pecado original, considerado sob este ponto de vista, prende-se à natureza ainda imperfeita do homem que é, assim, responsável apenas por si mesmo e pelas próprias faltas e, não, pelas de seus pais.

“Todos vós, homens de fé e de boa-vontade, trabalhai, portanto, com zelo e coragem na grande obra da regeneração, pois recolhereis pelo cêntuplo o grão que tiverdes semeado. Ai daqueles que fecham os olhos à luz, pois preparam para si longos séculos de trevas e de decepções; ai daqueles que colocam todas as suas alegrias nos bens desse mundo, pois terão que suportar mais privações do que os gozos de que desfrutaram; ai, sobretudo, dos egoístas, pois não encontram quem os ajude a carregar o fardo de suas misérias.”

São Luís

